

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM  
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**PEDRO ANTONIO CHAGAS CÁCERES**

**MORTES VIOLENTAS:  
O SENTIDO DA FÉ PARA QUEM FICA**

GOIÂNIA

2019

**PEDRO ANTONIO CHAGAS CÁCERES**

**MORTES VIOLENTAS:  
O SENTIDO DA FÉ PARA QUEM FICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, para a obtenção do título de doutor em Ciências da Religião.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Teles Lemos

GOIÂNIA  
2019

C118m Cáceres, Pedro

Mortes violentas : o sentido da fé para quem fica  
/ Pedro Antonio Chagas Cáceres.-- 2019.  
235 f.: il.

Texto em português, com resumo em inglês  
Tese (doutorado) - Pontifícia Universidade Católica  
de Goiás, Goiânia, 2019  
Inclui referências: f. 217-232

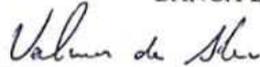
1. Morte - Aspectos religiosos. 2. Fé. 3. Religião.  
4. Família. 5. Atitude frente à morte. 6. Mortes violentas  
- Goiás (Estado). I.Lemos, Carolina Teles. II.Pontifícia  
Universidade Católica de Goiás - Programa de Pós-Graduação  
em Ciências da Religião - 2019. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 2-186(043)  
2-184.3(043)

**MORTES VIOLENTAS: O SENTIDO DA FÉ PARA QUEM FICA**

Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 11 de março de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Valmor da Silva / PUC Goiás (Presidente)

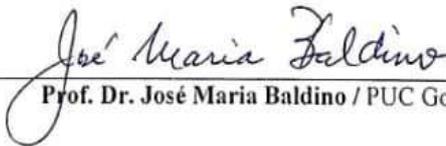
---

Prof. Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás (Orientadora)



---

Prof. Dr. Alberto da Silva Moreira / PUC Goiás



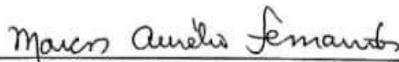
---

Prof. Dr. José Maria Baldino / PUC Goiás



---

Prof. Dra. Maria Elizia Borges / UFG



---

Prof. Dr. Marcos Aurélio Fernandes / UnB

---

Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / PUC Goiás (Suplente)

---

Prof. Dr. Humberto de Sousa Fontoura / UFG (Suplente)

À minha amada mulher e amiga  
Lú de Oliveira.

Às minhas queridas filhas  
Deborah e Laura.

Aos meus amados e saudosos pais  
Terezinha Chagas Cáceres e Pedro Flaviano Cáceres.

Aos meus amados irmãos  
Enio, Fany (em memória), Elaine e Maria Delfina.

Aos vivos  
Apesar das dores do mundo insistem em viver.

À morte  
Sem ela a vida seria insuportável.

## AGRADECIMENTOS

À minha magnânima orientadora **Carolina Teles Lemos**, que me guiou nessa viagem acadêmica, pela sua grandiosa sabedoria, carinho e atenção.

Aos meus **professores**, que tão solidariamente compartilharam seus saberes e experiências.

À **Pontifícia Universidade Católica de Goiás**, por acreditar nesse projeto e colaborar intensamente com os meus estudos.

Ao **Núcleo Regional de Polícia Técnico-Científica de Aparecida de Goiânia**, na responsabilidade de **Valquíria Soares de Freitas**! Sem a sua prestativa colaboração essa pesquisa não seria realizada.

Aos **vinte e cinco familiares** que, no momento de enfrentamento da maior dor do mundo, se mostraram caridosos em doar suas almas a essa pesquisa.

À minha amada **mulher e companheira Lú de Oliveira**, pois sem a sua presença, apoio e grandiosa atenção esta empreitada não chegaria ao fim.

"Que esse grito nos aparte, ave ou diabo!", eu disse. "Parte!  
Torna à noite e à tempestade! Torna às trevas infernais!  
Não deixes pena que ateste a mentira que disseste!  
Minha solidão me reste! Tira-te de meus umbrais!  
Tira o vulto de meu peito e a sombra de meus umbrais!"  
Disse o corvo, "Nunca mais".

Edgar Allan Poe

## RESUMO

CÁCERES, Pedro Antonio Chagas. Mortes violentas: o sentido da fé para quem fica. Doutorado em Ciências da Religião. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia: PUC Goiás, 2019.

A pesquisa desenvolvida nesta tese procurou analisar as mortes violentas e o sentido da fé para quem fica. O objetivo central constitui em descrever o papel da religião como fornecedora de sentido para os familiares das vítimas de mortes violentas. A temática responde urgentemente ao cenário brasileiro que tem sido marcado, terrivelmente, pela violência exacerbada. Do ano de 2008 ao ano de 2018, cerca de um milhão de vidas brasileiras foram ceifadas brutalmente. Na intenção de verificar essa realidade, Goiânia e as suas principais cidades circunvizinhas fizeram parte da pesquisa de campo. A mesma aconteceu por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas com familiares de vítimas de homicídios, suicídios e acidentes de transportes terrestres. As investigações empíricas se processaram no período de janeiro a maio de 2018, no Instituto Médico Legal. No transcorrer das análises, fruto das entrevistas, dos dados e dos aportes teóricos, se demonstrou que as mortes violentas atingem de forma mais cruel a parcela mais fragilizada da sociedade brasileira: os jovens pretos, pardos e pobres da periferia, as mulheres e as minorias. Os números relacionados às mortes violentas são muito preocupantes, pois se trata de mortes evitáveis. Nesse contexto, a religião desempenha um papel fundamental como atribuidora de sentido, fonte de estabilidade e segurança. Principalmente quando o sujeito se vê obrigado a enfrentar um dos maiores medos da humanidade: a morte. A não ser quando a morte é tomada como espetáculo midiático, ou tema de diversão infantil, ambas extremamente superficiais, o tema morte é considerado um grande tabu, na pós-modernidade. Até mesmo os líderes religiosos – na maioria das vezes, evitam expor e debater este assunto de forma mais aprofundada. Mesmo assim, no momento de enfrentamento da maior dor do mundo, do sofrimento e do desespero diante da morte violenta de seu ente amado, a religião e seus eficientes mecanismos simbólicos são as estruturas mais poderosas para combater a brutalidade da morte, as inseguranças, os medos, a profunda sensação de vazio e, principalmente, atribuir sentido para uma vida futura, sem a presença física do ente querido.

**Palavras-chave:** família, mortes violentas, religião, fé.

## ABSTRACT

CÁCERES, Pedro Antonio Chagas. Violent deaths: the sense of faith for those who stay. Doctorate in Sciences of Religion. Postgraduate Sensus Stricto Program in Religious Sciences of Pontifical Catholic University. Goiânia: PUC Goiás, 2019.

The research developed in this thesis sought to analyse the violent deaths and the sense of faith for those who stay. The central objective is to describe the role of religion as a provider of meaning to the families of victims of violent deaths. The theme responds urgently to the Brazilian scenario that has been marked, terribly, by the exacerbated violence. From the year 2008 to the year 2018, about one million Brazilian lives were brutally reaped. In order to verify this reality, Goiânia and its main surrounding cities were part of the field research. It happened through semi-structured interviews, carried out with relatives of victims of homicides, suicides and ground transport accidents. The empirical investigations were carried out from January to May 2018, at the Medico-Legal Institute. In the course of the analysis, as a result of interviews, data and theoretical contributions, it has been shown that violent deaths meet the most fragile part of Brazilian society more cruelly: the young black, pardos and poor of the periphery, the women and minorities. The numbers related to violent deaths are very worrisome, since they are avoidable deaths. In this context, the religion plays a fundamental role as a source of meaning, stability and support. Especially when the person is forced to face one of humanity's greatest fears: death. Except when death is taken as a media spectacle, or theme of childish fun, both extremely superficial, the subject death is considered a great taboo, in postmodernity. Even religious leaders - most of the time, shy away from exposing and debating this issue in more depth. Even so, in dealing with the world's greatest pain, suffering and despair at the violent death of their loved one, religion and its efficient symbolic mechanisms are the most powerful structures to combat the brutality of death, the insecurities, fears, the deep sense of emptiness, and especially, to give meaning to a future life without the physical presence of the beloved one.

**Key words:** family, violent deaths, religion, faith.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 01 – Mancha da violência – Grande Goiânia.....	22
ILUSTRAÇÃO 02 – John Gast, American Progress, 1872.....	94
ILUSTRAÇÃO 03 – Polícia trava guerra contra os mais pobres.....	95
ILUSTRAÇÃO 04 – Parque Vaca Brava.....	95
ILUSTRAÇÃO 05 – Segurança pública em números.....	98
ILUSTRAÇÃO 06 – Taxa socioeconômica do IBGE.....	132
ILUSTRAÇÃO 07 – Raça e Violência.....	134
ILUSTRAÇÃO 08 – Homicídios da população LGBTI+.....	138
ILUSTRAÇÃO 09 – Suicídio no Mundo.....	141
ILUSTRAÇÃO 10 – Culto aos mortos.....	158
ILUSTRAÇÃO 11 – Imagem de Cristo Ressuscitado.....	173
ILUSTRAÇÃO 12 – Retrato dos mortos.....	192

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01– (QA/Q10) – Onde você busca forças para enfrentar este momento?.....	74
GRÁFICO 02 – Causas de mortes especificadas.....	86
GRÁFICO 03 – Taxa de homicídios de homens jovens.....	88
GRÁFICO 04 – Taxa de mortalidade por suicídio.....	91
GRÁFICO 05 – Vítimas fatais por armas de fogo.....	105
GRÁFICO 06 – Homicídios no Brasil – 1996-2016.....	107
GRÁFICO 07 – Mortes por acidentes de transportes terrestres – 1996-2016.....	108
GRÁFICO 08 – Mortes por acidentes de transportes terrestres (Ipea).....	108
GRÁFICO 09 – (QF/Q4) – Qual é a sua religião?.....	112
GRÁFICO 10 – Mortes decorrentes de intervenções policiais.....	114
GRÁFICO 11 – Taxa de homicídios de mulheres negras.....	126
GRÁFICO 12 – Taxa de homicídios de mulheres não negras.....	126
GRÁFICO 13 – Homicídios de mulheres no Brasil e em três federações.....	127
GRÁFICO 14 – Taxa de homicídios de homens negros.....	133
GRÁFICO 15 – Escolaridade dos familiares.....	136
GRÁFICO 16 – Acidentes de Transportes Terrestres por idade.....	150
GRÁFICO 17 – (QF/Q2) Quando você pensa em Deus, qual dessas três frases é mais forte para você?.....	161
GRÁFICO 18 – (QF/Q3) Você acredita que o demônio ou algum espírito maligno pode fazer ou levar alguém a praticar o mal?.....	166
GRÁFICO 19 – (QF/Q9) Você crê na justiça de Deus?.....	166
GRÁFICO 20 – (QF/Q10) Você crê na justiça dos homens?.....	167
GRÁFICO 21 – (QA/Q10) Onde você está buscando forças para enfrentar este momento?.....	169
GRÁFICO 22 – (QF/Q11) Você acredita na vida após a morte?.....	178
GRÁFICO 23 – (QA/Q7) Você acredita que, de alguma forma, seu familiar continuará sua vida em outro lugar? Onde é esse lugar?.....	179
GRÁFICO 24 – (QA/Q11) Em sua opinião, por que coisas ruins acontecem com as pessoas?.....	188
GRÁFICO 25 – (QF/Q8) Você crê que o ser humano é livre para escolher fazer o bem ou fazer o mal?.....	198
GRÁFICO 26 – (QA/Q13) Defina em uma palavra: O que você está Sentido agora?.....	203

## LISTA DE TABELAS

TABELA 01 – Evolução das taxas de homicídios dos países selecionados.....	60
TABELA 02 – Bairros com mais homicídios nos últimos 5 anos.....	122
TABELA 03 – Fatores de proteção contra o suicídio.....	147

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais  
APAS – Organização Pan-Americana de Saúde  
AV – Atlas da Violência  
ATT – Acidente de Transporte Terrestre  
CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil  
CNJ - Conselho Nacional de Justiça  
CPT – Comissão Pastoral da Terra  
FBSP – Fórum Brasileiro de Segurança Pública  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IML – Instituto Médico Legal  
Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada  
LGBTI+ – Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e intersexuais  
MA – Mapa da Violência  
MS – Ministério da Saúde  
MTT – Morte por Transporte Terrestre  
OMS – Organização Mundial da Saúde  
ONG's – Organização não governamental  
ONU – Organizações das Nações Unidas  
QA – Questões Abertas  
QF – Questões Fechadas  
SPTC - Superintendente e Peritos Criminais da SPTC  
SSP – GO – Secretaria de Segurança Pública de Goiás  
VA – Violência Autoinfligida  
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura  
UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância  
WHO - World Health Organization

## SUMÁRIO

RESUMO.....	VIII
ABSTRACT.....	IX
LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....	X
LISTA DE GRÁFICOS .....	XI
LISTA DE TABELAS.....	XII
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS .....	XIII
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO I – A MORTE, O MORRER E A CONSTRUÇÃO DO MUNDO</b>	
<b>TRANSCENDENTAL.....</b>	<b>25</b>
1.1 PRESSUPOSTOS DA MORTE E DO MORRER NA MODERNIDADE.....	25
1.2 A MORTE COMO MUSA INSPIRADORA.....	34
1.3 AS TEODICEIAS E AS RAZÕES DO MAL.....	40
1.4 A EDIFICAÇÃO DO MEDO E DO MAL.....	46
1.5 ARCABOUÇOS DA VIOLÊNCIA.....	54
1.6 O SENTIDO DA RELIGIÃO FRENTE À MORTE.....	63
<b>CAPÍTULO II – FÉ E RESISTÊNCIA – MORTES VIOLENTAS NO BRASIL.....</b>	<b>85</b>
2.1 A RELIGIÃO E AS RAÍZES DA VIOLÊNCIA NO BRASIL.....	85
2.2 A RELIGIÃO E A MÁSCARA DA CORDIALIDADE BRASILEIRA.....	100
2.3 OS NÚMEROS DAS MORTES VIOLENTAS.....	105
2.4 ESPETACULARIZAÇÃO DA MORTE.....	113
2.5 VIOLÊNCIA URBANA – PERIFERIAS INVISIBILIZADAS.....	117
2.6 A MORTE DAS MINORIAS.....	124
2.7 SUICÍDIO E MORTE POR ACIDENTE DE TRANSPORTE TERRESTRE.....	139

<b>CAPÍTULO III – A MAIOR DOR DO MUNDO E A RELIGIÃO</b> .....	152
3.1 A VISÃO SAGRADA DA MORTE.....	152
3.2 O SAGRADO E A BUSCA DA SOLIDEZ.....	159
3.3 A FÉ PARA QUEM FICA: DEUS, FAMÍLIA E FORTALEZA.....	168
3.4 O PORQUÊ DA MORTE E A FUNÇÃO DA MEMÓRIA.....	187
3.5 PLANOS DE DEUS, DESTINO E AUTONOMIA.....	195
3.6 O SENTIDO DA DOR E DA MORTE.....	201
CONCLUSÃO.....	209
REFERÊNCIAS.....	217
APÊNDICE.....	233

## INTRODUÇÃO

O interesse pela temática da morte esteve presente desde a minha infância. Compreender o fenômeno em si, seus desdobramentos e o inescapável sentimento doloroso de perda que ele produz, naqueles que ficam, não é apenas um interesse acadêmico. Dialogar com as várias dimensões da morte e do morrer é um processo fundamental para a compreensão do sentido da vida.

Nos primeiros anos da minha existência a morte chegou aos meus olhos por meio do suicídio, no pequeno parque de diversão instalado no bairro. O trapezista não suportou a falta de correspondência afetiva de sua amada, dando fim à sua vida no alto da roda gigante. Como homicídio de um amigo de infância esfaqueado na praça central do bairro – em um domingo banhado de sol. Como atropelamento de um colega de catequese, colhido por um ônibus quando estávamos brincando de “salve-cadeia”. Através de um telegrama que anunciava a morte prematura de meu tio Pedro. O grito de dor da minha mãe transpassou meus ossos, o frio de seu sofrer ecoa, até hoje, nas minhas lembranças.

As dores dos vizinhos eram compartilhadas pela criançada que patrulhava as ruas de terra, nas casas humildes que nos convidavam para a partilha dos sofreres. As cenas do morto com chumaços de algodão nas narinas, o cheiro de velas e flores, os parentes silenciados pelo horror da morte, os cochichos, as lágrimas – a placa de velório colocada na entrada dizia que alguém havia se mudado, para sempre.

A morte foi boa para muitos dos meus entes. Levou meu pai, minha irmã, minha mãe e todos os meus tios, além de outros familiares, amigos e colegas. A morte pode e é esperada para muitos que sofrem, mas não é este o tema desta tese. Não falarei da boa morte, da morte que faz o moribundo expressar um sorriso com a sua chegada. A tese terá o encargo de desdobrar “As mortes violentas: o sentido da fé para quem fica”. Não falarei das mortes naturais, das mortes provocadas por doenças ou por acidentes da *physis*. As mortes violentas são mortes evitáveis, são mortes que não deveriam ocorrer, mas ocorrem em grande número, infelizmente, neste Brasil.

Partir de uma vivência vulgar sobre a morte, para o plano acadêmico – no princípio pareceu ser um projeto desafiador, mas não poderia imaginar que seria tão grandioso como se apresentou. Sempre que enfrento o desafio de exercer o papel de intelectual, lembro-me de Aristóteles que defendia o tempo ocioso para o desenvolvimento das tarefas mais elevadas do espírito. Se acaso seguisse os conselhos do filósofo macedônico nunca poderia ter escrito uma única linha, nem tampouco produzido uma tese.

Entre os planejamentos e as execuções das inúmeras aulas semanais, divididas com a universidade e o colégio, entre a função de coordenador nas duas instituições onde sou traidor do ideal grego, entre as orientações dos alunos/pesquisadores de iniciação científica, entre as várias reuniões, entre o trânsito, os compromissos diários, o papel de pai, marido, filho e cidadão, essa tese foi sendo construída com muito entusiasmo, coragem e cafeína.

O maior desafio desse projeto foi o campo, não imaginava que seria tão homérico. Olhar os 8.848 metros do Everest e querer superá-los é um desafio magno, mas essa não é a grande questão. Os verdadeiros e maiores problemas se apresentam quando você está no meio da escalada. Não tinha – nem de longe – a mínima noção dos labirintos guardados naquela sala do Instituto Médico Legal<sup>1</sup> (IML). Foi preciso escalar cada rocha, cada pedra solta, cada precipício que se apresentava na realidade brutal de cada familiar, que era dilacerado pelas dores da morte do seu amado, que há poucas horas estava vivo, mas que – naquele momento – jazia na mesa fria do instituto.

Sobre as resoluções metodológicas, o objetivo primário do tema consistiu em descrever o papel da religião como fornecedora de sentido (bens de salvação) para os familiares daqueles que morreram pela via das mortes violentas (homicídios<sup>2</sup> - mortes decorrentes de acidentes de transportes terrestres [ATT] e suicídios). Os objetivos secundários da tese tiveram como foco central a compreensão da construção histórico-sociológica da morte e do morrer no Ocidente, no desenvolvimento histórico do Brasil e as suas conexões com a realidade atual do

---

<sup>1</sup> Cidades que fazem parte da cobertura do IML (Aparecida de Goiânia): Aparecida de Goiânia, Abadia de Goiás, Aragoiânia, Bela Vista de Goiás, Bonfinópolis, Caldazinha, Cezarina, Cristianópolis, Guapó, Hidrolândia, Indiara, Jandaia, São Miguel do Passa Quatro, Senador Canedo e Varjão.

<sup>2</sup> Foram consideradas, alternativamente, duas bases de dados com o número anual de homicídios registrados nos países. A princípio, utilizamos os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), tomando por base o número de óbitos classificados pela Classificação Internacional de Doenças (CID-10) como eventos que envolvem agressões e óbitos provocados por intervenção legal (códigos X85-Y09 e Y35-Y36), o que estamos chamando aqui de homicídios OMS, (Atlas da Violência 2018).

país, do Estado de Goiás e da Grande Goiânia. Demonstrar e problematizar o crescente número de mortes violentas (homicídios<sup>3</sup>, mortes no trânsito e suicídios) no Brasil, em Goiás e na Grande Goiânia, nos últimos 10 anos e analisar as raízes da violência no referido país.

Algumas hipóteses foram abordadas acerca dos aspectos centrais e periféricos, que durante o desenvolvimento da tese foram investigados. A visão sobre a morte e o morrer na contemporaneidade teria afastado o indivíduo do conviver mais próximo e natural deste fenômeno (ARIÈS, 2003)? As mortes violentas atingem, em grande número, as minorias, além de serem banalizadas no Brasil? Na Modernidade Líquida (BAUMAN, 2001), não há preparo, de nenhuma forma, para se lidar com a morte, promovendo a sua industrialização e seu individualismo (LIPOVETSKY, 1989). O tema morte, na grande Goiânia, é negado e tratado como sujo, desprezível, ou como um espetáculo? A religião é uma forte aliada no processo de dor e sofrimento das famílias? A religião é um fator decisivo para se lidar melhor com a morte de um ente querido, contribuindo com a reconstrução e a solidez do existir?

Em relação à relevância temática é importante ressaltar que as diversas formas de violência que provocam mortes evitáveis crescem de forma alarmante em todo território brasileiro, afetando o seio das famílias e as inúmeras dimensões da sociedade. Por essa razão foi necessário investigar as mortes violentas e o papel da religião na atribuição de sentido e apaziguamento da dor e do sofrimento para aqueles/as que perderam seus entes próximos de forma abrupta e violenta.

Dos diversos mecanismos oferecidos para atribuir sentido à existência humana, a religião, sem dúvida, é a mais popular e tradicional. Um dos atributos fundamentais da religião é o fornecimento de vias seguras para a existência daquele que crê. Esta lógica fornece o tom e o equilíbrio de sua vida conjugada na temporalidade e na crença de que há uma imortalidade em outro estágio. Seu corpo perece, mas seu ser viverá infinitamente. Deste modo não há o fim definitivo com a morte, ela é apenas uma transitoriedade para outra forma de existência. É evidente que essa visão religiosa de mundo é apenas uma forma de enxergar e dar sentido à existência. Ressurreição, encarnação, reencarnação, translações das almas, enfim, várias maneiras de negar a morte como fator exterminador da existência. Por essas

---

<sup>3</sup> De acordo com o Mapa da Violência e o Atlas da Violência 2018, estamos considerando somente os homicídios dolosos.

razões a grande questão da tese consiste em compreender o sentido da fé para quem fica. Levantar e analisar de que maneira o indivíduo – com sua idiossincrasia de fé e espiritualidade, busca respostas e compreensões frente à natureza inexorável da morte e do morrer.

Sobre a metodologia afirma Martins (2009) que por metodologia entende-se o conhecimento crítico dos caminhos do processo científico, que indaga e questiona acerca de seus limites e possibilidades; e o reconhecimento de que todo conhecimento sociológico tem, como fundamento, um compromisso com valores. Quanto aos métodos de investigação, para Gil (2007) um método quantitativo utilizado numa pesquisa possibilita uma análise direta dos dados, possui grande facilidade demonstrativa dos achados, possibilita a generalização pela representatividade e torna possível a inferência destes achados para outros contextos.

A pesquisa qualitativa, por sua vez, segundo Turato (2005), busca o significado das coisas, porque este tem um papel organizador nos seres humanos. O que as “coisas” (fenômenos, manifestações, ocorrências, fatos, eventos, vivências, ideias, sentimentos, assuntos) representam, dá molde à vida das pessoas. Entendemos que as duas abordagens se complementam e, nesta investigação, optei por uma metodologia quanti-qualitativa, uma vez que nessa forma de investigação não se busca estudar o fenômeno em si, mas entender seu significado individual ou coletivo para a vida das pessoas.

Para a pesquisa de campo, foram selecionados (25) vinte e cinco participantes/familiares de vítimas de mortes violentas, os mesmos responderam a um questionário socioeconômico (perguntas fechadas) e a um questionário estruturado, com perguntas abertas (ANEXO); O critério de seleção foi através de uma abordagem efetuada pelo pesquisador responsável, diretamente aos participantes da pesquisa. O local para as entrevistas foi no Núcleo Regional de Polícia Técnico-científica de Aparecida de Goiânia (NRPTC) – Órgão ligado à Secretaria de Segurança Pública e Administração Penitenciária do Estado de Goiás (SSP GO). Localizado na Rua 01, s/n – Vila São Joaquim – Aparecida de Goiânia – GO. O espaço para as entrevistas, individuais, foi em uma sala separada e cuidadosamente isolada – para que a integridade dos entrevistados fosse preservada. O tempo estimado para a leitura do TCLE e as respostas ao questionário tiveram em torno de 45 minutos.

Responderam aos questionários familiares de vítimas de mortes violentas, com idade igual ou superior a dezoito (18) anos de idade e que manifestaram interesses em participar, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Goiás e obedeceu rigorosamente às regras do CONEP (CAAE 84984817.2.0000.0037, número do parecer: 2.551.209).

Entre os atributos da pesquisa quanti-qualitativa, destaca-se o fato da contribuição dada por este método ao rigor da validade dos dados coletados, já que a observação dos sujeitos, por ser acurada, e sua contribuição, por ser em profundidade, tendem a levar o pesquisador bem próximo da essência da questão em estudo.

Após as coletas de dados, análises de consistência, saltos, codificação e recodificação, digitação em software para base estatística, – conhecida como *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) – digitação e checagem, foram geradas frequências simples de cada questão e cruzamentos simples e múltiplos para a análise quali-quantitativa.

Instrumentos: seguindo as orientações de Pasquali (2003, pp. 45-52), foi estruturado um instrumento avaliativo quanti-qualitativo.

Dados quantitativos: Questionário<sup>4</sup> com 10 questões fechadas – Bloco 1: questionário socioeconômico e Bloco 2: questionário sociorreligioso (14 questões). Os dois blocos abrangem: [dados pessoais; capital cultural; profissão; posição religiosa/espiritual; origem, posicionamentos sociais e prática religiosa]. Dados qualitativos: no mesmo questionário apresentando a totalidade dos participantes, a incorporação de 13 questões abertas (importância da espiritualidade – religião como atribuidora de sentido). Procedimento ainda conforme orienta Pasquali (2003, pp. 38-44), respeitada a resolução 466/12, realizou-se, durante toda fase da pesquisa, a construção e a revisão conceitual sobre o objeto: sentido da fé para quem fica.

Na fase da coleta de dados, a aplicação dos questionários foi feita pelo pesquisador em dias e horários alternados (meio e fins de semana), pois não há períodos determinados para a entrada dos corpos das vítimas de violência no Instituto Médico Legal. Assim, a aplicação dos questionários foi precedida de pré-teste (PASQUALI, 2003, p. 52-58). Na fase de tabulação dos dados quantitativos foi

---

<sup>4</sup> ANEXO, página 232.

utilizado o software SPSS. Análise dos dados: quantitativos – seguindo-se a orientação de Minayo (1999), fez-se a consideração dos dados por meio de procedimentos estatísticos, obedecendo a seguinte sequência: definição das variáveis, a partir dos dados coletados no questionário e na Escala Likert; representação gráfica das amostras de dados relativas às variáveis obtidas no questionário e na escala Likert. Delas fazem parte, a identificação das variáveis e das amostras de dados, o valor da média e do desvio padrão de cada amostra, bem como a diferença entre as médias e os resultados finais; apresentação dos resultados provenientes da aplicação dos testes estatísticos; análise dos dados representados nos gráficos e tabelas.

Análise dos dados qualitativos: para o caso das questões abertas, foi selecionada aleatoriamente uma amostra de 10% do total dos questionários que receberam tratamento diferenciado, a partir da consideração das ideias-chave, repetições e incidências de argumentações sobre os diferentes aspectos que se destacaram nas respostas dos participantes. Seguindo as orientações de Martins e Bicudo (2003) e de Minayo (1999), a análise de dados foi feita em quatro momentos: a) o sentido do todo - leitura da descrição do relato após a transcrição sem buscar qualquer interpretação; b) nova leitura e outras mais para discriminar as unidades de significado, anotando-as diretamente no texto para ir focalizando o fenômeno que está sendo pesquisado. c) transformação das expressões cotidianas do sujeito – o objetivo é chegar às categorias; d) síntese das unidades de significado – todas as unidades de significado devem ser levadas em conta para estruturação de categorias para análise.

Os critérios de Inclusão seguiram a seguinte resolução: terem assinado o TCLE; serem parentes das vítimas e possuírem idade igual ou superior a 18 anos. Os critérios de exclusão: deixar de responder os três itens de alguma dimensão avaliada; negar-se a responder aos dois questionários propostos; retirar o consentimento a qualquer momento, não ter completado 18 anos de idade.

A tese foi organizada e desenvolvida em três capítulos conectados intimamente com as diretrizes, os objetivos, as hipóteses e os caminhos metodológicos descritos. No primeiro capítulo foi determinado, como estrutura do texto, uma abordagem geral do tema, para que o complexo cenário fosse construído, antes que os autores principais ocupassem seus devidos lugares nas cenas factuais

da vida. Não obstante, mesmo no primeiro capítulo as evocações e falas dos familiares tiveram destaque fundamental, nas análises e problematizações da tese.

O Primeiro Capítulo foi intitulado “A morte, o morrer e a construção do mundo transcendental”. Várias abordagens teóricas foram utilizadas para a compreensão da morte, do morrer, da violência e da religião. Em primeiro lugar a Historiografia foi utilizada para destacar os pressupostos da morte e do morrer na Modernidade. A Filosofia, a Sociologia, a Antropologia e outras áreas foram fundamentais para o entendimento de vários fatores, como o medo da morte, o problema das teodiceias, a questão do mal, os arcabouços da violência e o sentido da fé para quem fica.

Fé e resistência – mortes violentas no Brasil é o título do Segundo Capítulo. Nesta parte da tese as mortes violentas no Brasil (nacional, regional e local) foram abordadas numericamente e qualitativamente, em conjunto com as ocorrências relatadas no Instituto Médico Legal. A religião e as raízes da violência no Brasil contribuíram para desmascarar a cordialidade em terras brasileiras. Essa violência foi apresentada em números alarmantes sobre as taxas de violência no país, em particular no Estado de Goiás e na Grande Goiânia.

## ILUSTRAÇÃO 01

### Manchas da Violência – Grande Goiânia - 2017



Goiânia e Aparecida registram 17 homicídios em 48 horas, número faz Goiânia e Aparecida parecerem faixa de Gaza. Os crimes ocorreram por motivos diversos, que vão desde o envolvimento com drogas, execuções, tentativas de assalto e disputa por ponto de táxi. Dos 17 homicídios registrados em 48 horas, 14 foram em Goiânia em 3 em Aparecida, sem contar as outras 244 cidades do interior do Estado. Só em setembro (2017), Goiânia registrou sozinha 39 homicídios dolosos, número que não conta os que morreram em confronto policial, contrariando estatística padronizada mundialmente. Para a OMS, cidades com taxas superiores a 10 homicídios por 100 mil habitantes são zonas epidêmicas. De acordo com o Mapa da Violência de 2016, os homicídios saltaram em Goiânia 70% em dez anos, passando de 18,3 para 31,2 para cada 100 mil habitantes. Fonte: Goiânia News – Portal de Notícias.

Na última parte do capítulo a morte violenta foi abordada em seus lugares mais cotidianos, os bairros pobres violentos e desassistidos deste país, revelando que os maiores números de mortes violentas são provocados pela negligência dos governos ao longo dos séculos. A morte se revelou na violência direcionada à mulher (feminicídio), fruto de uma sociedade culturalmente patriarcal e misógina, somada à violência letal contra a população LGBTI+. Também na morte violenta de jovens, pretos, pardos<sup>5</sup> e pobres de bairros periféricos. Esta abordagem ganhou reforço com os números das pesquisas nacionais (Atlas e Mapa da Violência 2018) e a maioria das vítimas do IML, estudada nesta pesquisa. A morte violenta frente à degenerescência da fé nas decisões dos suicidas e a morte provocada por acidentes de transportes terrestres (ATT), também fizeram parte fundamental do segundo capítulo.

No terceiro e último capítulo abordei “A maior dor do mundo e a religião”. Em todos os capítulos os sentimentos, as dores e sofrimentos, as impressões dos familiares sobre as mortes violentas de seus parentes sofram abordadas, mas no terceiro capítulo houve um aprofundamento teórico e analítico na tentativa de compreender mais detalhadamente essa dor imensurável e o sentido da fé para quem fica.

Para esta finalidade foi preciso compreender as representações do sagrado e a busca da solidez existencial dos familiares. Os processos terapêuticos da fé em Deus e na família como fortalecimento em meio à liquidez na modernidade. O capítulo, também, abordou o porquê da morte e a função da memória. Uma forma eficaz e salutar de conviver com a ausência daqueles que não estão mais, fisicamente, entre os vivos. Foi explanada – a partir das falas dos familiares – a

---

<sup>5</sup> Em vários momentos do texto foram utilizados os termos: preto, pardo e negro. Os principais institutos de pesquisa utilizam o termo “negro” para se referirem aos pretos e pardos.

crença nos planos de Deus – a questão do destino e o princípio de autonomia e por fim a religião como atribuidora de sentido da dor e da morte.

É muito importante destacar que a tese não tem o propósito de abordar o sentido da morte para todas as confissões e/ou interpretações sagradas sobre este fenômeno. Atendendo ao chamado da própria pesquisa empírica, em que todos os familiares se posicionaram como cristãos, o texto abordou – de forma preferencial, o cristianismo – com a finalidade de compreender mais detidamente o sentido da fé para essas pessoas. De todos os vinte e cinco entrevistados, doze disseram ser protestantes, sete se indicaram católicos, dois mórmons, um espírita e três parentes confessaram não possuírem religião, mas acreditarem em Deus.

Um dos propósitos fundamentais da pesquisa era evitar possíveis influências dos líderes religiosos, ou mesmo uma aproximação do discurso oficial do campo religioso de cada familiar. O velório, a missa de sétimo dia, para citar dois exemplos, são situações em que o familiar recebe e reinterpreta, inúmeras vezes, seus sentimentos e evocações sobre a morte. Portanto a intenção era justamente ouvir o entrevistado, os seus sentimentos, as suas hermenêuticas de fé e credo, em um ambiente neutro, ou seja, longe – física e espacialmente, de qualquer “templo religioso”. Além de compreender o sentido da fé nas primeiras horas do comunicado da morte.

Compreendo que a própria abordagem científica, neste momento extremamente delicado, é uma forma de violência para com o familiar. Reconheço que para alcançar os objetivos acadêmicos, as pesquisas de campo se deparam com questões que merecem o máximo de humanidade, apesar do forte apelo técnico-científico. Por essa razão o respeito e a dignidade de todos os envolvidos, pautaram o transcorrer dessa tese.

# CAPÍTULO I – A MORTE, O MORRER E A CONSTRUÇÃO DO MUNDO TRANSCENDENTAL

## 1.1 PRESSUPOSTOS DA MORTE E DO MORRER NA MODERNIDADE

(QA/Q4)<sup>6</sup> Defina, em poucas palavras, o que é a morte para você? *“A morte é só o fim do corpo físico, pra mim, o espírito, ele continua vivo, pra mim, o espírito do meu Jorginho tá aqui do lado, ele não tá morto”.* (Carlos Henrique Figueira<sup>7</sup>, Pai de um jovem assassinado aos 19 anos de idade).

A morte é algo de muito sério e profundo que ocorre na trajetória de todas as famílias. A morte violenta equivale às dores colossais de um drama brutalmente real. Como nos lembra Tolstoy (2002), em *Anna Karenina*: *“Todas as famílias felizes são iguais. As infelizes o são cada uma à sua maneira”* As sentenças do senhor Carlos Henrique são hermeticamente tomadas de sentido religioso, de uma esperança fortemente palpável, em que a vida do filho nunca irá se findar com a morte, mesmo que violenta. A fé desse pai, banhada de religiosidade, não permite que Jorginho morra, não há lugar para o fim último. A finitude é tomada de sentido e continuidade eterna, em que a morte do corpo não decreta o fim do jogo. *“Meu filho vive”*, afirmou o pai enquanto enxugava as lágrimas que vertiam sobre seu rosto coberto de dor.

A morte é verdadeiramente assustadora, todavia há nas palavras deste e de outros familiares, apresentados no transcórre da tese, a força concreta que impede que a liquidez da dor (BAUMAN, 2007) afogue os que ficam. Para estes familiares, essa força tomada de concretude é a religião<sup>8</sup>. Este será o fio de Ariadne que conduzirá o texto pelos caminhos desse denso, doloroso e laborioso labirinto, ou seja, o fragmentário cenário brasileiro e as consequentes mortes violentas participam do que Zygmunt Bauman nomeou de Mundo Líquido. Mas será que há realmente um porto seguro que possibilita a concretude para a existência, minimamente, possível dos familiares das vítimas de mortes violentas?

---

<sup>6</sup> QA (questões Abertas); QF (questões Fechadas); (QA/Q4) corresponde à questão aberta, número 4. O questionário se encontra no Anexo, p. 232.

<sup>7</sup> Todos os nomes dos parentes das vítimas são fictícios, para preservar suas identidades.

<sup>8</sup> Abordo o conceito “religião” como o fez Simmel: “A religiosidade é um ser particular, uma qualidade funcional da humanidade, por assim dizer, que determina inteiramente alguns indivíduos, mas existe apenas rudimentarmente em outros. Esse traço fundamental leva habitualmente ao desenvolvimento de artigos de fé e à adoção de uma realidade transcendental... uma pessoa religiosa é sempre religiosa, independentemente se acredita, ou não, em Deus” (SIMMEL, 1997, p.5).

Este porto seguro, instalado em uma ilha concreta, cercada pelo oceano liquefeito é a fé religiosa? De que modo a religião<sup>9</sup> e a fé atribuem sentido para esse contexto imensamente complexo? Outro passo importante, para além das atribuições da religião é a leitura do contexto mais recente que possibilitou criar a dinâmica social atual – palco das análises mais específicas desse estudo, isto é, a Modernidade e seus desdobramentos.

No intuito de compreender esse denso cenário é preciso observar e analisar os complexos labirintos que edificaram a história mais recente da humanidade, as dores, os sofrimentos, as mortes violentas e a religião. Objetivando adentrar a problemática é preciso caminhar brevemente pela trajetória da modernidade em arcabouço geral e particular, para que se possa assimilar as razões e os desdobramentos das mortes violentas no Mundo, no Brasil e principalmente na Grande Goiânia. Tenho como analogia um grande e complexo edifício (Modernidade), em que o foco central é uma sala (Grande Goiânia), lotada em um andar específico (Brasil), mas que não faria sentido se não fosse considerado as estruturas que possibilitam a sua existência. As primeiras páginas desta tese propõem este papel, ou seja, compreender as estruturas do edifício para enxergar melhor a realidade nacional e local.

É tradicional vincular a Modernidade com um momento histórico específico. Bauman (1999, p. 299), diz que se trata de “*um período histórico que começou na Europa Ocidental no século XVII com uma série de transformações sócio-estruturais e intelectuais profundas*”. É importante destacar os seus desdobramentos e frutos fundamentais para a construção cultural, social, histórica e política do mundo ocidental contemporâneo: o Iluminismo, as Revoluções Inglesas do século XVII e a Revolução Francesa (Século XVIII); a Revolução Industrial e suas inúmeras etapas. Além das várias revoluções libertárias ocorridas pelos continentes, rebentos da Era das Revoluções (Hobsbawn, 2007). Porém é preciso destacar que as sementes progenitoras da Modernidade foram plantadas ainda na Baixa Idade Média, com o nascimento das primeiras universidades, a retomada do comércio, da vida urbana e do renascimento científico e cultural.

É inescusável destacar que os aportes da modernidade não se deram prontamente, suas estruturas foram se erguendo paulatinamente, na medida em que

---

<sup>9</sup> A religião, neste momento, é descrita como religiosidade, espiritualidade – conexão do crente com a sua transcendência.

os avanços históricos permitiam a sua assimilação mais integral. O mundo conhecido pelo europeu, no final do século XVIII, era muito limitado geograficamente. Os contatos, as influências e as transformações culturais não tinham afetado, por hora, o cotidiano desses indivíduos.

O mundo em 1789 era, portanto, para a maioria dos seus habitantes, incalculavelmente grande. A maioria deles, a não ser que fossem arrancados da sua terrinha por algum terrível acontecimento, como o recrutamento militar, viviam e morriam no distrito ou mesmo na paróquia onde nasceram. (HOBSBAWN, 2007, p. 27).

Por conseguinte, a visão de mundo da grande maioria das pessoas não tinha sido afetada pelos avanços modernos até as primeiras décadas do século XIX. “(...) *o mundo era essencialmente rural e é impossível entendê-lo sem assimilar este fato fundamental*” (Hobsbawn, 2007, p. 28). Deste modo, é preciso relativizar, ou pelo menos ponderar, as grandes transformações trazidas pela Modernidade, mas é inegável que as mudanças ocorreram principalmente provocadas pela racionalização dos aspectos da vida e da morte.

Talvez as principais características da Modernidade tenham sido justamente o uso da razão e conseqüentemente o fortalecimento do individualismo. O *cogito cartesiano* (Descartes, 1979) expressou e atribuiu à tônica da Era da Razão e do Individualismo. O mundo não era mais regido pela estabilidade das estações, ou mesmo pela rigidez das sociedades estamentais, em que as mudanças sociais eram praticamente impossíveis. As verdades eternas estavam se aquebrantando, os poderes constituídos de forma absoluta foram questionados, reis foram decapitados, enfim, não havia mais espaço para a estabilidade normativa, como descreve Octavio Paz em sua obra “Os filhos do barro”:

A modernidade é sinônimo de crítica e se identifica com a mudança; não é a afirmação de um princípio intemporal, mas o desdobrar da razão crítica que, sem cessar, se interroga, se examina e se destrói para renascer novamente. Não somos regidos pelo princípio da identidade nem por suas enormes e monótonas tautologias, mas pela alteridade e a contradição, a crítica em suas vertiginosas manifestações. No passado, a crítica tinha como objetivo atingir a verdade; na idade moderna, a verdade é crítica. O princípio em que se fundamenta o nosso tempo não é uma verdade eterna, mas a verdade da mudança. (PAZ, 1984, p. 47).

Mudança é a palavra de ordem da Era Moderna, sentença que encabeça um conjunto de outros termos que descrevem os aspectos fugidios deste período que se

prolonga, em aspectos mais dinâmicos, até os dias atuais. Mas o que é uma palavra descarregada de seu conteúdo semântico? O que é uma expressão sem o teor que preenche seu significado? Michel Foucault pode nos auxiliar na compreensão do nascedouro da Modernidade em sua obra “As Palavras e as Coisas”, precisamente no Capítulo I (Las Meninas), ao analisar a obra de Diego Velázquez. Para além das figuras humanas e imagens em geral retratadas na tela do gênio, o que mais intriga é justamente o que não é retratado e/ou é retratado, mas que não pode ser vislumbrado pelos olhos carniais do observador externo. Cabe uma questão inquietadora: o que há na tela obscura de Velázquez? Há possibilidades infinitas! Qualquer cena, personagem, paisagem, tragédia ou comédia, tudo *ad infinitum* cabe no olhar, na imaginação e nos traços inseridos pela mão direita do pintor.

Contudo, Velázquez não é o autor da tela obscura, não é o maior gênio espanhol do século XVII que retrata a realidade difusa, pois não há realidade pura, fechada em si, esperando ser retratada. Na Modernidade não há possibilidade de apreensão de qualquer realidade, os princípios que regem este cenário não permitiriam uma prisão unilateral de suas representações, como diz Foucault (2007, p. 22):

Talvez haja, neste quadro de Velásquez, como que a representação da representação clássica e a definição do espaço que ela abre. Com efeito, ela intenta representar-se a si mesma em todos os seus elementos, com suas imagens, os olhares aos quais ela se oferece, os rostos que torna visíveis, os gestos que a fazem nascer. Mas aí, nessa dispersão que ela reúne e exhibe em conjunto, por todas as partes um vazio essencial é imperiosamente indicado: o desaparecimento necessário daquilo que a funda — daquele a quem ela se assemelha e daquele a cujos olhos ela não passa de semelhança. Esse sujeito mesmo — que é o mesmo — foi elidido. E livre, enfim, dessa relação que a acorrentava, a representação pode se dar como pura representação.

Dentre as palavras pronunciadas por Michel Foucault, uma deve ser destacada: “vazio”. Tudo é possível neste suposto lugar tomado pela imensidão do nada, aberto para infindas contingências. Assustadoramente o que se coloca na frente do indivíduo é uma variação caleidoscópica de realidades. A representação da representação em um jogo de espelhos, contudo um jogo real presenteado pelo princípio de autonomia, portanto de escolhas. Mas diante da infinitude de cenários possíveis, o que resta além do vazio? Quando não há caminho seguro, os descaminhos são múltiplos e dispersos.

Mas diante dessas inúmeras janelas que se abrem com o advento da Modernidade, há possibilidades plausíveis de um lugar concreto e seguro, onde o indivíduo possa repousar e dar sentido aos seus medos e às suas inseguranças? Este lugar ainda pode ser dado pelas grandes estruturas históricas, mesmo que tenham sofrido abalos? Ou cabe ao indivíduo, isolado em si, construir suas próprias explicações frente às grandes questões do existir no mundo?

É agora um lugar-comum dizer que a época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de individualismo, no centro da qual erigiu-se uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade. (...) As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Antes se acreditava que essas eram divinamente estabelecidas; não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais. O status, a classificação e a posição de uma pessoa na “grande cadeia do ser” – a ordem secular e divina das coisas – predominavam sobre qualquer sentimento de que a pessoa fosse um “indivíduo soberano”. O nascimento do “indivíduo soberano”, entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII, representou uma ruptura importante com o passado. Alguns argumentam que ele foi o motor que colocou todo o sistema social da “modernidade” em movimento. (HALL, 2005, p. 24-25).

No início de sua obra “A identidade cultural da pós-modernidade”, Stuart Hall descreve o cenário que o motivou a escrevê-la: “*as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio*”. (Hall, 2005, p. 7). O declínio das velhas estruturas que mantinham equilibrados os castelos conceituais das Eras anteriores à Era Moderna foram ruídos ao longo dos últimos cinco séculos e permanecem sendo corroídos e substituídos pelas mais novas formas identitárias, encapsuladas pelo plástico biodegradável das incertezas. Porém, as mudanças por mais profundas e velozes que sejam, não podem ser mensuradas pelo crivo da negatividade vazia e preconceituosa ou serem taxadas de ameaçadoras, afinal são apenas mudanças.

No entanto, não cabe nessa altura da tese tomar qualquer partido sobre a suposta crise provocada pela Modernidade. É preciso compreender de que forma o sentido da morte, do morrer, da morte violenta, da religião e da fé dialogam com os aspectos da Modernidade. Neste momento o cenário das mortes violentas e o sentido da fé para quem fica começa a se revelar paulatinamente, como o inverno anunciado pelo outono que desvenda seus mistérios em cada folha amarelada que

se desprende do galho na direção do seu destino inegociável. Sabemos que as folhas caíram, mas é preciso esperar o tempo certo.

A visão de mundo edificada na Modernidade, em características ideais, colocou o indivíduo ocidental frente à morte e o morrer como força imensurável, porém supostamente racional. A percepção da morte também sofreu e sofre metamorfoses neste largo período, pois a visão sobre a morte e o morrer não são estruturas apartadas do cenário maior. As raízes da Modernidade abarcaram as percepções sobre a morte, a mesma não é mais, apenas fruto de sortilégios, forças sobrenaturais, pragas divinas ou qualquer manifestação que facilmente fugia aos crivos precisos da racionalização do mundo. Mas é preciso fazer duas perguntas: Teria a matematização do mundo, inaugurada por Copérnico e Galileu, ocupado o lugar das explicações mágico-religiosas? Teria o indivíduo – ele mesmo, se libertado das influências das grandes ideologias da fé e caminhado livre e só por suas individuais pontes e caminhos? De forma adiantada, respondo que não! Apesar de todo entusiasmo positivista – do secularismo e de todas as tentativas de desencantamento do mundo, ele permanece encantado. Nem tampouco o ser humano alcançou sua liberdade plena, se tornando o artífice de seu próprio mundo, como desejava o super-homem nietzschiano. As grandes catedrais, mesmo que ressemantizadas em processos fractais, continuam norteando o cotidiano dos indivíduos, como veremos no transcorrer do texto.

Somando ao que já foi expresso acima, o individualismo, apesar de suas limitações, tornou o palco das representações cotidianas ainda mais complexo. O enfraquecimento das estruturas tradicionais deixou vácuos – em perspectivas de um grandioso queijo suíço – onde os orifícios são preenchidos por novas e dinâmicas estruturas transitórias, às quais nomeio de *pseudo self freedom*, pois a esperança de autonomia, liberdade, igualdade de oportunidade não alcançou grande parcela da humanidade. Em sentido filosófico, o cenário é mais problemático, pois esses desejos não foram conquistados por nenhum ser humano, já que se trata mais de um jogo de palavras do que uma realidade verdadeiramente possível. Talvez o que não foi percebido pelo espírito moderno e pelos gurus da autoajuda é que não há caminho de certezas, em que a razão, ou que a fé em si são fatores decisivamente resolutórios de qualquer drama humano. Mas devo fazer justiça à Rousseau, à Kant e mais recentemente à Husserl, entre outros pensadores, que alertaram para os limites e perigos dos desejos burgueses e o uso descomedido da razão.

Os médicos disseram que meu filho está morto! Eu sei que ele não tá morto, eu sei. Deus deu pra gente a vida é eterna – ninguém é capaz de tira a vida de ninguém. Nossa alma vive pra sempre nos braços de Nosso Senhor. Essa foi a sua promessa para seus filhos. Por isso eu sei que os médicos estão errados, meu filho vive. (Maria Aparecida, mãe).

A matemática não está em tudo! Talvez a matematização esteja em tudo, por uma pretensão humana de matematizar tudo – a fim de explicar tudo. Mas certamente o uso da razão científica não pode convencer esta mãe, pelas vias metódicas da medicina legal forense. Seu filho vive e esta certeza cabal é tudo de real e indubitável para essa mulher que busca na terra firme da fé as estruturas de seu viver diante da dor de sua colossal perda.

Essa mãe teve que lidar com duas forças que permeiam a existência de todos os seres vivos: o nascer e o morrer. É axiomático que ela sabe das condições e dos limites impostos aos seres, mas a morte de seu filho não pode ser explicada ou colocada em um tubo de ensaio. A morte de seu rebento rompe com a lógica da vida, com os cálculos matemáticos e com qualquer projeto de modernidade. As mortes violentas que insistem em transbordar as estatísticas são um terrível contrassenso da realidade brasileira. A morte de qualquer indivíduo é o fim de um mundo singular – de uma perspectiva única – de um mundo que nunca mais será possível. A morte evitável e violenta desse jovem, ou de outros tantos indivíduos levantados por esta e por outras pesquisas é o fracasso diário dessa civilização.

As magnas mudanças ocorridas no cotidiano dos indivíduos no contexto da Idade Moderna (1453 – 1789) e da Idade Contemporânea (1789 – até os dias atuais), utilizando a periodização tradicional da História, criou um grande entusiasmo nas mentes e nos corações das gerações que executaram e vivenciaram os frutos das realidades cambiantes. A crença de que tudo poderia ser realizado, de que a natureza poderia ser domada, de que a sabedoria humana poderia controlar as forças incomensuráveis, criou esperanças de que tudo poderia ser conquistado.

Em certa medida os sonhos, os desejos e os projetos foram sim realizados – neste momento é possível respirar uma atmosfera repleta de realidades concretas que figuram em cada tecnologia, forma de governo, conquistas sociais, leis, expectativas de vida. Contudo o caminho é construído de avanços e retrocessos, as conquistas presentearam a humanidade, deram a ela novos horizontes – mas há sempre um preço a ser pago. As mudanças não foram apenas positivas, nem mesmo as conquistas chegaram para todos. As variadas formas de violência, de

injustiça, de descaso, de abandono dos sucessivos governos que alijaram e fizeram abortar os sonhos e os projetos de Modernidade, que nunca chegaram aos mais pobres.

As inúmeras formas de exclusão social de milhares de indivíduos no Brasil é o principal gerador de mortes pela via da violência, como veremos adiante. As mortes violentas atingem a todos, indiscriminadamente, no Brasil e na Grande Goiânia, mas meu estudo demonstrou, confirmando os dados das grandes agências de pesquisa sobre violência no país (MV e AV)<sup>10</sup>, que as maiores vítimas são justamente os indivíduos mais vulneráveis: os jovens pretos, pardos e pobres, além das mulheres.

Michel de Certeau descreveu a questão da morte do moribundo, que ainda em vida tem sua dignidade esmagada pela indiferença, pois o mesmo não é morto, nem tampouco vivo, aos olhos daqueles que ainda servem de geradores de riqueza.

Entre apodrecer na lata do lixo, fantasma subjacente à *struggle for life* generalizada no Ocidente, e morrer, existe a diferença da palavra que articula o desmoronamento do ter e as representações da pergunta: “O que é ser?” Pergunta “ociosa”. Falar que não diz mais nada, que possui apenas a perda de onde se forma o dizer. Entre a máquina que para ou estoura, e o ato de morrer, existe a possibilidade de dizê-lo. A possibilidade de morrer se joga nesse espaço intermediário.

Detendo-se no limiar da diferença entre estourar e morrer, o moribundo se vê impossibilitado de dizer esse nada que ele se torna, incapaz do ato que só produziria a sua pergunta (CERTEAU, 1994, p. 297).

Os condenados pelas mortes violentas no Brasil estão em situação correspondente, ou pior do que os moribundos descritos por Certeau. Tratados como lixo ou como máquinas que estouram, sem qualquer forma de dignidade para além de seu caráter utilitário. Mas grande parte não possui esse valor, nem mesmo quando estavam vivos. Eram tratados como dejetos em vida, sendo suas mortes – por muitos, comemoradas como solução vulgar do problema, afinal “*bandido bom é bandido morto*”. É evidente que o termo “bandido” é usado de forma indiscriminada – cabendo a qualquer um, principalmente se for negro e pobre.

Quando se aproxima a morte, o pessoal do hospital se retira. “Síndrome de fuga da parte dos médicos e das enfermeiras”. O afastamento é acompanhado de senhas cujo vocabulário coloca já o vivo na posição do morto: “Ele precisa descansar... Deixem o doente dormir”. É preciso que o moribundo fique calmo e descanse (CERTEAU, 1994, p. 293).

---

<sup>10</sup> Mapa da Violência e Atlas da Violência 2018.

O “pessoal do hospital”, aqueles que têm a função de lutar pela garantia da vida, dignificá-la, ou ao menos primar pelos princípios básicos da sobrevivência humana, não o fazem. O Estado Brasileiro vem sendo omissivo, por décadas, acerca da vida, em seu mais amplo sentido. Todavia, na Modernidade, a vida de muitos vale pouco, os números equivalem às estatísticas de guerras que assolam países no Oriente Médio ou na África, mas quem se importa com o dobrar dos sinos? “O pessoal do hospital” nunca enxergou as minorias que sobrevivem em “latas de lixo”. Essas vidas e mortes humanas – consideradas inferiores, participam do extrato da Modernidade que fracassou para os naturalizados na geografia canhestra dos invisíveis.

Grande parte dos adultos de hoje nasceram no século XX – a nomeada “Era dos Extremos”, por Eric Hobsbawm. Para ele, as gerações futuras conhecerão este período como o século dos grandiosos aniquilamentos da vida. Assolado por duas grandes guerras mundiais (Primeira Guerra – 1914-1918 e Segunda Guerra – 1939-1945) e pelo quase desaparecimento total da existência humana – pelas ameaças, ainda presentes, de explosões nucleares. Mas apesar desse horrendo espetáculo de carnificina brutal

a humanidade sobreviveu. Contudo, o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial, quando suas colunas ruíram. Não há como compreender o Breve Século XX sem ela. Ele foi marcado pela guerra. Viveu e pensou em termos de guerra mundial, mesmo quando os canhões se calavam e as bombas não explodiam. Sua história e, mais especificamente, a história de sua era inicial de colapso e catástrofe devem começar com a da guerra mundial de 31 anos (HOBSBAWM, 1995, p. 30).

Por quaisquer que sejam as razões, nunca uma morte evitável pode ser justificada, mesmo cabendo explicações dos fatos. As colheitas de almas realizadas pelo ceifador, durante o século XX, foram tenebrosas. Apesar dos avanços científicos, dos debates sobre bioética, dos desenvolvimentos das organizações internacionais (ONU, entre outras), das diversas organizações não governamentais (ONG's) espalhadas pelo mundo, das conquistas dos direitos civis, os números de mortes violentas continuam crescendo no Brasil e em muitos países “civilizados”.

Concordo com Hobsbawm, as colunas que davam sustentação ao processo civilizatório ruíram e continuam ruindo sobre as cabeças dos mais fragilizados. No olhar mais próximo da realidade levantada pela tese, as chamas de uma “guerra

civil” afetam dezenas de milhares de famílias neste país, todos os dias, onde o sol não debruça seus raios salutares. Este debate terá continuidade de forma transversal e por vezes direta, todavia é preciso – neste momento, debruçar sobre outros aspectos – para melhor compreender a teia que envolve a complexidade do tema proposto.

## 1.2 A MORTE COMO MUSA INSPIRADORA

As abelhas que fabricavam mel há cem mil anos, continuam a fabricá-lo da mesma forma. Não alteraram os meios pelos quais o mel é produzido, não promoveram levantes sociais, não lutaram por melhores condições de trabalho, enfim, não erigiram identidades que marcaram suas pegadas no tecido das memórias. Humanos, eis a única espécie que constitui e registra no cartório historiográfico as suas impressões digitais, as suas identidades. Todavia a capacidade de refletir e relacionar-se com o outro, o mundo e consigo fez do homem um ser único para o seu bem e, talvez, para o seu mal.

Nas palavras de Schopenhauer (2000), a tomada de consciência torna sombria a vida do homem, pois este começa a questionar a sua existência e a finitude da mesma. A morte deixa de ser um fenômeno apenas natural, ganhando status de força misteriosa, mágica, encantada e que passa a ser, de diferentes formas, em distintos períodos, simbolizada, ritualizada, mitificada e sacralizada. Esta força inexorável, inegociável é arremessada para o alto, torna-se desconhecida, obscura, temida, porém inspiradora ao ponto de ser a musa da religião, da filosofia e da ciência, como afirma Schopenhauer (2000, p. 59):

A morte é propriamente o gênio inspirador, ou a musa da filosofia, pelo que Sócrates a definiu como προετοιμασία για τον θάνατο [preparação para a morte]. Dificilmente se teria filosofado sem a morte. Por conseguinte, é justo que uma consideração especial sobre ela tenha um lugar aqui, no fecho do último, do mais sério e do mais importante de nossos livros.

Na metafísica da morte: sobre a morte e sua relação com a indestrutibilidade de nosso ser em si, o filósofo Arthur Schopenhauer (2000) expõe o campo da existência, separando o mundo do animal e a visão de mundo do homem. O animal não possui consciência sobre a morte, deste modo não se angustia, não sofre e,

portanto, não a teme. Porém o homem possui consciência da mesma, temendo-a profundamente. Mas da mesma forma que o pavor da morte é um grande mal, transformando a existência em um infundo transtorno, a natureza se encarrega de oferecer um

remédio ou, ao menos, uma compensação. Deste modo a mesma reflexão, que originou o conhecimento da morte, ajuda também nas concepções metafísicas consoladoras, das quais o animal não necessita, nem é capaz. Sobretudo para esse fim estão orientadas todas as religiões e sistemas filosóficos, que são, portanto, antes de tudo, o antídoto da certeza da morte, produzido pela razão reflexionante a partir de meios próprios. O grau, todavia, em que se atinge esse fim é bastante diverso, e com certeza uma religião ou filosofia capacitará o homem, muito mais do que outra, a encarar com um olhar tranquilo a face da morte (SCHOPENHAUER, 2000, p. 59-60).

O filósofo é categórico: a religião atribui sentido, concretude ao existir e acalenta a *paura* provocada pela consciência da morte. Como afirma Francisca Pereira Chaves, 38 anos, mãe de um garoto que morreu com três tiros, aos 19 anos, em confronto com a polícia.

(QA/Q3). Você acha que a religião atribui sentido à sua vida? Explique.  
Faz, muito sentido, dá muita força, porque primeiramente é Deus, né, depois são nossos pastores que vai dar força, nossos irmãos em Cristo, né. Então eu acredito. Senão fosse Ele, nós não taria aqui hoje com essa força que a gente tem, então com Deus é difícil, sem Ele é impossível.

É fundamental destacar essas duas afirmações da mãe: “*Com Deus é difícil, sem Ele é impossível*”. Observa-se a importância da fé, da crença na presença de Deus na vida dessa mãe. Na capacidade do sagrado em fomentar uma realidade mais concreta, estável, norteadora, no enfrentamento da experiência dolorosa dessa progenitora.

Em situação vulgar, cotidiana, o indivíduo, principalmente aquele que sobrevive em bairros pobres, vivencia cenários extremamente insólitos, em que a precarização da realidade sólida (BAUMAN, 2007) assola as relações familiares, comunitárias, interpessoais. Enfim, as vidas são ameaçadas, tencionadas ferozmente, por um cenário crítico. Desemprego, falta de perspectivas futuras, violência institucional, violência doméstica, violência urbana, tráfico de drogas, entre tantas outras formas de violência que arremessam o viver dessa mãe, em aspectos que Bauman chama de mundo líquido, como diz o autor:

A incerteza é o habitat natural da vida humana, ainda que a esperança de escapar da incerteza seja o motor das atividades humanas. Escapar das incertezas é o elemento fundamental mesmo que apenas tacitamente presumido, de todas e quais quer imagens compostas da felicidade. É por isso que a felicidade genuína e adequada e total sempre parece residir em algum lugar a frente. Tal como o horizonte, que recua quando se tenta chegar perto dele (Bauman, 2008, p. 37).

Concordo com Bauman sobre esse medo frente a falta de controle, de uma estabilidade regular da vida, mas é preciso reforçar que grande parte destas famílias, vítimas da violência letal, representa a parcela mais pobre do Brasil, segundo o Atlas da Violência, 2018 (AV). Deste modo, a incerteza descrita por Bauman é intensificada quando se trata de indivíduos/parentes de vítimas que sofreram violência letal.

O desejo de felicidade, o sonho de um futuro melhor são ameaçados e/ou destruídos por completo. A ameaça do descaminho (liquidez) provoca duas reações: o medo constante do amanhã que se aproxima velozmente e o anestesiamento (sociedade da analgesia), isto é, acreditar que a violência é uma ameaça externa, distante. A violência letal ocorre com o outro, nunca com a minha família. Retomaremos esse, fundamental, eixo temático mais adiante, pois é preciso estruturar, no momento, as bases teóricas da morte como musa inspiradora.

A morte é musa inspiradora não apenas da filosofia, como pensava Schopenhauer (2000), mas de todos os mecanismos de sustentação e atribuição de força e sentido para o viver. Schopenhauer cita seu cão *Atma* (alma), descrevendo dedutivamente que o mesmo guardava fresco em seu ser a ancestralidade de tantos outros cães, incluindo a de *Argus*, o fiel cão do grande herói heleno, Ulisses. Por conseguinte, somos o fruto de gerações passadas e as sementes de gerações vindouras, que vencerão, por nós, a nossa morte.

Deste modo, não há morte absoluta, o que há é a morte do corpo, porém seu “espírito”, sua vivência, sua experiência, sua geração viverá em outras gerações que ainda estão por vir. Podemos refletir que todos os gregos, contemporâneos do implacável guerreiro Aquiles, juntamente com ele, estão mortos, mas vivem frescos, suaves e profundos nas raízes e nos troncos rijos e sólidos de nossos dias.

Diante de dois caminhos inversamente proporcionais, Aquiles teve que escolher entre não ir para a Guerra contra *Ιλιον* [*Τρωικός Πόλεμος*, Guerra de Tróia], ou ir e combater ombro a ombro com seus irmãos helenos. Se optasse por

não ir, sua vida seria longa, cercada de tranquilidade e ternura. Teria filhos, netos, bisnetos, porém o tempo tal qual o crocodilo de Peter Pan, devoraria seus dias, dando-lhe a velhice em uma morte lenta. Seus filhos também seriam varridos pelo aspirar das memórias, seus bisnetos teriam uma visão turva do bisavô, os tataranetos não possuiriam a mínima noção de quem fora Aquiles. Este estaria morto, definitivamente sepultado no esquecimento.

Mas sua escolha seguiu outro viés, Aquiles abraçou a guerra inesquecível, como um amante sedento, batalhou combates memoráveis, foi o mais destemido dos guerreiros, fez do campo de batalha a sua escrita de sangue. Morreu jovem, porém milênios se passaram e Aquiles se mantém vivo tal qual um deus. Lembra-nos Werner Jaeger (1989, p. 50), "*A Ilíada deve à trágica figura de Aquiles o não ser para nós um venerável manuscrito do espírito guerreiro primitivo, mas sim um monumento imortal para o conhecimento da vida e da dor humana*".

Para os gregos clássicos, a única forma de alcançar a imortalidade era ser tocado por um deus. A presença de uma divindade na vida de um mortal se fazia notar na medida em que este se destacava em algum campo. Sendo na política, nas artes, na guerra, na filosofia, na *poiesis*. Por esta razão, figuras como Sólon, Péricles, Clístenes, Sófocles, Aristófanes, Aquiles, Ulisses, Heitor, Sócrates, Platão e Aristóteles, estão indubitavelmente vivos, edificando e forjando as gerações que seguiram firmes nos ombros desses gigantes imortais.

Contribuindo com este raciocínio, Martin Heidegger (2012), no cerne de sua obra *Ser e Tempo*, nos coloca uma aporia: de que maneira identificar o *dasein* daquele que morreu? Como conceber o Ser-aí, o Ser-aí-no-mundo, diante da inexorabilidade, da factualidade da morte, do ser que deixou de ser? O ser do homem não consiste em uma presença simplesmente material no mundo, mas de um Ser-aí (*Dasein*).

O morto é aquele que não se encontra, é o ausente, deste modo, como pode ser concebido com *dasein*? Mas a própria existência do *dasein* é a existência para a morte (Ser-para-a-morte). A morte é a concretização da existência, segundo o pensador. Deste modo, a morte não cessa o estado de ser-aí-no-mundo, o *dasein* não passa a ser um simples objeto, um corpo sem existência, pois isso seria impossível. Afirma Heidegger:

Em tal ser-com com o morto, o finado ele mesmo já não é factualmente "aí". Contudo, o ser-com significa sempre ser-com-um-outro no mesmo mundo.

O finado abandonou e deixou para trás o nosso “mundo”. A partir desse mundo, os que ficam ainda podem ser com ele. (HEIDEGGER, 2012, p. 661).

É notório que o morto esteja morto, que a sua presença em seu velório seja a sua ausência, porém o ausente é presente nas lembranças, nas memórias dos, ainda, vivos. A identidade do ser não desaparece com a sua morte, sua identidade permanece viva na vida de todos aqueles que compartilharam da sua existência. O ser-no-mundo é o ser-no-e-com-o-outro. Mesmo querendo, mesmo forçando a eliminação do outro, não há como o ser deixar de ser, pois ele é o que sempre foi: no-mundo e eternamente, no-outro.

Por meio de outras lentes, o filósofo Paul Ricoeur (2012) em sua obra *Vivo até a morte*, debruça sobre suas reflexões diante da morte do outro que alerta para a morte de si. O momento do luto, ou da assistência ao moribundo força o imaginário a ouvir o chamado da morte que lança seus dedos descarnados na direção dos vivos, fazendo-os pensar: “*qual será o próximo?*”. Ricoeur promove uma análise instigante sobre o sentido da ressurreição ao classificá-la em duas: uma ressurreição horizontal, em que as memórias, as vivências do morto passam a existir nas lembranças e, principalmente, o morto se torna vivo mediante a transmissão, recepção e substituição das palavras do falecido, que passa a viver transmutado nos vivos; e uma ressurreição vertical em que um deus suficientemente poderoso é capaz de recapitular toda a vivência do morto no seu momento presente, fazendo-o ressuscitar. O dia de finados é para Ricoeur um momento ímpar para observar que o morto não parte totalmente, ele vive e sua identidade permanece, mesmo que de forma alterada, nos vivos.

O dia de Finados. O lugar da sepultura, entre os critérios de humanidade, ao lado da ferramenta, da linguagem, da norma moral e social, atesta a antiguidade e a persistência deste fato certo [?]: não nos desfazemos dos mortos, nunca nos livramos deles. (RICOEUR, 2012, p.8).

Seria interessante uma conversa entre Paul Ricoeur e Manuel Bandeira, poeta que trabalhou por demasia o tema da morte. Em um de seus poemas, Bandeira diz que se morre de inúmeras formas. Morre-se no corpo, na finitude da matéria, restando apenas um nome na lápide, uma lembrança turva do morto, para os vivos. Morrer-se no nome, quando se deixa apenas o nome, sem a delicada conexão com o ser que carregava o nome. No momento em que alguém passa e lê

na lápide o nome de quem foi, certa vez, um homem. Ao ler o nome o leitor se questiona: quem foi? Porém, morre-se mais profundamente, aquele que morre sem ao menos deixar um nome.

Retomando as considerações de Ricoeur, sobre o dia de finados e o lugar das sepulturas como forma de preservação dos laços que unem vivos e mortos. Cultuá-los, guardar as suas lembranças, preservar as suas memórias é sem sombra de dúvidas um dos mais significativos critérios de humanidade, de civilidade. Jean Delumeau destaca Philippe Ariès, sobre a importância do cristianismo como religião que aproxima os vivos dos mortos. *“Philippe Ariès insistiu justamente no fato de que o cristianismo aproximou os mortos dos vivos, enquanto a Antiguidade greco-romana os afastava uns dos outros, banindo os mortos para fora das zonas habitadas”*. (DELUMEAU, 2003, p. 493).

As práticas cristãs relacionadas com a manutenção das relações entre os vivos e os mortos tiveram seus posicionamentos estruturados desde o princípio do cristianismo, como reforça Delumeau (2003, 492):

Durante os primeiros séculos cristãos, a solidariedade e a assistência mútua entre os fiéis mortos e vivos foram sublinhadas principalmente por Orígenes e Basílio de Cesaréia. Segundo o primeiro, às preces da terra juntam-se as do céu. As almas dos mortos misturam-se às assembleias litúrgicas dos cristãos. Os santos do paraíso combatem por e com os vivos. A alegoria dos eleitos só será completa quando da reunião definitiva de todos na glória eterna. Basílio retoma os mesmos temas. As preces recíprocas dos mortos e dos vivos aparecem-lhes como uma necessidade. Essa troca, o corpo do Cristo.

A teologia cristã é fortemente alicerçada na promessa de continuidade da vida, de vida eterna, de manutenção dos laços, das relações construídas em vida. Mortos e vivos são parceiros na fé, irmanados na eternidade e no amor de Cristo. Sobre o paraíso *“a fé cristã designa não um lugar, mas um futuro além da morte ou, mais precisamente, além da ressurreição”*. A existência do paraíso não indica que o homem é imortal, *“mas que os mortos, ao chamado de Deus que os toma pela mão, saem do buraco negro da morte”*. (Idem, p. 508). As palavras de Delumeau ganham vida na forte expressão de Maria José (Mãe): *“Meu filho morreu, mas tá junto de Deus”*.

É certo que a morte é um processo tão natural quanto o nascimento, deste modo, a perpetuação da vida, o não morrer – a extensão do existir contínuo provocaria o colapso e a destruição da própria existência. Mas, invariavelmente, a

vida não morrer, ela se perpetua na renovação de cada ser, de cada espécie, de cada novo indivíduo que dá seus primeiros passos na face da Terra. Os indivíduos morrem, mas a vida vive em seu fluir constante, nos movimentos eternos e sistêmicos inerentes à própria complexidade da vida.

Não obstante a perpetuação da vida em si, a morte dos indivíduos segue sua trajetória, mas – como afirmado anteriormente, a morte respondendo ao chamado da natureza não é um problema em si. O grandioso problema consiste nas mortes que poderiam ser evitadas e não são. As mortes provocadas por ações violentas de terceiros ou da própria violência autoinfligida.

É natural e saudável que a vida viva, que as espécies cumpram suas atribuições biológicas, além de outras tantas, inseridas no cotidiano dos considerados seres humanos. Portanto há de se observar que os mais simples seres vivos irão lutar para sobreviver – são programados para se manterem vivos. Dessa forma, a morte natural é um convite para o equilíbrio da existência, porém as mortes provocadas pela rota da violência – fora dos limites da vida – são suscitadoras de prejuízos inúmeros.

Intensionando abordar o imbróglio das mortes violentas, se faz necessário compreender os debates embrionários sobre a questão do mal, visto que as mortes provocadas por causas naturais ou agressivas são associadas, na contemporaneidade brasileira, comumente, ao mal (negatividade). Tomo, para este propósito, o mal como um aspecto negativo, provocador de dor e sofrimento, perdas, desalentos, descaminhos, isto é, tudo aquilo que arremessa o indivíduo contra uma parede inexorável de aflições. Abaixo lanço mão de uma lupa reflexiva para observar, mais de perto, dois cenários que se intercalam: a teodiceia e as mortes violentas.

### 1.3 AS TEODICEIAS E AS RAZÕES DO MAL

(QA/Q11) Em sua opinião, por que coisas ruins acontecem com as pessoas?

Porque as próprias pessoas procuram primeiramente, porque se as pessoas não procurassem, fizesse tudo certo, nem se fosse tudo certo né, fosse um pouco, ir no caminho de Deus, não aconteceria tanta coisa ruim, igual tá acontecendo dentro desse Brasil nosso, nesse mundo. Porque você liga a TV e só vê desgraça, então se as pessoas fossem um pouco mais humilde,

tivesse mais amor no coração, o mundo seria muito melhor do que é, vamos ser realista. (Francisca da Silva Maciel, 38 anos – irmã).

A fala da entrevistada, exposta acima, revela de antemão – uma resposta conclusiva de Leibniz (2013), acerca da teodiceia, isto é, sobre a questão da justiça de Deus, frente ao mundo repleto de injustiças e violências, na figura do mal encarnado. O livre-arbítrio expresso na resposta, motivada pela pergunta “Em sua opinião, por que coisas ruins acontecem com as pessoas?”, traça a dinâmica dicotômica do bem e do mal nas ações humanas, pois de acordo com Leibniz e a entrevistada, cada qual determina seu destino.

Todavia devemos, antes de concluir o dilema da teodiceia, explorada por Leibniz, percorrer o motor inicial, expor os questionamentos centrais, partir para a defesa de Deus e, por fim, responsabilizar o homem e o meio social por suas ações.

Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) publicou o Ensaio de Teodiceia – sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a origem do mal no ano de 1710. Segundo o filósofo, a Teodiceia “é como uma espécie de ciência, [...] doutrina da justiça de Deus, isto é, tanto de sua sabedoria quanto de sua bondade” (LEIBNIZ, 2013, p. 11). Deste modo, a Teodiceia aborda as vias pelas quais a humanidade deve observar e assimilar as características divinas de perfeição, bondade e justiça (Deus é onibenevolente, onipotente, oniciente e onipresente). Porém é justamente nas características perfeitas de Deus que reside o paradoxo da Teodiceia.

A contradição consiste em tentar compreender os arcabouços teológicos e filosóficos das categorias de um deus judaico-cristão que é o bem – a bondade, a justiça e a vida, frente a possibilidade real da existência do seu opositor, que fomenta e provoca o mal, a injustiça e a morte. A inquietude provocada por este pensamento pode atormentar a existência daqueles que comungam da fé em um deus-Pai, deus-Amor, deus-Justiça e Poder, que, pela lógica natural, deveria proteger seus filhos das dores e dos sofrimentos do mundo.

De acordo com Leibniz, o deus judaico-cristão concebeu o melhor dos mundos possíveis, deste modo o mesmo determina a edificação, voluntária, do melhor mundo, pois não seria possível a escolha contrária – sendo que, Deus é perfeito. Ainda sim o filósofo não descarta a ação do mal nas condutas humanas, porém este, o mal, é tomado, por Leibniz, como uma privação do ser, uma

deficiência que nega a perfeição do mundo criado por Deus. Mas o homem não tende ao mal, e sim, ao bem, pois é uma criatura de Deus.

Porém tender não consiste em ser bom, pois se o fosse, em sua totalidade, não poderia ser humano, pelo contrário, seria divindade. Destarte a mesma inclinação que conduz o homem para o bem poderá conduzi-lo para o mal. Destacando que essas forças não são externas ao homem, mas internas – fazendo parte das deliberações individuais, de sua consciência moral. Leibniz reforça o argumento da liberdade humana afirmando que:

Deus criou o homem à sua imagem (Gn 1: 20); ele o fez reto (Ec 7: 29); mas também o fez livre. O homem usou mal disso, ele caiu; mas depois da queda resta sempre uma certa liberdade. Moisés diz da parte de Deus: “Eu tomo hoje por testemunha os céus e a terra contra vós, que eu já coloquei à tua frente a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe então a vida (Dt 30: 19). Portanto, disse o Eterno, eu coloco diante de vós o caminho da vida e o caminho da morte (Jr 21:8). Ele abandonou o homem ao poder do seu conselho, dando suas ordens e seus mandamentos; se quiseres, conservarás os mandamentos (ou eles te conservarão). Ele colocou diante de ti o fogo e a água para que estenda a tua mão para onde quiseres (Ec 15:14, 15, 16)”. O homem caído e não regenerado está sob o domínio do pecado de Satanás, porque ele aí se deleita; devido a sua má concupiscência, ele é escravo voluntariamente. Desse modo, o livre-arbítrio (franc arbitre) e o arbítrio servil (serf) são uma mesma coisa. (LEIBNIZ, 2017, p. 330 e 331).

No oráculo de Delfos estava grafada a seguinte frase: “*Conheça-te a ti mesmo*”. O ato de conhecer o próprio eu é um ato de conscientizar-se, enxergar a natureza do próprio ser; tomar consciência do ser em si. O sair da caverna da ignorância, aventada por Platão (1990), no Livro Sétimo da República. Rasgar a venda que cobre os olhos, findar os impedimentos que atravancam a realidade do ser no mundo, no outro e consigo mesmo, é um grandioso desafio.

O filósofo Aristóteles (1979) debateu sobre os vícios e as virtudes, afirmando que a natureza dos vícios pressupõe a falta e o excesso e que a virtude reside na excelência moral, isto é, no meio termo. Todavia para alcançar a virtude é necessário deliberação, consciência de si e do fundamental papel que a espécie humana ocupa no mundo e nas relações com outrem. O vício, que é o distanciamento da virtude, promove o mal pela falta e pelo excesso. Exemplos claros podem ser dimensionados na falta de ética ou no excesso de confiança, que leva ao comportamento temeroso. Porém agir em conformidade com a consciência moral não é uma tarefa simples, como alerta Aristóteles (1985, p. 227):

Por isto, ser bom não é um intento fácil, pois em tudo não é um intento fácil determinar o meio - por exemplo, determinar o meio de um círculo não é para qualquer pessoa, mas para os que sabem; da mesma forma, todos podem encolerizar-se, pois isto é fácil, ou dar ou gastar dinheiro; mas proceder assim em relação a certa pessoa, até o ponto certo, no momento certo, pelo motivo certo e da maneira certa, não é para qualquer um, nem é fácil; portanto, agir bem é raro, louvável e nobilitante. Quem visa o meio termo deve primeiro evitar o extremo mais contrário a ele, de conformidade com a advertência de Calipso: 'Mantém a nau distante desta espuma e turbilhão.

Evidenciando que a virtude é promotora do bem, da justiça, do amor e que o vício é o desencadeador do mal, da injustiça e do ódio – ou seja, da destruição da vida. Deste modo, a consciência moral é a edificação de tudo que é verdadeiro e bom. A medida certa, a luz que ilumina os corações, o sal que tempera as vidas e atribui sabor às relações humanas.

Agostinho (1980) observa a vida moral como fundamento para uma vida feliz, porém não é possível ser plenamente realizado e feliz sem o conhecimento da Verdade que é o próprio Deus. A *Lex Aeterna*, essa sabedoria que é iluminada pelo Pai, aos homens de boa fé, são informações inatas da racionalidade eterna que regulam os atos da vontade. A lei eterna se revela no Antigo e no Novo Testamento – Deus se faz conhecer para que o homem se nutra da Sabedoria Divina e possa fazer Dela a sua consciência moral. Além da revelação da *Lex Aeterna*, via Livro Sagrado, Deus comunica aos humanos, em seus cotidianos – orientando ao caminho do bem, evitando o mal.

Os argumentos de Aristóteles e Agostinho são fundamentais para problematizar dados da tese, visto que há duas evidências nos argumentos dos pensadores. A primeira consiste em saber que errar é fácil, sendo assim qualquer um é capaz de cometer erros, de praticar vícios ou ações terrivelmente nefastas. A segunda diz respeito à virtude/consciência moral. Em oposição à primeira, acertar não é fácil, não é um processo natural, é necessário esforço, deliberação, tomada de consciência. Agostinho tonifica o papel da fé em Deus para alcançar a finalidade do bem, isto é, a prática do bem. Não obstante é preciso destacar que a prática da virtude ou do vício não pode ser respondida tão facilmente, como se o homem fosse o único responsável por suas ações. Complexidades outras serão aventadas, problematizadas e debatidas no transcorrer do texto.

Sobre (QF/Q1) "Você crê em Deus?" Todos os entrevistados responderam afirmativamente, mas essa resposta era quase certa, principalmente devido ao

caráter naturalmente traumático vivenciado pelos familiares. Mas (QF/Q8) "Você crê que o ser humano é livre para escolher fazer o bem ou fazer o mal?" chamou atenção, pois todos responderam que sim. Estes dados se tornam mais evidenciados pelo fato de a pesquisa ter levantado dezenove homicídios, sendo seis provocados por confrontos com a polícia, onze resultantes de acertos de contas e dois feminicídios; quatro mortes em transportes terrestres e dois suicídios.

Despertado por Hume, de seu sonho dogmático, Kant (1994) estabelece o humano no protagonismo da sua própria existência no mundo. O filósofo é motivado a edificar quatro questões fundamentais que constituíram as bases de sua filosofia. Primeira Questão: *"O que posso saber?" Segunda Questão: O que devo fazer? Terceira Questão: O que me é permitido esperar? E por fim a Quarta e mais fundamental Questão: O que é o homem?"*. A Metafísica se conecta com a primeira questão; A Moral é o lugar da segunda questão; A Religião é o berço da terceira questão e o Homem, isto é, a Antropologia se inscreve na quarta e mais importante questão. A última questão se destaca, pois aborda uma figura que sem a qual não poderia ser realizadas as três primeiras questões. Sem a presença do *antropos* seria impossível questionar acerca da metafísica, da moral, da religião, do certo ou do errado, da virtude ou do vício, da escolha entre o bem e o mal.

A partir do questionamento sobre o homem se desencadeia outros questionamentos. Com a metafísica se estabelecem as possibilidades e os limites do conhecimento. O dever fazer e o não dever fazer edificam os pressupostos da moral. Na religião é importante destacar uma importante contribuição de Simmel (1992, p. 13):

As relações dos seres humanos entre si, originadas dos interesses os mais variados, suportadas por forças as mais contraditórias, vazadas nas formas as mais diversas, são exitosas mesmo no estado de agregação, cuja autonomização e relação a uma essência que permanece exterior denominamos religião – na medida em que se torna abstrata e ao mesmo tempo concreta, pois a força com que a religião retroage sobre aquelas relações repousa justamente nesse desenvolvimento dúplice. A velha representação, segundo a qual deus seria o absoluto, enquanto todo o humano seria relativo, ganha aqui um novo sentido: são as relações entre os seres humanos que encontram sua expressão substancial e ideal na representação do divino. (...) A religião, Omo realidade anímica, também não é uma coisa pronta, uma substância sólida, mas sim um processo vivo que, apesar de toda a estabilidade dos conteúdos legados, cada alma e cada instante precisam produzir; justamente nessa exigência de colocar o que está religiosamente dado no fluxo contínuo do sentimento, cujos movimentos devem ser constantemente reformulados, do mesmo modo

como as gotas d'água, em constante movimento, ainda assim produzem a imagem fixa do arco-íris – nisso reside a força e a profundidade da religião.

“*O homem como medida de todas as coisas*”, aludindo a Protágoras de Abdera (490 a.C. – 415 a.C.), tenta responder a uma das mais complexas questões: o que é o homem? Sendo que as demais questões partem justamente daquele que é o sujeito da última questão. “*To be or not to be, that is the question*”<sup>11</sup>. O intrincado questionamento de William Shakespeare, (1564 – 1616) expõe a natureza humana em sua característica mais marcante: a possibilidade de ser ou não ser! Nenhuma outra espécie se questiona sobre sua existência, sobre sua condição de existir. Os pássaros não são livres para decidirem se devem voar ou caminhar; o leão não acorda em uma bela manhã, em meio a uma crise existencial, e decide não mais se alimentar de carne. O único ser indubitavelmente livre para ponderar sobre sua existência é o ser humano.

Contudo, o cálculo não é tão simples assim! Retomando a questão inicial (Em sua opinião, por que coisas ruins acontecem com as pessoas?), é preciso ponderar sobre as temeridades e as alegrias inerentes a capacidade humana de tomar decisões, mudar o curso de sua vida, ser ou não ser. É fato que o humano é mais livre do que as outras espécies, mas essa liberdade é limitada por inúmeros fatores<sup>12</sup>, que certamente influenciam nas “coisas boas e ruins”.

As questões kantianas funcionariam bem nas diretrizes computacionais, o melhor dos mundos de Leibniz alude ao mundo das ideias de Platão, ou ao Jardim do Éden, todavia, a vida, ela mesma é repleta de incertezas, de conjecturas sempre abertas para novas mudanças. O imponderável-viver não permite responder por qual razão “coisas ruins” (o mal) acontecem com as pessoas.

Na tentativa de enfrentamento teórico e vivencial do problema do mal, se faz relevante observar frontalmente as representações, o medo, o imaginário e as causas do mal. Não obstante essa tarefa desemboca nas nervuras complexas da cruel realidade relatada no transcorrer da pesquisa de campo, em que a factualidade arremessa todas as gentes contra o muro inexorável do mal em sua máxima concretude. Mal este realizado, por definição, pelo homem.

---

<sup>11</sup> “Ser ou não ser, essa é a questão”.

<sup>12</sup> Geografia, contexto histórico, cultura, políticas públicas, econômica, renda familiar, estruturas emocionais, entre outros. (Grifo meu).

## 1.4 A EDIFICAÇÃO DO MEDO E DO MAL

O medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivo claro; quando nos assombra sem que haja uma explicação visível, quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em lugar algum se pode vê-la. (BAUMAN, 2008, p. 8).

As representações do mal são modificadas na medida em que os sujeitos se relacionam com os arcabouços culturais, religiosos, sociais, políticos e econômicos, sem mencionar as alterações violentas provocadas por epidemias, catástrofes, conflitos, guerras e outras calamidades. Deste modo, as representações são cambiantes, sofrem mudanças, grandes ou pequenas, invariavelmente, de acordo com a dinâmica que cada cultura possa vir a se deparar.

No transcorrer do largo e vultoso medievo europeu, as representações do mal se mostraram de formas variadas. O ar denso, desse período, estava tomado da crença em um mal transfigurado de transcendência. No cotidiano imaginativo dos indivíduos pairavam legiões malignas, lançando tentações – desejos concupiscíveis, com a finalidade de induzir as pobres almas para as mais aterrorizantes danações.

De acordo com Jacques Le Goff (1994), as descrições sobre as tenebrosas viagens ao desconhecido eram diversas, sendo que, as aventuras para o *nebuloso inferno* eram as que mais provocavam pavor e pânico. A religiosidade popular, que quase sempre esteve em conflito com a religiosidade oficial, lançava o tempero que coloria a imagética dos indivíduos. Apesar das perseguições aos hereges e bruxas, o cenário multicolorido desse período sobreviveu, mesmo que ressemantizado pelas imposições oficiais – como destaca Le Goff:

Até ao século VII, a vontade da Igreja de destruir ou ocultar a cultura folclórica – por ela assimilada ao paganismo – fez praticamente desaparecer as viagens ao Além. Só alguns farrapos do outro mundo escaparam em certos Diálogos de Gregório Magno. Do século VII até ao século X, viveu-se a grande época das visões do Além. Correspondia ela ao Grande movimento do monarquismo e à filtragem, pela cultura monástica, dos elementos populares ressurgentes (1994, p. 142).

Além da oficialidade, sempre lançando seus tentáculos centralizadores, era de responsabilidade cotidiana de o vulgo combater as tentações lançadas contra a sua alma e, evidentemente, de garantir a sua salvação eterna. Mesmo com inúmeros esforços, a rota mais ordinária de o mal adentrar na existência do sujeito

era por meio de seu vulnerável corpo. As múltiplas formas de doenças e infecções corpóreas, as variadas tentações da carne, entre elas: a gula e a luxúria levavam a ruína àqueles que acreditavam nessas representações. Mas a alma, similarmente, era atacada: a ira, a soberba, a inveja, a avareza e a preguiça, que afetava inclusive o corpo, minavam qualquer oportunidade de salvação.

Sobre o poder e a influência do imaginário e da formação das representações, afirma Vigotski, (2011, p. 28-29):

Esses produtos da imaginação passaram por uma longa história, que, talvez, deva ser breve e esquematicamente delineada. [...] Os elementos de que são construídos foram hauridos da realidade pela pessoa. Internamente, em seu pensamento, foram submetidos a uma complexa reelaboração, transformando-se em produto da imaginação. Finalmente, ao se encarnarem, retornam à realidade, mas já como uma nova força ativa que a modifica. Assim é o círculo completo da atividade criativa da imaginação.

Independentemente do expansionismo científico marcado pela Idade Moderna, mas que se desenvolveu desde a Baixa Idade Média; no bojo das revelações de novos mundos – frutos das viagens ultramarinas, que apresentaram, aos olhares soberbos, um novo continente (América); além da renovada visão renascentista que colocou o homem no centro das decisões e edificações políticas (Maquiavel), científicas (Copérnico e Galileu), artísticas (Leonardo, Michelangelo e Cervantes). Apesar desses avanços racionalistas de mundo, o Mundo não deixou de ser repleto de encantamentos.

As misteriosas transcendências assombravam o imaginário do homem europeu. Relatos fantásticos preenchiam as mentes, monstros marinhos gigantescos ilustravam os mapas do período moderno. Fantasmas, anjos, sereias, demônios terríveis, entre outras tantas criaturas habitavam livres o terreno fecundo das imaginações. Como afirma Foucault (2007, p. 6) – se referindo ao provocativo texto de Borges:

Que coisa, pois, é impossível pensar, e de que impossibilidade se trata? A cada uma destas singulares rubricas [pág. IX] podemos dar um sentido preciso e um conteúdo determinável; algumas envolvem realmente seres fantásticos — animais fabulosos ou sereias; mas, justamente em lhes conferindo um lugar à parte, a enciclopédia chinesa localiza seus poderes de contágio; distingue com cuidado os animais bem reais (que se agitam como loucos ou que acabam de quebrar a bilha) e aqueles que só têm lugar no imaginário. As perigosas misturas são conjuradas, insígnias e fábulas reencontram seu alto posto; nenhum anfíbio inconcebível, nenhuma asa

arranhada, nenhuma pele escamosa, nada dessas faces polimorfos e demoníacas, nenhum hálito em chamas. Ali, a monstrosidade não altera nenhum corpo real, em nada modifica o bestiário da imaginação;

Estes dois universos, realidade e imaginário são igualmente legítimos, pois residem com a mesma forma e seriedade nas concepções daqueles que creem. Anteriormente do seu desbravamento, o Oceano Atlântico era nomeado de Mar Tenebroso. Cristóvão Colombo ficou desapontado por não vislumbrar nenhum monstro marinho em suas viagens para o Novo Mundo. O pavor e o medo do mal eram maiores que a alegria fomentada pela conquista.

O Atlântico passará a ocupar papel análogo no imaginário do europeu quatrocentista – reduto derradeiro das humanidades monstruosas, do Paraíso Terreal, do Reino do Preste João, talvez – como diz frei Vicente do Salvador – reino do próprio demo, que, aqui, travará combate encarniçado contra a Cruz e seus cavaleiros. O maravilhoso estaria fadado a ocupar sempre as fímbrias do mundo conhecido pelos ocidentais: o mundo colonial americano seria, pois, a sua última fronteira (SOUZA, 1999, p. 26).

Esse olhar maniqueísta lançado sobre o desconhecido é comumente natural. A Terra dos Papagaios/Brasil transpõe, nos dias atuais, após mais de quinhentos anos de história civilizacional, as nervuras dos imaginários que fomentavam as representações europeias. A Terra de Pindorama se edificou paradoxalmente, de um lado o Paraíso Perdido, a Terra sem Males, o país do futuro e das oportunidades, de outro lado o quinto dos infernos, a terra dos esquecidos, dos degredados filhos de Eva.

A dualidade persiste e insiste em sobreviver na esperança de dias melhores, no sonho messiânico, no salvador da pátria. Pois quanto maior a dor e o sofrimento, mais cresce a esperança de arrebatamento social por mãos salvadoras que prometem suplantar o mal encarnado na corrupção, no desemprego, na fome, nas inúmeras formas de violência, na exclusão, enfim, no grande abismo social de um país rico, porém muito pobre. No contexto atual brasileiro as representações não são as mesmas dos séculos anteriores, como foram mencionadas acima, as representações são cambiantes. Dessa forma, o imaginário sobre o mal e o medo do mal se alterou, mas continua assombrando a vida de milhões de brasileiros, principalmente os economicamente menos favorecidos.

O medo da morte reside justamente no fato de ser a morte o fim, a perda inegociável, o adeus definitivo. Ter o nome em uma lápide, escrever um epitáfio,

deixar um legado, participar e existir nas memórias são formas de não morrer, de persistir na existência. Sobre o medo e a luta para escamotear a morte, diz Delumeau:

No entanto o medo é ambíguo. Inerente à nossa natureza, é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente à morte. (DELUMEAU, 2003, p. 19).

Jean Delumeau, em sua clássica obra: *O pecado e o medo – a culpabilização no Ocidente*, afirma que o medo é uma das mais fortes paixões humanas, uma paixão que para muitos é desprezível, mas não é possível negar que, indiferentemente à época, à cultura, à sociedade ou à crença, o ser humano sempre temeu o conhecido (sagrado) e principalmente o desconhecido (profano). Vários mecanismos foram desenvolvidos para, de alguma forma, apaziguar, dominar, acalmar os raios e trovões, as secas periódicas, o ataque de pragas, ou de inimigos humanos, enfim, as diversas ameaças que assombravam o cotidiano desses indivíduos.

Ter medo é, em certa medida, uma forma de relação com o mundo de descobertas e conquistas, uma maneira de o homem conviver da melhor forma possível com o natural e o sobrenatural. Dentre os medos, o maior é o medo da morte. Por essa razão o autor afirma a necessidade premente do confessor, pois “*a única coisa que conta, afinal, é o amanhã e o além da morte*” (Idem, pág. 13, 2003). Para o historiador, essa visão de mundo provocou duas consequências notáveis da, que ele chamou de, neurose de culpabilidade na sociedade católica medieval: o dolorismo e a “*doença do escrúpulo*”. Essa visão seccionada culminava em dois caminhos: o da salvação após a morte, ou a perdição eterna. Não havia outras vias, restava para o crente enfrentar a dor da culpa antes da morte, arrepender-se e ser salvo, ou morrer, para sempre, após a morte. Como está escrito em Romanos 6, 23: “*Porque o salário do pecado é a morte, enquanto o dom de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor*”.

São várias as paixões humanas, todavia o medo é uma das mais acentuadas, pois pode petrificar ou despertar no indivíduo a ação para combatê-lo. Segundo Bauman (2009, p. 16), “*Poderíamos dizer que a insegurança moderna, em suas várias manifestações, é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos. Suspeitamos dos outros e de suas intenções*”. Por essa e outras razões, o medo

precisa ser negociado, trazido para uma realidade mais palatável de “*certezas reais*”, como afirma Friedrich Nietzsche (2000, p. 46):

Reconduzir algo desconhecido a algo conhecido alivia, tranquiliza, satisfaz e dá, além disso, um sentimento de potência. Junto com o desconhecido é dado o perigo, a inquietude, a preocupação - o primeiro instinto aponta para a eliminação destes estados penosos. Primeiro Princípio: qualquer explicação é melhor do que explicação nenhuma. Porque no fundo se trata apenas de querer livrar-se de representações angustiantes, não se considera com a exatidão necessária os meios de produzir um tal movimento. A primeira representação, com a qual o desconhecido se explica como conhecido, faz tão bem que se a "toma por verdadeira". Prova do prazer ("da força") como critério de verdade. O impulso causal está assim condicionado e provocado pelo sentimento de medo.

O medo é um mecanismo de defesa, mas é considerado pelo vulgo como o contrário de coragem. Deste modo, há certo desprezo por essa paixão, mas não há como negar que, invariavelmente à época, à cultura, às crenças, à sociedade, o humano sempre teve *paura* pelo conhecido e, de forma mais seriamente profunda, pelo desconhecido.

O medievo possuía dois medos básicos que se atrelavam ao seu cotidiano: o medo de ameaças externas – invasões/ataques bárbaros. Para essa finalidade havia os *bellatores* – nobres que lutavam contra os inimigos de carne e osso; o medo de doenças, epidemias que geralmente custava a vida de milhões de indivíduos, principalmente devido à profunda falta de conhecimento. Para essa finalidade era comum a atuação dos *oratores* – clérigos que combatiam o mal metafísico pela força das orações.

Habitava na mente dessas pessoas um imaginário limitado pela geografia, pelo espaço circunscrito do feudo. O isolamento, a dor e o sofrimento que a vida impunha, mesmo aos nobres, contribuíram para que esse imaginário fosse fertilizado por um mundo mágico, encantado, repleto de anjos e demônios. As representações desse imaginário ultrapassam os limites da imanência, se direcionando para uma abordagem transcendente. O medo é desnaturalizado, tornando-se medos metafísicos, demonstrações de que a humanidade possui características peculiares que ultrapassam a barreira do simples empirismo e racionalismo. Estou destacando a força e o poder da imaginação, incluindo a forma como os indivíduos, edificaram a imagem da morte no ocidente.

As dores e os sofrimentos ainda são mensurados como forças desconhecidas, males metafísicos que assombram o cotidiano dos indivíduos.

Agentes provocadores de mortes violentas, como alude o depoimento, sobre (QA/Q9) "Você acha que Deus ou algum espírito maligno teve algo a ver com a morte de seu familiar? Justifique". A resposta de Maria Aparecida de Jesus, mãe de 41 anos, que teve que reconhecer e retirar o corpo do filho morto, em um domingo marcado pelo dia das mães foi:

Eu acho que alguma coisa maligna na vida dele, eu acho, pra ele ser do jeito que ele era. Ele era um bom menino, carinhoso, companheiro. Ele tinha muito carinho por mim e pela vó dele, mas ele ficava estranho de uma hora para outra. Ele ficava estranho e sumia com as amizades. Eu sei, alguma coisa puxava ele, alguma coisa do mal (MARIA APARECIDA, Mãe).

Este jovem de 24 anos, de acordo com conversa informal com a mãe e com os agentes da segurança pública, que confirmaram o envolvido do mesmo com o tráfico de drogas, teve várias passagens pelas instituições governamentais de reeducação. Essa previsível caminhada teve início aos tenros doze anos de idade e se findou tragicamente doze anos depois.

A morte violenta deste rapaz, que deixou mulher e duas filhas, soma às frias estatísticas e corrobora com as recentes pesquisas sobre violência no Brasil (Mapa da Violência [MV] e Atlas da Violência [AV]). O perfil da maioria das vítimas de homicídio, infelizmente, se confirma no cotidiano do IML: jovem, pobre, pardo ou preto. No Brasil, de acordo com os índices atuais, os homicídios têm diminuído entre a população branca de classe média e aumentado, significativamente, entre a população preta, parda e pobre. Os números pioram, para os mais excluídos, quando os olhares dos pesquisadores focam o Norte e o Nordeste. Posteriormente os dados e números da violência no Brasil serão abordados.

Atribuir crédito aos espíritos malignos é para essa mãe uma forma de compreensão das diversas formas de violência que ela e seu filho sofreram ao longo de suas vidas. Vítimas de um país desigual, excludente e historicamente opressor, mãe e filho se abraçam na desesperança e na tentativa de entender as raízes de tamanha dor. O mal metafísico é um redutor de complexidades frente às inúmeras complexidades que se avolumam por séculos na nação reconhecida cinicamente por sua cordialidade.

Considerar que os espíritos malignos são agentes provocadores do mal abre caminhos para efetuar combates aos mesmos. Mas quais seriam as vias necessárias para eliminar e/ou afastar o mal espiritual – evitando assim as mortes

violentas e, por conseguinte, a dor e o sofrimento? Como essas forças não podem ser vencidas pela imposição de armas mecânicas, é preciso utilizar armas equivalentes, com a finalidade de vencer, mesmo que temporariamente, o mal diabólico que promove e/ou contribui com as dores, os sofrimentos e as mortes evitáveis.

As representações e o medo do mal espiritual entre as culturas antigas e a representação dos mesmos por Maria Aparecida de Jesus, se distanciam no tempo, porém possuem um mesmo núcleo central. Como diz Delumeau (1989, p. 25):

O medo tem um objetivo determinado ao qual se pode fazer frente. A angústia não o tem e é vivida como uma espera dolorosa diante de um perigo tanto mais temível quanto menos claramente identificado: é um sentimento global de insegurança. Desse modo, ela é mais difícil de suportar do que o medo. Estado ao mesmo tempo orgânico e afetivo manifesta-se de maneira menor (a ansiedade) por “uma sensação discreta de aperto da garganta, de enfraquecimento das pernas, de tremor, acrescentada à apreensão com o futuro”; e no modo maior, por uma crise violenta.

O medo é o maior provocador da angústia, esse medo que advém de um mundo encantado e que deve ser combatido por ações igualmente encantadas. As orações, a participação efetiva com o sagrado, segundo a grande maioria dos entrevistados, são o principal caminho para o livramento do mal, ou pelo menos, para atribuir uma força maior, uma sustentação nos momentos de enfraquecimento, como afirma Inácia Ferreira Magalhães, 44 anos, filha de uma vítima de suicídio:

Eu acho que se for mais na igreja, eu acho que ajuda, buscar mais a Deus ajuda, porque eu tive, minha irmã também teve depressão e assim, a gente enfiou muito na igreja, agora minha mãe não era de ir na igreja, eu não lembro dela, assim, indo numa missa, não precisava ser católica, qualquer uma, ela não ia, sabe, ela trabalhava muito e não sei se por causa do cansaço, ela não tinha tempo ou tava cansada, ela não ia, eu acredito que se buscar a Deus, acho que ajuda e muito.

O medo do mal espiritual se modifica na medida em que as representações sociais são forçadas por conjunturas externas e internas que se alteram na medida em que os pequenos e grandiosos fatos varrem os cotidianos. O indivíduo da Baixa Idade Média (séculos XI – XV) não possuía as mesmas representações do homem da Alta Idade Média (séculos V – X). As visões de mundo não poderiam ser as mesmas, afinal os novos contatos com povos distantes, integralidades ou segregações, revoltas camponesas, ameaças estrangeiras, as Cruzadas, a

reabertura do Mar Mediterrâneo, as inúmeras pestes, a retomada da vida urbana e comercial contribuíram historicamente com as mudanças das mentalidades. Diante dos cenários expostos, deve-se concluir que o medo do mal espiritual não pode ser desassociado do medo do mal físico, aliás, ambos são complementares e brotam das mesmas raízes contextuais.

As ameaças de hoje, amanhã podem ser consideradas irrelevantes; o que corrompeu ontem, fez adoecer e gestou a morte, amanhã poderá ser curado. Mas o contrário também pode ocorrer, o que salvou, poderá condenar. Dessa maneira, o humano prossegue seus caminhos, sempre representando novos mundos, se livrando de antigos medos e constituindo outros. Como afirma Delumeau (1989, p. 239),

Satã pouco aparecia na arte cristã primitiva e os afrescos das catacumbas tinham-no ignorado. Uma de suas mais antigas figurações, nas paredes da igreja de Baouit no Egito (século VI), o representa sob os traços de um anjo, decaído (...), herói abatido nas decorações de certas igrejas orientais da mesma época, Lúcifer, outrora criatura preferida de Deus, ainda não é um monstro repulsivo.

Delumeau destaca que na medida em que as crises se agravavam (pestes, fome, rebeliões e guerras), o mal espiritual se tornava mais horrível e cruel. É muito relevante observar que as representações expressas no teatro, na literatura, e nas artes – em geral, adquiriram aspectos assustadores, enfim, as artes são representações das vidas vivenciadas em cada época.

A Peste Negra, que vitimou vinte e cinco milhões, mais de um terço da população europeia, estimada em sessenta milhões, entre os anos de 1346 a 1353; a Guerra dos Cem Anos (1337-1453), entre França e Inglaterra, que arrastou essas futuras nações para um cenário de mortes violentas por cento e dezesseis anos; as rebeliões sociais, motivadas pela grandiosa fome e violência nos campos, que provocaram milhares de mortes terríveis de servos e nobres, inseridos nas alterações históricas estimuladas pela crise do Feudalismo. Neste traumático contexto do século XIV, o medo do mal espiritual foi potencializado, ganhando um espaço muito maior e proporcionalmente assustador, no imaginário e nas representações.

## 1.5 ARCABOUÇOS DA VIOLÊNCIA

Antes de trabalhar com o binômio morte e violência – se faz necessário abordar, separadamente, o termo violência, para – em um segundo momento, integrar – em outras telas, as mortes violentas. O termo violência é proveniente do latim, *violentia*, que expressa a ação de violar outrem ou de se violentar. Não obstante, o termo é por muito polissêmico, perfazendo inúmeros cenários teóricos, psíquicos, sociais, subjetivos, culturais, comportamentais, simbólicos, entre tantos outros. Contudo para lançar a nau para além das águas seguras do cais, é preciso indicar algumas rotas. Para Faleiros (2007), violência:

é um processo social relacional complexo e diverso. É um processo relacional, pois deve ser entendido na estruturação da própria sociedade e das relações interpessoais, institucionais e familiares. A sociedade se estrutura nas relações de acumulação econômica e de poder, nas contradições entre grupos e de classes dominantes e dominados bem como por poderes de sexo, gênero, etnias, simbólicos, culturais, institucionais, profissionais e afetivos. É um processo diversificado em suas manifestações: familiares, individuais, coletivas, no Campo e na cidade, entre os diferentes grupos e segmentos, e atinge tanto o corpo como a psique das pessoas.

É lugar comum, na imprensa, no meio erudito e pela voz do vulgo, escutar relatos de uma cultura da violência presente na sociedade brasileira. Essa fala ganha reforços no medo exposto nos depoimentos relatados em (QF/Q12) "Você se sente seguro vivendo na sua cidade?" e (QF/Q13) "Você considera o Brasil um país violento?". Os vinte e cinco entrevistados foram unânimes acerca do sentimento de insegurança e do medo vivenciado no micro e no macro espaço geográfico. As dezessete mulheres e os oito homens, que fizeram parte da pesquisa, não se sentem seguros em seus bairros, além de considerarem o Brasil um país muito violento. As falas foram sempre expressas com muita ênfase e exclamações exacerbadas.

Grande parcela dos quintais das casas e dos bairros periféricos, nos anos de 1970 e 1980 eram integrados, a vizinhança compartilhava suas intimidades, as crianças transpunham com facilidade as fronteiras invisíveis. Brincadeiras variadas, cadeiras nas calçadas, mexericos, beijos nas esquinas eram realizados sem o temor e a angústia da violência provocadora da dor, do sofrimento e da morte violenta. Na atualidade, os muros altos, as cercas elétricas, os arames farpados, lembram os

cenários horrendos da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), circunscrevem e segregam as pessoas, viventes e sobreviventes das *urbes* de concreto e aço.

Não há mais os gritos agudos das crianças, brincando de pés descalços. Todas estão encasteladas, pois o medo privou as novas gerações da saudável liberdade. A notória constatação desperta o maior dos medos: o medo do medo. Diz Michel de Montaigne (1987, p. 40), em seu *Ensaio do medo*: “O medo é a coisa de que mais medo tenho no mundo”. Com este trocadilho, o filósofo indica as fronteiras limítrofes de uma sociedade ensimesmada. Perigosamente trancafiada em lócus do ego, em que não há espaço para o outro, para a comunhão integrativa das multiplicidades adversas.

O medo do medo petrifica as ações proativas, as deliberações sensatas, os comportamentos virtuosos, a capacidade de discernimento, de agir com bom-senso, enfim, o agir ético que é a ciência das ações. O medo do medo se realiza nos cabelos de medusa que vitimam, em pedras findas, aqueles que ousam olhá-los. Sem embargo, é preciso enfrentá-lo, desafiá-lo, chamá-lo para o embate, para o processo dialógico.

Compreender que o medo é integrante da natureza e da dinâmica humana que enfrenta a si, o outro e o mundo imanente e transcendente. Que o medo deve ser usado para a saída dos lugares comuns, das zonas de conforto. A coragem, frente ao medo, foi utilizada em vários momentos históricos para romper as tradições, os dogmatismos que castravam as possibilidades de mudanças, de desenvolvimento, de liberdade e autodeterminação.

Com a finalidade de petrificação no poder, os grandiosos e pequenos grupos dominantes utilizam o medo como ferramenta de controle. Estabelecendo ameaças veladas e/ou diretas, dando exemplos de que o medo é real e que o próximo poderá ser você ou alguém da sua intimidade. Nicolau Maquiavel em seu livro *Príncipe*, argumenta sobre duas escolhas, pois não é possível adotar as duas. É preferível ser amado ou ser temido? responde o Pai da Ciência Política Moderna:

(...) é muito mais seguro ser temido que amado, quando se tenha de falhar em uma das duas. É que os homens geralmente são ingratos, volúveis, simuladores, covardes e ambiciosos de dinheiro, e, enquanto lhes fizeres bem, todos estarão contigo, oferecendo-te sangue, bens, vida, filhos, como disse acima, desde que a necessidade esteja longe de ti. Mas quando ela se avizinha, voltam-se para outra parte. E o Príncipe, que se confiou plenamente em palavras e não tomou outras precauções, está arruinado (MAQUIAVEL, 1999, p. 38).

As preciosas orientações de Maquiavel são utilizadas por governantes de países ricos e influentes, bem como por grupos de milicianos e chefes do tráfico. Usam as máscaras da paternidade, da proteção, do cuidado pastoril, na medida em que o povo, a comunidade se mantenha ordeira, pacata, pois do contrário “o príncipe” logo promove sua demonstração de força temerária.

Muito além da vereadora que lutava implacavelmente pelos direitos das minorias pauperizadas, como as centenas de comunidades miseráveis das cidades brasileiras, Marielle<sup>13</sup> foi mulher, negra, mãe, gay, fruto da favela da Maré, estudante do curso de Sociologia da PUC – Rio, filha de pais, como tantos, pobres a olhar para os becos, os barracos empilhados em horizontes sem perspectivas. Marielle foi um ser que não teve medo do medo, do temor que silencia as bocas que caladas são oprimidas pela violência. “*Pois paz sem voz, paz sem voz não é paz, é medo*” (Rappa – Minha alma – A paz que eu não quero - 1999).

No dia 14 de março de 2018, Marielle foi vigiada, seguida e por fim, assassinada, junto com o motorista Anderson Pedro Gomes em um atentado covarde e minuciosamente planejado. O homicídio perpetrado contra essa jovem política não silenciou as vozes, o efeito foi contrário. Milhares de Marielles se levantaram – foram para as ruas gritando o emblemático: “*Marielle, presente!*” Entretanto, até o momento estas mortes violentas não foram solucionadas. Mais duas mortes que inundam os mares de sangue dessa nação afogada pela violência.

Segundo o levantamento *Onde Mora a Impunidade?*, publicado (em dezembro de 2017) pelo Instituto *Sou da Paz*, no Brasil 80% dos crimes de homicídio não são solucionados pelo poder público. Apesar da grande repercussão e pressão nacional e internacional, o caso Marielle agrega essa impactante estatística, não obstante são os milhares de outros casos, não famosos pelo apelo da mídia, que atolam os arquivos policiais. Em (QA/Q1) "O que você acha que provocou o ato praticado contra o seu familiar?" a resposta do senhor Osório dos Reis, 62 anos, servidor público e tio de uma vítima de homicídio brutal, apregoa a responsabilidade do Estado:

“Eu acho que é justamente esse descontrole da...educação...da sociedade, da falta de educação da sociedade, estou falando em termos genéricos, não estou falando em termos específicos não, então...falta da educação da sociedade, promovida, que não é promovida pelo Estado, aí alguém poderia

---

<sup>13</sup> Site oficial de Marielle Franco: <https://www.mariellefranco.com.br/>

dizer, o Estado não tem nada a ver com isso, quem tem a ver é a família, eu diria que existe uma dicotomia, uma ligação entre os dois, os dois extremos, família e o Estado, a família sim é aquela que ensina o “baba” pra criança, que começa a dizer pra ele o que é Deus, o que pode ser feio, o que não é, porém a hora que o Estado dá uma pena de 30 anos pra quem matou pai, mãe, não sei mais quem e depois aceita que ele saia em 4, 5 anos, cadê a pedagogia do Estado sobre essa sociedade? Por isso que eu falei que sou a favor da pena perpétua, porque na minha opinião, é o seguinte, o cara que fez maldade, ele, na minha opinião, ele tem que ser educado e se eu elencar isso com a minha religião, certo, aí pode haver alguma incoerência, mas o que eu vejo é o seguinte, que se você permitir que um cidadão faça o mal, certo, na sociedade, ele estará pronto pra fazer de novo e como o Estado não dá educação e nem pune com rigor os jovens, tudo tá liberado para acontecer. Ah, mas o Estado vai perder esse cidadão, sim, paciência, aquela mãe que souber disso, ao invés dela participar igual acontece hoje, por que as mães<sup>14</sup> hoje estão cometendo erros junto com os filhos? Porque o Estado não está coibindo, porque o amor que toda mãe tem, soubesse também, que que ela iria fazer? Ela não ia nem participar, ia fazer igual na minha época de criança, quando eu chegava da escola com uma pontinha de lápis desse tamanho que não era minha (som de apanhar da mãe), então é o que eu acho, o Estado não está educando. Não vou discutir direitos humanos, não vou discutir, vou discutir uma questão prática. Eu acho que o Estado tem que obrigar a educação dos seus membros. Tem que ser uma educação firme, morte não, porque o cara tem que saber porque que ele tá passando por aquilo e tem que trabalhar, não pegar o cara e colocar dentro do presídio sem fazer nada. O Estado deve botar o cara pra trabalhar. Como? Não sei. Trabalho! Pagando pelo crime até morrer”.

As conjecturas amarguradas e decepcionadas, do senhor Osório – de um tio que acaba de perder, para a violência, um jovem que vira crescer, reverberam um clamor comum, um pedido de socorro solucionável, uma forma que possa evitar que outras famílias chorem pelos seus e por cada dor que não deveria nascer das flores do mal.

A respeito da violência e das mortes evitáveis, deve-se considerar que os processos histórico-culturais constroem representações que se alteram de acordo com os valores, as crenças, os costumes, a moralidade e a ética – o ethos e a visão de mundo que constituem cada época e povo. Não obstante, tanto a morte quanto a violência são processos naturais, presentes no cotidiano da vida. Os grandiosos cataclismos que varrem milhões de seres para a escuridão tumular da morte, de forma violenta e colossal.

As monções tropicais que arrasam ilhas e costas paradisíacas, as transformando em zonas de destruição e caos. O ataque do tubarão branco que

---

<sup>14</sup> Em diálogos para além das entrevistas, algumas mães revelaram saber que os filhos estavam praticando ilícitos (envolvimento com o tráfico de drogas, assaltos, entre outros), mas a completa falta de estruturas não permitiu que essas mulheres e a própria família fossem capazes de resolver esses problemas extremamente complexos. (Grifo meu).

arremessa a foca para o alto, retalhando suas carnes que salgam as águas do mar banhado em sangue. A caçada do falcão peregrino que se precipita a trezentos quilômetros por hora na direção do bombo que nem consegue perceber, que, em segundos, seus ossos serão quebrados em multifraturas. Patologias que afetam o conjunto sistêmico, provocando desordem, dores e sofrimentos. Seres diminutos que sorratamente invadem, rompem as barreiras, as proteções, às defesas dos corpos, das mentes, da teia da vida que se degenera. Antes de a vida ser vertida ao chão, a mesma é violentada sem qualquer compaixão, até que a morte seja um prazeroso alento.

Para além dos exemplos mencionados acima, a violência gestada pela vontade do homem engendra nas relações outros tons. Não se tratando de uma violência ritmada pelos compassos da Φύσις (*physis*), mas de uma forma de violência deliberada, mensurada, provocada pela ação ou pela falta de ação humana. Uma violência progenitora de mortes violentas, mortes que poderiam ser evitadas, vidas que deveriam ser, minimamente, protegidas e cuidadas, no entanto não são.

Em conformidade com o que foi citado acima, inúmeros são os exemplos que a natureza nos demonstra, conectando as diversas formas de violências com as diversas formas de mortes. Apesar desses relatos pertinentes à natureza, o foco da tese é convocar, para o centro do debate, as mortes violentas que poderiam ser evitadas, precisamente: os homicídios, os suicídios e as mortes no trânsito. Contudo, antes de dar início e esse propósito, se faz necessário abordar cenários mais amplos, partindo do geral para o particular.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) possui um departamento específico para tratar de questões direcionadas a violência e a prevenção de lesões e incapacidades (*WHO Department of Violence and Injury Prevention and Disability*). Em sua página, a *World Health Organization (WHO)* afirma que a violência é um gravíssimo problema de saúde pública, direitos humanos e desenvolvimento humano. A entidade demonstra dados impactantes, números reais e assustadores sobre mortes violentas, além de vítimas sequeladas, de inúmeras formas, pelas agressões. Segundo a Organização, são mais de 3.800 pessoas mortas todos os dias no Mundo, vítimas das violências atribuídas às ações humanas.

Each year, 1.4 million people worldwide lose their lives to violence. For every person who dies as a result of violence, many more are injured and suffer from a range of physical, sexual, reproductive and mental health

problems. Violence places a massive burden on national economies, costing countries billions of US dollars each year in health care, law enforcement and lost productivity. WHO works with partners to prevent violence through scientifically credible strategies. (WHO, 2018).<sup>15</sup>

De acordo com a citação acima, o problema da violência não é somente uma questão de saúde pública, mas é também um problema socioeconômico. Gestando um prejuízo bilionário, matando e incapacitando milhares de pessoas, todos os dias, principalmente jovens, em fase produtiva. Este quadro se torna mais agravado, pois o maior número de vítimas da violência se encontra em países pobres, a violência pela via dos homicídios, como demonstrado na tabela apresentada na página seguinte.

Os números expressam que em alguns países, como Equador e Paraguai, o número de homicídios diminuiu, em contrapartida, em outras nações houve acréscimo considerável de homicídios entre os anos de 2000 a 2013. O Brasil configura negativamente, pois os homicídios, e outras formas de violência estão mais elevadas, a cada ano. Em 2000 eram 26,7 homicídios para cada 100 mil habitantes, em 2013 esse número saltou para 28,6 homicídios para cada 100 mil habitantes.

Vale reforçar que o número de homicídios aumentou na maioria dos países apresentados na tabela 1.1. De acordo com o AV 2018, a taxa de homicídio no Brasil em 2017 foi trinta vezes maior do que na Europa. O AV reforça que na última década 553 mil brasileiros perderam a vida por homicídio. Isto é, um total de 153 mortes por dia.

Os valores demonstrados abaixo apresentam somente os índices dos homicídios, deixando de fora os suicídios e as mortes por acidentes de transporte terrestre (ATT). A intenção de revelar neste momento estes dados parciais – apenas uma pequena demonstração indicada em porcentagens – é colaborar por meio da fria estatística com os argumentos apresentados.

---

<sup>15</sup> Todo ano, 1.4 milhão de pessoas ao redor do mundo perdem suas vidas para violência. Para cada pessoa que morre como resultado da violência, muitas mais são lesionadas e sofrem de uma gama de problemas de saúde físicos, sexuais, reprodutivos e mentais. A violência coloca um fardo pesado em economias nacionais, custando aos países bilhões de dólares todo ano em assistência médica, aplicação da lei e perda de produtividade. WHO que trabalha com parceiros para prevenir a violência por meio de estratégia cientificamente viáveis.

TABELA 01 – Evolução das taxas de homicídios dos países selecionados

Tabela 1.1 – Evolução das taxas de homicídios dos países selecionados por 100 mil habitantes, segundo OMS alta qualidade (2000 a 2013)														Variação %			
Região	14 maiores taxas de homicídios por 100.000 habitantes no ano de 2012 - OMS Alta qualidade													2000 a 2012 2011 a 2012			
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012			2013	
Mundo	8,4	8,9	8,9	8,4	8,0	7,8	7,8	7,3	7,7	8,3	8,6	8,4	8,4	7,9	-0,3%	-0,2%	
América Central	23,7	21,0	24,9	21,6	14,2	16,1	15,6	11,2	12,4	26,7	36,6	37,3	38,4	33,2	62,0%	2,9%	
América Central El Salvador	35,0	34,3	30,0	31,5	38,7	54,2	56,4	53,7	45,8	61,2	54,7	58,0	37,4	34,4	6,7%	-35,6%	
Caribe	22,1	16,6	16,7	16,1	14,3	16,9	18,5	25,1	22,8	25,7	29,0	36,1	35,6	34,2	61,2%	-1,3%	
América do Sul	72,4	74,4	77,5	57,2	53,9	47,7	43,5	39,3	39,1	44,5	41,2	36,8	34,3	31,7	-52,0%	-6,8%	
América do Sul Brasil	26,7	27,3	27,9	28,5	26,7	26,0	26,5	25,5	26,0	26,9	27,8	26,8	28,6	28,6	7,0%	7,0%	
Caribe	Santa Lúcia	19,2	16,5	23,9	21,2	23,4	17,6	6,6	2,3	18,6	24,1	26,3	21,9	19,3	13,7%	-16,8%	
América Central	México	11,0	10,0	9,6	9,5	8,7	9,5	9,6	7,7	12,6	16,8	22,1	22,7	21,2	92,6%	-6,3%	
América Central	Panamá	10,5	10,3	12,0	11,2	10,0	11,3	11,5	13,9	18,5	22,1	20,1	18,8	17,6	78,5%	-6,7%	
América do Sul	Guiana	9,0	20,1	24,3	13,8	18,2	20,7	13,6	15,2	9,0	14,9	16,8	11,9	-	-29,1%	-	
América do Sul	Equador	16,6	16,3	15,7	13,2	17,1	17,5	16,8	16,2	17,2	14,8	16,1	13,8	11,0	8,1	-33,7%	-20,3%
América do Sul	Paraguai	12,6	12,6	12,9	13,0	13,2	12,0	11,2	10,0	9,8	10,6	9,9	8,5	8,1	7,9	-35,9%	-4,7%
América Central	Costa Rica	6,4	6,2	5,9	7,0	6,2	7,1	7,5	6,1	8,6	8,9	10,7	10,2	7,8	7,8	22,2%	-24,1%
América do Sul	Uruguai	5,5	4,9	5,9	4,6	4,7	4,4	4,5	4,6	4,4	5,1	5,3	6,5	6,4	17,8%	-	
Europa	Látvia	12,5	12,3	11,5	10,7	9,5	10,2	9,9	8,6	7,9	6,7	6,5	6,3	6,0	-49,9%	0,5%	

Fonte: FMI/World Economic Outlook Database, ONU/Divisão Estatística, ONU/Office on Drugs and Crime e OMS/Mortality Database. O número de homicídios por país foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja: óbitos causados por agressão mas intervenção legal. Elaboração Dief/Ipae e RBSP.

No próximo capítulo será demonstrado, em detalhes pormenores, outros dados e análises das três formas de mortes violentas propostas pela tese.

Ao afirmar que a liberdade não é uma conquista humana, mas uma condição da existência humana, (Sartre, 1998) categoriza a liberdade como condição *sine qua non* da própria humanidade. Deste modo, não há possibilidade de ser humano sem a liberdade que é inerente ao mesmo. Portanto privar alguém da liberdade, em qualquer condição, é, violentá-lo em um dos princípios mais valiosos da existência, pois o homem é condenado a ser livre:

Com efeito, sou um existente que aprende sua liberdade através de seus atos; mas sou também um existente cuja existência individual e única temporaliza-se como liberdade [...] Assim, minha liberdade está perpetuamente em questão em meu ser; não se trata de uma qualidade sobreposta ou uma propriedade de minha natureza; é bem precisamente a textura de meu ser... (SARTRE, 1998, p. 542/543).

Vê-se que ao largo da história, milhões foram privados de suas humanidades, mas é bem certo que partindo desse cenário do passado e da atualidade, a violência contra o outro, na forma de privação de algum nível de liberdade, é um modo descarado e/ou sutil de tornar o outro menos humano – e por muitas vezes, não-humano.

Um dos caminhos para tentar compreender as causas das mortes violentas, se encontra presente nos arcabouços histórico-culturais de cada povo e nação. A morte violenta, em certa medida, é apenas o efeito resultante de temperos antropológicos, adoções de papéis sociais, mecanismos de controle (Geertz, 1989). Observando um bofetear que alguém defere contra o rosto de outro alguém é possível vislumbrar, pelos sentidos, que o tapa é apenas o movimento de partes do corpo, mas analisando mais de perto se percebe que foram muitas as motivações cozidas na milenar trajetória da espécie humana.

A virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto qualidade do vir, virtus, questão de honra (nif), princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual — defloração da noiva, progenitura masculina abundante etc. — que são esperadas de um homem que seja realmente um homem (BOURDIEU, 2012, p. 20).

Compreender as intrincadas nervuras que contribuem com as mortes violentas não redime ou desculpabiliza os homicidas e não responsabiliza as vítimas por suas mortes. Bourdieu explica que a violência simbólica não é uma forma mais branda de violência, ou que a mesma é uma via para minimizar a violência física.

Ao tomar "simbólico" em um de seus sentidos mais correntes, supõe-se, por vezes, que enfatizar a violência simbólica é minimizar o papel da violência física e (fazer) esquecer que há mulheres espancadas, violentadas, exploradas, ou, o que é ainda pior, tentar desculpar os homens por essa forma de violência. O que não é, obviamente, o caso. Ao se entender "simbólico" como o oposto de real, de efetivo, a suposição é de que a violência simbólica seria uma violência meramente "espiritual" e, indiscutivelmente, sem efeitos reais. É esta distinção simplista, característica de um materialismo primário, que a teoria materialista da economia de bens simbólicos, em cuja elaboração eu venho há muitos anos

trabalhando, visa a destruir, fazendo ver, na teoria, a objetividade da experiência subjetiva das relações de dominação (BOURDIEU, 2012, p. 20).

Na grande maioria das entrevistas foi possível perceber que havia um prenúncio de que algo muito ruim iria vitimar o ente querido. O ambiente/locus, as falas, as amizades, os discursos dos possíveis agressores, o dizer das vítimas, anos, meses, dias ante de suas mortes e o comunicado dos próprios familiares, antecipavam o que parecia ser inevitável, mas que não foi possível evitar. As mortes ocorreram de forma violenta – os corpos foram – na maioria das vezes – desfigurados – mas anteriormente à violência física, a violência simbólica descerra os caminhos para o desfecho fatal.

Além da violência simbólica, a Unicef Brasil descreve outras formas de violência, são elas: tortura, violência psicológica, discriminação, violência sexual, violência física, negligência e abandono, trabalho infantil, tráfico de crianças e adolescentes. A tipologia proposta pela WHO destaca três categorias abrangentes de violência:

- a violência coletiva, que inclui os atos violentos que acontecem nos âmbitos macrossociais, políticos e econômicos e caracterizam a dominação de grupos e do Estado. Nessa categoria estão os crimes cometidos por grupos organizados, os atos terroristas, os crimes de multidões, as guerras e os processos de aniquilamento de determinados povos e nações;
- a violência autoinfligida, subdividida em comportamentos suicidas, e os autoabusos. No primeiro caso a tipologia contempla suicídio, ideação suicida e tentativas de suicídio. O conceito de autoabuso nomeia as agressões a si próprio e as automutilações;
- a violência interpessoal, subdividida em violência comunitária e violência familiar, que inclui a violência infligida pelo parceiro íntimo, o abuso infantil e abuso contra os idosos. Na violência comunitária incluem-se a violência juvenil, os atos aleatórios de violência, o estupro e o ataque sexual por estranhos, bem como a violência em grupos institucionais, como escolas, locais de trabalho, prisões e asilos. (WHO, 2018).

Percebe-se que a violência é como um rio de sangue, seja qual for sua tipologia ou categoria, possui na morte seu findo oceano. As formas variadas de violência nascem como pequenos regos d'água que vão crescendo na medida em que a negligência, o descaso, as tradições dominantes, a pobreza econômica, o preconceito, o racismo, o ódio, a solidão, a depressão, entre tantas, macro e micro, estruturas que vazam para os cursos hídricos, que se tornam riachos, ribeiros, rios, que correm para a escuridão do causticante mar da morte.

## 1.6 O SENTIDO DA RELIGIÃO FRENTE À MORTE

De todas as funções atribuídas à religião, talvez a mais, seriamente, importante é a sua capacidade de promover a plausibilidade diante da dor, do sofrimento, da morte e do morrer. Concordo com a afirmação de que o homem criou a religião pela mais profunda das necessidades. Diante das incertezas da vida, das dobras de cada esquina, da imprevisibilidade inegociável defronte da morte e do morrer, foi necessário elaborar estruturas. No princípio, simples e diretas, mas com os condicionantes mais complexos dos processos civilizatórios, a religião seguiu a dinâmica do progresso, tornando-se mais complexa, repleta de hierarquizações, dogmáticas, doutrinas, leis e processos. Mas que nunca deixou de ter um caráter pessoal, íntimo, um contato direto entre o sagrado e o ser que carece dele como a um filho estendendo as mãos para o pai.

Foi constatada no transcorrer do cotidiano observado no Instituto Médico Legal e, principalmente, nas falas dos parentes entrevistados, uma relevante ressonância da religião para a tomada de sentido, nesse momento tão singular de dor e sofrimento. Os familiares ao serem noticiados da morte violenta de seu ente, buscam na religião uma de suas mais importantes características: a capacidade de atribuir plausibilidade, i. é, reorganizar e encaixar simbolicamente a experiência sofrível, vivenciada por aqueles/as que perderam.

Clifford Geertz (1989), na segunda parte do capítulo quatro (A Religião Como Sistema Cultural), inserida em sua obra *A Interpretação da Cultura*, aborda a questão do sofrimento mediante a religião. Para o antropólogo, o papel da religião não consiste em evitar o sofrimento, mas tornar o mesmo uma concretude suportável. “*O problema do sofrimento recai facilmente no problema do mal, pois se o sofrimento é normalmente muito cruel, embora nem sempre, ele é também considerado moralmente imerecido, pelo menos para o sofredor*” (GEERTZ, 1989, p. 76). Aquele indivíduo que é capaz de se inserir no bojo religioso, de comungar das redes simbólicas oferecidas pela religião é banhado de uma rede cósmica de sentido, de uma diretriz repleta de explicações consideráveis e fundamentais para a continuação da existência. Geertz explica que

Os símbolos religiosos oferecem uma garantia cósmica não apenas para sua capacidade de compreender o mundo, mas também para que,

compreendendo-o, deem precisão a seu sentimento, uma definição às suas emoções que lhes permita suportá-lo, soturna ou alegremente, implacável ou cavalheirescamente (GEERTZ, 1989, p. 77).

Geertz ainda anuncia o sofrimento como o problema do mal e destaca a questão da justiça como um paradoxo entre o justo e o injusto. É de se perguntar então: de que forma a religião lida com o sofrimento como purificação, retribuição e julgamento justo durante a existência e o fim?

Trazendo à baila a fala dos entrevistados, se fez muito perceptível a responsabilização do mal ocorrido contra a vida do familiar. Não que as vinte e cinco entrevistas esgotam o imenso caleidoscópio de cada voz que reage diante da dor provocada pela morte violenta, mas as fotografias reveladas nas entrevistas expressam um cenário em que a religião se mescla paradoxalmente com o encantamento e o desencantamento do mundo. Observam-se nas respostas das/os mesmas/os entrevistadas/os muitas contradições, porém este aspecto não enfraquece, mas fortalece o cenário religioso que sempre teve um caráter contraditório. Talvez a religião consiga fugir dos paradoxos, quando a mesma se apoia nos rigores da teologia dogmática, mas essa prática é impossível quando a religião se encontra viva nas ações de cada gente.

As respostas encontradas em (QA/Q3) “Você acha que a religião atribui sentido à sua vida? Explique”. As respostas expressaram um aspecto muito relevante. A importância da religião e do sagrado, integrado ou não à mesma, são fundamentais para a atribuição de sentido na vida desses familiares.

Maria Jocasta Maia, mãe – 41 anos respondeu: “A religião não, mas a fé que eu tenho em Deus”. Kleber da Silva, tio – 36 anos respondeu: “Religião, religião não tenho nenhuma né, porém a crença em Deus é o objetivo principal pra mim”. Adalberto Figueira dos Santos, tia – 48 anos: “Sim. Ajuda, assim, a pessoa que ela cresce, que envolve na religião, ela é uma pessoa que sempre tá procurando o correto”. Filomena Aparecida Guimarães, Tia – 52 anos: “Sim, eu acredito que a força divina do nosso Pai é o que nos dá sustentação, é o que nos faz seguir adiante nesse mundo de tamanha violência né, então você tem que se sempre se pegar com Deus, pedir proteção, e é isso”. Francisca Chagas, Irmã – 38 anos: “Sim. Na amizade com os irmãos, ajuda bastante, sempre tá preocupado com o outro né, isso é pra gente e pras outras pessoas. Tá com pessoas que a gente não conhece, conversar, falar de Deus, pra pessoa se sentir bem”. Paulo Fernando, Pai – 36 anos: “Sim. Ela me ajuda bastante, me conforta”. Laura Martins, Mãe – 40 anos: “É, dá muita força, porque senão fosse Deus, acho que eu, assim, como mãe, o que eu tô sentindo, senão fosse Deus me segurando, eu não taria nem aqui também. Então acredito que tem uma força maior. Deus na vida da gente”. Aparecida Costa, Tia – 29 anos: “Atribui. Eu busco ser uma pessoa melhor, porque se eu não for uma pessoa boa, eu não consigo mudar nada a minha volta, nem aguentar os

sofrimentos”. Claudete Machado, Irmã – 43 anos: “Faz, dá muita força, porque primeiramente é Deus né, depois são nossos pastores que vai dar força, nossos irmãos em Cristo né, então eu acredito. Senão fosse Ele, nós não taria aqui hoje com essa força que a gente tá, então com Deus é difícil, sem Ele é pior”. Afonso Pereira, Pai – 38 anos: “Acho que sim, com certeza”. Jocasta Paranhos, Filha – 29 anos: “Sim, todos os dias da minha vida. Orando, pedindo a Deus misericórdia pela minha vida, pela vida das pessoas que eu amo todos os dias, porque se eu não orar, não acreditar em Deus, eu não vejo sentido nem, talvez, em estar aqui nesse mundo”. Pedro Paulo Chaves, Filho – 42 anos: “Acredito que sim, se tiver uma religião e buscar, porque aí cê fica mais temente, cara, se pensa mais nas coisas, a gente pensa antes de reagir as coisas, cê pensa antes de fazer uma besteira, uma coisa ruim, entende? Acho que um cara que não tem religião, não tem muito o que pensar antes de fazer uma besteira não. Eu penso assim”. Henrique Pinheiros, Tio – 35 anos: “Ah, com certeza, a gente vê diversos testemunhos de pessoas que também tavam numa vida ruim, que conseguiram se recuperar através da religião, então assim, é o que eu tentei fazer várias vezes com meu sobrinho, mas é...como eu disse, às vezes você tem um te chamando pro caminho bom e dez chamando pro caminho ruim, não dava sossego, o povo na dava sossego dentro de casa, o pessoa ia direto lá chamar ele, e às vezes quando a pessoa tá deslumbrada com essa vida ruim, que acha que tá tendo uma vida aventureira, uma vida de, de, né, uma vida assim que todo mundo tá vendo, tá sendo refletida o tempo todo, aí acaba que não larga, então assim, eu acho que sim, a religião salva, ela tira da cabeça muita coisa ruim da gente, então assim, é o que eu tentei fazer com ele, mas infelizmente ele não, como a pergunta lá de trás falou, cada um tem o seu livre arbítrio de escolher o que quer da vida”. Elisvânia Aparecida, Irmã – 45 anos: “Sim, sim. Nós fomos criados pra adorar a Deus e servi-lo, o homem é a ceia”. Antônia Sabino, Mãe – 46 anos: Claro que sim! Se não fosse Deus na minha vida não estaria aqui hoje. Afonso Penha, Tio – 38 anos: “Sim, ela mudou a minha vida”. Ernesto Francisco Xavier, Pai – 62 anos: “Claro! A fé em Deus é a base da minha vida”. Felizberto Mascarenhas, Tio – 62 anos: “Sim, claro, claro”. Delfino Pereira Chagas, Irmão – 46 anos: “Com certeza”. Horácio Conceição, Pai – 55 anos: “Sem dúvida”. Francisca da Silva Maciel, Irmã – 38 anos: “Sim”. Lúcia Maria dos Reis, Filha – 44 anos: “Pode”. Paula de Oliveira, Irmã – 27 anos: “Sim”. Guilherme Henrique Machado, Filho – 39 anos: “Muito”. Cláudio Assunção Borges, Pai – 51 anos: “Sim”.

Sem nenhuma exceção, os familiares exteriorizaram abertamente os seus sentimentos, as suas vontades, os seus recursos para dialogar com o sagrado, buscando força, esperança e sentido para a vida, defronte deste estágio de sofreguidão. Acolhendo, na medida da razoabilidade, a dor de cada familiar, foi possível mensurar, ao largo, o turbilhão de emoções que cada qual experimentava amargamente.

A brutalidade do noticiamento, a indignação, o pavor, a dúvida, o desespero, a angústia, a incapacidade, a negação, a fragilidade da existência, o cruzado de direita que pega na ponta do queixo, levando a vítima para a lona, além de tantas outras paixões e reações, que impulsionam inadvertidamente os indivíduos para a mais obscura das utopias infames. É preciso destacar o engenho da fé no sagrado,

da crença em uma força transcendente que retroalimenta a alma, que precisa permanecer integral, apesar dos grandiosos pesares.

Os familiares entrevistados, sem exceção, demonstraram esse meio salutar de lidar com a imensurável dor da morte. Destacaram a capacidade que a religião possui em fortalecer os alicerces abalados. A capacidade da religião em guardar as vigas que envergam atingidas pelo impacto do terremoto. Mostraram a necessidade de acender as luzes, focar o caráter da religião e principalmente do ser-religioso que se faz mais forte, pois tem em si e além de si uma fortaleza que lhe faz maior que os seus sofreres. Na fé de cada uma/um ficou pontuado, sem titubeio, a crença na presença acolhedora de um Deus-Pai, de um Deus-de-Amor. Não de um pai que magicamente salvará os seus entes amados das desgraças do mundo, mas na crença em um Deus que reconforta os tecidos cardíacos, que, por hora e às vezes por uma vida, se encontram desmantelados. A evidência da fé, apesar de tudo, ficou muito clara na fala de cada familiar, que deixou claro a força da religião no momento de inevitável enlutecer.

Na tese defendida por Feuerbach (2007), em *A essência do cristianismo*, a religião é tomada como antropologia, projeta o homem para o centro de todos os processos, em que o antropocentrismo retomado na Idade Moderna e mais especificamente na visão renascentista de mundo, determina o empoderamento do homem. O mesmo é a causa e o efeito – o determinante e o resultado. Para Ludwig Feuerbach, o humano projeta em seus deuses o que há de mais nobre e profundo em si, o que há de melhor, de mais elevado, de superior nele mesmo. Deus é uma projeção do próprio homem, é um reflexo, uma abstração, uma imagem projetada da essência humana. Como afirma o filósofo alemão (FEUERBACH, 2007, p. 44):

A consciência de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo, o conhecimento de Deus, o conhecimento que o homem tem de si mesmo. Pelo Deus conheces o homem e vice-versa, pelo homem conheces o seu Deus; ambos são a mesma coisa. O que é Deus para o homem é o seu espírito, a sua alma e o que é para o homem seu espírito, sua alma, seu coração, isto é também o seu Deus: Deus é a intimidade revelada, o pronunciamento do Eu do homem; a religião é uma revelação solene das preciosidades ocultas do homem, a confissão dos seus mais íntimos pensamentos, a manifestação pública dos seus segredos de amor.

Independentemente de os deuses terem criado o homem ou do homem ter criado os deuses, fato é que o sentido de pertencimento, a integração, a aliança

entre o indivíduo e sua divindade torna os dissabores da vida mais palatáveis, os golpes de navalha e as feridas, que salgadas secam ao sol, mais toleráveis.

A religião não existe em si, não se autodetermina, não é força independente da vontade humana. A religião existe e cumpre a sua função fundamental, sua capacidade de unir, de somar, de atribuir sentido, força e coesão entre o ser e o além-do-ser, entre a fragilidade do corpo físico que sucumbe e a possibilidade real para quem crer na permanência da vida, além da imanente vida.

Apesar dessa afirmação, há certas contradições ou pelo menos certos entendimentos no que se refere à permanência da vida, além da vida, i. é, da vida após a morte. Em (QF/Q11) “Você acredita na vida após a morte?”, sete entrevistados disseram que não acreditam na vida após a morte, apesar de afirmarem que acreditam em Deus e/ou de também participarem de suas comunidades religiosas. A primeira entrevistada, declarante da Assembleia de Deus, afirmou que não acredita na vida após a morte e em (QA/Q7) “Você acredita que, de alguma forma, seu familiar continuará sua vida em outro lugar? Onde é esse lugar?”, foi direta: “*Eu acho que não*”. O segundo entrevistado afirmou não possuir religião, “*porém a crença em Deus é o objetivo principal pra mim*”. O mesmo seguiu a linha da entrevistada anterior, afirmando que achava que seu ente não teria vida além da vida.

A quarta entrevistada se denominou católica, mas indicou que não acreditava na vida após a morte e respondeu na questão (QA/Q7): “*Sim. Acho que no céu*”. O sexto entrevistado argumentou que não possui religião, mas que acredita em Deus. Destacou que não acredita na vida após a morte e na questão aberta afirmou de forma monossilábica: “*Sim!*” Afirmando que crê que sua mãe, morta em um atropelamento, continuará vivendo em outra vida. A oitava entrevistada se declarou evangélica, mas respondeu negativamente sobre a possibilidade de uma vida após a morte. Na questão aberta disse: “*Olha, não*”. A décima quarta entrevistada denominou-se evangélica, disse que não acredita na vida após a morte e argumentou abertamente: “*Sim, sim. Nós pensamos que seja um lugar bonito né, um paraíso, nós não quer que seja outro lugar, então nós pensa nessa parte*”. O vigésimo primeiro entrevistado, participante da Assembleia de Deus, respondeu negativamente sobre a crença em uma continuidade da existência e na questão aberta indicou que: “*Não*”. Isto é, não crê na vida após a morte e não acredita que seu irmão, permanecerá de alguma forma em outra existência.

Em certa medida Feuerbach tem razão ao afirmar que a consciência do homem é a consciência de sua religião, visto que as doutrinas religiosas ou outras formas de doutrinações (política, econômica, cultural) não possuem determinações absolutas sobre as condutas ou posicionamentos de seus adeptos, em maior ou menor grau. No âmbito da individualidade, em momentos de descida às áreas abissais, cada qual lê o que a suas lentes idiossincráticas permitem e/ou querem ver. No entanto o indivíduo não constrói os tons e texturas de suas lentes a partir do nada.

Segundo Émile Durkheim (1973), as representações sociais configuram um conjunto de normas, crenças, regras, valores sobre os quais se estabelecem as religiões, a política, a economia, sendo que as categorias estão nas estruturas, pois são raízes, noções essenciais. Para o sociólogo, categorias como tempo, espaço, gênero, número, causa (princípio), substância, personalidade (pessoa) – estão presentes no universo – são conteúdos básicos da mente humana. As representações sociais interagem diretamente com as categorias, sendo as primeiras o reflexo pragmático das segundas.

É relevante destacar o que Durkheim abordou sobre as “religiões elementares”, pois é ali que se estabelecem as origens das representações sociais. *“Há muito se sabe que os primeiros sistemas de representações que o homem produziu do mundo e de si próprio são de origem religiosa”* (DURKHEIM, 2000, p. XV).

As interações entre as categorias e as representações sociais se dão dentro de um processo de correlações. Por exemplo, a categoria de gênero se altera devido ao lugar, ao tempo, à personalidade dos integrantes do grupo social. O processo se dá na própria sociedade (o indivíduo não será idêntico a si – sempre haverá interações). Bem como as representações coletivas foram formadas durante um longo processo, no tempo e no espaço. Suas complexidades se instituíram ao longo de gerações de pensamentos, personalidades e sentimentos. Diz Durkheim (2000, p. XXIII):

Na imensa cooperação, uma multidão de espíritos diversos associou, misturou, combinou suas ideias e seus sentimentos; longas séries de gerações nelas acumularam suas experiências e seu saber. (...) O homem é duplo - Há dois seres nele: um ser individual, que tem sua base no organismo e cujo círculo de ação se acha, por isso mesmo, estreitamente limitado, e um ser social, que representa em nós a mais elevada realidade,

na ordem intelectual e moral, que podemos conhecer pela observação, quero dizer, a sociedade.

As representações sociais interagem com as categorias e ambas se modificam de acordo com o contexto social. Os contextos também são históricos, permeados de ocorrências, guerras, conflitos, interesses, etc. As representações são vivas, mutáveis, possuidoras de certa instabilidade. Para Durkheim, a melhor forma de estabelecer uma leitura mais apurada da sociedade é buscar elementos nas sociedades que ele considerou elementares, sendo que as sociedades totêmicas são ideais para esse estudo. *“Entre as crenças sobre as quais repousa a religião totêmica, as mais importantes são naturalmente as relacionadas ao totem; portanto, é por elas que devemos começar”* (DURKHEIM, 2000, p. 96). A origem do totem é hierárquica, pois ele define as relações sociais – quem pertence ou não ao grupo. Aqueles que pertencem ao totem são considerados sagrados, os que não possuem são excluídos dos rituais e práticas sagradas.

Afastados das cerimônias, são considerados profanos e impedidos de tocar nos objetos sagrados, de pisar sobre solo sagrado. Os excluídos do totem geralmente são crianças, mulheres e indivíduos de outros totens. Todo e qualquer elemento que não compuser o totem é considerado profano. Isso se estende a territórios geográficos, ritos, mitos, crenças e cultos. Cada totem possui seus elementos sagrados. Não pertencer a eles é encontrar-se no mundo profano. O totem constitui forças materiais e morais, sendo que as forças morais imprimem as mesmas obrigações que a família.

O sentido de pertencimento ou a perda/afastamento deste pertencimento se fez notar na particularidade expressa nas falas das/dos entrevistadas/dos. Para os familiares das vítimas de acertos de contas e confronto com a polícia e das vítimas de suicídios, seus entes estavam vivenciando duas situações distintas que culminaram em suas mortes. No primeiro retrato, as falas dos familiares expressaram que seus parentes sofreram um gradual afastamento do seio familiar, da escola, da comunidade religiosa, adotando um comportamento escuso, sombrio. Afastamentos domiciliares mais e mais prolongados que se estenderam, em alguns casos na ruptura total com o núcleo parental.

No segundo retrato (suicídios), os familiares relataram que seus entes demonstravam comportamentos variados entre euforia, integração social, surtos de envolvimento com comunidades, incluindo comunidades religiosas, mas que logo

demonstravam isolamento, rupturas com amigos e grupos, quadros depressivos, inclusive diagnosticados, desesperança frente a vida, entre outros comportamentos.

A natureza do homem é gregária, deste modo, há uma necessidade de integração, aprovação, aceitação e retroalimentação que cada qual realiza com a presença de outrem. É sabido que os quadros são muito mais complexos, que as dimensões do humano são bem mais intrincadas, não cabendo nesse momento pormenorizá-las, mas não é absurdo constatar que apartados de seus portos totêmicos muitos vão à deriva.

O indivíduo isolado é pequeno e fraco, em assembleia ele se faz forte pela própria força do grupo. O indivíduo é elevado acima de si mesmo, sendo que a fé comum se manifesta no ato comum. As forças superiores ao sujeito, como a moral do grupo, dominam os interesses particulares, nasce daí o “demônio da inspiração oratória” tão pertinente às grandes comoções populares. Nesse momento não é o simples indivíduo que fala, é o grupo encarnado. Nasce daí atos de heroísmo, violência, em que o sujeito luta e morre pelo coletivo e sua singularidade deixa de existir.

*“Uma vez reunidos os indivíduos, sua aproximação libera uma espécie de eletricidade que os transporta rapidamente a um grau extraordinário de exaltação”* (DURKHEIM, 2000. pág. 221, 222). O sentimento que a sociedade tem, reforça o sentimento que o sujeito tem de si mesmo. Nesse sentido, se estabelece a harmonia moral, a sustentação contínua do eu moral (a força moral é algo além da pessoa; é imanente). O tônus moral do indivíduo depende do grupo social (a sociedade existe antes e além do indivíduo).

Segundo Durkheim, a sociedade cria duas realidades: o mundo das coisas sagradas e o mundo das coisas profanas. Os homens divinizados (soberanos possuidores do “*Mana*”) – são representações da divindade. As divindades são criadas pela sociedade como são criados os seres profanos. Mas, da mesma forma que a sociedade diviniza indivíduos, objetos, ou qualquer outra coisa, ela tem o poder de tornar profanos os mesmos elementos. Nesse sentido, as representações não são estáticas. Elas sofrem alterações no seio da sociedade. Algumas mudanças são mais lentas e graduais; outras, em menor escala, são mais rápidas e dinâmicas.

A presença diária no campo permitiu vislumbrar em cada gesto, olhar, palavras e principalmente em situações em que nada era dito, mas tudo se dizia. Esses momentos únicos em que as representações sobre a morte se revelavam em

cada ser. Quadros raros, dormentes, por vezes, desesperadores, porém sedentos por uma oportunidade de auscultação da alma. Cada familiar construíra ali, na antissala do IML, no memento presente do reconhecimento da filha ou filho, do sobrinho, da mãe, uma representação única da morte.

Do mesmo modo que não há representações falsas, não existem religiões falsas. Para Durkheim, todas as religiões são verdadeiras, pois elas tornam legítimas as relações humanas através das crenças e ritos. As forças heterogêneas do totem são os poderes – *orenda*, *mana* – forças impessoais que se encontram em tudo, mas não pertencem a ninguém e não se esgotam em ninguém – não estão no tempo, nem no espaço. O totem possui a força física que age mecanicamente através das coerções e sanções.

Para Durkheim (2000), a força é, então, a própria sociedade. Ela é superior aos indivíduos, que acreditam depender dela e dela receber sua força, isto é, a religião. Como a força da sociedade é real, a base da religião é real. “Uma vez reunidos, portanto, seu primeiro movimento deve ser o de afirmar uns aos outros essa qualidade que se atribuem e pela qual se definem. O totem é o signo de conagração deles, e é por essa razão que eles o desenham no corpo”. (IDEM, p. 387). O totem é simbolizado pelo deus totêmico (poder e força). Ele representa o clã que é a própria sociedade. Se ambos são representados por uma única coisa, o deus do clã é, então, o próprio clã.

Relatar a história do parente morto, compartilhar com um estranho os motivos que levaram a morte violenta ou as circunstâncias que promoveram o desenlace da vida foi um momento muito singular que serviu para dividir a dor. Sentados à mesa, o pão da vida é compartilhado para que a solidão da intimidade seja oferecida para outro ser que se oferece para sentir um pouco dos dissabores da morte. O pesquisador fez o papel de oráculo, de muro das lamentações, de conexão aliviadora de sofrimentos impactantes. Devo assegurar que o momento mais fecundo da pesquisa foi justamente nos momentos em que não fui pesquisador, mas apenas um ser humano diante de outro, tragicamente ferido<sup>16</sup>.

De acordo com Durkheim, o indivíduo tende a se aproximar do sagrado através dos ritos miméticos. Dessa forma, a vida cotidiana torna-se sagrada, repleta de momentos mágicos, pois o sujeito sai da vida ordinária e entra na vida

---

<sup>16</sup> É preciso fazer uma autocrítica, pois para além dos princípios e sonhos do querer saber (conhecimento acadêmico e pessoal), há, também, um projeto de poder na utilização do outro.

extraordinária. A mimese dá ao indivíduo características do sagrado, como poder, força, transcendência. Esses elementos transformam a vida simples e rotineira em sagrada. Como nos disse Cláudio Assunção Figueiredo, 35 anos, tio de um jovem rapaz morto em um acerto de contas, respondendo a (QA/Q3) “Você acha que a religião atribui sentido à sua vida? Explique”:

Ah, com certeza, a gente vê diversos testemunhos de pessoas que também tavam numa vida ruim, que conseguiram se recuperar através da religião, então assim, é o que eu tentei fazer várias vezes com meu sobrinho, mas é...como eu disse, às vezes você tem um te chamando pro caminho bom e dez chamando pro caminho ruim, não dava sossego, o povo não dava sossego dentro de casa, o pessoal ia direto lá chamar ele, e às vezes quando a pessoa tá deslumbrada com essa vida ruim, que acha que tá tendo uma aventureira, uma vida de, de, né, uma vida assim que todo mundo tá vendo, tá sendo refletida o tempo todo, aí acaba que não larga, então assim, eu acho que sim, a religião salva, ela tira da cabeça muita coisa ruim da gente, então assim, é o que eu tentei fazer com ele, mas infelizmente ele não, como a pergunta lá de trás falou, cada um tem o seu livre arbítrio de escolher o que quer da vida.

O sagrado atribui sentido à vida, que em muitos casos se encontra totalmente esfacelada. Porém, os momentos extraordinários são brevíssimos; logo o sujeito volta à sua vida comum, necessitando retornar posteriormente ao seio do grupo (igreja), a fim de se “recarregar do poder sagrado”. Mesmo por um breve instante o indivíduo se relaciona intimamente com o sagrado. Há uma suspensão temporária da vida ordinária. Estabelece-se, momentaneamente, um elo entre os dois mundos, que passam a ser um só. O sujeito começa a perceber que é capaz de alterar sua vida para melhor, que o paraíso terrestre, a terra sem males pode se concretizar no aqui e agora.

Peter Berger (1985), em sua obra *O Dossel Sagrado*, assegura que a sociedade de forma imprescindível deve ser entendida dialeticamente. Declara que a religião preenche uma determinante função na edificação da sociedade, não obstante, para que a construção seja compreendida, o sociólogo parte, a priori, de três conceitos basilares: exteriorização, objetivação e interiorização. Segundo Berger, a sociedade é um produto humano, isto é, o mundo do homem não corresponde ao mundo dos animais (pré-determinado). O mundo humano é precário, “o homem é curiosamente inacabado ao nascer” (BERGER, 2004, p. 17), portanto, necessita construir e ser construído por si próprio, constantemente.

O processo contínuo de construção do mundo e do próprio ser humano por ele mesmo é denominado exteriorização. O resultado de tal processo Berger chama

de cultura. Sendo o mundo constantemente construído e reconstruído pelo homem, os processos de representações também sofrem alterações constantes. Apesar de que as representações sobre a morte nos familiares de vítimas de mortes violentas tenham origem em representações construídas há milênios, não são as mesmas. As representações da morte nos familiares possuem uma singularidade específica, interagindo constantemente com a cultura da qual fazem parte.

A cultura é a totalidade dos produtos dos indivíduos e das sociedades, consistindo nos objetos materiais (casas, estradas, meios de transporte, cidades), bem como na elaboração de objetos não materiais (educação, normas, leis), como a própria linguagem que é erguida como forte construção simbólica que abarca todos os aspectos da vida. A cultura é uma espécie de segunda natureza, ela se distingue da primeira natureza em sua origem, por ser um produto do homem.

Seja como for, a sociedade, naturalmente, nada mais é do que parte e parcela cultural não material. A sociedade é aquele aspecto desta última que estrutura as incessantes relações do homem com os seus semelhantes. Como apenas um elemento da cultura, a sociedade compartilha do caráter desta como produto humano (BERGER, 2004, p. 20).

Sendo produtos da construção humana, as estruturas da cultura são frágeis e propensas a mudar. “E só na sociedade os produtos dessas atividades podem durar” (BERGER, 2004, p. 21). Os produtos exteriorizados pelo indivíduo assumem uma identidade diferenciada do produtor.

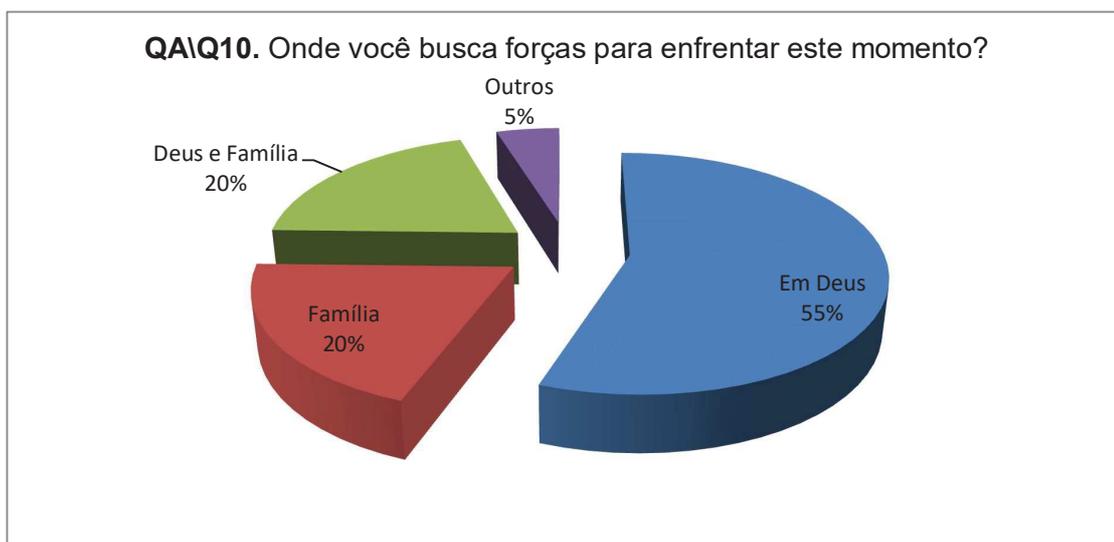
Os produtos passam a ter uma “distinção em relação àqueles que os produzem”. Tal transformação que os objetos materiais e imateriais assumem, distinguindo significativamente de seus criadores, é chamado por Berger de objetivação. O mundo que anteriormente foi construído pelo homem atinge um caráter de realidade objetiva. No primeiro momento (exteriorização), o sujeito cria objetos materiais e não materiais. No segundo momento os objetos ganham autonomia e passam a exercer “uma lógica objetivada” sobre os próprios criadores (objetivação). Os instrumentos criados pelos indivíduos passam a impor sobre eles suas próprias lógicas. O homem tem que se adequar à lógica dos objetos.

Em um primeiro momento o indivíduo cria representações do mundo (exteriorizações). Em um segundo momento, suas exteriorizações se objetivam, exercendo sua lógica sobre aqueles que as desenvolveram. Seguindo essa lógica, podemos dizer, parcialmente, que os familiares não representam livremente as

mortes violentas de seus entes. As representações da morte nos familiares fazem parte de um colossal conjunto de representações estruturadas (objetivadas), porém, passíveis de se alterarem. Nesse processo ganham outras formas e matizes, importantes para o equilíbrio do indivíduo, que busca compreender o mundo e suas dores.

Todavia, as representações da morte são mitigadas pela fé em duas fortalezas atribuidoras de sentido e resistência: Deus e Família. Em (QA/Q10) “Onde você está buscando forças para enfrentar este momento?” ficou evidenciado a crença e a confiança em Deus e na família para fortalecer, apoiar, compartilhar e atribuir sentido às dores. Deus e Família representam forças determinantes e majoritárias nas respostas das/dos entrevistadas/os, como representa o gráfico abaixo:

GRÁFICO 01



Para Berger, a *nomia* funciona como um escudo contra o terror. O indivíduo busca o equilíbrio de sua própria existência, convivendo em sociedade. A separação brutal dos laços que prendem o homem ao contexto social pode levá-lo ao estado de *anomia*. “Toda realidade socialmente definida permanece ameaçada por ‘irrealidade’ à espreita. Todo *nomos* socialmente construído deve enfrentar a possibilidade constante de ruir em *anomia*” (BERGER, 1985, P. 36). A *anomia* traz transtornos em

vários aspectos: moralidade, sexualidade, integração social etc. O papel da sociedade e da religião é o de afastar o sujeito da *anomia* ou retirá-lo de tal estado.

O sujeito busca equilíbrio (*nomos*), se comparando com os outros, buscando equivalências que possam legitimar suas ações, atitudes e tomadas de decisões. A sociedade tem a função de atribuir méritos, conceder atributos ao sujeito. Mas, da mesma forma que o indivíduo recebe os reconhecimentos, a sociedade pode retirá-los, podendo levar o sujeito ao mais profundo estado de *anomia*.

Quando a sociedade não corresponde à busca de sentido, a religião possui a função nomizadora. Quando a sociedade não dá mais respostas para o indivíduo, quando ele não consegue buscar sua identidade em padrões pré- estabelecidos pelo corpo social. Quando não tem seu eu aprovado e comprovado por uma força que é maior e exterior a ele, quando a interiorização não é mais possível, a religião cumpre esse papel.

Sobre a importância fundamental da religião, Georg Simmel (2010) expressa incisivamente as razões efetivas da religião nas diversas realidades do ser.

A religião deriva de necessidades e impulsos da alma que nada têm a ver com “coisas” do mundo empírico nem com critérios racionais. Em vez de construir uma esfera autônoma de vida, esses impulsos se realizam como apelos enraizados num contexto aparentemente evidente; é inevitável que os apelos referentes a este mundo e ao além entrem em conflito com padrões intelectuais que têm origem inteiramente diversa. A necessidade de completar a existência fragmentária; de reconciliar os conflitos dentro do indivíduo e entre os homens; de encontrar um ponto fixo em meio à instabilidade ao redor, uma justiça nas crueldades da vida e um objeto absoluto para onde dirigir nossa humildade e nosso desejo de felicidade – tudo isso nutre as ideias de transcendência (SIMMEL, 2010, pág. 25, 26).

É muito complicado e praticamente impossível perceber a religião em sua expressão mais pura, livre de “*elementos idolátricos, regulamentares e profanos*” (Simmel, 2010). Porém, em momentos estanques, a fé religiosa se ergue pura para cumprir seu papel curativo. Em (QA/Q13) “Defina em uma palavra: O que você está sentido agora?” Os parentes demonstraram suas feridas expressas em sentimentos dilacerantes. Dez disseram que estavam sentindo dor; cinco afirmaram que a tristeza era o sentimento mais marcante; cinco familiares indicaram o vazio como emoção maior; o sofrimento foi a expressão apontada por dois familiares; revolta expressou o sentimento de dois familiares e a impotência foi eleita por um parente. Na amostra de vinte e cinco familiares, nem todos disseram pertencer ou participar de uma

religião, considerando a religião como denominação religiosa, mas todos, sem exceção, afirmaram ter fé em Deus.

A fé, que foi considerada a essência e a substância da religião é, antes de tudo, uma relação entre seres humanos: trata-se de fé prática que de modo algum é um mero estágio inferior ou uma atenuação da crença teórica. Quando digo “creio em Deus”, essa afirmação significa algo totalmente diferente de declarações como “creio na difusão da luz através do éter”, “Lua é desabitada” ou “a natureza humana é imutável”. Isso não significa apenas que eu aceito a existência de Deus, ainda que ela não seja plenamente demonstrável, mas também implica uma relação espiritual específica com ele, uma entrega efetiva a ele, um direcionamento da vida para ele (...). Essa fé tem analogia com a socialização dos seres humanos: de modo algum baseamos nossas relações mútuas naquilo que decisivamente sabemos uns sobre os outros. Antes, nossos sentimentos e impressões se articulam em certas representações que só podem ser descritas como dignas de fé e que, por sua vez, têm efeito sobre as condições práticas. É um fato psicológico bem específico, difícil de definir, quando se “acredita em alguém” (SIMMEL, 2011, p. 8).

De acordo com o último levantamento do IBGE (2010), sobre o pertencimento religioso do brasileiro, o número dos sem religião cresceu nos últimos dez anos, correspondendo aos indicadores do instituto a 8% da população. Este percentual é corroborado com os dados da tese que apresentou três familiares que se consideraram sem religião. Contudo a fé permanece presente na vida dos indivíduos, pois “*sem ela a sociedade desmoronaria*” (Simmel, Idem).

O argumento de Simmel é muito vertical e evidencia uma percepção que o campo de pesquisa tornou mais evidente, movendo uma pergunta perturbadora e esclarecedora: Por qual razão essas pessoas permanecem integras, firmes, eretas, sóbrias, razoavelmente equilibradas diante das dores titânicas? Há uma só resposta: A fé! Não há outra razão para insistir na permanência do Ser. A fé no outro, mesmo quando somos traídos. A fé nas instituições, nos governantes, nos professores – considerando que os mesmos estejam ensinando corretamente. Fé nos elementos da natureza, na água que se bebe e no ar que se respira. A fé na medicina forense, que confirma a morte e a causa da morte da mãe amada. Fé empírica que deve ser comprovada com os recursos de São Tomé, mas que garante e reforça a fé na ciência médica. Para Simmel, a fé, que por vezes contraria a razão, é um dos laços mais fortes que mantêm “unida a sociedade humana” (Idem, p. 9). A concordância com o pensador é natural, pois a fé, além de ser um aspecto do humano, é um forte caráter da religião.

Segundo Bourdieu, o sistema simbólico da religião permite ao homem organizar o mundo natural e social dentro da classe a que pertence. Esse sistema torna-se visível na arte, na política e em outros veículos de poder que diferenciam e legitimam as diferenças sociais. As representações sociais que os familiares de vítimas de morte violentas possuem da morte e de si mesmos aproximam-se das análises de Bourdieu. Os familiares buscam compreender o mundo social ao qual pertencem, suas dinâmicas e estruturas, o medo, a raiva, o vazio existencial. Representar essas múltiplas dimensões do humano é uma tentativa de compreender o mundo, as coisas, o ser e os seres.

O sociólogo, ao retomar as análises de Max Weber e de Karl Marx, diz que a religião tem como função a conservação da ordem social, a legitimação dos poderes dos dominantes e a domesticação dos dominados.

Neste ponto, Weber está de acordo com Marx ao afirmar que a religião cumpre uma função de conservação da ordem social contribuindo, nos termos de sua própria linguagem, para a “legitimação” do poder dos “dominantes” e para a “domesticação dos dominados”. (BOURDIEU, 1999, P. 32).

Essa constatação não é compartilhada por todos. Otto Maduro (1983), entre outros autores, pensa de outro modo. As bases teóricas e práticas da Teologia da Libertação, para citar um exemplo, indicam outras funções da religião. Afirma Maduro (1983, p. 175):

As religiões não desempenham sempre nem apenas funções conservadoras com respeito às relações sociais conflituosas de dominação. As religiões não necessariamente constituem um obstáculo à autonomia das classes subalternas nem a suas alianças contra a dominação. Muitas religiões, em um sem-número de processos historicamente registrados, parece que desempenharam claro papel nas lutas dos dominados contra a dominação interna e/ou externa.

A ressalva de Otto Maduro é lapidar, pois demonstra que a religião possui, em suas raízes, um caráter questionador do *status quo*, do poder estabelecido. A religião foi historicamente e ainda é, em diversos contextos, causadora de profundos questionamentos, denúncias e lutas sociais. Ao contrário de algumas afirmações que atribuíram à religião um papel de dominação, principalmente às classes subalternas, em que processos heteronômicos castraram a autonomia dos indivíduos. A religião atribui “a capacidade de uma classe subalterna para

*transformar suas condições de existência, colocar barreiras à estratégia hegemônica dos dominantes”* (idem, p. 176).

Mediante as provocações de Maduro, é preciso questionar se ainda há espaço, no Brasil atual, para uma religião fortemente envolvida com os grandes problemas sociais e políticos? A religião ainda possui este poder de envolvimento das classes subalternas, para promoção da conscientização visando às lutas pelos direitos humanos e a dignidade da vida? Não como conquista individualizada (Teologia da Prosperidade), mas como força comunitária? As ações comunitárias<sup>17</sup> – lideradas pelos movimentos religiosos, de várias denominações, permanecem ativamente apoiando – principalmente os moradores dos bairros mais pobres das cidades brasileiras<sup>18</sup>?

Em diversos momentos históricos a religião se fez necessária para lutar – em conjunto com os mais pobres e oprimidos – contra determinadas forças hegemônicas. A Igreja Católica – como exemplo, na década de 1970, teve que se posicionar abertamente contra a Ditadura Civil-Militar.

Em 1973, os bispos e provinciais de diversas ordens religiosas das regiões Nordeste e CentroOeste publicam duas declarações que denunciam não apenas a ditadura, mas também aquilo que eles chamam de ‘a raiz do mal’: o capitalismo. (LÖWY, 1991, p. 55).

A mudança foi tão profunda que, durante a década de 1970, depois de a esquerda clandestina haver sido eliminada pela repressão, a Igreja surgiu, aos olhos da sociedade civil e dos próprios militares, como o principal adversário do Estado autoritário – um inimigo muito mais poderoso e – e radical – do que a oposição parlamentar consentida, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB). (Idem, 2007, p. 309).

Por isso a religião, apesar das suas contradições, organiza e se especializa em seu trabalho para que, investida de poder, cumpra a sua função social e política em favor de diferentes classes sociais. Essa função tem sucesso, pois a religião possui uma forte virtude de eficácia simbólica e social.

---

<sup>17</sup> Será possível, na realidade brasileira atual um desenvolvimento conjunto que vise a conscientização das comunidades mais pobre, por essa razão mais propensas à violência? A fala de Frei Betto pode ajudar indicar o caminho: A pastoral popular procura estabelecer uma relação dialética com as bases e um dos aspectos mais importantes dessa relação é a descoberta de uma nova pedagogia de trabalho com as classes populares. Uma pedagogia que permite verificar algumas das razões pelas quais não se firmou ainda neste país um instrumento político enraizado no povo e capaz de se afirmar, historicamente, como vanguarda libertadora. A tradição política brasileira, em suas formas institucionais, tem sido uma tradição elitista onde as pessoas, do alto de seus privilégios, consideram possível criar um modelo político que corresponda às necessidades do povo. (BETTO, 1981, p. 37- 38).

<sup>18</sup> Retomaremos essa linha de raciocínio mais adiante.

Para Bourdieu, o “campo religioso” possui diferentes interesses com seus diversos sistemas de práticas e trocas simbólicas. Dá origem a um conjunto moralizante que se estrutura nas crenças, nos critérios e imperativos éticos. Tais características se inserem principalmente na formação tecnológica do desenvolvimento da vida urbana. Nesse contexto ocorre a divisão do trabalho intelectual e do trabalho material, constituindo uma relação de interdependência entre dois mundos. Há, progressivamente, uma concentração do poder religioso nas mãos daqueles que institucionalizaram as práticas religiosas. Diz Bourdieu (1999, p. 34):

O conjunto das transformações tecnológicas, econômicas e sociais, correlatas ao nascimento e ao desenvolvimento das cidades e, em particular, aos progressos da divisão do trabalho material, constituem a condição comum de dois processos que só podem realizar-se no âmbito de uma relação de interdependência e de reforço recíproco, a saber, a constituição de um campo religioso relativamente autônomo e o desenvolvimento de uma necessidade de “moralização” e de “sistematização” das crenças e práticas religiosas.

Apesar da centralização do poder simbólico religioso nas mãos dos dominadores, ele não é hegemônico. O poder simbólico nasce e está, também, nas mãos dos leigos. Portanto, não há dominação plena, nem resignação absoluta. Podemos perceber essas práticas nas relações mantidas entre os sacerdotes e os fiéis. A doutrina, a teologia, a economia, o poder, as condutas moralizantes proferidas pelos profissionais da fé (WEBER, 1999) são filtradas e ressemantizadas pelos fiéis, que criam e recriam suas próprias representações. Cada um, sacerdote e fiel, possuem significativas parcelas de poder simbólico (BOURDIEU, 1999).

Na prática diária, profissional da fé/sacerdote e fiel utilizam, às vezes sem saber da origem, representações tão antigas quanto a história das primeiras civilizações, transformando-as em importantes poderes simbólicos que cumprem o papel de legitimador social. Bourdieu (1999) diz que a religião está disposta a assumir funções ideológicas e práticas políticas de absolutização do relativo e legitimação do arbitrário. Consiste em redimensionar a força material e a força simbólica, possível de ser mobilizada por um grupo ou uma classe, assegurando e legitimando tudo o que define socialmente este grupo ou uma classe na medida em que ele (grupo ou classe) ocupa uma posição determinada na estrutura social.

Tendo em vista que uma prática (ou uma ideologia religiosa), por definição, só pode exercer o efeito propriamente religioso de mobilização (correlato ao efeito de consagração) na medida em que o interesse político que a determina e a sustenta subsiste dissimulado em face tanto daqueles que a produzem como daqueles que a recebem, a crença na eficácia simbólica das práticas e representações religiosas faz parte das condições da eficácia simbólica das práticas e das representações religiosas (BOURDIEU, 1999, p. 54).

Ainda na esteira das representações religiosas, em (Q2\Q3) “Você acredita que o demônio ou algum espírito maligno pode fazer ou levar alguém a praticar o mal?”, vinte e dois familiares responderam afirmativamente, apenas dois entes disseram que não. As representações do demônio reproduzidas pelos familiares das vítimas possuem eficácia simbólica, pois abrangem de forma eficiente a vida cotidiana daqueles que buscam respostas para problemas às vezes insustentáveis, além de reduzir as inúmeras complexidades da vida.

Bourdieu diz que a religião deve cumprir funções sociais além de atribuir às pessoas a compreensão do existir, do enfrentar as angústias, a solidão, a miséria, as doenças, os sofrimentos e a morte. Os fieis esperam que a religião forneça justificações de existir em uma determinada função social, com todas as propriedades que lhes são inerentes. Será mais eficaz a religião quando conseguir satisfazer aos interesses religiosos, aos grupos de leigos; se exercer o efeito simbólico; se for capaz de mobilização; se tornar absoluto o que é relativo; se legitimar o arbitrário. Desta maneira, segundo ele, o campo religioso cumprirá a função externa de legitimação da ordem estabelecida e de manutenção da ordem política.

Para Bourdieu, todo fenômeno religioso nasce de uma experiência muito profunda e intensa, vivida por uma pessoa que é profundamente carismática. Tal experiência religiosa do carismático tende a atrair seguidores, discípulos que irão definir seus símbolos religiosos, que serão portadores da energia da experiência religiosa vivida pelo carisma fundante. O carisma é o poder simbólico que confere ao carismático o fato de acreditar em seu próprio poder simbólico. “A eficácia simbólica que se agrega aos agentes religiosos na medida em que aderem à ideologia do carisma, isto é, o poder simbólico que lhes confere o fato de acreditarem em seu próprio poder simbólico”. (BOURDIEU, 1999, p. 55). A rotinização do carisma será estabelecida, principalmente a partir do momento em que o fundador do fenômeno religioso morrer ou se ausentar da comunidade dos crentes.

Nesse estágio do processo do fenômeno religioso nasce a figura do sacerdote, que vai sistematizar o processo de vivência do carisma, construindo dogmas e determinar um comportamento ético dos seguidores. É nesse momento que o fenômeno religioso constrói a Igreja. Tal instituição vai garantir, através de seus ritos e mitos, a rotinização do carisma. Para Bourdieu, os sacerdotes, que são profissionais da fé, sustentados pela instituição religiosa, vão garantir a permanência da eficácia do carisma fundante do fenômeno religioso em questão.

A religião como empresa de salvação possui um capital de autoridade em função da força simbólica que exerce nos fiéis. A racionalização religiosa leva à burocratização com a conseqüente hierarquização. Esta formulação religiosa levada ao plano simbólico legitima a sociedade burocrática, classista e hierarquicamente constituída (BOURDIEU, idem, p. 60). Porém a fé, a religião e principalmente a confiança no sagrado, transfigurado no deus cristão – abordado pelos familiares, não está sob o poder das autoridades. Cada qual negocia, representa, compreende e dialoga, no íntimo, com sua divindade.

A identidade da morte foi e é elaborada de diferentes formas nas inúmeras e diversas sociedades e grupos humanos. Cada qual elaborou uma identidade própria da morte, sendo que esta identidade sofreu constantes ressemantizações no dinâmico processo histórico. Há um grande salto entre a identidade da morte para o homem ocidental da Baixa Idade Média e o homem ocidental da Renascença. Em um determinado período, a identidade da morte é erigida como suja e indesejada, em outro, a identidade da morte é abraçada com intimidade e integração. Philippe Ariès (1977), em sua obra *História da Morte no Ocidente*, vislumbra que as diversas hermenêuticas sobre a morte e o morrer sofreram alterações ao largo dos séculos. O autor descreve os diversos cenários que constituíram os comportamentos humanos frente ao fenômeno pesquisado.

A morte, em si, sempre foi a mesma, mas houve mudanças nas interpretações desde a Alta Idade Média até os dias atuais, tendo o Ocidente como rico cenário. Ariès descreve como uma de suas principais teses, a visão domesticada da morte até o século XVIII. Vivos e moribundos compartilhavam os mesmos aposentos. Mortos e vivos ocupavam os mesmos espaços, não havendo a discriminação tétrica dessa realidade (morte domada). Diferentemente da realidade atual do Mundo Ocidental, em que a morte e os mortos são evitados,

industrializados e afastados da convivência com os vivos (morte selvagem – aquela que deve ser evitada).

Estes aspectos, da morte domada, não foram isolados à Europa, no interior de Goiás, até a primeira metade do século XX, era comum a prática de um ritual fúnebre que consistia em banhar o defunto. A família era encarregada de todos os preparativos, desde ministrar o último banho no morto (perfumando-o, vestindo-o com a melhor roupa), preparar o caixão, ornamentá-lo conjuntamente com o morto (o velório era realizado em casa, no centro da sala principal), receber os familiares, amigos e toda a comunidade, até o sepultamento que ocorria no cemitério localizado no centro da cidade, ou mesmo no jazigo particular da família, no terreno onde se localizavam: a casa, o jardim e a moradia definitiva do cadáver.

Os cemitérios das cidades do interior são campos ideais para analisar a morte domada. O morto não é isolado, sua identidade não é apagada pelo esquecimento cotidiano. Seu retrato, seu singular mausoléu, seu nome e sobrenome, seu epitáfio, seu passado vinculado aos vivos e a história da cidade, enfim, a identidade do morto persiste e existe sólida na paisagem e no abraço coletivo. Nas cidades coloniais do Período Aurífero Brasileiro, a morte e os mortos estiveram mais perto dos vivos e da vida diária. As igrejas, em Estilo Barroco, abrigavam sagradas sepulturas, onde ritos eram celebrados em manhãs de domingo.

Cada irmandade lutava para construir sua própria igreja que garantia, até certo ponto, a salvação das almas e um lugar para que os corpos fossem dados aos vermes e repousassem na esperança da ressurreição. Porém não havia igualdade na morte, pois as famílias mais ricas, as que tinham contribuído com maiores valores, eram sepultadas no altar ou perto dele. Já as famílias mais pobres, e, por conseguinte, que haviam contribuído com menores valores eram enterradas longe do altar (*locus* puro), mais perto da porta e portando, da rua (*locus* impuro). Podemos afirmar que no Brasil Colonial o sepultamento nas igrejas era regulado pela dicotômica observância da hierarquia social.

Porém havia aqueles que se encontravam em situações alijadas das grandes e pequenas igrejas da sociedade oitocentista. Os enterros fora dos locais sagrados, portanto, profanos, eram destinados aos não-católicos, judeus, protestantes, condenados, prostitutas, escravos. Estes eram duplamente condenados, tanto na vida, como na morte. Nota-se que na sociedade aurífera brasileira a identidade religiosa católica promovia uma dicotomia clara que segregava os salvos dos não-

salvos. Aqueles que possuíam a identidade legitimadora e fornecedora de poder simbólico e pragmático e os que eram marcados pela identidade dos desprezíveis filhos de Eva.

Historicamente desenvolveu-se um forte tensionamento entre as identidades antagônicas. De um lado a identidade patriarcal apoiada pelo patrimonialismo. De outro, a identidade dos excluídos, daqueles que Gilberto Freyre (2002 e 2004) chamou de moradores das senzalas e dos mucambos. A rigor, estes caudalosos rios raciais, sexuais, étnicos, sociais, fervidos no caleidoscópico caldeirão das idiosincrasias foram despejados nos séculos seguintes, permitindo que mares mais profundos e complexos surgissem.

Na contemporaneidade a morte é totalmente desnaturalizada, vista como selvagem, pelos olhos de Delumeau. A burocratização da morte, os documentos, as comprovações técnico-científicas, a institucionalização do morto, as autorizações para a liberação do corpo. O sepultamento nos cemitérios-parque, a falta de personalismo dos esquifes, as grandes distâncias das novas necrópoles, o luto vivenciado em dose homeopática, em que o familiar precisa voltar rapidamente para sua vida produtiva, geradora de riquezas econômicas. A segregação definitiva dos mortos da vida dos vivos encerra a integralidade das memórias afetivas.

As memórias findas dos mortos não estão sozinhas. As identidades dos vivos são ameaçadas e caminham, a passos largos, para as dissoluções frenéticas das redes sociais. Para provocar mortes digitais, incluindo genocídios, basta excluir os desafetos, i. é, aqueles que de alguma forma discordam de certas esferas de suas sagradas verdades. O familiar morto também ganha memórias virtuais em pílulas psicodélicas que se dissolvem no transcorrer das páginas eletrônicas, pois a internet

apenas simula um espaço de liberdade e de descoberta. Não oferece, em verdade, mais do que um espaço fragmentado, mas convencional, onde o operador interage com elementos conhecidos, sites estabelecidos, códigos instituídos. Nada existe para além desses parâmetros de busca. Toda pergunta encontra-se atrelada a uma resposta preestabelecida (BAUDRILLARD, 2011, p. 132).

Não obstante a hiper-realidade que expressa as mortes violentas como um filme *trash*, as mesmas não deixam de ocorrer, como borbotões, no Brasil. Ao contrário, os números de mortes violentas aumentam a cada ano. Atribuindo ao país uma colocação vergonhosa no ranque mundial de mortes evitáveis. Para desdobrar

esse contexto de sangue e lágrimas, o próximo capítulo abordará as mortes violentas no Brasil, seus números desumanamente crescentes em meio a edificante fé para aqueles que ficam.

## **CAPÍTULO II – FÉ E RESISTÊNCIA – MORTES VIOLENTAS NO BRASIL**

### **2.1 A RELIGIÃO E AS RAÍZES DA VIOLÊNCIA NO BRASIL**

Que o mundo é mau, essa é uma queixa tão antiga quanto à história e até mesmo mais antiga ainda que a poesia, bem mais, tão antiga quanto o mais antigo de todos os poemas, a religião dos padres. (KANT, 1992).

Para observar os tenros brotos que nascem nos galhos mais altos da árvore, é preciso perceber que estes só nasceram graças às raízes escuras. Essa árvore é este país chamado Brasil, nossas raízes representam nossas estruturas, nosso passado basilar, os brotos, equivalem ao presente. Não podemos querer que eles expressem ou apresentem outro resultado, afinal os brotos respondem aos estímulos das tradicionais raízes.

Mas é preciso dizer que isso é apenas uma analogia, uma nação – seu povo, sua história são constituídos de complexidades outras, que estão muito além das árvores. É inegável que os brotos sofrem influências das raízes escuras, mas é imperativo que esses brotos alterem a natureza determinista das raízes para que os brotos do futuro, que por hora estão escondidos, possam vivenciar dias melhores.

A violência é uma consequência clara do passado histórico brasileiro. O que as vinte e cinco famílias, das vinte e cinco vítimas da violência sofreram, de forma imensurável, é o resultado de um passado opressor que persiste em manter seus tentáculos nas vidas que se findam aos milhares e em outras, que aos pedaços tentam se manter vivas. Como expressa a senhora Maria Madalena, 46 anos – tia de um garoto de 18 anos, morto em um confronto com a Rotan (Rondas Ostensivas Táticas):

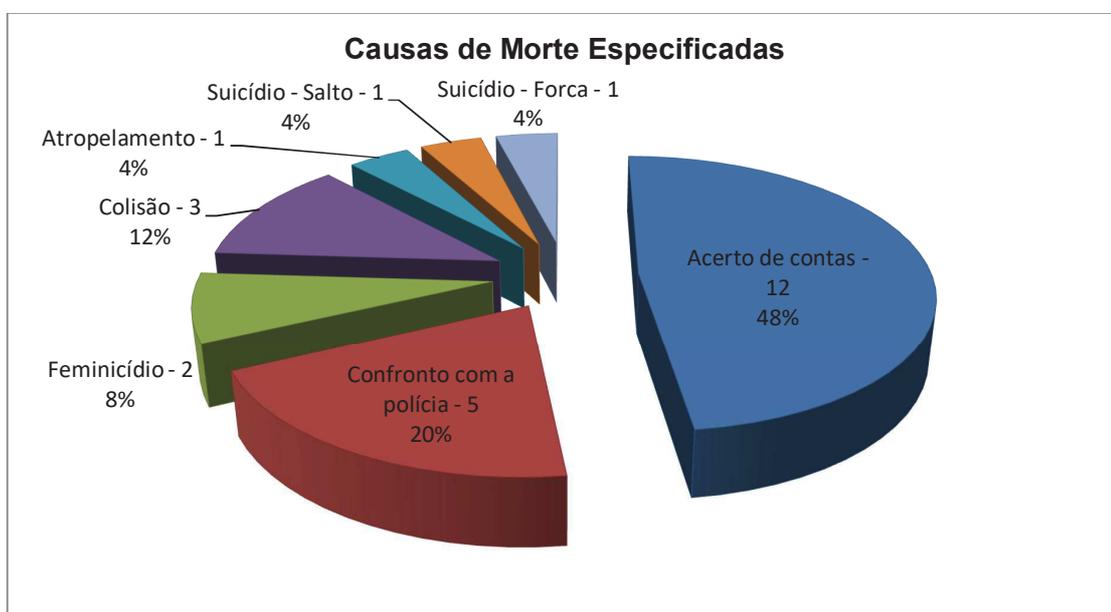
Meu sobrinho fez coisa errada sim. Eu sei disso. Eu e toda família sabe disso, né. Mas é muito claro que as polícias são muito violenta. Todo dia passa no jornal, policial matando gente inocente, inocente e pobre, viu. A gente vê. Meu sobrinho não era uma pessoa ruim, ele só estava desviado do caminho. Não era para matar do jeito que ele foi morto. Mas é melhor ficar calada, né. Preto e pobre, já viu (inaudível).

No gráfico abaixo é possível vislumbrar as vinte e cinco vítimas de mortes violentas. Lembrando que em conjunto familiar afetivo com estes seres humanos que brutalmente perderam suas vidas estão os familiares, que precisam encontrar estruturas sólidas para se manterem firmes neste cenário aterrador. As vítimas de

mortes violentas, descritas na pesquisa, corresponderam, ao todo: mortes por acerto de contas (tráfico e outros): 12; confronto com a polícia: 5; colisões de veículos terrestres: 3; atropelamento: 1; feminicídios: 2; suicídios: 2.

Para compreender este cenário descrito, é preciso desvendar seu passado. Observar a semente progenitora em suas primeiras décadas e séculos, para olhar com maior clareza e responder por quais razões o cenário atual do Brasil se desvenda desta forma. Abaixo tentaremos cumprir este objetivo.

GRÁFICO 02



O processo civilizatório se direcionou velozmente à fronteira que segregava, naturalmente, dois mundos: O mundo sagrado, dominado por valores culturais conhecidos e controlados, aos quais Geertz (2008) chamou de mecanismos de controle. E, do outro lado da fronteira, um mundo hostil, desconhecido, habitado por monstros gigantesco<sup>19</sup>, seres nefastos que deveriam ser domados e/ou destruídos. O Velho Mundo Europeu iniciava a confecção de suas nações na transitoriedade da Idade Média para a Idade Moderna. A religião, a política, a economia, a vida

<sup>19</sup> O Oceano Atlântico era conhecido, nesse contexto, por Mar Tenebroso. Era comum que os mapas do período, que retratavam o referido oceano, fossem ilustrados com criaturas monstruosas. (NOVAIS, 1998).

cotidiana eram parte de um grande projeto que abria as portas para o festejado progresso técnico-científico<sup>20</sup>.

Desejosos em transformar o mundo em um lugar controlado pelos mecanismos sistêmicos da razão (matematização do mundo); impulsionados pelos mandamentos do Capitalismo Mercantilista (lucro e acúmulo), as infantis nações europeias, sendo as pioneiras: Portugal e Espanha – partiram para as conquistas que alterariam, (Viagens Ultramarinas) inexoravelmente, os destinos de milhões de nativos das futuras Américas.

Sem escapar do equilíbrio da razoabilidade, não é exacerbado afirmar que sempre houve um dualismo quando se tratava de terras e mares desconhecidos. O próprio Cristóvão Colombo ficou decepcionado por não encontrar nenhum monstro marinho na viagem que culminou no “descobrimento” das Américas. O pavor e o medo do mal metafísico eram maiores que a alegria fomentada pela ambiciosa conquista. Como afirma Souza (1999, p. 26):

O Atlântico passará a ocupar papel análogo no imaginário do europeu quatrocentista – reduto derradeiro das humanidades monstruosas, do Paraíso Terreal, do Reino do Preste João, talvez – como diz frei Vicente do Salvador – reino do próprio demo, que, aqui, travará combate encarniçado contra a Cruz e seus cavaleiros. O maravilhoso estaria fadado a ocupar sempre as fimbrias do mundo conhecido pelos ocidentais: o mundo colonial americano seria, pois, a sua última fronteira.

A percepção maniqueísta que vislumbra o desconhecido é bastante natural e comum. A Ilha de Vera Cruz<sup>21</sup> carrega, ainda hoje, depois de meio milênio, traços das representações e do imaginário do homem europeu<sup>22</sup>, a terra do futuro e das oportunidades, a terra sem males, o paraíso perdido, como propagavam muitos missionários, entra em conflito com um Brasil da fome, do desemprego, da miséria,

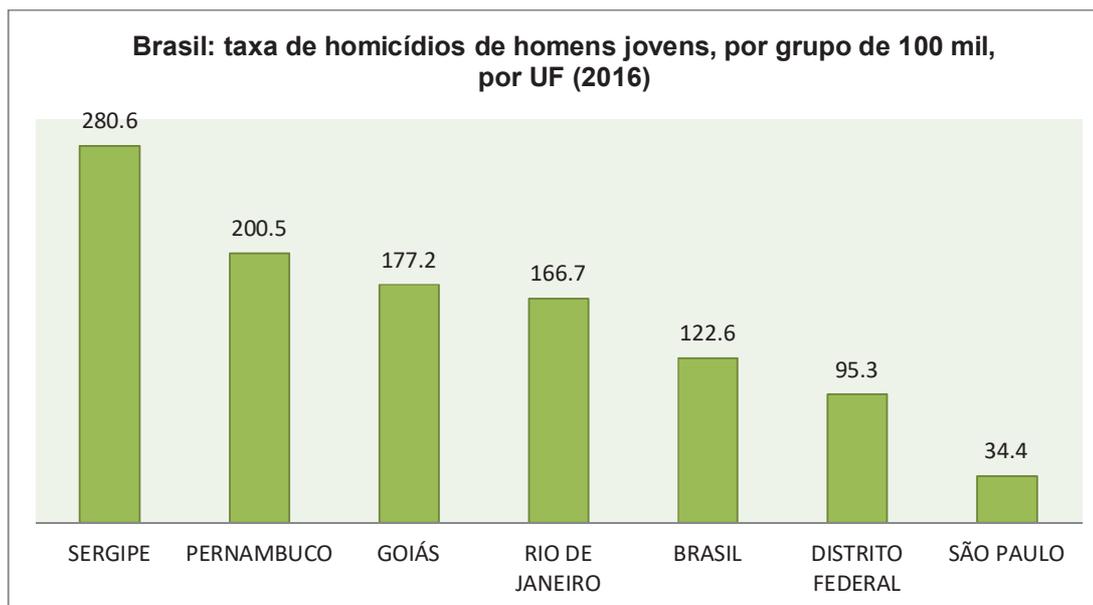
<sup>20</sup> Muitas ocorrências históricas contribuíram para as mudanças das mentalidades das mulheres e homens deste contexto histórico. As Cruzadas, a Guerra dos Cem anos, a Peste Negra, os conflitos no campo, a degenerescência do Feudalismo e o nascedouro do Capitalismo Comercial, a criação das primeiras universidades, a reabertura do Mar Mediterrâneo para a retomada do comércio marítimo entre o Ocidente e o Oriente, que contribuiu com o florescimento urbano, cultural e científico da Europa que deu boas vindas aos Renascimentos. (BETHENCOURT, 2000).

<sup>21</sup> Atual Brasil.

<sup>22</sup> Entre todos estes que hoje vieram, não veio mais que uma mulher moça, a qual esteve sempre à missa e a quem deram um pano com que se cobrisse. Puseram-lho a redor de si. Porém, ao assentar, não fazia grande memória de o estender bem, para se cobrir. Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal, que a de Adão não seria maior, quanto a vergonha. (FUNDAÇÃO DA BIBLIOTECA NACIONAL. A carta de Pero Vaz Caminha. Disponível em: < [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/carta.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf) > Acesso: 09 agosto 2018).

do ódio, do preconceito, da falta de esperança, das incertezas, do descrédito na política e principalmente nas dimensões da violência que deságuam fatidicamente em mortes evitáveis, principalmente no grande número de mortes violentas de vítimas extremamente vulneráveis, como apresenta o gráfico abaixo:

GRÁFICO 03



. O Estado de Goiás configura em 8º. Lugar no ranque de homicídios de Jovens e Jovens Homens.  
 . Quando se observa o perfil do jovem do sexo masculino, esses valores se elevam drasticamente, haja vista os homens representarem 94,6% das vítimas jovens.

Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica e MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM. O número de homicídios na UF de residência foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja: óbitos causados por agressão mais intervenção legal. Considerou-se jovens indivíduos entre 15 e 29 anos. Elaboração Diest/Ipea e FBSP.

A violência, com suas mãos descarnadas, sempre fere, mais profundamente, os mais frágeis, os mais jovens, aqueles que geralmente estão fora das inoperantes proteções do Estado. Fato que se perpetua historicamente nos índices, nos gráficos e na fria matemática, que bate na cara das autoridades constituídas, mas que a naturalização da violência as entorpecem, pelo menos é isso que as pessoas sensatas querem crer.

Não poderia haver espaço para o obscuro, para o incontrolável, para uma natureza repleta do desconhecido (o outro lado da fronteira). A luz, símbolo da racionalidade, deveria varrer do mapa qualquer sombra de um cenário amedrontador. Grosso modo, esta é uma parcela da hermenêutica que orientava o

imaginário do europeu dos séculos XV e XVI. O Ocidente e o Oriente estavam sofrendo grandes transformações, as distâncias e o isolamento dos mundos se estreitavam com a dinâmica das Grandes Navegações Ultramarinas. Mares tenebrosos se fizeram oceanos de almas náufragas, mas que foram grandiosas, pois das lágrimas, vertidas pelas mães, filhos e noivas, brotaram as conquistas de sangue dos reinos ibéricos.

As magnas ações foram cantadas em prosa e verso, figuras como Luís Vaz de Camões, autor de *Os Lusíadas*, Fernando Pessoa, figura máxima da língua portuguesa, entre outros – descreveram, liricamente, as suntuosas conquistas que culminaram no descobrimento das *terras brasilis*<sup>23</sup> e de outros “paraísos”, findos pela violência.

O historiador Philippe Gigantès (2004), em sua obra *Poder e Ambição*, relata que as ações humanas são norteadas por estas ações detentoras de grandes mudanças, marcadas pela violência: o poder e a ambição. Estes dois posicionamentos fazem parte da história humana desde seus momentos primevos. Deste modo, não há medidas morais, éticas ou justas que impeçam os interesses e a sede de dominação.

Sedentos pelos metais preciosos<sup>24</sup>, com destaque ao ouro, os primeiros portugueses que desembarcaram nas terras tupiniquins, desconsideraram-na como propriedade destes povos. A mentalidade europeia estava centrada no trabalho, na exploração extensiva do solo, no desmatamento desmedido para fins comerciais (extrativismo vegetal, com destaque para o pau-brasil) e de qualquer recurso natural que poderia ser explorado.

Descobrir equivalia a conquistar, fincar bandeira e tomar posse. A violência sofrida pelos indígenas, ao longo do processo histórico, foi grandiosa e basicamente se realizou por duas vertentes: a violência simbólica transfigurada de vestes jesuíticas e a violência física que se impunha pelo fio da espada. Sobre a formação catequética, em que o índio é inserido pelos jesuítas, diz Holanda, (1995, p. 39):

Foram ainda os jesuítas que representaram, melhor de que ninguém, esse princípio da disciplina pela obediência. Mesmo em nossa América do Sul, deixaram disso exemplo memorável com suas reduções e doutrinas. Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura do proletariado ou

---

<sup>23</sup> É o termo utilizado para denominar o Brasil antes da chegada dos Europeus, a terra dos índios.

<sup>24</sup> O metalismo era um dos aspectos do Mercantilismo, em que a riqueza das nações era medida pelo ouro e prata acumulados.

do Estado totalitário, chegou sequer a vislumbrar a possibilidade desse prodígio de racionalização que conseguiram os padres da Companhia de Jesus em suas missões.

Os nativos foram tomados, pelos jesuítas, como figuras de um paraíso perdido (*Edenis*), gentis que deveriam ser despertados do sonho selvagem para abraçar – em destino sagrado – a cruz em detrimento à suas crenças animistas<sup>25</sup> e a seus comportamentos reprováveis: “*eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas*” (CAMINHA, 1500). Não há um olhar cuidadoso para com o outro, a personagem mais frágil dessa inaugurada relação, de mão única, é violentada desde o primeiro contato.

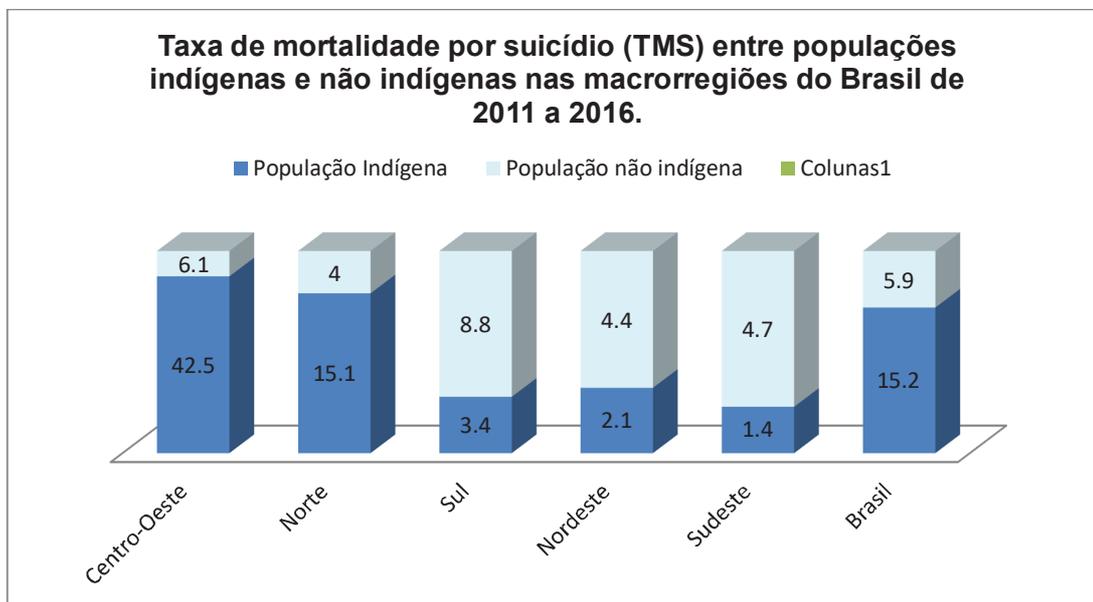
Não obstante, as inúmeras formas de violências praticadas contra os povos naturais, talvez a mais cruel e silenciosa seja a morte das identidades culturais, dos valores étnicos, do pertencimento enraizado na terra sagrada e nos costumes ancestrais. Os indígenas foram e são extirpados de suas vidas, perdem as riquezas simbólicas e materiais que lhes identificam como pertencentes a um povo, a uma história rica de significados. Não podem ser mais indígenas e nem tampouco brancos. Uma resposta trágica as violências sofridas por essas populações, na atualidade, é o crescente número de suicídios, principalmente entre os mais jovens.

De acordo com o relatório anual do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), vinculado à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), a mortalidade entre crianças indígenas de até cinco anos de idade cresceu 18,5% no Brasil e a violência autoinflingida entre indígenas de todas as idades teve um aumento de 18% na comparação entre 2015 e 2016. O mesmo relatório assinala que no transcorrer de 2015, 106 indígenas tiraram a própria vida, com crescimento expressivo na região do Alto Rio Solimões, que saiu de 13 casos, em 2015, para 30 no ano de 2016. O Ministério da Saúde indicou que a taxa de violência autoinflingida entre indígenas no período de 2011-2016, e de 15,2, para cada grupo de 100 mil habitantes, é quase o triplo da taxa registrada entre os não indígenas, de 5,5/100, como demonstra o gráfico abaixo:

---

<sup>25</sup> Aculturação: trata-se de um processo de alteração cultural de indivíduo, grupo ou povo que é inserido “forçosamente” em outra cultura, geralmente dominante. (CABASSA, 2003).

GRÁFICO 04



Fonte: Banco de Dados do Sistema Único de Saúde (DATASUS).

A pesquisa no IML revelou o que o gráfico acima demonstra. Não foi entrevistada nenhum familiar indígena, mas muitos expressavam na pele a formação constitutiva desse país miscigenado. Dos mortos por armas de fogo, apenas uma vítima foi registrada como branca, mas sua mãe se declarou parda. Não é possível negar que as minorias (indígenas, pretos, mulheres, LGBTQ, entre outros) são os alvos prediletos da violência sistêmica. *“Nois veio aqui pra sofre, meu fio”* desabafa Francisca Pereira Chaves, parda, diarista, semianalfabeta e mãe de um jovem de 19 anos, morto em confronto com a polícia. A expressão dessa mãe faz parte de um filme de terror realista que se repete todos os dias no Brasil, onde os pequenos são desprezados, sendo suas vidas e suas mortes parte de um roteiro determinado pela nossa história de opressão a essa gente.

Os muros simbólicos são erguidos, impedindo a aproximação acolhedora do outro. O outro é aquele que não sou eu, o estranho a mim, deste modo, a escuta, o toque, a tentativa de compreensão da cultura e das expressões religiosas, entre tantos outros matizes, não é mais que um translado vazio de interesses pela experimentação, pois não há espaço para a relação concreta, para o conhecimento do outro, que precisa ser abordado em suas múltiplas dimensões, nem tampouco

para as trocas equilibradas pela justiça. O outro é experienciado em uma dinâmica do Eu-Iso (BUBER, 1979), do sujeito frente ao objeto. Deste modo, a imposição se faz sem consultas.

As espadas e as botas fazem sangrar e esmagam as riquezas culturais do outro, a bandeira determina a posse injusta, o rito cristão – estranho aos índios – soa uma melodia distinta dos tambores tribais. O sol desperta as almas violentamente modificadas, um amanhã dessemelhante ergue seus ombros para o novo e triste amanhã, como nos expressa Vattel, (2004):

Estes ambiciosos europeus que atacaram as Nações americanas e as submetiam à sua ávida dominação, para civilizá-los, diziam eles, e para instruí-las na verdadeira religião; estes usurpadores, digo, justificavam-se mediante pretexto igualmente injusto e pouco consistente.

Nenhuma religião não é o mal em si, nem o bem expresso em sua máxima potência. Como disse Protágoras de Abdera (480 – 410 a.C.): “*O homem é a medida de todas as coisas!*” Essa máxima não deixa escapar à realidade da religião institucionalizada que foi e é usada tanto para libertar, como para prender à grilhões físicos e simbólicos. Sua expressão se fez notar, no largo histórico, de diversas formas, pelas mãos humanas: suave e gentil, honesta e honrada, justa e benevolente, amorosa e sedenta de cuidados pelos mais fracos. O papel da religião oficial<sup>26</sup>, e toda a complexidade que foge de suas doutrinas são expressos na fala da senhora Maria Aparecida de Jesus, parda, costureira, 41 anos – mãe de um jovem assassinado aos 24 anos:

Eu tenho mais dois filhos, uma filha de dezenove e um de dez, mas os dois graças a Deus não me dá trabalho não. Eles vão na igreja comigo – todo domingo eu levo os dois pra missa. Eu acho muito importante os ensinamento que o padre dá pros jovens. A menina fez até a crisma e o mais novo tá fazendo a primeira comunhão. Mas o mais velho nunca quis sabe de igreja, parece que era revoltado com o pai dele. Eu sei que participar da comunidade, da missa e dos curso oferecido é muito importante para a gente tê um caminho mais seguro. Deus não quer que ninguém sofra, né. Resposta a (QA/Q3) Você acha que a religião atribui sentido à sua vida? Explique.

Todavia segundo Arthur Schopenhauer (1973), a dor e o sofrimento são superiores ao prazer e a alegria. Deste modo, as inúmeras facetas da violência

---

<sup>26</sup> Instituição religiosa, possuidora de um corpo doutrinário, teológico, hierárquico. Exemplo: Igreja Católica, Igrejas Protestantes Clássicas.

imposta, pelo processo colonizador, aos povos naturais e mais tarde aos escravos de origem africana – neste determinado contexto histórico denominado processo colonial (1530 – 1822)<sup>27</sup> e posteriormente imperial (1822 – 1889), foi muito superior ao que pode ser nominado como boas intenções (aculturação e guerras justas, só para citar dois exemplos de violência oficial). Porém não é o papel deste capítulo julgar o passado, mas negá-lo para as gerações vindouras, equivale naturalizar uma árvore sem as suas raízes obscuras. Esta medida pode garantir uma rápida e perigosa morte cultural, um apagão histórico descrito por George Orwell (1989) em sua obra *Nineteen Eighty-Four*.

No contexto das Treze Colônias Inglesas, a conquista segue o mesmo curso da aculturação e destruição física dos povos da terra. A obra de John Gast (*American Progress*<sup>28</sup>), exposta abaixo, alude a corrida para o oeste (*For West*), que marcou profundamente a vida e a morte das nações indígenas que ocupavam esse território. O *Manifest Destiny* foi a doutrina estadunidense que, ancorada em pressupostos religiosos cristãos, legitimava e justificava a dominação do território pertencente às nações originárias. O proselitismo religioso é muito evidenciado e não deixa dúvida de que “Deus”, em sua máxima sabedoria, legou aos colonos ingleses, “seus verdadeiros filhos”, a posse sagrada da terra.

Deus escolheu a América para que aqui se construísse a sede do paraíso terrestre, por isso, a causa da América será sempre justa e nada de mal jamais lhe será imputado. Os colonos são os verdadeiros herdeiros do povo eleito, pois prestavam a Santa Fé. Nossa missão é liderar os exércitos de luz em direção aos futuros milênios (Pregações Puritanas, 1660 apud OLÍMPIO & MAIA, 2006, p. 6).

Chama muita atenção a afirmação “exércitos de luz”! Evidencia-se claramente que os colonos são puros, iluminados, tomados pela “graça de um deus” que atende prontamente aos interesses individualistas de cada grupo. A pintura destaca a chegada do progresso, da ordem estabelecida pelo mundo do trabalho, da luz racional que expulsa o atraso, o mundo selvagem, a natureza que precisa ser domada e/ou morta.

<sup>27</sup> De 1500 – 1530 o território que deu início ao futuro Brasil passou por um período denominado Pré-Colonial, neste contexto a coroa portuguesa estava com seus interesses econômicos voltados para as Índias Orientais. (FAUSTO, 2012).

<sup>28</sup> Fonte: <https://picturinghistory.gc.cuny.edu/john-gast-american-progress-1872/>. Disponível em 15 de junho de 2017.

## ILUSTRAÇÃO 02



John Gast, American Progress, 1872.  
Chromolithograph published by George A. Crofutt.  
Source: Prints and Photographs Division, Library of Congress.

Em paralelo com a obra de Gast, é possível observar duas imagens, expostas abaixo, que marcam a realidade dicotomizada do Brasil. Uma comunidade pobre do Rio de Janeiro, que sofre intervenção militar, esquecida, negligenciada por décadas pelos inúmeros governos. Uma comunidade que, sem qualquer cuidado e atenção, foi se expandindo descontroladamente em volume populacional, porém sem qualquer qualidade de vida. Certamente o Índice de Desenvolvimento Humano desses *locus* populacionais é extremamente precário. Abaixo dessa imagem há outro cenário, popularmente conhecido por “asfalto”, no caso específico é o Setor Bueno, bairro nobre de Goiânia - GO, em que há saneamento básico, segurança, ótimas escolas, moradias bem estruturadas, saúde, bem-estar social, lazer e todas as benesses que todos deveriam, por lei, ter acesso. São dois mundos, cruelmente distintos, onde o “asfalto” vê o “morro” como uma ameaça que deve ser eliminada da mesma forma em que o mundo selvagem, na obra de Gast, é varrido da história pelos “bons cristãos”.

## ILUSTRAÇÃO 03

Com Tanques, Granadas e Armas, a Polícia Trava Guerra Contra os Mais Pobres do Rio de Janeiro



<http://rioonwatch.org.br/?p=25238#prettyPhoto>

## ILUSTRAÇÃO 04

Parque Sulivan Silvestre - mais conhecido como Parque Vaca Brava – Setor Bueno – Goiânia Go.



<https://www.leardi.com.br/blogleardi/conheca-os-melhores-bairros-para-morar-em-goiania>

Pai do liberalismo político, John Locke (1978) defende o conceito de propriedade privada no Segundo Tratado do Governo Civil, em que argumenta sobre a propriedade privada legitimada pela força do trabalho. Na obra de Gast, observamos homens cultivando a terra, i. é, tornando-se legítimos proprietários da mesma, como afirma Locke: “a extensão de terra que um homem lavra, planta, melhora, cultiva, cujos produtos usa, constitui sua propriedade” (LOCKE, 1978, p.47).

O discurso do “índio preguiçoso”, do “preto quilombola indolente e obeso” ‘*que não serve nem para procriar*’<sup>29</sup> frente ao “homem branco civilizado e trabalhador” é uma verdade que se aplica até os dias atuais, principalmente quando se defende a expansão da fronteira agrícola e o fim das reservas ambientais e territoriais pertencentes às comunidades tradicionais (nações indígenas e populações quilombolas, entre outras). A violência inaugurada no Brasil com o processo colonizador reverbera e cresce como a um câncer. De acordo com a Comissão Pastoral da Terra (CPT),<sup>30</sup> os conflitos de terra subiram 15% em 2017<sup>31</sup>.

Ancoradas em justificativas que só interessavam aos conquistadores, as leis das nações europeias se impuseram sobre a vida das nações indígenas. Jurisprudências, minimamente escusas, foram utilizadas para tornar a posse da terra uma garantia legal para os “verdadeiros proprietários”. *Terra nullius*<sup>32</sup> e *uti possedetis*<sup>33</sup> foram as doutrinas mais utilizadas para oficializar o domínio da terra, um direito legal nas mãos das “nações escolhidas por Deus”.

Muitos foram aqueles que ergueram suas vozes acima das injustiças preconizadas às vítimas do Novo Mundo. Entre estes sons vocais, que clamaram pela proteção aos mais fracos está a figura do Frade dominicano Bartolomé de Las Casas (1474-1566). O religioso se depara com uma América Espanhola extremamente violenta para com o nativo. Violência de toda ordem, escravidão, maus-tratos, exploração, horas de trabalhos infundáveis, adoecimento sem qualquer cuidado. Eram tratados como feras bestiais, dispostas a qualquer função braçal onde suas vidas eram vertidas aos milhões. A leitura reflexiva, do texto bíblico que segue, em contraste com o cenário de horror, muda a perspectiva de Las Casas:

<sup>29</sup> Discurso de Jair Bolsonaro no Clube Hebraico – Rio de Janeiro. Fonte: <https://veja.abril.com.br/brasil/bolsonaro-e-acusado-de-racismo-por-frase-em-palestra-na-hebraica/>

<sup>30</sup> <https://www.cptnacional.org.br/>

<sup>31</sup> Maior e mais conhecido massacre registrado na luta pela terra, o caso de Eldorado dos Carajás se refere ao assassinato de dezenove sem-terras mortos pela Polícia Militar do Estado do Pará, no dia 17 de abril de 1996. Sob o aval do secretário de segurança pública estadual (Paulo Sette Câmara), o coronel responsável pela operação (Mário Colares Pontoja) empreendeu atos de repressão e violência que culminaram nas mortes a queima roupa (Fonte: Pastoral da Terra - <https://www.cptnacional.org.br/mnc/index.php>).

<sup>32</sup> Palavra de origem latina, *Terra nullius*, significa terra de ninguém. Foi utilizado como princípio do Direito Internacional, pelas nações europeias para justificar a conquista de territórios considerados desabitados e/ou não conquistados por outras nações. Fonte: <http://www.csdila.unimelb.edu.au/publication/misc/anthology/article/artic7.htm>. Disponível em 20 de março de 2017.

<sup>33</sup> *Uti possedetis* é uma lei regida pelo Direito Internacional, do período, que garante a posse da terra para a nação que efetivamente ocupar o território. Fonte: Idem.

<sup>21</sup> Oferecer em sacrifício o produto da injustiça é uma oferta defeituosa <sup>22</sup> e os dons dos que violam a Lei não poderão ser bem aceitos. <sup>23</sup> O Altíssimo não se compraz nas ofertas dos ímpios, e não é de acordo com o número das vítimas que perdoa os pecados. <sup>24</sup> É como imolar o filho na presença do pai oferecer um sacrifício retirado dos bens dos pobres. <sup>25</sup> O pão dos indigentes é a vida dos pobres: quem dele os priva é um assassino. <sup>26</sup> É matar o próximo, tirar-lhe os meios de subsistência; <sup>27</sup> e é derramar sangue, privar o assalariado do seu salário. (ECLO, 34, 21-27).

No século XVI vigorava no cenário econômico o Capitalismo Mercantilista, que entre inúmeras regras do sistema, se estabeleciam as demarcações que estipulavam a riqueza das nações europeias, o acúmulo de ouro e prata. Não havia espaço para a moralidade cristã repleta de compaixão.

Na Universidade de Salamanca, para citar um exemplo local, mas que expressa os debates acadêmicos do período, duas teses eram vigorosamente defendidas<sup>34</sup>: a humanidade ou a desumanidade dos nativos pela presença ou não de suas almas. Juan Ginés de Sepúlveda (1490 – 1573) argumentava que os indígenas não possuíam alma, logo não eram filhos de Deus, deste modo, poderiam ser explorados, mortos, exterminados em larga escala. Las Casas se opunha bravamente contra os argumentos de Sepúlveda. Tomado do espírito, genuinamente, cristão – Bartolomé parte para o conforto contra os interesses mercantilistas. Sua obra “*O Paraíso Destruido*” é uma descrição aterrorizante, em que milhões de nativos – da América Espanhola – passaram. Diz, fortemente, Bartolomé:

Os espanhóis, com seus cavalos, suas espadas e lanças começaram a praticar crueldades estranhas; entravam nas vilas, burgos e aldeias, não poupando nem as crianças e os homens velhos, nem as mulheres grávidas e parturientes e lhes abriam o ventre e as faziam em pedaços como se estivessem golpeando cordeiros fechados em seu redil. Faziam apostas sobre quem, de um só golpe de espada, fenderia e abriria um homem pela metade, ou quem, mais habilmente e mais destramente, de um só golpe lhe cortaria a cabeça, ou ainda sobre quem abriria melhor as entranhas de um homem de um só golpe. (LAS CASAS, 1984, p.33).

---

<sup>34</sup> O famoso debate, entre Las Casas e Sepúlveda ocorreu em 1550 no convento de São Gregório, em Valladolid, e foi presidido por um enviado do Papa Julio III, o Cardeal Roncieri. A temática da discussão teve como foco central os processos de licitude da guerra contra as populações indígenas (Guerra Santa) na América Espanhola, bem como a legitimação da conquista do Novo Mundo. O debate escolástico possuía um ponto nevrálgico que deveria responder às seguintes questões acerca dos nativos: São os indígenas servos do diabo? Pertencem a uma classe inferior de seres humanos? São livres ou naturalmente escravos? São verdadeiros descendentes de Adão? São Filhos de Deus? Acaso são verdadeiramente humanos?” Fonte: <http://www.filosofiacapital.org/ojs-2.1.1/index.php/filosofiacapital/article/viewFile/174/148>. Disponível em 20 de março de 2017.

Mais de cinco séculos transcorreram-se após os vários debates entre Bartolomé e Sepúlveda, mas os muros segregacionistas permanecem gerando medo, intolerância, exploração, preconceito, conflito, desesperança, enfim, a demonização do outro em larga escala. A história da América Latina legou aos grupos minoritários a naturalização da violência que os condena até os dias atuais. Especificamente no Brasil, a violência se legitima e se institucionaliza declaradamente nos números impactantes que comprovam a tese<sup>35</sup>:

### ILUSTRAÇÃO 05



Nos dias atuais os países latinos se encontram em posições periféricas, mesmo o Brasil considerado a 8ª economia mais rica do mundo, porém pobre e extremamente desigual, em que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) está na posição 79º (IBGE – 2018). Rico, porém pobre, a ex-colônia lusitana sofre, em diversas frentes, pelo seu passado e presente desastrosos, em que há uma grande resistência em mudar suas condições e papéis sociais que mantêm os privilégios a “determinadas castas”, em detrimento de uma grande maioria de pobres que correspondem aos mais propensos a morrerem pela via da violência.

<sup>35</sup> Fonte da Ilustração: <http://www.forumseguranca.org.br/> - Disponível em 09 de junho de 2018.

No Brasil Colônia, o tensionamento entre os nativos e o processo de exploração é agravado em sua violência a partir da implantação da indústria açucareira. O escambo é substituído pela escravidão, tribos são destruídas, culturas inteiras deixam de existir, a lógica do trabalho forçado se torna uma dinâmica dos engenhos. As missões jesuíticas entram em conflito com bandeiras de apressamento, muitos aldeamentos – formados pelas missões, são atacados, incendiados e totalmente destruídos. As pobres almas indígenas, muitas cristianizadas e totalmente inseridas no processo civilizatório europeu são apressadas e vendidas como escravas. Na tentativa de impedir novos ataques, o Papa Paulo III, em 1537, ratificava através da *Bula Veritas Ipsa*, que todos os nativos, cristianizados ou não, eram reconhecidamente humanos:

Papa Paulo III – a todos os fieis Cristãos que as presentes letras virem, saúde, e benção Apostólica<sup>36</sup>.

A mesma Verdade, que nem pode enganar, nem ser enganada, quando mandava os Pregadores de sua Fé a exercitar este ofício, sabemos que disse: Ide, e ensinai a todas as gentes. A todas disse, indiferentemente, porque todas são capazes de receber a doutrina de nossa Fé. Vendo isto, e invejando-o o comum inimigo da geração humana, que sempre se opõe às boas obras, para que pereçam, inventou um modo nunca dantes ouvido, para estorvar que a palavra de Deus não se pregasse às gentes, nem elas se salvassem. Para isto, moveu alguns ministros seus, que desejosos de satisfazer a suas cobiças, presumem afirmar a cada passo, que os Índios das partes Ocidentais, e os do Meio dia, e as mais gentes, que nestes nossos tempos tem chegado a nossa noticia, hão de ser tratados, e reduzidos a nosso serviço como animais brutos, a título de que são inábeis para a Fé Católica: e que são incapazes de recebê-la, os põem em dura servidão, e os afligem, e oprimem tanto, que ainda a servidão em que tem suas bestas, apenas é tão grande como aquela com que afligem a esta gente.

Nós outros, pois, que ainda que indignos, temos às vezes de Deus na terra, e procuramos com todas as forças achar suas ovelhas, que andam perdidas fora de seu rebanho, para reduzi-las a ele, pois este é nosso ofício; reconhecendo que aqueles mesmos Índios, como verdadeiros homens, não somente são capazes da Fé de Cristo, senão que acodem a ela, correndo com grandíssima prontidão, segundo nos consta: e querendo prover nestas cousas de remédio conveniente, com autoridade Apostólica, pelo teor das presentes letras, determinamos, e declaramos, que os ditos Índios, e todas as mais gentes que daqui em diante vierem à noticia dos Cristãos, ainda que estejam fora da Fé de Cristo, não estão privados, nem devem sê-lo, de sua liberdade, nem do domínio de seus bens, e que não devem ser reduzidos a servidão. Declarando que os ditos índios, e as demais gentes hão de ser atraídas, e convidadas à dita Fé de Cristo, com a pregação da palavra divina, e com o exemplo de boa vida.

E tudo o que em contrário desta determinação se fizer, seja em si de nenhum valor, nem firmeza; não obstante quaisquer coisas em contrário, nem as sobreditas, nem outras, em qualquer maneira.

---

<sup>36</sup> Fonte: <http://cleofas.com.br/bula-veritas-ipsa/>.

Dada em Roma, ano de 1537, aos nove de Junho, no ano terceiro de nosso Pontificado.

A mesma energia empreendida pelos jesuítas e pelo próprio papa, em relação aos índios, não se voltou para o escravo de origem africana. Um dos lados dessa trama foi o fator mercantilista, afinal a colônia deveria gerar riquezas e atender aos ditames da Divisão Internacional do Trabalho. Deste modo “*pode dizer-se que a presença do negro representou sempre fator obrigatório no desenvolvimento dos latifúndios coloniais*” (HOLANDA, 1995, p. 48).

Evidentemente as abordagens acima não tiveram a intenção de atribuir a culpa ao processo colonial português, mas é importante destacar que colhemos agora os frutos das sementes do passado, tomado pela violência respaldada pela lei. Durante mais de três séculos, as crianças, as mulheres e os homens – provindos do continente africano, edificaram o Brasil de contrastes e imensos paradoxos. Essa escravidão foi naturalizada nas raízes da Colônia Portuguesa e nas diretrizes do Primeiro e do Segundo Reinado (D. Pedro I e D. Pedro II). Seu fim foi institucionalizado em 1888, porém os rastros da violência empreendida às minorias (índios, pretos, pardos, mulheres, pobres, entre outros) não foram superados na prática. Não houve cicatrização, a ferida continua aberta, a violência destila seu veneno, às vezes sutil, outras abruptamente. A formação dessa nação excludente, paradoxal, patriarcal, racista e por muitas vezes odiosa será exposta abaixo.

## 2.2 A RELIGIÃO E A MÁSCARA DA CORDIALIDADE BRASILEIRA

O Estado não é uma ampliação do círculo familiar e, ainda menos, uma integração de certos agrupamentos, de certas vontades particularistas, de que a família é o melhor exemplo (HOLANDA, 1995, p. 141).

O historiador e sociólogo Sérgio Buarque de Holanda (1995) desenvolveu um precioso conceito, que até hoje causa bastante confusão, principalmente naqueles mais desavisados. O nomeado “homem cordial”, presente em *Raízes do Brasil* (1995), seu primeiro livro, no qual o autor desenvolve investigações acerca das origens de uma forma de sociabilidade brasileira, mais afeita aos contatos informais e à recusa das esferas públicas de convívio. O “homem cordial” só é cordial no

interior de sua esfera íntima, de sua familiaridade, nas relações de compadrio, entre seus pares e agregados (compadres, afilhados, cunhados e amigos). Este é, em certa medida, incapaz de ser cordial com o outro, aquele que se encontra distanciado por inúmeros fatores histórico-sociais.

O autor, não trata – especificamente – sobre a violência no que diz respeito ao “homem cordial”, porém a violência ganha maior legitimação, na construção histórica do Brasil, na medida em que grupos centrais, patriarcalismo, por exemplo, se impõem com violência sobre as minorias. A própria cordialidade, criticada por Sérgio Buarque é uma forma de violência instituída como raízes que, ainda hoje, transfiguram nas vidas ceifadas pela práxis da violência. Como afirma o senhor Cláudio Assunção Figueiredo, preto, 35 anos, tio de um rapaz vítima de homicídio:

As amizade! Quem matou meu subrinho foi os “amigos” dele. Eu tenho certeza. Aqueles que não saia lá de casa. Eles ficava o dia todo jogando vídeo game e comendo besteira. Eles faltava aula e ficava o dia inteiro na rua, sem fazê nada. A família toda buzinô dizendo que aquilo não tava certo. Deu no que deu. Quando meu subrinho se envolveu com o que não devia, aqueles que dizia sê amigo dele, sabe como é? Amizade acaba quando o dinheiro fala mais alto. O dinheiro das droga. Respostas a (QA/Q1) O que você acha que provocou o ato praticado contra o seu familiar?

De certo modo, essas raízes estão inseridas em práticas muito antigas, que retomam os ritos sagrados de muitas religiões. A religião como edificadora de toda e qualquer sociedade (DURKHEIM, 1996), cria marcas identitárias que segregam espaços considerados sagrados (puros), dos espaços considerados profanos (impuros). Deste modo, o Batismo, como sacramento, garantia que a criança pobre fosse batizada por padrinhos ricos (oligarquia rural brasileira). Por meio desse rito religioso um elo sagrado era constituído, permitindo que a criança, os pais e as famílias comungassem de um mesmo espaço de poder. Formando em vários jogos de interesses uma sociedade mediada pelo compadrio (compadres e comadres).

A religião, no transcorrer do período colônia e imperial, foi utilizada para apartar as famílias, os indivíduos, as classes sociais. Unir os puros e afastar os impuros, com a finalidade de garantir os espaços de dominação, controle e partilha. A figura do coronel foi um determinante imperativo do poder. A sua volta – como satélites – circulavam os agregados, os consagrados pelo batismo, pelo casamento, ou por outras formas de união menos formais, tais como participar do mesmo espaço e rito sagrado.

Um forte exemplo se constituía na missa de domingo, em que todos usavam a melhor peça de roupa para a ocasião. Excluídos dos espaços sagrados dos brancos, os pretos e pardos erigiram – principalmente a partir do século XVIII<sup>37</sup> – “as Igrejas dos pretos”, uma forma de sobreviver e reificar suas memórias identitárias mediante as inúmeras formas de violências infligidas. Afirma Oliveira (2012):

Se a etnicidade consiste num sentimento de pertencimento que, por sua vez, é produto de um processo de identificação, no qual a pessoa se reconhece como membro de um grupo e se reconhece nesse grupo enquanto se identifica nos outros; e se, paralelamente, a religião reforça a etnicidade enquanto um dos elementos de coesão e solidariedade do grupo e nela (religião) estão em jogo os elementos do imaginário simbólico que são fatores de identidade, devemos convir, então, que a religião pode contribuir para reforçar e legitimar os preconceitos dos grupos.

Todavia os tentáculos da violência não possuem fronteiras espaciais ou temporais, nem, tão pouco, são inseridos, apenas, em meios tradicionais. No Brasil atual, as redes sociais inauguram um novo aspecto da realização da violência. Podemos considerar que o campo é novo, mas o direcionamento da violência consiste concretamente nos tradicionais alvos, as minorias.

Manuel Castells, em seu novo livro *Redes de indignação e esperança – Movimentos sociais na era da internet (2016)* – analisa diversos cenários em que as redes sociais foram ferramentas decisivas e cumpriram importantes papéis na dinâmica dos movimentos sociais. Deste modo, as redes sociais estão contribuindo com o fazer histórico, na Primavera Árabe, no Chile, no México e, é claro, no Brasil. Na maioria dos casos citados, os movimentos não foram programados, nasceram, cresceram e se propagaram com ajuda da internet. O que moveu estes protestos, incluindo os ocorridos no Brasil em 2013 e 2015 (posfácio do autor presente na obra indicada acima), segundo Castells, foi um forte grau de insatisfação guiada pelas emoções à flor da pele. Ele defende que as redes sociais não tornaram o brasileiro mais violento, diz “A imagem mítica do brasileiro simpático existe só no samba. A relação entre as pessoas, sempre foi violenta”. (CASTELLS, 2016).

---

<sup>37</sup> As irmandades e/ou confrarias dos pretos eram constituídas por escravos e forros e chegaram no território brasileiro durante o século XVI. Essas irmandades de religião católica devocionavam, em especial: Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santo Elesbão, Santa Efigênia, entre outros. Fonte: <file:///C:/Users/User/Downloads/14128-Texto%20do%20artigo-60013-1-10-20110711.PDF>, Disponível em 20 de março de 2017.

Em 2013, o Governo Federal passou a monitorar a intolerância religiosa nas redes sociais<sup>38</sup>, essa tarefa foi incumbida à Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR). De acordo com a, então, ministra Ideli Salvatti, grande parte do ódio fundamentado no escopo religioso é disseminado pela internet. Outros órgãos federais e estaduais participaram das atividades de combate a essas práticas de ódio e intolerância nas redes sociais, entre eles – a Polícia Federal (PF), a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e defensorias públicas dos estados. Essas políticas afirmativas de combate à violência e intolerância religiosa<sup>39</sup> são estruturadas a partir da lei 11.635/2007.

É notório que a intolerância religiosa, também pode ser denominada de racismo religioso, pois se direciona, no Brasil – em destaque, ferozmente às religiões de raízes africanas. Há um ataque sistemático a essas denominações, que pelo fato de – tradicionalmente pertencerem aos outros (minorias), devem ser combatidas violentamente, de forma virtual e física. Como destaca o depoimento de Cláudia, em Rocha – 2011:

O Barracão onde frequento, na esquina tem uma igreja cristã e sempre que passamos em frente à igreja o pastor aumenta consideravelmente a música, com louvores direcionados a nós, dizendo que somos filhos do diabo.

“A sociedade brasileira não é simpática, é uma sociedade que se mata. Esse é o Brasil que vemos hoje na internet. Essa agressividade sempre existiu” (CASTELLS, entrevista ao Jornal Folha de São Paulo)<sup>40</sup>. O sociólogo conclui afirmando que a internet funciona como espelho, reproduzindo a tradicional violência do povo e das suas instituições, incluindo das instituições religiosas. Porém a violência preconizada nas redes sociais deixou de atender a lógica institucional. O ódio contra o outro ganha corpo, pois não há mais distâncias físicas separando os agressores dos agredidos. Do mesmo modo, as reações contrárias repercutem pelas redes, atingindo o seio familiar, as ruas, as instituições de ensino. Enfim, a internet vem deixando de ser um lugar sem lei, um território onde se diz o que quer,

---

<sup>38</sup> Em 2015, houve um aumento de 69,13% nas denúncias de violação de discriminação religiosa em relação ao ano passado. Dados do Ministério da Justiça e Cidadania. Fonte: <http://www.justica.gov.br/>. Disponível em 15 de maio de 2018.

<sup>39</sup> 21 de Janeiro - Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa

<sup>40</sup><http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/05/1630173-internet-so-evidencia-violencia-social-brasileira-afirma-sociologo-espanhol.shtml>

sem arcar com as devidas responsabilidades. Diz Castells (2013, p. 21) e Maria Madalena:

A questão fundamental é que esse novo espaço público, o espaço em rede, situado entre os espaços digital e urbano, é um espaço de comunicação autônoma. A autonomia da comunicação é a essência dos movimentos sociais, ao permitir que o movimento se forme e ao possibilitar que ele se relacione com a sociedade em geral, para além do controle dos detentores do poder sobre o poder da comunicação. (CASTELLS, 2016, p. 21).

Um mês atrás meu filho tava recebendo uns telefones estranhos, alguém dizendo que ia mata ele. Ele contou pra mim que tinha gente querendo o mal dele, sabe. Uma mensagem xingando ele, dizendo palavra feia, dizendo que para ele fica esperto, que o fim dele tava chegando, viu. No começo ele ficou preocupado, mas sabe como é, né. Eu disse pra ele i para a casa da tia dele e ele disse que era bobagi. Deu no que deu. (Maria Madalena, 46 anos – mãe).

A fala de Castells reforça a desconstrução do mito da cordialidade brasileira, além de revelar de forma mais evidente as distinções de um país marcado pelas desigualdades regionais, sociais, raciais, religiosas, sexuais, entre outras tantas. O filho que é xingado e ameaçado de morte pelas redes sociais, representa a violência participando de todos os meios. Não há qualquer espaço que se mantenha livre da violência, dos ataques à moralidade, à dignidade da pessoa humana.

Uma máxima popular que afirma que “*cão que ladra não morde*”, de longe corresponde à vivenciada realidade. A mãe, a família e o filho que tem sua morte previamente agendada vivenciam virtualmente a gentileza da cordialidade brasileira. A violência digital se implanta em seus corações antes da efetivação cruelmente realista da materialização do homicídio.

O mundo virtual é também esse espaço, em que a violência deixa a sua marca. Invade a privacidade das famílias, afeta a vida daquelas/es que se preocupam com o destino do ente amado. Redes sociais também são portais para a exposição desnecessária e criminosa de cenas de mortes violentas, como a relatada por Maria Madalena: “*eu recebi no meu celular uma fotografia o meu filho morto na calçada do colégio*”. De forma cruel e rasteira, a barbárie invade todo é qualquer espaço, dinamizando as dores da vida.

Aqueles que propagam a violência, nas redes sociais, se escondem por detrás de perfis falsos, crendo que estarão impunes. Dessa forma estão livres para verter o discurso de ódio, indiscriminadamente. Parcela de uma considerada classe superior (elite e classe média) acredita que certos indivíduos (pretos e pardos, mulheres, índios e outras minorias) não devem fazer parte da sociedade,

principalmente das esferas mais altas. “*O racismo expressa a convicção de que certa categoria de seres humanos não pode ser incorporada à ordem racional*” (Bauman, 1998 p.87).

O preconceito, o racismo, a homofobia, a misoginia, a xenofobia são umas das formas mais usuais de disseminação do ódio. O ato de rotular o outro com uma “marca negativa” evidencia-se com uma forte carga de inferiorização expressa na denominação religiosa, na cor da pele, na região geográfica. A dor e o sofrimento provocados pela violência virtual, psicológica, social, moral, religiosa, institucional e física constituem um fardo quase que insuportável que a nação brasileira precisa enfrentar, sem medo, agindo em variadas dimensões (cultura, primeira e segunda socialização, educação, comunidades, projetos de lei, ações afirmativas etc.). É imperativo vontade política para fazer desse país uma nação, verdadeiramente, cordial.

## 2.3 OS NÚMEROS DAS MORTES VIOLENTAS

Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino ou menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso evidentemente escutá-las e se não as escuto, não posso falar com eles, mas a eles, de cima para baixo. Sobretudo, me proíbo entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me escutá-lo ou escutá-la. O diferente não é o outro a merecer respeito é um isto ou aquilo, destratável ou desprezível. (FREIRE, 1996, p. 62).

GRÁFICO 05



Fonte: Processamento Mapa da Violência \* 2014: Dados Preliminares

O gráfico evidencia os números levantados pela pesquisa no IML. Pois o mais acentuado meio provocador de mortes violentas são as armas de fogo. Das vinte e cinco mortes violentas registradas, dezoito foram provocadas por armas de fogo. Sobre a questão (QF/Q5) “Você é contra ou a favor do porte de arma de fogo?”, sete familiares afirmaram que eram a favor e 18 afirmaram que eram contra o porte de arma de fogo. Os dados acima corroboram com a ênfase direcionada para os homicídios<sup>41</sup>, e principalmente os homicídios provocados por armas de fogo, afinal são elas os instrumentos facilitadores das mortes violentas. Provocadoras, em mãos assassinas, de dores e sofrimentos que liquefazem as vidas dos que ficam. Como é notório no desabafo da senhora Filomena Aparecida Guimarães, 52 anos, tia de um rapaz de 19 anos, morto em uma chacina:

Acabo meu filho, acabo! A família tá destruída. Não sei se minha irmã vai aguenta, sabe? É o segundo filho que ela perde dessa maneira. O irmão mais velho dele morreu do mesmo jeito, tem uns dez anos. Do mesmo jeito, cheio de tiro. Ela tá em casa desmaiada de dor. A família desmoronou, não dá mais. É muita dor, nossa meu Deus! É muita dor par suporta. Com o outro eu achei que ela ia fazê uma besteira. Com esse agora, agente da com muito medo da nossa irmã fazê besteira. Só Deus, meu filho, só Deus.

A mortalidade pela via da violência (homicídios, suicídios e mortes no trânsito), em particular os homicídios dolosos – crescem a cada ano. Os números totais destas mortes, no Brasil – equivalem às estatísticas de guerras<sup>42</sup>. Entre os anos de 1980<sup>43</sup> e 2012<sup>44</sup>, morreram no país: 1.202.245 pessoas vítimas de homicídio; 1.041.335 vítimas de acidentes de transporte; 216.211 suicidaram-se. As três causas somadas totalizam 2.459.791 vítimas. Estes dados compõem o criterioso levantamento realizado pelo pesquisador Julio Jacobo Waiselfisz, autor do Mapa da Violência 2018 – os Jovens do Brasil<sup>45</sup>.

Ainda, segundo este estudo, em 1980 o quadro de mortes se apresentava desta forma: 20.365 (Transporte); 3.896 (Suicídios) e 13.910 (Homicídios). Em 2016

---

<sup>41</sup> De acordo com o **Atlas da Violência de 2018**, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), o número de 62.517 assassinatos cometidos no país em 2016 coloca o Brasil em um patamar 30 vezes maior do que o da Europa. Só na última década, 553 mil brasileiros perderam a vida por morte violenta. Ou seja, um total de 153 mortes por dia.

<sup>42</sup> No auge dos conflitos no país (Guerra do Iraque), entre 2004 e 2007, as taxas de homicídios ainda eram menores do que em 76 cidades brasileiras hoje.

<sup>43</sup> Segundo dados do IBGE a população brasileira em 1980 era de 119.002,706.

<sup>44</sup> O último censo do IBGE, promovido em 2010, indica que a população brasileira era composta por 190.732.694.

<sup>45</sup> Disponível em [www.juventude.gov.br/juventudeviva](http://www.juventude.gov.br/juventudeviva).

estes números saltaram para: 38.265 (Transporte); 11.433 (Suicídios) e 62.517 (Homicídios). É evidente que as causas ligadas ao aumento da violência não se atribui, unicamente, ao crescimento populacional ou à complexidade da vida moderna. Observa-se que o número de mortes ligadas ao transporte quase dobrou<sup>46</sup>, enquanto o número de suicídios mais que triplicou. Destacando o número de homicídios, mais que quadruplicou nos últimos 36 anos. Não é possível negar, o Brasil vivencia uma crescente epidemia de violência, em que os mais frágeis constituem as maiores vítimas. As políticas públicas, quando são verdadeiramente aplicadas, deixam muito a desejar. É evidente a falta de interesse político para mitigar as mortes violentas no país, que nos últimos anos só têm crescido. Como indicam os gráficos abaixo:

### GRÁFICO 06

Homicídios – Brasil 1996 – 2016 – Fonte: Ministério da Saúde 2016.



<sup>46</sup> O número de mortes por ATT tem diminuído nos últimos anos, depois de um crescimento considerável. (Mapa da Violência 2018).

GRÁFICO 07

Mortes Por ATT (Acidente de Transporte Terrestre) – Brasil 1996 – 2016 Fonte: Ministério da Saúde 2016.



GRÁFICO 08



Estaria a sociedade brasileira vivenciando um gradual mergulho em uma grande crise de moralidade? De antemão respondo que sim! Não somente a sociedade brasileira, mas o mundo, que Zygmund Bauman afirma pertencer ao processo de liquefação, em que a moralidade também sofre sua miopia ética. Em sua obra *Ética Pós-moderna*, argumenta Bauman (1997, p. 56 e 57):

A moralidade legislada pelo estado e as pressões morais difusas dos portavozes autoneameados das comunidades postuladas são unânimes num ponto: ambas negam ou pelo menos reduzem o juízo moral individual.

Ambas lutam para colocar o dever ético heterônomo no lugar da responsabilidade moral autônoma. Ambos visam expropriar os indivíduos da escolha moral; ou ao menos de exercer escolha livre nas áreas da vida que se consideram relevantes para o 'bem comum': em caso de conflito, elas desejam que os indivíduos optem pela ação que promove a causa comum – acima de todas as outras considerações.

A sociedade civil, teorizada pelos contratualistas, pressupõe justamente este raciocínio descrito por Bauman, porém o aumento de mortes pela via da violência demonstra um grave problema no papel atribuído à sociedade civil. Pois os interesses coletivos não são prioridade no Brasil. Os privilégios de determinadas “castas” (políticos, magistrados, servidores do alto escalão do governo, entre outros) demonstram que a moralidade está longe de ser estabelecida nesse país. Ainda mais que o eu moral pressupõe que: “*Ser pessoa moral significa que eu sou guarda de meu irmão*”. (BAUMAN, 1997, p. 63). Guardar o irmão<sup>47</sup> certamente não pode ser considerado uma máxima aplicada ao Brasil das mortes violentas.

Neste cenário extremamente líquido, em que não há segurança nas instituições, os parentes que sofrem diante da violência propagada aos seus entes queridos, devem procurar a quem? Como buscar força, estabilidade, resposta, solução se as estruturas políticas não podem ser chamadas de estruturas. Não há como confiar e/ou legitimar o poder delegado às enfraquecidas instituições governamentais, como argumenta o senhor Joaquim Medeiros, 53 anos – tio de um rapaz<sup>48</sup> de 16 anos, vítima da mesma chacina sofrida pelo sobrinho da senhora Filomena:

(QA/Q1) O que você acha que provocou o ato praticado contra o seu familiar? Eu acredito que o governo tem grande culpa nisso tudo, não é? Não tem nem luz em muitas rua do bairro, as rua tão cheias de buraco, a bandidagem rouba de dia e de noite. Como a gente pode ficar tranquilo vivendo desse jeito, como? As criança fica o dia inteiro na rua, não tem escola direito, quando tem, não tem aula. Pai e mãe têm que trabalhar por que se não passa fome. Não tem com quem deixar os meninos, que fica solto na rua o dia inteiro. Ai vem o criminoso e pega nossas crianças e

---

<sup>47</sup> A lógica do individualismo fortalece o discurso liberal, retirando a responsabilidade das instituições e responsabilizando o indivíduo, que deve garantir a segurança de seu lar. Uma arma de fogo comprada legalmente vai parar, geralmente, nas mãos de criminosos. Mas o Presidente Bolsonaro assina decreto que facilita posse de armas. Texto estabelece situações em que está presente a 'efetiva necessidade' de possuir arma em casa. Decreto ainda estende de 5 para 10 anos a validade do registro da posse. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/15/bolsonaro-assina-decreto-que-facilita-posse-de-armas.ghtml>. Disponível em 02 de fevereiro de 2019.

<sup>48</sup> Este jovem foi executado em um barracão, com mais três rapazes (16, 15, 18 e 21 anos). Uma chacina que vitimou quatro vidas. Todos correspondiam o perfil do AV: Jovens, pobres, pardos e/ou pretos.

oferece presente, roupa, tênis, coisas da droga, sabe? E o governo não faz nada para resolver esse nosso problema. Muito difícil a nossa situação, viu.

O senhor Joaquim é bem claro ao criticar os governantes, a inoperância das autoridades no cumprimento de suas obrigações. Apesar de sua simplicidade, ele percebe claramente que a falta do Estado oportuniza a expansão da criminalidade que foca preferencialmente os jovens que estão fora da escola e longe dos cuidados familiares.

A vitimização por homicídio de jovens (15 a 29 anos) no país é fenômeno denunciado ao longo das últimas décadas, mas que permanece sem a devida resposta em termos de políticas públicas que efetivamente venham a enfrentar o problema. Os dados de 2016 indicam o agravamento do quadro em boa parte do país: os jovens, sobretudo os homens, seguem prematuramente perdendo as suas vidas. (AV, 2018, p. 32).

Os desejos de consumo propagados pelo mercado incitam os adolescentes na direção das mercadorias divinizadas. As famílias pobres não têm condições de consumir os principais produtos e marcas, causando frustrações em seus filhos, pela negativa da realização de seus desejos de consumo. Um dos caminhos mais enganosamente facilitadores, para as delícias oferecidas pelo mercado consumidor, em que os jovens são seduzidos e cooptados para o mundo do crime, geralmente é o tráfico de drogas. Duas falas, abaixo, reforçam o argumento descrito acima (Joaquim Medeiros e Zygmunt Bauman):

Meu sobrinho deixou de ir pra escola, sabe? Disse que era burro e que os professores não ensinavam nada. Disse que escola não era pra ele, que não aprendia nada naquele lugar. Ele começou a andar com umas companhias estranhas. Uns rapazes com carro bom, roupa de cara. Meu sobrinho apareceu com celular, tênis, sem tá trabalhando. Ele só tinha 16 anos e tava na 6ª. Série, viu! Não tinha condição de té aquilo tudo, né?! (Senhor Joaquim Medeiros).

Consumidores plenos não ficam melindrados por destinarem algo para o lixo; ils (et elles, bien sûr) ne regrettent rien. Como regra, aceitam a vida curta das coisas e sua morte predeterminada com equanimidade, muitas vezes com um prazer disfarçado, mas às vezes com a alegria incontida da comemoração de uma vitória. Os mais capazes e sagazes adeptos da arte consumista sabem que se livrar de coisas que ultrapassaram sua data de vencimento (leia-se: desfrutabilidade) é um evento a se regozijar. Para os mestres dessa arte, o valor de cada objeto e de todos eles está tanto em suas virtudes como em suas limitações. As falhas já conhecidas e aquelas a serem (inevitavelmente) reveladas graças a sua predeterminada e preordenada obsolescência (ou envelhecimento "moral", para distinguir do envelhecimento físico, na terminologia de Karl Marx) prometem uma renovação e um rejuvenescimento iminentes, novas aventuras, novas sensações, novas alegrias. Numa sociedade de consumidores, a perfeição

(se tal noção ainda se sustenta) só pode ser uma qualidade coletiva da massa, de uma multiplicidade de objetos de desejo; o prolongado ímpeto da perfeição agora requer menos o aperfeiçoamento das coisas do que sua rápida e profusa circulação. E assim, permitam-me repetir, uma sociedade de consumo só pode ser uma sociedade do excesso e da extravagância – e, portanto, da redundância e do desperdício pródigo (BAUMAN, 2008, p. 112).

No entanto qual tem sido o papel efetivo da religião, falo das Instituições Religiosas, para o cuidado e o cuidar da vida? As comunidades religiosas têm obtido sucesso na edificação da virtude, do amor, da solidariedade, da integração afetiva entre as pessoas? O respeito, o olhar fraternal para o outro, para si e para o mundo, proferidos pelos discursos religiosos, os sensatos, pelo menos – tem tocado no cotidiano pragmático dos indivíduos?

As homilias, os cultos, as preces têm invadido as vidas na concretude das atitudes? O Amor se encontra presente nas rodovias, nas esquinas – nos bares – nas torcidas organizadas de futebol? Disse Ivan Karamazov, personagem de Dostoiévski (1970) na obra *Os Irmãos Karamasov*: "*Se Deus está morto, então tudo é permitido*".

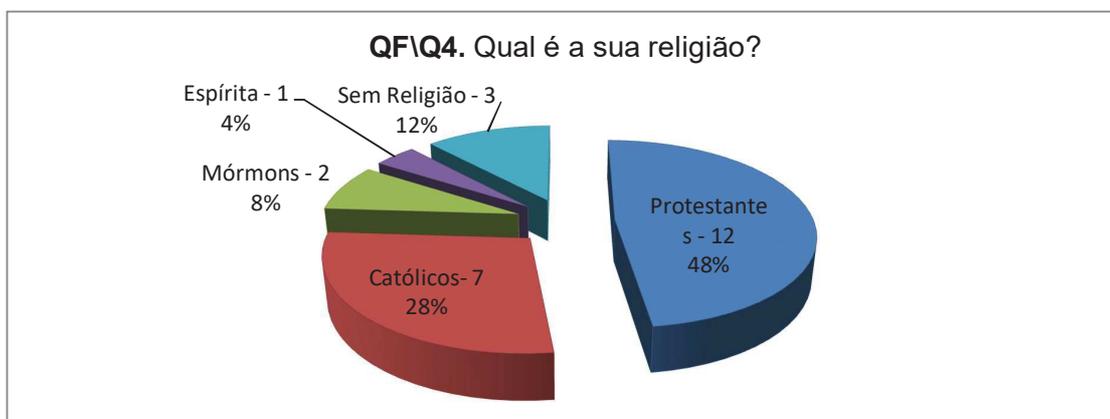
Talvez Ivan estivesse falando de Deus como referência ética/moral, como elemento norteador das virtudes, dos caminhos assertivos de amor, tolerância e paz. Todavia atribuir o elevado índice de violência às crises das tradições, incluindo as tradições religiosas, a falta de sentido, ao descaminho niilista é uma aposta muito empobrecida. A religião como instrumental simbólico/ideológico não possui, em si, nenhum fator positivo ou negativo. Em uma balança maniqueísta – a religião não pente sozinha para qualquer lado. Mas pode, mediante as ações virtuosas da humanidade – ser fornecedora de sentido, construto de fé, esperança, via de paz. Porém, frente às viciosas ações humanas – a religião fundamentalista foi e é provocadora de guerras, massacres, desesperanças, perseguições implacáveis, medo e morte. Diz Pedro Oro:

Os fundamentalistas são os eleitos e estão no caminho da salvação, os outros estão no erro e são seduzidos pelo demônio. Em consequência, atiram-se no combate ao inimigo objetivo (...) que é o outro, o demônio. Para expulsá-lo ou destruí-lo. (Oro, 1997b, p.126).

Nada obstante, atualmente – no Brasil – a religião não responde sozinha pelas dores ou pelas ternuras da sociedade. A mesma (sociedade) se encontra pluralizada, desconexa de qualquer centralismo controlador. Por conseguinte, a

religião não responde sozinha pelo elevado índice de violência no país, mas é no mínimo contraditório tendo em vista os últimos números do IBGE (Senso 2010). O Brasil ainda é a maior nação cristã do Mundo – 86, 8% dos brasileiros se declararam cristãos. No gráfico abaixo é possível observar o grande número de familiares que afirmaram as suas confissões religiosas. Do total, 12 disseram ser protestantes, 7 católicos, 2 mórmons, 1 espírita e 2 se declararam sem religião. Mas todos disseram acreditar em Deus. O gráfico corrobora com os dados nacionais, em que a maioria se denomina cristã.

GRÁFICO 09



Este expressivo dado se posiciona inversamente aos tristes números destacados acima. Pois da mesma forma que dizer “*eu te amo*”, é fácil, concretizar o verbo é difícil. Dizer “*sou cristão*” parece ser fácil, mas sê-lo, em sua inteireza – é por demais complexo.

No entanto a religião não pode deixar de agir frente aos novos desafios. É necessário que a religião observe e se aproprie dos problemas frontalmente, denunciando e construindo proposituras, ações efetivas para uma cidade, um estado, uma nação, um mundo melhor. Na Carta Encíclica *Laudato Si'* – Sobre o Cuidado da Casa Comum, do Santo Padre Francisco, o núcleo central do debate é o cuidado e o cuidar da vida, da vida em sua complexidade, fragilizada pela ação humana.

Todavia há esperança ativa que entusiasma a espécie hominídea a fim de erigir novos horizontes enraizados no amor que tudo sofre, mas que é paciente e benfazejo. O Papa Francisco enumera diversos problemas que estão afetando, negativamente – a casa comum, entre eles se destacam: a intensificação dos ritmos

de vida e trabalho, a confiança irracional no progresso, a exposição aos poluentes atmosféricos, à transformação da Terra em um imenso depósito de lixo, a cultura do consumismo e do descarte irresponsável etc. Contudo a Encíclica não é, apenas – uma forma de denúncia, seu teor se lança para o processo dialógico e para a cooperação conjunta no direcionamento eficaz para salvaguardar a vida, em suas inúmeras dimensões.

## 2.4 ESPETACULARIZAÇÃO DA MORTE

Os espetáculos de sofrimento, morte, catástrofes e violência têm presença marcante nos telejornais. Atuais, ainda que repetitivos, habitam excessivamente noticiários, o que em nossa opinião fala mais do que uma questão de banalização. O excesso de violência na mídia deve-se ao fato não só de ela já fazer parte de um de seus agendamentos, mas porque constitui um dos temas que mais interessam ao espectador (SZPACENKOPF, 2003, p. 253).

O espetáculo líquido possui uma natureza totalmente outra, em relação ao espetáculo tradicional (sólido). O espetáculo líquido é mais um aspecto da modernidade líquida (Bauman), suas capacidades fogem a qualquer controle, pois qualquer um tem a possibilidade de produzir, propagar mundialmente o espetáculo. Sua edição não é mais o domínio das grandes mídias, qualquer indivíduo com o mínimo de condições e acesso a internet tem o poder de se tornar parte do próprio espetáculo.

A Indústria Cultural e a Cultura de Massa (Adorno e Horkheimer, 1985), não pertencem mais a grande mídia. A fragmentação se encontra presente naqueles que emitem e naqueles que divulgam, sendo ambos os cumpridores dos dois papéis. Sobre a individuação da sociedade líquida, diz Bauman:

Tal como o dinheiro vivo pronto para qualquer tipo de investimento, o capital do medo pode ser usado para se obter qualquer espécie de lucro, comercial ou político. E é. Isso acontece também com a segurança pessoal que se tornou um grande, talvez o maior, ponto de venda em toda espécie de estratégia de marketing. O lema "lei e ordem", cada vez mais reduzido à promessa de segurança pessoal (mais exatamente corporal), se tornou uma grande, talvez a maior, bandeira nos manifestos políticos e nas campanhas eleitorais, enquanto a exibição de ameaças à segurança pessoal se tornou um grande, talvez o maior, trunfo na guerra de audiência dos meios de comunicação de massa, reabastecendo constantemente o capital do medo e ampliando ainda mais o sucesso tanto de seu marketing quanto de seu uso político. (BAUMAN, 2007, p. 18-19).

A letra do funk de MC Muleke (Polícia e Ladrão)<sup>49</sup> expressa uma realidade lúdica, em que crianças da comunidade brincam de polícia e ladrão, entretanto essa brincadeira logo se transforma em realidade. Meninos de quinze, dezesseis anos trocam tiros com a polícia, matam e morrem todos os dias nos becos sujos do Brasil.

Os familiares de jovens que foram vítimas de hominídeos através de arma de fogo e/ou arma branca relataram que seus entes começaram a “andar em má companhia” por volta dos 12 anos de idade, como descrevem alguns destes parentes: *“Ele era um menino muito bom, mas começou a ir pra rua e ficar com gente estranha”*, *“Ele deixou o colégio”*, *“Foi as amizades da rua”*, *“Brigou com o pai e foi mora com as amizade”*.

A violência chega muito cedo às vidas desses meninos, selando com a morte brutal o destino de muitos. Degradando a família, corrompendo a comunidade e afetando profundamente a sociedade. O gráfico, destacado na página posterior, revela números subnotificados, dessa violência, sendo que muitos homicídios ocorridos pela violência policial não chegam ou não são revelados pelos órgãos responsáveis.

Em programas da conhecida “imprensa marrom”, as mortes são noticiadas à *la carte*. Homicídios, chacinas, acerto de contas, confrontos com a polícia, feminicídios, acidentes de trânsito com vítimas fatais, entre tantas outras formas de mortes violentas, em que as mortes evitáveis são borradas nas telas da vida. A morte é transformada em um colossal espetáculo tétrico de horrores banais.

GRÁFICO 10



Fonte: 11º Anuário brasileiro de Segurança Pública. Elaboração Diest/Ipea e FBSP.

<sup>49</sup> Na brincadeira de polícia e ladrão/Foi que a vida imitou a ficção/Os menores que viviam na favela/E que brincavam entre becos e vielas.

Manuel Bandeira descreve em seu poema *Evocação do Recife* (BANDEIRA, 1970, p. 114-117), o deslumbramento de ver, pela primeira vez, “*uma moça nuinha no banho*”. “Foi meu primeiro alumbramento”, disse o poeta. Mas adiante, no mesmo colossal poema, Manuel descreve a força implacável da morte: “*Cheia! As cheias! Barro boi morto árvores destroços redemoinho sumiu*”. Diferentemente dos dias da infância do caro poeta, a nudez e a morte não causam mais espanto. Não há mais segredos assombrando os olhos dos meninos alumbrados.

Infelizmente, o genocídio praticado no Brasil contra os jovens, pobres, pretos e pardos vem se tornando vulgar. As vidas humanas se dissolvem nas águas dos rios. As vidas meninas descem com os destroços as águas barrentas, em sacrifícios irmanados entre seres humanos e bois mortos. Não deixando de reforçar que o poder midiático é um grande responsável por essa banalização espetacular das mortes violentas.

Em correspondência com o dicionário Houaiss, espetáculo significa: 1. aquilo que chama e prende a atenção 2. qualquer apresentação pública, p. ex., de teatro, canto, dança 3. algo mais interessante, bom, bonito e/ou vistoso do que o habitual 4. cena escandalosa. Portanto, espetacularizar a morte consiste em utilizar a finitude, a dor e o sofrimento de outrem, da família e amigos para chamar atenção do público, promover e difundir cenas de horror com a finalidade de expressar cenas brutais da vida real. Na maioria dos casos, a finalidade é prender o leitor, o ouvinte, o telespectador em imagens onde a morte é o grandioso espetáculo.

Com o alargamento das mídias sociais, o espetáculo não cabe somente aos tradicionais meios de comunicação, pois cada qual com um aparelho *smart* é um potencial gerador do espetáculo. Em um caso recente em que o noivo assassinou a noiva e logo cometeu suicídio, na área de alimentação de um Shopping Center de Goiânia, muitas pessoas se ocuparam em filmar a cena e logo disseminar o agonizar do casal, pelas redes sociais. O corpo do cantor Cristiano Araújo foi filmado por uma técnica de uma clínica de embalsamamento, sendo as imagens “caridosamente” distribuídas pela internet. Espetacularizar a morte não é novidade na dinâmica das civilizações. Roma promovia constantemente seus espetáculos banhados de sangue humano e de diversos animais. O *Amphitheatrum Flavium* (Coliseu) foi um marco espetacular nas exibições de mortes violentas. Festividades em que a violência encerrada com a morte era o prato principal no banquete das dores regadoras do entretenimento coletivo.

O Coliseu romano abrigava vinte mil espectadores, sedentos por sangue. Os telejornais abrangem milhões, que no conforto dos lares, geralmente no momento de alguma refeição, assistem dormentes a espetacularização da morte.

O telejornal, mais que o jornalismo impresso, tem de entreter. O tempo todo. Uma nota entediante de 10 segundos é fatal. O telespectador foge. A cor é obrigatória. O movimento é obrigatório. O retumbante é obrigatório. É por isso que o principal critério da notícia é a imagem. Se não há uma imagem impactante, dificilmente o fato merecerá um bom tempo no telejornal. O apresentador do telejornal é outro ingrediente-chave. Ele desenvolve com o telespectador um vínculo de familiaridade como se fosse um ator, um astro. Vivemos em um tempo que jornalistas da TV são celebridades, são símbolos sexuais. Enfim, aqui, como no resto do mundo, o público sente desejo pelo programa do telejornal (BUCCI, 2000, p. 29).

A imagem da morte, o impacto da cena expressa na arena da vida, o sangue que encharca o asfalto quente, as vísceras coloridas pelo horror do acidente. As câmeras filmam os momentos finais em que a vítima dos suplícios, provocados pelo agressor, sofre antes de ser arremessada da sacada de seu prédio. Tudo é exposto e reproduzido repetidas vezes, para alimentar o sadismo dos telespectadores, nas multitelas das arenas cibernéticas.

Segundo Traquina (2005), a morte é descrita como um valor que incorporado à notícia se destaca como veículo jornalístico.

A morte é um valor-notícia fundamental para essa comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal ou nos écrans da televisão. No seu estudo antropológico dos correspondentes de guerra em El Salvador, Mark Pedeltyouve faz um fotojornalista explicar o tipo de fotos que a hierarquia do jornal quer: "Assassinatos, bombardeamentos, funerais, e conferências de imprensa. Aquilo que combina com as melhores 'estórias'". Conta que a pergunta mais frequente do seu chefe é "Quantos corpos?" (TRAQUINA, 2005, p.79).

Para se tornar espetáculo, a morte do indivíduo vulgar deve sair do lugar comum, deve possuir um grandioso exotismo que permita ocupar um lugar nas páginas dos jornais, ou preciosos segundos nas imagens televisivas. Por essa razão, as tragédias magnânicas são noticiadas, em razão do imenso número de mortos. Muitos seres vulgares somados abrem espaço para o circo de horrores que tem por finalidade girar a roda da fortuna.

A celebridade exerce o mesmo papel, ocupando espaços proporcionais ao tamanho da fama que lhe coube em vida. "*Se a cultura de massa está imersa na*

*moda é também porque gravita em torno de figuras de charme com sucesso prodigioso, que impulsionam adorações e paixões extremas*” (LIPOVETSKY, 1989, p. 213). A espetacularização da morte de alguma “celebridade” ganha chamadas espetaculosas na mídia, reportagens especiais, entrevistas, coberturas. A biografia do morto é reproduzida por diversos tons, sabores e estéticas. O importante, para o mercado, é manter os lucros gerados por estes produtos, mesmo que estejam fisicamente mortos.

Midiática ou silenciosa, espetacular ou comum, a morte é o mesmo silêncio do morto que não é mais em si. Mesmos os memoráveis são distanciados pela fluidez do tempo, a espetacularização da morte possui prazo de validade, durando até o momento em que outras mortes darão seus frescores para o degustar da plateia.

## 2.5 VIOLÊNCIA URBANA – PERIFERIAS INVISIBILIZADAS

Pobres Meninos  
(Folhetim diário)

Em um dia fervilhante de setembro  
Mais uma dor – entre tantas dores do mundo  
Reboca de cinza o cenário de nossas vidas

Não o conhecia – sequer sabia o seu nome  
Como é possível saber quem são eles que perdidos – como eu  
Vagam pela caótica multidão?

Só sei que era jovem – muito jovem  
Para deixar a vida que lhe foi tirada  
Como um sopro do avesso  
A lhe arrebatou ao chão

Morto como passarinho que inocente  
Não presente a pedra que vai  
Ao seu caminho  
Atira o pobre menino que não percebe que o passarinho  
É sua imensa solidão

(CÁCERES, 2011, p. 58).

Este poema não é uma obra de ficção, infelizmente, vivenciei, junto com as minhas filhas, a tragédia ocorrida com estes dois jovens. Um que atirou a “pedra” e o outro que fora atingido no peito no momento do assalto. Era mais um dia de semana do ano de 2010, o sol fazia ferver o asfalto. Eu e meus rebentos estávamos

retornando, cada qual de seus afazeres educacionais – quando resolvemos passar na loja de frios para fazer algumas compras. O rapaz do caixa havia acabado de ser baleado e morto por outro jovem. A imagem do corpo inerte, o sangue escorrendo entre o umbral da loja, a vida que outrora pulsava, mas que por um instante se perdera para sempre fazem parte desse cotidiano que, infelizmente, temos que enfrentar.

A cidade tornou-se tão violenta que as pessoas preferem perder a liberdade, em troca da pretensa garantia de segurança. A escolha perversa é a de que preferimos não ser cidadãos livres, mas estarmos protegidos. Os territórios-fortaleza nas cidades transformam espaços públicos e privados em lugares de aprisionamento. Muitas iniciativas vigilantes criam o quadro geral de aprisionamento coletivo no qual os habitantes das cidades não só se acostumaram, como passaram a julgar racionalmente desejável, face ao sentimento de segurança proporcionado. Nas cidades violentamente protegidas e vigiadas, o próprio corpo tende a tornar-se também hermético e impermeável a outros corpos. Considerando que as cidades são feitas das relações que as constituem, torna-se coerente pensar na metáfora da cidade como um corpo que se esquarteja, buscando tornar-se imune a si mesmo. (CARRANO, 2002, p. 05-06).

Estes crimes tornam a existência quase que insuportável, em que há duas formas básicas de adequação: fingir que tudo procede em perfeita ordem, ou se afundar em neuroses. Porém acho que os dois casos são temerários, porém difíceis de evitar. Para quem assiste a violência em sua crua realidade, os traumas são complexos, mas certamente para as famílias das vítimas, a complexidade é muito mais abissal.

Onde habita as mortes violentas? Esse questionamento, com muita facilidade, arremessa o questionado, dependendo de qual lugar nascem as suas conjecturas, para zonas de guerra, para o holocausto nazifascista, para os cenários cinematográficos propagados por *hollywood*. Mas as mortes violentas são nossas vizinhas, dilaceram vidas de nossos parentes, de nossos amores. O Estado brasileiro não está em estado de guerra declarada, mas em uma prática vivenciada pelos horrores cotidianos, o Brasil está em guerra. Uma guerra estampada nas matérias de jornais, nas estatísticas, nas pesquisas, mas que o efeito é entorpecido pelo cotidiano hiperveloz, além de outros aspectos já aventados no decorrer da tese, que impossibilitam qualquer forma de reflexão e tomada de consciência mais aprofundada sobre a realidade que assola a todos.

Os tenebrosos números da violência, descritos em momentos anteriores do texto, demonstram que a contabilidade das mortes brutais se contrapõe à própria “dita religiosidade do bom cidadão brasileiro”. A concretude do fato de se declarar religioso, cristão na maioria esmagadora, parece que não contribui com a redução da violência e das mortes.

O Brasil configura, em números absolutos, como o segundo maior país cristão do mundo, correspondendo a 91,4% da população, ou 175,7 milhões de adeptos. Perdendo apenas para os EUA que possui 71% da população que confessa a fé cristã, correspondendo 230 milhões de adeptos. O individualismo e o particularismo religioso certamente contribuem para que o sentido de comunidade seja apenas um lugar distanciado nas memórias do cristianismo primitivo. Inimigos de nós mesmos, o *lupus est homo homini* (Thomas Hobbes, 1983) configura uma espécie de guerra civil, mas que possui um *locus* pré-determinado, no que se refere aos homicídios.

Historicamente os *locus* brasileiros foram demarcados distintamente. No Brasil açucareiro, o *dives locus* (lugar rico) era representado pela Casa-Grande, residência oficial da elite escravocrata, do patriarcado, do senhor de engenho. O *locus pauperum* (lugar pobre) era demarcado pela senzala, o ambiente degradante onde o escravo era depositado para o uso e abuso do senhor. No Brasil aurífero as relações sociais, econômicas e políticas se tornaram mais complexas, porém os *locus* que segregavam ricos e pobres foram mantidos e fortalecidos em suas identificações.

Os abismos sociais marcam a identidade brasileira, profundamente dividida pelo poder da elite dominante, os pobres – herdeiros, em sua maioria, dos escravos, são reprodutores dos estigmas de uma sociedade segregada, vítima da violência institucionalizada que assassina, em grande escala, os proletários desse país dicotomizado por um projeto de manutenção do *status quo* que se mantém coeso em seu propósito.

São relações sociais e instituições concretas que produzem a semente social do Brasil que herdaremos sob forma modificada até hoje. É o sadismo transformado em mandonismo, como Freyre irá analisar em Sobrados e mucambos, que sai da esfera privada e invade a esfera pública inaugurando uma dialética profundamente brasileira de privatização do público pelos poderosos, que é o exato contrário da balela da cantilena do patrimonialismo. Afinal, no patrimonialismo de Raymundo Faoro e de Sérgio Buarque, a elite vampiresca e má está “no Estado”, tornando literalmente invisível o mandonismo real, primeiro dos proprietários rurais e depois dos urbanos. (SOUZA, 2017, p. 54).

Do mesmo modo que as relações sociais e as relações de poder, no Brasil, foram instituídas para atender aos privilégios de uns em detrimento das minorias, a maioria das cidades brasileiras cresceu sem qualquer planejamento, sendo que os mais pobres sempre foram empurrados para o exterior, os limites mais distantes dos centros urbanos. As comunidades pobres foram se erguendo sem qualquer planejamento, contribuindo para o crescimento desordenado dos grandes *locus* mais povoados.

Ao colocar uma lente, mesmo que não seja especializada, sobre a realidade brasileira, é possível constatar que a falta de planejamento, de atenção governamental, processos que se estenderam por décadas foram determinantes para o caos generalizado no setor da segurança pública.

Todavia, nos últimos anos, a violência urbana estendeu seus tentáculos para as cidades do interior (WASELFSZ, 2008), antes famosas por possuírem aspectos pacatos e preguiçosos, como a cidadezinha qualquer retratada por Carlos Drummond de Andrade (2013, p. 49).

O acelerado e desordenado crescimento urbano, o adensamento populacional em espaços precários, irregulares, impróprios para se edificar o mínimo de dignidade para os seus moradores, é um dos principais fatores para o aumento das taxas de violência letal. Os bairros residenciais não são constituídos por prédios, ruas e avenidas, os bairros são compostos essencialmente por pessoas, por vidas de milhares de famílias que lutam diariamente para sobreviver. Por esse motivo o cálculo é perverso, porém simples, pois a violência precisa ser prevenida pelo combate ao desemprego, estruturação da educação informal e formal, pelo acesso das crianças e dos jovens aos projetos socioculturais, ao esporte e ao lazer. Mas o país retrocede cada vez mais nestes caminhos saudáveis. O governo Temer, no apagar das luzes, resolveu retirar uma bolsa de R\$ 370 mensais dos jovens atletas (categoria estudantil). Pouco, mas para quem não tem quase nada este era um importante incentivo para os jovens cuja grandiosa maioria é extremamente pobre. Este é apenas um cruel exemplo de como nossos governantes cuidam dos mais pobres.

Da mesma forma que se erguem as periferias no Brasil, se erguem e se deslocam os indivíduos que ocupam esses *locus*. Cambiantes, seus destinos seguem os sabores dos ventos das especulações imobiliárias, com algumas

exceções geográficas, como o Rio de Janeiro, onde os cenários paradisíacos são disputados pelos morros ocupados pelos descendentes dos cortiços.

A rigor, os processos de segregação socioespacial na cidade estão estreitamente relacionados com a precarização do mercado de trabalho e o desemprego, que afetam mais que proporcionalmente as camadas mais pobres, menos escolarizadas e que tiveram menos meios de resistir àquilo que se pode denominar de diáspora da classe trabalhadora. Este processo, associado à dinâmica especulativa de valorização do solo urbano e aos sentidos do investimento do capital imobiliário, incide sobre as condições e opções de moradia da população, o que, desde os anos 80, leva à expansão demográfica crescente das periferias em contraposição com o esvaziamento populacional nas áreas centrais (bem servidas por infraestrutura) e à redistribuição das camadas mais ricas da população para novas fronteiras de ocupação delineadas pelos sentidos do investimento do mercado imobiliário (HUGHES, 2003).

No Planalto Central do País, mais especificamente na Grande Goiânia, devido à sua própria geografia, os espaços urbanos são ampliados mais e mais para o horizonte empobrecido pelo descaso governamental crônico. Há muito pouco tempo, cerca de duas décadas, muitos bairros eram vendidos, para os mais pobres, sem qualquer infraestrutura. A realidade atual não se encontra muito distante dessa realidade.

Segundo o Instituto Trata Brasil<sup>50</sup>, apenas 51,92% da população têm acesso à coleta de esgoto. Mais de 100 milhões de brasileiros não têm acesso a este serviço; 3,1 % das crianças e dos adolescentes brasileiros não têm sanitário em casa. De que modo podemos mitigar a violência urbana se os recursos mínimos para manter uma vida saudável não são executados?

Infelizmente, “as nossas metrópoles, seu tamanho, suas desigualdades, suas favelas e periferias, sua violência, são consequências necessárias da histórica disjunção entre economia, sociedade e território, que caracteriza a nossa expansão periférica na economia-mundo capitalista” (RIBEIRO, 2004, p. 13).

---

<sup>50</sup> <http://www.tratabrasil.org.br/saneamento/principais-estatisticas/no-brasil/esgoto>

TABELA 02

**BAIRROS COM MAIS HOMICÍDIOS NOS ÚLTIMOS 5 ANOS****ANOS ANTERIORES**

2013		2014		2015		2016	
Jd. Novo Mundo	22	Jd. Novo Mundo	20	Jd. Novo Mundo	24	Jd. Novo Mundo	18
Jd. Curitiba	17	St. Central	16	Vl. Finsocial	19	Vila Finsocial	15
St. Pedro Ludovico	16	St. Pedro Ludovico	15	St. Central	12	Jd. Guanabara	13
Real Conquista	13	Vl. Finsocial	15	St. Pedro Ludovico	12	Leste Universitário	11
Cj. Primavera	12	Jd. Guanabara	13	St. Uria Magalhães	10	Setor Central	10
St. Central	12	Norte Ferroviário	12	Bairro Floresta	9	St. Morada do Sol	9
Jd. Guanabara	11	St. Estrela Dalva	11	Jd. Guanabara	9	St. Campinas	8
Pq. Amazônia	10	Bairro Goiás	10	Pq. Amazônia	9	Vl. Mutirão	8
Norte Ferroviário	10	Bairro São Carlos	10	Leste Universitário	9	Bairro Goiás	7
Cj. Vera Cruz	09	Vl. Mutirão	10	St. Boa Vista	8	Bair. Meia Ponte	7
<b>Total</b>	<b>132</b>	<b>Total</b>	<b>132</b>	<b>Total</b>	<b>121</b>	<b>Total</b>	<b>106</b>
<b>Total Goiânia</b>	<b>595</b>	<b>Total Goiânia</b>	<b>658</b>	<b>Total Goiânia</b>	<b>566</b>	<b>Total Goiânia</b>	<b>453</b>
<b>% dos 10+</b>	<b>22%</b>	<b>% dos 10+</b>	<b>20%</b>	<b>% dos 10+</b>	<b>21%</b>	<b>% dos 10+</b>	<b>23%</b>

Fonte: Secretaria de Segurança Pública

No quadro acima é possível constatar o índice de homicídios direcionados contra indivíduos, moradores dos bairros mais violentos de Goiânia. O levantamento realizado pela Secretaria de Segurança Pública do Estado de Goiás indica em ordem numericamente decrescente: o Jardim Novo Mundo, com 89 mortes; o Jardim Guanabara com 63, o Setor Central e a Vila Finsocial com 61 vítimas e o Setor Pedro com 58 homicídios – contabilizando os cinco últimos anos levantados pelo órgão governamental.

Todas as vítimas levantadas pela minha pesquisa de campo eram moradoras de bairros<sup>51</sup>, sem exceção, muito pobres e/ou muito adensados de forma desorganizada, não havia infraestruturas que possibilitassem a inclusão da comunidade, as escolas eram precárias e a possibilidade de lazer geralmente era inadequada. De modo infeliz, o abandono dos governantes é historicamente destrutivo, permitindo que o poder paralelo, principalmente o tráfico de drogas, se constitua entre as famílias, as crianças e os jovens.

Não é o propósito dessa tese, mas cabe uma pergunta inquietante. As instituições religiosas estão abordando frontalmente o problema da violência urbana, localizada principalmente nos bairros periféricos das grandes cidades? Há uma

<sup>51</sup> Setor Garavelo (A de G); Bairro das Cachoeiras (A de G); Papillon Parque (A de G); Bairro Tiradentes (A de G); Veija Jardim (A de G); Setor Colina Azul (A de G); Jardim Monte Cristo (A de G); Marista Sul (A de G); Bairro Independência (A de G); Jardim Monte Cristo (A de G); Jardim Buriti Sereno (A de G); Residencial Jardim Canedo II (Senador Canedo); Setor Chão de Estrelas (Aragoiânia); Vila São José (Bonfinópolis).

cobrança corajosa das lideranças religiosas aos governantes? A Igreja Católica possui inúmeras pastorais de cunho social<sup>52</sup>, mas a qual ponto as mesmas agem<sup>53</sup> para defender, pragmaticamente, os interesses dos fracos?

É evidente a importância histórica e social das pastorais<sup>54</sup>, suas ações foram e são fundamentais para milhares de desamparados, mas há uma sensação de que elas, entre outros movimentos, estão enxugando gelo. Estão isoladas, em missões assistenciais, tentando apagar o fogo, mas sem eficácia concreta.

E as outras instituições estão realizando, verdadeiramente, o combate às injustiças sociais ao destilarem, como mercadoria, as promessas de salvação no aqui e no agora? Mas não cabem somente críticas, é preciso fazer justiça. Muitos movimentos ligados às instituições religiosas (Católicos, Protestantes, Espíritas, Religiões de Matriz Africana, entre outras) estão engajados com as lutas sociais, mas é muito pouco diante da imensidão do problema que é a violência. Pois a fé sem ação coletiva se faz em discursos vazios de propósitos.

O lema da Campanha da Fraternidade 2019 traz a forte mensagem: “*Serás libertado pelo direito e pela justiça*” (Is. 1, 27). Faz-se urgente debater Políticas Públicas como tema da campanha, mas o grito das ações não deve se calar no silêncio das demagogias arbitrárias. As lideranças religiosas, irmanadas, devem abraçar – como Cristo<sup>55</sup> o fez – as minorias, os miseráveis, os aflitos, as crianças e os jovens pauperizados deste país. Que a liberdade, o direito e a justiça não sejam armas somente dos discursos palacianos, mas que exerçam a fraternidade despida de medo.

---

<sup>52</sup> Pastoral do Menor; Pastoral da Criança; Pastoral Carcerária; Pastoral do Migrante; Pastoral Afro-Brasileira.

<sup>53</sup> Apoiadas aberta e criticamente pelas instâncias superiores.

<sup>54</sup> (...) a incidência na pastoral da Igreja se faz notar nas várias práticas de muitas Igrejas periféricas, em seu empenho na defesa dos direitos humanos, especialmente dos pobres, a denúncia das violências do sistema capitalista e neocapitalista, na constituição de comunidades eclesiais de base, onde o povo expressa, alimenta e articula sua fé com as realidades da vida que os oprimem. A incidência na vida social não é menos relevante: a Igreja se fez companheira, por razões teológicas, de todos aqueles que lutam por uma sociedade alternativa e mais participada; a coesão teológica e pastoral do corpo episcopal em favor dos pobres colocou a Igreja entre as forças mais importantes da sociedade. (BOFF, 1994, p. 46).

<sup>55</sup> A opção preferencial pelos pobres, tema de destaque do encontro do CELAM, em Puebla 1979, originou-se nas bases da Igreja Brasileira, foi adotada por alguns grupos regionais de bispos no final da década de 60 e por volta da metade dos anos 70. Tornara-se um tema recorrente os documentos da CNBB. Por exemplo: “Deus mandou seu filho Jesus para ser a esperança e a defesa do fraco, do marginalizado, do oprimido. A igreja deve seguir o exemplo de Cristo. Ela não pode excluir ninguém e deve oferecer a todos grandes e pequenos, os meios de salvação que recebeu de Cristo. Mas sua opção e seus prediletos são os fracos e os oprimidos”. (MAINWARING, 1989, p. 174).

## 2.6 A MORTE DAS MINORIAS

De longe foi uma escolha aleatória o fato de delinear três grupos considerados minoritários para serem problematizados nesta parte da tese. Primeiramente o número sobre mortes violentas no Brasil, como já apresentado, demonstra que os mais fragilizados são as maiores vítimas, em segundo lugar, não fugindo das taxas reveladas pelos institutos de pesquisas nacionais, as mortes – levantadas pela pesquisa de campo, em termos quantitativos e/ou que chamaram mais atenção pela brutalidade imposta às vítimas foram justamente as dos três grupos indicados no subtítulo (mulheres, pretos, pardos e LGBTI+).

Minoria é um termo muito utilizado pelas ciências humanas e sociais não para designar um aspecto meramente quantitativo, mas para revelar que nem sempre se trata desse fator. Destacando como exemplo os pretos, pardos e as mulheres correspondem à maioria quantitativa no Brasil, mas são claramente tratados como minorias, pois estão em desvantagem econômica, política, social, educacional, entre outros, em relação aos considerados brancos.

Vale destacar a colocação de Rossini (2010, p. 29): *“A definição de minoria, sociologicamente falando, não revela uma relação numérica de indivíduos, na medida em que, muitas vezes os grupos considerados minoritários representam, numericamente, a maioria da população”*. Por conseguinte, as minorias são grupos vulneráveis, colocados à margem da sociedade, ocupando quase sempre espaços sociais periféricos, isto é, destituídos de poder e oportunidade. Mesmo que constituam a maioria quantitativa da população, as políticas governamentais e as tradições históricas reafirmam estes grupos em seus “devidos lugares” de origem, como descreve a expressão: *“lugar de mulher é na cozinha”*.

Minha filha foi morta pela mão do demônio! (Palavras de um pai sobre o assassino de sua filha).

Como as representações coletivas e, entre outros, os tipos sociais definem-se geralmente por pares de termos opostos, a ambivalência parecerá uma propriedade intrínseca do Eterno Feminino. A mãe santa tem como correlativo a madrasta cruel; a moça angélica, a virgem perversa: por isso ora se dirá que a Mãe é igual à Vida, ora que é igual à Morte, que toda virgem é puro espírito ou carne votada ao diabo. (BEAUVOIR, 1960, P.254).

A Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006), a tipificação do feminicídio como crime hediondo (Lei nº 13.104/2015)<sup>56</sup>, a criação de várias ONGs, além dos órgãos governamentais, que fortalecem a luta diária no combate à violência contra a mulher, não conseguem desacelerar o crescente número de assassinatos de mulher no Brasil e no Mundo<sup>57</sup>.

A violência contra o sexo feminino faz parte de um processo histórico-cultural, em que a mulher foi e é agredida em sua dupla representação, que é em si, um ato de violência. As dualidades: santa-puta, sagrada-profana, virginal-sexual, inocente-perversa, entre tantas outras polarizações, impostas ao ser mulher, marcam com sangue a vida de milhares de seres femininos que lutam para sobreviver em um universo dominado pelo primeiro sexo.

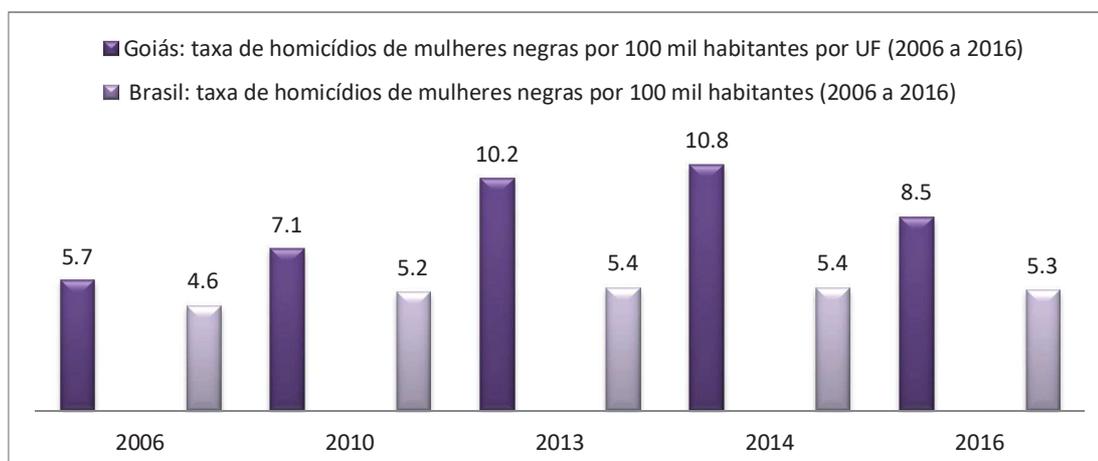
Historicamente, a sociedade brasileira foi marcada pelo patriarcado, em que as mulheres brancas eram também arremessadas em suas senzalas de luxo. Objetos sexuais, reprodutoras, mães, esposas, donas de casa, matronas. Essas mulheres, tais quais as gregas da Era Clássica, eram submissas, inclinadas ao chão, esmagadas pelas botas senhoriais. Apesar disso, as mulheres pobres e negras sofreram e sofrem maiores violências, afinal há um acúmulo de “deficiências degenerativas” que legitimam o poder do homem e a prática das violências e dos feminicídios, como é possível ver abaixo:

---

<sup>56</sup> Tanto o femicídio, que é crime previsto no caput do artigo 121 do Código Penal (CP), e refere-se ao homicídio simples, ao assassinato de uma mulher, quanto o feminicídio, incluído pela lei 13.104/15, que introduziu o inciso VI ao artigo 121 do CP, que trata do homicídio de mulher por “razões da condição de sexo feminino”, ou seja, por razões de gênero, é uma forma qualificada do crime de homicídio.

<sup>57</sup> *Em Bruxelas para o fórum Dias Europeus de Desenvolvimento, a vice-secretária-geral da ONU, Amina Mohammed, alertou nesta semana (maio de 2017) para o que descreveu como uma “pandemia global” de violência contra as mulheres e meninas. Dirigente cobrou que países ponham um fim aos abusos motivados por questões de gênero — quando uma mulher é agredida simplesmente por ser mulher. “Ataques e discriminação estão profundamente enraizados em normas, atitudes e práticas sociais”, afirmou a representante das Nações Unidas. “Transformar essas mentalidades exigirá investimentos significativos de tempo, recursos e vontade política.” Atualmente, segundo a ONU, uma em cada três mulheres é ou será vítima de violência de gênero no mundo. Em média, por ano, 17 milhões de meninas se casam quando ainda são menores de idade. Quase metade das mulheres assassinadas são mortas por um parceiro ou ex-parceiro. Amina também chamou atenção para a marginalização econômica das mulheres — em média, a diferença salarial entre elas e os homens é de 23%. Segundo a dirigente, o Banco Mundial estima que a participação igualitária na força de trabalho liberaria 160 trilhões de dólares para a economia — o equivalente a 2% do Produto Interno Bruto (PIB) do planeta. Recursos, disse a vice-chefe da ONU, “poderiam se reinvestidos no desenvolvimento sustentável”. (Amina Mohammed – Vice-chefe da ONU).*

GRÁFICO 11



O estado de Goiás, além de ser aquele com a pior taxa de homicídios de mulheres negras (8,5), tem uma desigualdade acentuada: a taxa entre as mulheres não negras é menos da metade (ATLAS DA VIOLÊNCIA 2018, p. 52).

GRÁFICO 12

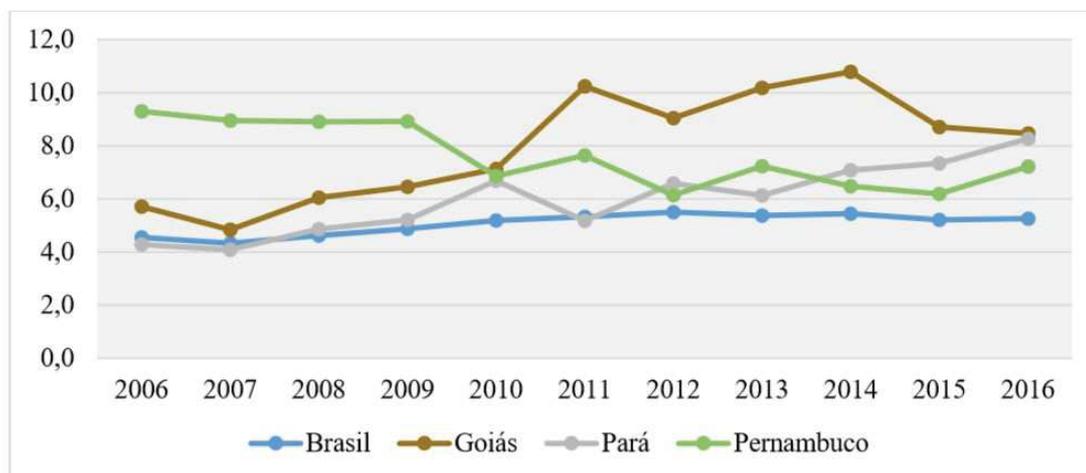


Considerando-se os dados de 2016, a taxa de homicídios é maior entre as mulheres negras (5,3) que entre as não negras (3,1) – a diferença é de 71%. (Idem).

Nos dois primeiros gráficos, expostos acima, é possível observar que a taxa de homicídios de mulheres negras, no Estado de Goiás, é o dobro da média nacional, além de os homicídios praticados contra as mulheres negras também representam o dobro dos homicídios de mulheres brancas.

GRÁFICO 13 – Evolução dos homicídios de mulheres negras, em três UFs com as maiores taxas em 2016 e no Brasil. Taxa por 100 mil mulheres negras (2006-2016).

#### Homicídios de Mulheres no Brasil e em Três Federações



Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM. O número de homicídios na UF de residência foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja: óbitos causados por agressão mais intervenção legal. O cálculo efetuado levou em conta os indivíduos mulheres da população. Elaboração Diest/Ipea e FBSP.

No gráfico acima, os cenários são claramente evidenciados. O Estado de Goiás, em conjunto com Pará e Pernambuco, formam as três federações onde a taxa de homicídios contra mulheres são as maiores do país, inclusive estão bem acima da média nacional. Porém no Estado de Goiás, os índices de homicídios são marcados com saltos e elevações. É evidente que todas as mulheres sofrem violência, mas as negras são brutalizadas duas vezes mais.

Ao todo, a pesquisa abordou dois casos de feminicídios que serão abordados abaixo. Na primeira ocorrência foi entrevistada a mãe de uma jovem mulher de 22 anos, morta brutalmente pelo marido, um homem de 55 anos de idade. O casal tinha dois filhos e estavam casados há 11 anos. Um detalhe chamou atenção no boletim de ocorrência. O homicida comprou a arma do crime, nesse caso uma faca de caça, para usar no assassinato de sua mulher. A mesma tinha prestado várias queixas contra as agressões do marido, no total de sete boletins de ocorrência. O criminoso está preso e afirmou que matou porque sua mulher disse que não queria mais viver com ele.

Na segunda ocorrência, o entrevistado foi o pai de uma mulher de 35 anos, mãe de três filhos, dona de casa. O marido alegando ciúmes espancou e sufocou a

mulher até a sua morte. Depois do homicídio, o criminoso ateou fogo no quarto onde estava o corpo da vítima. Segundo o exame de necropsia, a mulher ainda estava viva quando o homicida ateou fogo em seu corpo. O agressor se encontra preso e se diz arrependido.

Há variados exemplos sobre diversas formas de violências, catalogadas e conceituadas nos últimos anos, entre elas está à violência simbólica, que configura no ato de violência que não impõe agressão física, mas que atinge diretamente o psiquismo e a moralidade do indivíduo. Em Q.A/Q1 – “O que você acha que provocou o ato praticado contra o seu familiar?” É notória nas palavras da mãe (Maria da Silva – 51 anos), a presença da violência que nasce primeiramente de forma simbólica e que se ramifica para a violência física, e por fim, no homicídio de sua filha de apenas 22 anos de idade.

Foi o ciúme descontrolado, viu! Ele controlava tudo, desde o começo do namoro ela teve que abandonar os amigos, o emprego e a missa do domingo. Ele não deixava minha filha sair sem ele. Ele sempre achou que era dono da minha menina, sabe? Ódio, muito ódio que aquele cara sentia pela minha filha. Não era amor, não era amor – como ele dizia que amava minha menina. Não pode ser! Ele matou, ele matou minha filha. Isso não é verdade, ela não morreu. Não pode, não pode. Só vejo ódio, ódio e doença. (Maria da Silva, 51 anos – mãe).

Causa e efeito se despem na crueza realística, diante das lágrimas, literalmente de sangue dessa mãe que tivera que reconhecer o corpo de sua amada filha, em uma sala gelada do Instituto Médico Legal. A morte violenta dessa moça não nasceu em um rompante imediatista de ciúme e ódio (misoginia). Este homem, agora homicida, é resultado de uma longa tradição em que a dominação masculina (falocentrismo) é ensinada, repassada e exigida nos comportamentos patriarcalistas.

Antes de sofrer a morte física, anunciada frequentemente pelo comportamento de seu marido, essa jovem já se encontrava morta. Seu fim simbólico era revelado pelo seu sepultamento periódico, constante. Sua vida se desfigurava como grãos de areia que sucumbiam no aspirar do tempo. “*Ele controlava tudo, desde o começo ela teve que abandonar os amigos, o emprego e a missa do domingo. Ele não deixava minha filha sair sem ele*”, afirma a mãe da vítima. Infelizmente, a morte prematura dessa mulher que sofrera múltiplas violências não foi evitada e certamente se tornou mais um número que compõe os gráficos e as dores infindas dos seus verdadeiros amores.

O senhor Florisvaldo da Silva, 62 anos, pai de uma jovem mulher de 35 anos, vítima da brutalidade do marido, estava extremamente monossilábico, um homem taciturno, cabisbaixo, carregado de revolta silenciosa pela morte bárbara de sua filha. Antes de começar a entrevista o mesmo relatou que a filha tinha conseguido arrumar um emprego, pois seu marido estava vivendo de “bico”. Segundo ele, o marido nunca aceitou que ela trabalhasse, mas a mesma estava decidida. A luta pela liberdade, independência, autonomia custou a vida dessa mãe de duas filhas de 13 e 15 anos. Mas ela não é a culpada pela violência, pela brutalidade imposta ao seu ser de asas abertas. É preciso reafirmar: ela é a vítima. Mais uma mulher silenciada pela dominação fálica. Mais uma mulher morta por ser mulher, ou tentar ser uma em sua complexa liberdade de ser.

Em (QA/Q9) “Você acha que Deus ou algum espírito maligno teve algo a ver com a morte de seu familiar? Justifique.”, o pai, rompendo o silêncio oracular, deu uma resposta interessante:

Minha filha foi morta pela mão do demônio, sabe! O maligno estava naquele homem. Nunca gostei dele. Ele tem uma coisa ruim que a gente sente só de tá perto, viu! Ele vai, na sexta feira, lá onde o diabo mora. Faz um trem esquisito. Mata animal e toma o sangue. Coisa de magia do mal. Eu acho que é, né?! Deus só que coisa boa pra gente, isso não é coisa de Deus.

Em (QA/Q11) “Em sua opinião, por que coisas ruins acontecem com as pessoas?”, senhor Florisvaldo foi direto em sua resposta: “*Jesus era bom, olha o que fizeram com ele*”. Neste momento foi muito difícil continuar a entrevista, pois ficou evidenciado que este pai não estava sentindo apenas a dor da perda, mas estava indignado com a forma que sua filha única havia morrido. A desvalorização da vida se expressa no íntimo de cada sentimento.

Evidencia-se que qualquer vida deve ser valorizada em sua totalidade, mas o distanciamento artificial entre o espectador e as notícias de mortes violentas não impactam o indivíduo, como já foi abordado acima. A morte violenta é assistida de um lugar desprovido de emoções. O indivíduo é aquele ser que simplesmente passeia pelas paisagens de plástico, o *flâneur* de Charles Baudelaire (2001), descrito e analisado por Walter Benjamin (1994). Com uma diferença lapidar, nos universos das telas virtuais. O *syber-flâneur* é aquele que fixo vê as realidades difusas, fluindo e desaparecendo, instantaneamente, nas hipertelas e nas memórias alzheimerianas.

O pesquisador precisou se distanciar desse papel tão vulgar, deste lugar comum em que as dores do outro são apenas cenas cinematográficas, valores estéticos da *pop art*, fabricados em esteiras fordistas, vendidas em prateleiras dos hipermercados e descartadas nos aterros sanitários dos sentimentos líquidos.

Não foi tarefa fácil, ver que as deusas do passado foram reduzidas a cinzas por aqueles que deveriam amá-las. Figuras adoradas em tempos imemoriais são, agora, personagens de boletins policiais. Suas sacralidades são rompidas, antes, pela vulgarização de seus corpos, e, depois, pela criminalização de seus sonhos libertários.

Outra realidade complexa, levantada pela pesquisa, foi a precariedade enfrentada pelos mais pobres, principalmente os jovens pretos e pardos, moradores de bairros periféricos da Grande Goiânia. Estes, de forma alarmante, constituem uma escalada brutal nas estatísticas sobre mortes violentas, pela via do homicídio. O perfil das vítimas é quase sempre o mesmo: jovens, entre 14 e 24 anos, sexo masculino, baixa escolaridade, membros de famílias desestruturadas, pretos e pardos.

(QA/Q1) O que você acha que provocou o ato praticado contra o seu familiar? Maldade mesmo. O que você acha que sobra pra gente igual a gente? (QA/Q11) Em sua opinião, por que coisas ruins acontecem com as pessoas? Eu acho que é muita falta de amor no coração das pessoas. Tem gente que não gosta de pobre, sabe como é?! Depoimento de Paula Oliveira, negra, 27 anos – irmã de um rapaz de 21 anos, vítima de homicídio.

O depoimento de Paula é um desabafo, talvez uma forma de protesto pela morte do irmão caçula. No começo da entrevista a jovem estava muito apreensiva, um pouco na defensiva, mas quando eu me apresentei como professor e pesquisador da PUC – Goiás, mostrando meu crachá, ela ficou mais calma – abaixando a guarda. Relatou, antes do começo da entrevista, que o irmão era um ótimo rapaz, estava cursando Ciências Contábeis, sua namorada estava grávida de seis meses e ele estava muito feliz com a chegada do filho. Não ficaram claras as motivações que provocaram a morte desse jovem, mas ele se encaixa nas estatísticas das mortes violentas no Brasil: jovem, preto ou pardo, pobre, morador da periferia.

Drasticamente a história recente do Brasil se retroalimenta de seu passado nebuloso para os pretos, pardos, pobres e jovens. No transcorrer de mais de três

séculos de escravidão oficial, eram justamente os jovens africanos os preferidos para o trabalho escravo. A juventude, a disposição natural, a possibilidade de mais anos de exploração desumana colocava os jovens pretos e pardos na alça de mira do sedento mercantilismo.

Segundo o IBGE, na atual década, o preconceito, a discriminação generalizada, enfim, a exclusão social ainda continua preterindo os pretos e os pardos de uma vida mais digna, ou pelo menos dificultando imensamente estes sonhos de futuro. Privações, desemprego, fome, abusos, dificuldades, falta de oportunidades, abandono e violência simbólica fazem parte da pesada carga imposta a mais da metade da população brasileira.

Em 2016, a taxa de analfabetismo entre brancos foi de 4,2%, entre pretos e pardos foi de 9,9%, correspondendo mais que o dobro. Em 2017, o rendimento médio foi outro fator que revelou a violência simbólica contra os pretos e pardos. A renda média do branco foi de R\$ 2.814; pardos: 1.606 e pretos: 1.570. A taxa de desocupação reafirmou e mostrou que em momentos de crise econômica os não brancos sofrem mais, como demonstrado nos números abaixo.

As crianças não poderiam ficar de fora, pois a violência atinge mais drasticamente os pequeninos. Entre as crianças que trabalharam, no ano de 2016, 35,8% eram brancas e 63,8% eram pretas ou pardas. Claramente todos estes dados revelam uma implacável realidade que presenteia em desvantagem social a parcela mais fragilizada dessa nação.

Drasticamente, os números não fazem parte de um mundo abstrato, trata-se de pessoas reais, que enfrentam uma realidade imposta por séculos. Uma torrente de lama que desce o morro, soterrando qualquer forma de superação ou, como muito descuidadamente nomeiam de meritocracia. Essa palavra cunhada pelo discurso liberal para culpabilizar os pobres pela miséria delegada a eles. Poucos, apesar da poderosa corrente contrária, conseguem se tornar a exceção à regra, mas a maioria replica tragicamente a trajetória de seus ancestrais. É evidente que as taxas apresentadas pelo IBGE desaguam nos homicídios, este desfecho brutal enfrentado por essa população há mais de meio milênio neste nomeado país do futuro.

## ILUSTRAÇÃO 06 - Taxa socioeconômica do IBGE



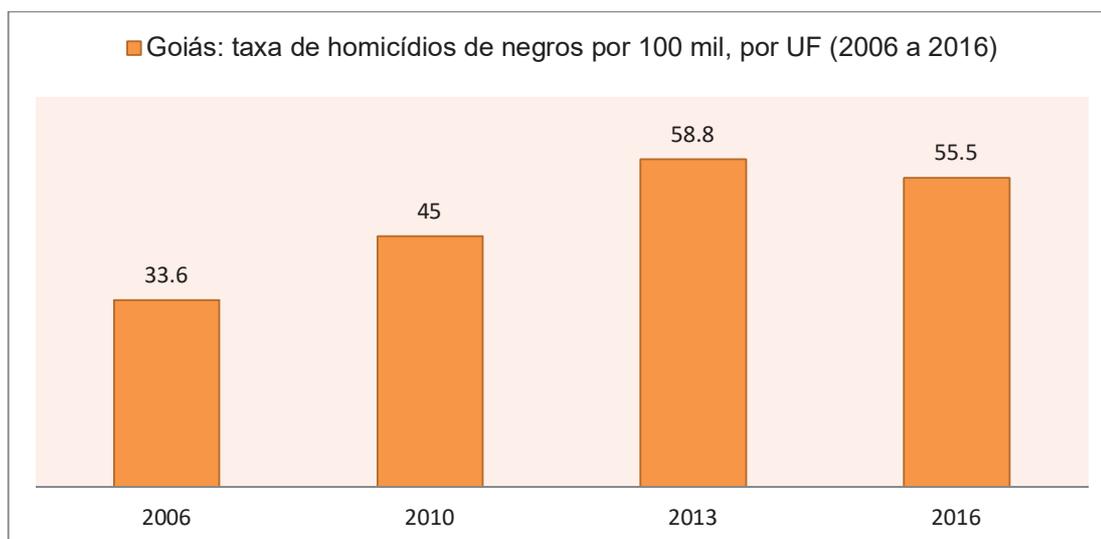
Fonte: IBGE – 2017

De acordo com Atlas da Violência 2018 (AV), há dois países distintos em relação à violência letal. Um Brasil dos pretos e pardos, em que o número de homicídios contra essa população vem crescendo aceleradamente, nos últimos

anos. E um Brasil dos não negros<sup>58</sup> (brancos, amarelos e indígenas<sup>59</sup>), em que as taxas de homicídios vêm desacelerando. O IPEA afirma que em 2016 a taxa de homicídios de negros foi duas vezes e meia maior à de não negros (16,0% contra 40,2%). Entre 2006 e 2016, a taxa de homicídios de pretos e partos aumentou 23,1%, sendo que no mesmo período, a taxa entre os não negros alcançou uma redução de 6,8%. Destacando que a taxa de homicídios de mulheres negras foi 71% maior à de mulheres não negras. Tema que trataremos adiante.

A desigualdade racial se torna mais evidenciada quando os números revelam que sete estados registraram taxas de homicídios entre não negros de apenas um dígito (Alagoas – 4,1%; Paraíba – 5,8%; Piauí – 7,0%; Amapá – 7,8%, Ceará 8,3%; São Paulo – 9,1% e Espírito Santo 9,3%). Os dados são mais alarmantes na medida em que a média nacional, no mesmo ano (2016), correspondeu a 30,3 homicídios para cada 100 mil habitantes.

GRÁFICO 14



Fonte: IBGE - Diretoria de Pesquisas/Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios e MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM. Observação: Os números de Negros foram obtidos somando pardos e pretos, enquanto os Não-negros se deu pela soma dos brancos, amarelos e indígenas, todos os ignorados não entraram nas contas. Elaboração Diest/Ipea e FBSP.

<sup>58</sup> Foram utilizados três termos: Preto, pardo e negro. Os Institutos de pesquisa utilizam o termo negro para se referirem aos pretos e pardos.

<sup>59</sup> É preciso particularizar os indígenas, pois não podem ser inseridos com os brancos e amarelos, pois são também vítimas de violência letal.

## ILUSTRAÇÃO 07



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública 2018  
Taxa: Brasil

De acordo com o AV, o risco do jovem negro, pobre, morador da periferia ser vítima da violência letal é 2,7 vezes maior que o de um jovem branco. Mesmo que este seja pobre e habite o mesmo bairro do jovem negro. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública analisou 5.896 boletins de ocorrência de mortes decorrente de intervenções policiais no período de um ano (2015 – 2016), o que destaca 78% do universo dos homicídios no período. Retirando as vítimas que não foram discriminadas, nos boletins, pela raça/cor, 76,2% das vítimas de intervenções policiais foram negras.

Se há vidas matáveis, elas estão expressas principalmente nos números que indicam as mortes decorrentes de intervenções policiais. Em Goiás, esse número cresce sistematicamente e isso deveria ser assustador. Em 2014, foram 96 mortes. Em 2015, 141. Em 2016, subiu para 224. Em 2017, atingiu 265 mortes. De 2014 a 2017 foram 726 pessoas mortas pelas polícias goianas. No mesmo período, morreram 31 policiais. Isso significa que as polícias goianas matam ao menos cinco pessoas por semana. Esses dados só não assustam aqueles que encaram a segurança pública como um campo de guerra. (FBSP, 2018)<sup>60</sup>.

É inegável que haja no Brasil seres humanos matáveis, aqueles que são considerados indesejáveis por uma parcela significativa da população. Principalmente certa elite, rescaldo da elite escravocrata, que considera os pretos e

<sup>60</sup> Fonte: <https://pt.slideshare.net/HumbertoGaray2/fbsp-absp-edicao-especial-estados-faccoes-2018>

pardos inferiores, isto é, descartáveis. Mas não é apenas esse fator. É preciso culpabilizar o negro, demonizar sua cor, seu *locus*, seu papel em uma sociedade feita para a elite rica e branca, que arrasta a chamada classe média para sua realidade patrimonialista. Sendo que parte dessa classe média sonha em fazer parte dessa elite detentora do poder, sentindo-se embranquecida pelo poder de consumo.

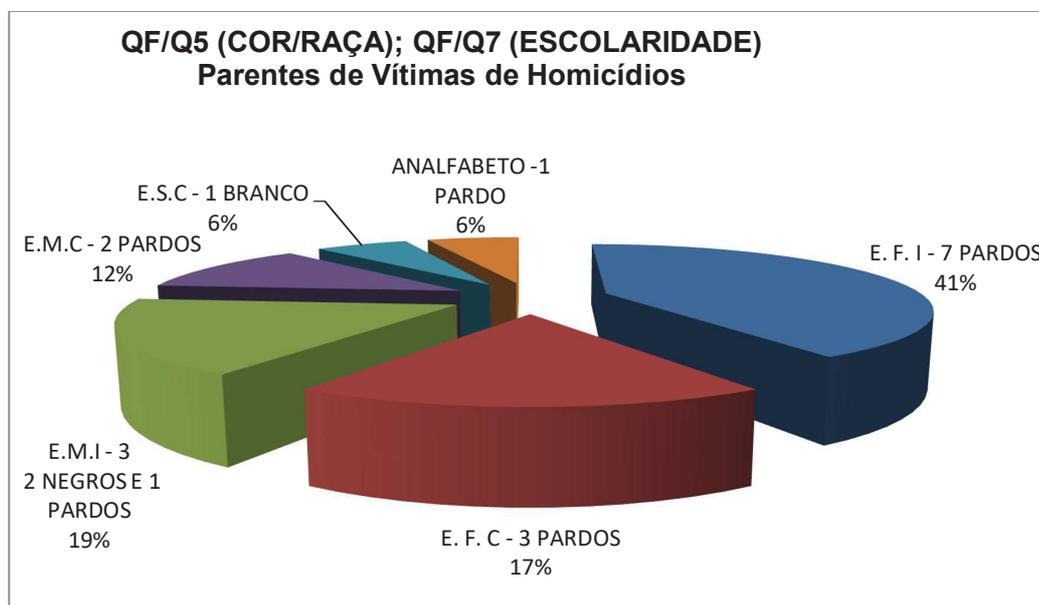
A sociedade escravagista não foi extinta no Brasil. É possível encontrar casos de ascensão socioeconômica de negros, mas ainda fazem parte de uma exceção à regra. A escolaridade ou a falta dela é um forte exemplo de manutenção dos negros nas camadas mais baixas da sociedade. Negar a educação ou sucateá-la foi e é uma prática da elite, pois “*saber é poder*” (Francis Bacon). Em conformidade com a Síntese de Indicadores Sociais – SIS/IBGE 2017, os trabalhadores de cor preta ou parda entram no mercado de trabalho bem mais cedo, quando comparados a brancos. Inibindo a inserção e permanência de negros na formação escolar. Esse fator é determinante para a manutenção dos negros em condições de vulnerabilidade social.

Manter o negro em condição de pauperização se processa ao largo das décadas consecutivas. Demonizá-lo é processar a ideia do bode expiatório, uma cor para carregar a culpa e a responsabilidade pelas crises, pela violência, pela ameaça do possível “inverno” (crise econômica, violência, degradação das tradições). O negro é um lugar para descarregar o ódio e as tensões típicas de um país extremamente desigual.

Este ódio é historicamente construído. A resistência dos negros que lutaram contra a escravidão, a formação de quilombos e outras formas de negação dessa imposição branca, fez do negro um inimigo dos interesses imperiais. Era preciso destruir as resistências através das Guerras Justas, contra o mal que se instalava contrariamente a ordem e ao progresso. Centenas de milhares de negros e negras foram dizimados pelas Bandeiras de Contrato. Reafirmo, a história brasileira se retroalimenta do extremado racismo e do ódio direcionado, principalmente ao jovem negro, vítima diária de homicídios invisibilizados, pois afetam seres matáveis.

Minha tese corrobora com os dados descritos pelos inúmeros institutos de pesquisas. Dos dezessete casos de homicídios relatados, apenas um se tratava de um jovem não negro. Os dezesseis eram todos negros (pretos e pardos), sendo quatro pretos e doze pardos. Correspondendo ao perfil majoritário da população mais pobre do país.

GRÁFICO 15



Os números revelam e reforçam as estatísticas nacionais. Dos parentes das vítimas de homicídios, em conformidades com o gráfico acima, a baixa escolaridade, subemprego, raça/cor estabelecem a violência institucional do país. Sete, dos familiares, possuíam apenas o Ensino Fundamental Incompleto (todos pardos), três haviam completado o Ensino fundamental (se declararam pardos), outros três compuseram um grupo de dois pretos e um pardo, correspondendo ao Ensino Médio Incompleto; dois possuíam o Ensino Médio Completo (pardos), um era analfabeto (pardo) e apenas um possuía ensino superior completo. Este foi o único, declarado branco, entre os familiares de vítimas de homicídio.

De acordo com o IBGE, em pesquisa sobre a Síntese de Indicadores Sociais – SIS 2017, os 10% que possuem menores rendimentos, no Brasil, correspondem a pretos ou pardos, chegando a 78,5%, contra 20,8% de brancos. Invertendo a situação, os 10% mais ricos, pretos e pardos respondem por apenas 24,8%. Esses números são alarmantes, pois 54,9% da população brasileira, isto é, a maioria é constituída de pretos (16,8 milhões) ou pardos (95,9 milhões), representando 112,7 milhões de um total de 205,5 milhões de brasileiros.

Logo que dei início à minha pesquisa de campo, um corpo apresentando estado avançado de decomposição foi encontrado nas mediações dos motéis que margeiam a BR 153, na área urbana das duas cidades: Goiânia e Aparecida de

Goiânia. O mau cheiro chamou a atenção dos moradores, trabalhadores e transeuntes até ser encontrado. A polícia técnica científica foi acionada e o corpo foi levado para o IML. Nenhum documento foi encontrado com a vítima, mas a mesma trazia sinais claros de tortura por todo o corpo. Em conversa não oficial com o médico legista, a vítima tinha sido provavelmente torturada e morta em um local até então desconhecido pela polícia, sendo o corpo desovado no logradouro escrito acima. Os olhos estavam perfurados, os dedos das mãos quase todos quebrados e o órgão sexual tinha sido dilacerado. A vítima de sexo masculino estava trajando roupas femininas.

Corpos em decomposição que dão entrada no instituto são colocados em uma sala separada do prédio principal, pois o risco de contaminação é muito grande, além do odor. Ao sair das minhas aulas noturnas sempre passava no instituto para conversar com os plantonistas, a fim de criar algum laço – rompendo o estigma de pesquisador que quer apenas coletar os dados de sua pesquisa. As conversas eram quase sempre animadas, pois estes funcionários públicos teriam que passar a noite e a madrugada trabalhando, o humor e as conversas descontraídas serviam de alívio da tensão natural e como passatempo.

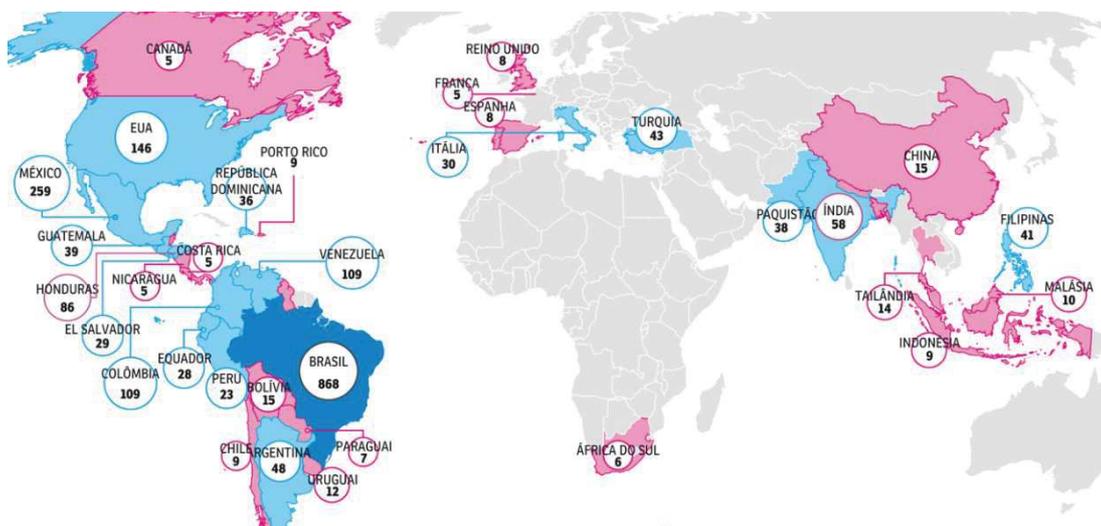
Uma expressão comum – usada por quase todos os plantonistas, chamou minha atenção. Eles nomeavam os corpos em decomposição de “podrão”. Este era o caso da vítima apresentada logo acima. Percebi que os peritos, agentes, técnicos, médicos, entre outros que trabalham diretamente com as ocorrências, e evidentemente, com os corpos, procuram uma forma de se manterem afastados de uma relação pessoal, tanto com as vítimas, quanto com os parentes das vítimas. O distanciamento adequadamente seguro é uma maneira de evitar este cotidiano extremamente pesado. É notório que o termo “podrão” é de longe inapropriado, além de ser uma grande falta de ética, cuidado e humanidade para com o morto<sup>61</sup> e seus familiares. Não bastasse a forma como foi morto, o cadáver – e por consequência, seus entes têm que enfrentar outras formas de violência. Mas não pretendo seguir nessa direção. O mais importante é que – na semana seguinte o corpo foi identificado, tratava-se de um travesti que fazia ponto nas proximidades dos referidos motéis. Mas infelizmente, até o último dia da minha pesquisa, os autores e/ou autor do crime não tinham sido identificados e presos.

---

<sup>61</sup> *Das Nur-noch-Vorhandene ist "mehr" als ein lebloses materielles Ding.* (O ainda-só-subsistente é “mais” do que uma coisa material sem vida. (HEIDEGGER, 2012, p. 659).

Intolerância – O Brasil é o país com mais registros de homicídios relacionados à transfobia entre 2008 e 2016.

#### ILUSTRAÇÃO 08 – Homicídios da população LGBTI+



Fonte: Trans Munder Monitoring/transgender Europe<sup>62</sup>

O mapa acima demonstra que o Brasil configura em primeiro lugar no ranking de homicídios contra a população trans. Os dados apresentados pela ONG Transgender Europe (TGEu) em novembro de 2016 é alarmante, mas não é novidade que estes números são subnotificados, ainda mais que se trata de ocorrências difusas, quase sempre confundidas com outras formas de motivações. A ONG revela que os trans, entre a população LGBTI+, são os mais vulneráveis pelo fato de alguns estarem inseridos na prostituição, como provavelmente seja o caso da vítima levantada pela pesquisa de campo.

A Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) realizou um relatório, em âmbito nacional, sobre os indicadores de homicídios praticados contra a população Trans. A associação deixou claro que as mortes foram motivadas pelo fato de as vítimas comporem este grupo, isto é, o desprezo, o ódio e o sentimento de perda de controle e dominação sobre a vítima motiva a maioria dos casos de violência, de acordo com o relatório da ANTRA.

<sup>62</sup> Disponível em <https://tgeu.org/tmm/>, acesso em 07 de dezembro de 2018.

Ainda de acordo com a associação, o índice de homicídios da população Trans, por Região, no ano de 2017, está exposto desta forma: (69) casos na Região Nordeste, correspondendo a 39% dos homicídios; (57) casos na Região Sudeste; Norte e Sul totalizaram (19) casos e na Região Centro-Oeste foram notificados (15) homicídios. De acordo com os índices proporcionais ao número populacional de cada federação, o ranking se expõe da seguinte forma: Paraíba em primeiro lugar, Alagoas em segundo e Tocantins em terceiro. O Estado de Goiás, junto com Santa Catarina se apresentam em 14º lugar.

Infelizmente, não pude entrevistar nenhum familiar da vítima identificada como trans, pelo Instituto Médico Legal. Conversei apenas com uma de suas colegas de trabalho que procurou o IML, para identificar o corpo, todavia sem poder ser incluído na pesquisa, registrei apenas um breve comentário da senhorita Anita: *“Muita gente tem ódio e nojo do que somos. Minha amiga foi morta pelo desprezo”*.

Mesmo diante de tantos números assombrosos, não vejo perspectivas de superação da violência para com as minorias no Brasil. As igrejas majoritárias são extremamente tímidas para abordar os temas mais complexos, como o da violência para com as mulheres, os pretos e pardos pobres e os LGBTIs+. As políticas afirmativas não alcançam seus propósitos e a cultura do ódio racial ganha mais adeptos a cada dia, motivados pela polarização política que o país vivencia na atualidade. Não há, no horizonte, qualquer política pública séria que se disponha a enfrentar frontalmente a violência direcionada para essas e demais minorias. Infelizmente enxergo um retrocesso nas plataformas dos governos Estaduais e na esfera Federal.

## 2.7 O SUICÍDIO E A MORTE POR ACIDENTE DE TRANSPORTE TERRESTRE

Só existe um problema filosófico realmente sério: é o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, aparece em seguida. São jogos. É preciso, antes de tudo, responder. E se é verdade, como pretende Nietzsche, que um filósofo, para ser confiável, deve pregar com o exemplo, percebe-se a importância dessa resposta, já que ela vai preceder o gesto definitivo. Estão aí as evidências que são sensíveis para o coração, mas é preciso aprofundar para torná-las claras à inteligência (CAMUS, 1942, p. 7).

A vida vale a pena ser vivida? A quem cabe responder a essa pergunta inquietante? O próprio ser que vive sua vida, o próprio ser que enfrenta seus azedumes, suas contradições e decepções, suas incertezas e dores insuportáveis. O resto da humanidade, isto é, aqueles que não são o próprio ser que sofre, que se fere, que se mata, estes não podem compreender, por inteiro, os fatores que levaram ao que Camus chama de gesto definitivo.

Talvez seja possível começar a encontrar algumas respostas no campo da psicologia e da psiquiatria. Segundo a OMS, mais de 90% dos casos de violência autoinfligida ocorrem por transtornos de humor, sendo a depressão responsável por 36% das vítimas. A dependência de álcool corresponde a 23% dos casos, a esquizofrenia responde a 14% e os transtornos de personalidade a 10%. Considerando os números levantados pela OMS, é preciso refutar a resposta dada acima, pois não é possível atribuir ao indivíduo a escolha pelo caminho do suicídio. Os dados da organização apresentam que apenas 3,2% dos casos de suicídios não encaixam em qualquer forma de diagnóstico. Deste modo, é muito complicado falar de livre arbítrio, já que as determinações bio-neuro-emocionais são determinantes para o triste derradeiro.

Diante da complexidade enfrentada pelos pesquisadores de vários campos do saber, é saudável se afastar do objeto para que se possa ter uma visão mais completa e fiel. As lentes epistemológicas são fundamentais para que o cientista consiga enxergar uma dada realidade, mas a mesma lente que dá acesso a uma realidade ofusca outras tantas que ficaram de fora de uma possível perspectiva mais apurada. Concordo com o historiador Fábio Lopes sobre sua crítica aos frios dados científicos referentes ao suicídio: *“No lugar de tomar o suicídio como um dado, uma realidade a ser analisada, explorada, explicada e definida, o historiador pode historicizar sua emergência como tema, preocupação e objeto num jogo complexo de forças”*. (LOPES, 2008, p. 53). Adiante retomarei essa discussão sobre os limites científicos, o livre-arbítrio e a moralidade frente ao continuar ou deixar de existir.

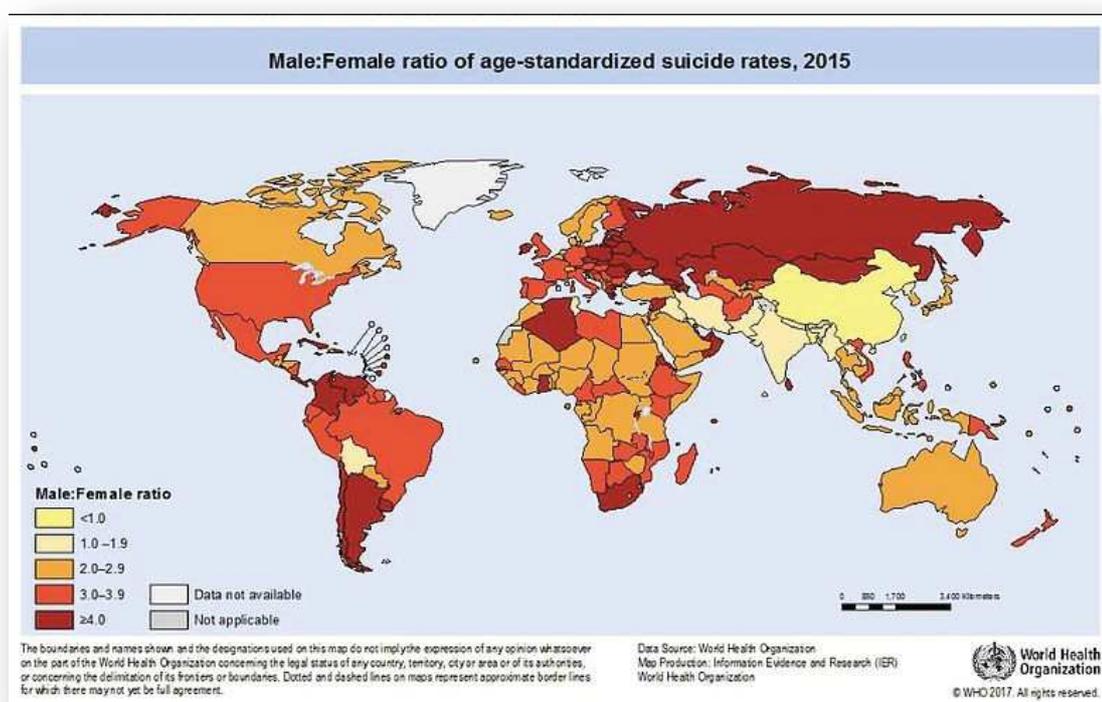
Antes de começar a desenvolver qualquer forma de raciocínio sobre a delicada temática do suicídio, é preciso vislumbrar qual é o cenário dessa importante causa de mortes em todo o mundo. Consoante com os dados da Organização Pan-Americana de Saúde e da Organização Mundial de Saúde, os números são

preocupantes, sendo o suicídio a segunda principal causa de morte entre os jovens com idade entre 15 e 29 anos de idade, perdendo apenas para o homicídio.

Em torno de 800 mil pessoas, em todo o mundo, morrem pela via do suicídio, todos os anos. Importante lembrar que esse número é subnotificado, pois muitos países não divulgam e/ou os dados são mal informados. Além de o suicídio ser uma morte tabu, em que muitos órgãos responsáveis escolhem não relatar, registrando outra causa de morte. O suicídio também pode ser confundido com acidente eventual. Estes fatores trazem os números de suicídios para baixo, provocando um registro que de longe revela a real situação dessa violência autoinfligida.

De acordo com a ONU, para cada suicídio, há uma quantidade bem maior de tentativas de suicídio a cada ano. Esse aspecto é grave, pois a tentativa prévia é um fator de risco maior para a efetivação diante do pensamento suicida. Seguindo os mesmos indicativos, 79% dos suicídios no mundo ocorrem em países de baixa e média renda e a ingestão de pesticidas, enforcamento e armas de fogo estão entre os métodos mais comuns de suicídio em nível global (OMS – Brasil).

#### ILUSTRAÇÃO 09 – Suicídio no Mundo



No Brasil, o Ministério da Saúde, atendendo resoluções da OMS, lançou estratégias nacionais para reduzir as taxas de suicídios em 10% até o ano de 2020. Criou um Plano Nacional de Prevenção do Suicídio, fazendo o monitoramento das tentativas e óbitos (desde 2011, a notificação de tentativas e óbitos é obrigatória no país em até 24h)<sup>63</sup>, orientando a população e os meios de comunicação, expandindo a rede de assistência em saúde mental nas áreas de maior risco e capacitando profissionais.

A média nacional é de 5,5 por 100 mil habitantes, sendo que os grupos de maior risco são indígenas, idosos e jovens. Na faixa etária de mais de 70 anos foram registradas média de 8,9 mortes por 100 mil habitantes nos últimos seis anos. Os homens representam 79% do total de óbitos registrados. Os solteiros, divorciados e viúvos, corresponderam a 60,4%. Entre os jovens de 15 a 29 anos, o suicídio é maior entre os homens, sendo a taxa de nove óbitos por 100 mil habitantes. Entre as mulheres o índice é quase quatro vezes menor (2,4 por 100 mil), porém mulheres tentam se matar mais do que homens, entre elas, 1/3 realizou mais de uma tentativa.

São variados os caminhos que contribuíram com a formação do imensurável tabu do suicídio. A violência autoinfligida e o suicídio são, de todas as formas de violência e morte, as consideradas mais sujas. Para a maioria, é muito complicado compreender que alguém possa causar feridas autoinfligidas e por fim a própria morte. Há uma supervalorização da vida, principalmente em uma sociedade majoritariamente cristã, como já foi exposto anteriormente.

Em uma sociedade cristã a vida é considerada um presente precioso dado por Deus. Tirá-la é não reconhecer a dádiva divina, e, mais ainda, desprezar o maior bem que alguém pode querer ganhar. Porém o quadro não é tão simples de analisar, não é possível reduzir tamanha complexidade a essas máximas expostas acima. Para muitos que sofrem de depressão ou de outras formas de sofrimento da alma, a vida não passa de desprazer, tortura, desesperança sufocante, dores tão viscerais que a morte é uma forma de fazer parar. Em muitos relatos de suicidas, uma das explicações do ato é: “*não queria me matar, mas fazer para a dor*”, alertam os especialistas!

---

<sup>63</sup> Apesar dessa resolução os registros de tentativas e óbitos ainda sofrem toda forma de negligência, descuido, falta de técnica e dadas para notificações corretas, criando subnotificações que não dão a dimensão exata do problema.

As cartas dos suicidas são emblemas marcantes do desespero daqueles que sofrem a dor de existir. Para quem nunca vivenciou – de forma profunda e real – o tormento que assola os dias angustiantes, quando nem sempre é possível encontrar um abraço acolhedor, só resta imaginar e pretensiosamente tentar mensurar o peso que pressiona o peito dos aflitos.

Recentemente uma carta suicida escrita pelo jovem poeta Charles Baudelaire foi leiloadada por quase um milhão de reais (€ 234 mil), revelando a já conhecida predileção de muitas pessoas pelo tema. Na época o escritor tentou se matar, mas não conseguiu realizar o ato, sobrevivendo por mais vinte e dois anos. Um trecho da famosa carta contribui para a compreensão desse fenômeno: "*Quando a senhorita Jeanne Lemer lhe der esta carta, eu estarei morto (...) me suicidei porque não posso mais viver, porque o cansaço de adormecer e o cansaço de acordar me são insuportáveis*", escreveu o poeta.

Outra poetisa que descreveu em letras de sangue, seu insuportável sofrimento foi Florbela Espanca, seu poemas são carregados de desejo de morte, onde – por fim, a mesma lhe toma para dançar a dança das desesperanças. Em 2011, publiquei um livro intitulado *Infinitas faces – filosofia poética*, onde prestei minhas homenagens, pela via da poesia concebida em 2006, à Florbela, em uma tentativa de descrever sua dor (CÁCERES, 2011, p. 27):

#### DORES D'ALMA

Florbela escrevia com sangue que jorrava  
De suas veias abertas  
Como rios que fogem para a escuridão do mar  
Queria se esconder das lacerantes  
Dores do Mundo

Como escapar dos golpes  
Do corte de navalha  
Ao abrir as carnes que – salgadas – secam ao Sol?

A poetisa se desfigurava em letras pulsantes  
As lágrimas glaciais provindas d'alma  
Esgotavam – gota a gota – seu desejo de viver

A libido – em dança de cadeiras – se deixou vencer por Mortido  
Que nos abraços de Tânatos

Em suspiros...

Se entregou.

Os poetas e seus poemas nos ajudam, mas na prática vivenciada pelos envolvidos diretamente, não é tão simples como possa parecer. O drama do suicídio é muito mais assustador do que as linhas de um texto literário. Sua amargura é mantida sufocada por dias, meses e anos – principalmente quando a sociedade é ensinada a manter em silêncio “alguns assuntos considerados sujos”. Aquele que se fere e tenta provocar sua própria morte precisa ser compreendido, acolhido em sua máxima dor, em seu sofrer que nem ele mesmo sabe onde dói. Mas não é isso que ocorre, há uma condenação prévia do suicida, um estigma pesado que é atribuído, inclusive, aos seus familiares.

Uma das coisas que me preocupam há certo tempo é que me dou conta do quanto é difícil se suicidar. Refletem e enumeram o pequeno número de meios de suicídios que temos à nossa disposição. Cada um mais desgostoso que os outros: o gás, que é perigoso para o vizinho, o enforcamento que é tão desagradável para a faxineira que descobre o corpo na manhã seguinte, atirar-se pela janela, que suja a calçada. Além do mais, o suicídio é, certamente, considerado da maneira mais negativa pela sociedade. Não somente se diz que não é bom se suicidar, mas se considera que se alguém se suicida é porque estava muito mal (FOUCAULT, 2011, p. 108).

Infelizmente o suicídio é tomado como um tabu. Aliás, todas as patologias neurológicas e psicológicas são estigmatizadas. O próprio silêncio, o não falar sobre o suicídio provoca o silenciar de muitos que estão pensando em se matar, ou que já tentaram suicídio e certamente foram responsabilizados e culpabilizados pelo ato extremamente reprovável pela sociedade do “sorriso fácil”. Essa enorme tensão sobre aqueles que sofrem não ajuda em nada o alívio da dor. Pelo contrário, aqueles que enfrentam a dor tendem a se fechar, a não pedir ajuda, principalmente em uma sociedade espetacularizada, onde não há espaço para o sofrer.

Em sua obra *O Suicídio*, Durkheim argumenta que suicídio é “*todo caso de morte que resulte, direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo, praticado pela própria vítima, sabedora de que poderia produzir esse resultado*” (DURKHEIM, 1977, p. 16). Contudo é demonstrado que o meio pode ser deveras nocivo para indivíduos que estejam vivenciando momentos de fragilidade emocional.

As cobranças excessivas, o isolamento progressivo em uma sociedade digital, o artificialismo das redes sociais, o enfrentamento de conflitos, o aumento das violências, perdas e abusos de diversas ordens, a discriminação, o preconceito e a

não aceitação das escolhas pessoais são fatores importantes que contribuem para as tomadas de decisões suicidas.

Na pesquisa de campo, uma dos maiores desafios foi justamente o enfrentamento, frente a frente com os parentes de duas vítimas de suicídio. Diferentemente das mortes provocadas por acidentes de trânsito ou homicídios, os suicídios carregam sentimentos envergonhados. Uma imensa frustração por não ter compreendido o desespero do suicida. Uma forma de culpa, de responsabilização pelo ato, uma impossibilidade angustiante de achar que poderia ter impedido o último gesto do suicida.

Os parentes mais próximos (pais, irmãos, cônjuges) dos suicidas são tremendamente julgados por terceiros, principalmente pessoas da própria família que acabam atribuindo, principalmente às mães, a responsabilidade pelo fato ocorrido.

O luto de quem perde alguém por suicídio é diferente daquele que perde alguém por doença ou acidente?

Resposta. Eu acho que tem um ponto que é muito diferente e muito nocivo. Quando alguém morre por qualquer outro tipo de morte, as pessoas se interessam, perguntam. Se, por exemplo, foi um acidente, perguntam como foi, como a pessoa está. Querem saber sobre todo o processo da morte. No caso do suicídio, não. No momento em que você diz que a pessoa se suicidou, quem está ouvindo muda de assunto. Você se sente muito só. O tabu é muito grande. Muita gente esconde. Eu conversei com pessoas que pediram ao legista para alterar o atestado de óbito para, por exemplo, “acidente com arma de fogo”, porque não queria o estigma. Então além de você estar triste e passando por um luto normal, você passa pelo luto da incompreensão das pessoas e do tabu, porque ou a pessoa não quer falar ou pior, ela tem preconceito. Sem falar dos que se sentem culpados naturalmente. Jornalista Paula Fontenelle, filha de um suicida<sup>64</sup>.

No primeiro caso de suicídio<sup>65</sup>, descrito em minha pesquisa, fui notificado no domingo às vinte e três horas. Nesse contexto o corpo só é liberado no dia seguinte, nesse caso na segunda-feira. Mas o agente da polícia civil disse que a família de uma vítima de suicídio estava se dirigindo para o IML. Na ocasião pude entrevistar a

---

<sup>64</sup> <https://vitaalere.com.br/quem-quer-se-matar-nao-quer-terminar-com-a-vida-quer-acabar-com-a-dor-2/>

<sup>65</sup> – É claro que compreendo o suicídio – retomou Nikolai Vsievólódovitch um tanto carrancudo depois de um longo e pensativo silêncio de três minutos –, vez por outra eu mesmo tenho imaginado isso, mas aí sempre me vem um pensamento novo: se for para cometer algum crime ou, o principal, uma desonra, ou seja, uma ignomínia, que seja muito infame e... engraçada, de sorte que as pessoas venham a lembrar-se dela por mil anos e por mil anos repudiá-la; e de chofre me vem uma ideia: “Um golpe nas têmeoras e não restará nada”. Que importam as pessoas e que elas passem mil anos repudiando, não é? (DOSTOIÉVSKI, 2004, pp. 236-237).

mãe da moça que por um lado me surpreendeu, pela sua sobriedade, mas que certamente o baque da morte repentina não havia feito o dano abissal. Isso foi ficando mais evidenciado no transcorrer de seus relatos e respostas.

A ocorrência dizia respeito à morte de uma moça de dezessete<sup>66</sup> anos de idade, que cometeu suicídio na noite de domingo. Segue o depoimento da mãe, momento antes da entrevista começar:

*Minha filha era uma boa menina, estudiosa, carinhosa demais com todos. Ela era amiga de todo mundo, lá em casa vivia cheia de colegas da escola, da igreja, da rua. (Qual igreja? Perguntei!) A Videira do Setor Garavelo, respondeu e continuou a mãe. Minha filha tem uma amiguinha da escola. Elas são amigas desde que eram crianças. Sempre andam juntas. (Percebi que a mãe estava falando da filha como se ela estivesse viva). Um dia, isso deve ter sido a três meses, vi as duas se beijando, no quarto. Na hora fiquei assustada e com medo. Acho que isso é complicado, né? Pessoas assim sofrem muito preconceito. Também acho que Deus considera errado esse tipo de coisa, né?. Mas minha maior preocupação era o pai dela. Ela é filha única e ele tem muito apego por ela. Ele é militar aposentado, tem sessenta e três anos e nunca aceitaria uma coisa dessas. Acabou acontecendo o que eu mais temia. Fizeram fofoca para ele e ele foi perguntar por ela e ela contou que era verdade. Ele bateu nela e ela disse que ia sair de casa. Isso foi ontem (sábado), no domingo ela disse que não queria ir na igreja, falou que estava com cólica. Quando chegamos em casa ela estava (grande pausa) ela estava com o pescoço preso na grade da janela do quanto. Eu fiquei (pausa) deixei pra lá. Eu não abracei minha filha. (neste momento a mãe perguntou se ela poderia levar sua filha para casa. Eu tentei responder que logo ela seria liberada. Perguntei se poderia começar a entrevista, a mãe cabisbaixa respondeu, afirmativamente, com um aceno de cabeça).*

Essa mãe estava muito envergonhada e antes de começar a entrevista, repetia a mesma frase: “*eu não pude salvar minha filha!*”, “*eu não pude salvar minha filha!*”, “*eu não pude salvar a minha filha!*” Outra frase que entrecortou a entrevista, pelo menos quatro vezes, foi: “Deus, o que eu fiz? Deus, o que eu fiz? Deus, o que eu fiz?”. Essa entrevista foi uma das mais impactantes e a mais infinitamente longa, para o pesquisador. Mas creio que a mãe pode descarregar e compartilhar um pouco de sua dor.

Em (QA/Q2) – “O que você acha que levou seu familiar a tentar contra a própria vida?”, a mãe respondeu:

---

<sup>66</sup> Reparem, senhores, reparem como os jovens se matam em nosso país: oh, sem nenhuma daquelas perguntas hamletianas do tipo: “O que haverá além?”, sem qualquer indício de tais perguntas, como se tudo o que diz respeito ao nosso espírito e ao que nos espera no além-túmulo estivesse sepultado há muito tempo na natureza desses jovens, sepultado e coberto de areia (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 898).

Ah, não sei! Ela não era doente! Uma menina linda! Eu não sei! Era uma criança feliz, esperta, sorridente! Brincava como qualquer outra criança brinca, né. Tirava ótimas notas, gostava muito de música, de dança e de cantar. Ela queria morar na Finlândia quando terminasse os estudos. Eu não sei o que aconteceu. Acho que deve ter acontecido algo com ela. Eu acho.

Em (QA/Q10) – “Onde você está buscando forças para enfrentar este momento?”, a mãe foi determinada: “*Em Deus!*”

A segunda entrevista cuja causa morte foi o suicídio de uma senhora de 65 anos que se enforcou no quintal da própria casa. A religião é evidenciada, pela filha, como um fator importante no combate ao suicídio, colaborando com o quadro da OMS:

### TABELA 03

#### FATORES DE PROTEÇÃO



Os fatores de proteção reduzem o risco de suicídio; são considerados isoladores contra o suicídio e incluem:

- Apoio da família, de amigos e de outros relacionamentos significativos;
- Crenças religiosas, culturais, e étnicas;
- Envolvimento na comunidade;
- Uma vida social satisfatória;
- Integração social como, por exemplo, através do trabalho e do uso construtivo do tempo de lazer;
- Acesso a serviços e cuidados de saúde mental.

Eu acho que se for mais na igreja, eu acho que ajuda, buscar mais a Deus ajuda, porque eu tive, minha irmã também teve depressão e assim, a gente enfiou muito na igreja, agora minha mãe não era de ir na igreja, eu não lembro dela assim, indo numa missa, não precisava ser católica, qualquer uma, ela não ia sabe, ela trabalhava muito e não sei se por causa do cansaço, ela não tinha tempo ou tava cansada, ela não ia, eu acredito que se buscar, acho que ajuda e muito. (Resposta da filha a (QA/Q12) Faça seu comentário sobre essa questão: se matar tem algo a ver com a falta de Deus?).

Bem distante de tentar reduzir as complexidades do suicídio aos crivos frios da razão matematizante, é fundamental romper o tabu para inaugurar novas

possibilidades de diálogos abertos com as comunidades, incluindo as religiosas. Falar abertamente, de forma responsável, sobre suicídio é o primeiro gesto na direção assertiva para o acolhimento e compreensão das dores espirituais.

Os fatores preexistentes são importantes, mas não os únicos motivadores. Problemas neurológicos, depressão e outros transtornos psíquico-mentais, sociais, relacionais, são sinais de alerta para os familiares, mas também há gatilhos externos que podem reforçar a prática suicida. Todavia, da mesma forma que há estimuladores negativos, também há meios de poder contribuir para a saúde mental dos indivíduos, sendo a religião uma ferramenta fundamental para o processo de *nomus* social.

É de conhecimento geral que a vida é tomada de caminhos vários, em que as cores mágicas da infância acariciam as almas dos seres, que bebem das fontes dos sonhos sempre abertos de possibilidades. Pois a crença é o elixir do existir, a criança que se joga, sem questionamentos, nos braços do sagrado.

Outro quadro preocupante no Brasil e na Grande Goiânia são as ocorrências de mortes provocadas por acidentes envolvendo transportes terrestres. Tanto nas vias urbana, quanto as estradas federais e estaduais, milhares de vidas são perdidas – na maioria dos casos, por imprudência dos motoristas. As mortes por acidentes de transportes terrestres (ATT) vitimaram 37.345 vidas no ano de 2016.

Houve uma queda significativa de 14,8% em relação ao ano de 2014, que registrou 43.870 óbitos no trânsito brasileiro. Lembrando que a intenção do país é reduzir para menos de 19 mil vítimas fatais até o ano de 2020. Mas os ATT também deixam feridos, são mais de 400 mil, muitos desses sequelados. De acordo com a OMS, os acidentes de trânsito correspondem em primeiro lugar, por mortes na faixa de 15 a 29 anos de idade; em segundo lugar por mortes na faixa etária de 5 a 14 anos e em terceiro, na faixa de 30 a 44 anos. Representando um custo financeiro de 518 bilhões por ano, entre 1% e 3% do Produto Interno Bruto (PIB) de cada país.

De acordo com a Polícia Rodoviária Federal (PRF), entre as principais causas de acidentes com vítimas fatais ocorridos em 2016 estão: o sono (6,7%); as ultrapassagens indevidas (9,3%); desobediência à sinalização (10%); ingestão de bebida alcoólica (15,6%); velocidade incompatível com a via (21,9%); falta de atenção (30,8%) dos óbitos registrados.

De todas as mortes envolvidas pelos ATT, no ano de 2016, as colisões frontais foram responsáveis por 29% dos óbitos, seguidas pelos atropelamentos de

pedestres (18,2%). Os condutores ou passageiros de motocicletas somaram 17,8% e os ciclistas 4,1% das mortes. Sendo os jovens de 20 a 24 anos as maiores vítimas e os homens se destacam com 79,3% dos óbitos.

Evidencia-se que é preciso desvelar a frieza dos números para ter a mínima capacidade de observar os milhares de seres humanos que enfrentam a comunicação da morte de seu parente pela via dos ATT. Diferentemente dos homicídios e dos suicídios, não há nos ATT um querer fazer, uma intenção que visa como resultado final a morte de outrem ou de si. É possível argumentar que um indivíduo que ingere bebida alcoólica e pega na direção de um veículo automotor está colocando a sua vida e a de terceiros em risco, mas não se pode dizer que a intenção última é a morte.

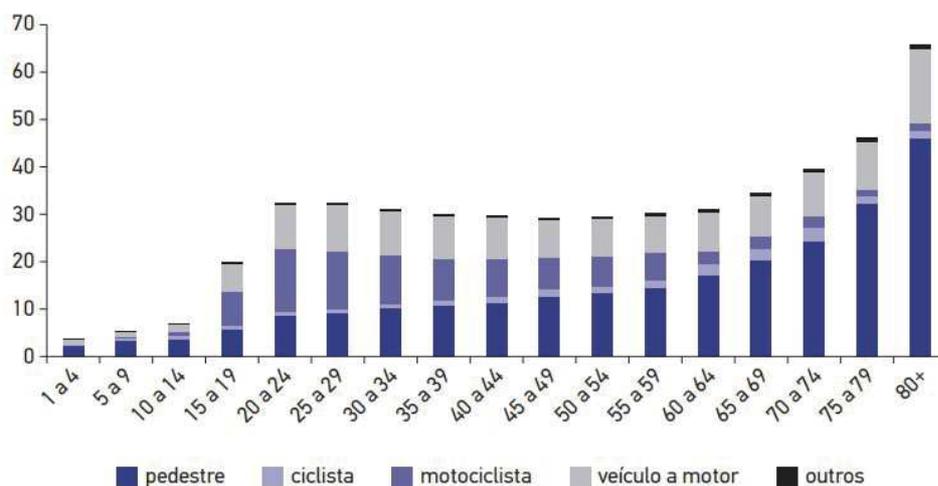
Entretanto a grande parcela das mortes causadas pelos ATT poderia e deve ser evitada. Basta observar que as inúmeras campanhas produzidas pelos órgãos competentes, são extremamente positivas para a conscientização, educação e responsabilização de todos os envolvidos. Não há outra forma de mitigar os acidentes letais, além de replicar efetivamente os processos educativos de valorização da vida. Inserindo na cultura o respeito e o amor.

Novamente os mais frágeis são as maiores vítimas de qualquer forma de violência. Os idosos fazem parte dos mais vulneráveis e a cada ano o Brasil atinge uma parcela maior de pessoas que chegam aos sessenta anos de idade. A pirâmide etária vem sofrendo uma inversão gradual ao longo das últimas décadas, aumentando paulatinamente o número de idosos e reduzindo o número de jovens.

Com a idade, os movimentos e reflexos se tornam mais lentos, as respostas que o corpo dá ao cérebro nem sempre correspondem ao desejado. Por essa razão o número de atropelamentos atinge principalmente os mais velhos. No bojo desse triste cenário, onde os idosos não cabem na arena colossal do trânsito, é que Carlos Alberto Ferreira, 39 anos, teve a graça de ceder entrevista à minha pesquisa.

Sua mãe, uma senhora de oitenta e dois anos de idade, foi vítima de um atropelamento. Como mostra o gráfico acima, na medida em que a idade avança, o número de ATT aumenta significativamente, com destaque aos óbitos de pedestres.

## GRÁFICO 16 – Acidentes de Transportes Terrestres por idade



\*Taxas padronizadas por sexo e idade utilizando a população mundial.

Figura 1. Taxa\* de mortalidade específica por idade, segundo tipos de acidentes de transporte terrestre, Brasil, 2015.

Fui notificado às três horas da manhã de uma sexta-feira, pelo IML. Dois corpos tinham dado entrada no instituto, vítimas de uma colisão seguida de capotamento na BR 153, no trecho urbano da Cidade de Aparecida de Goiânia. De acordo com o boletim de ocorrência da PRF, o motorista, provavelmente, tinha dormido ao volante, sendo que, nos corpos (exames cadavéricos) não foi identificado uso de qualquer substância entorpecente. As vítimas eram dois irmãos, o mais velho tinha 25 anos e o mais jovem (motorista) tinha 23 anos de idade.

Ao chegar ao IML, parte dos familiares estava presente, o pai, um tio, uma tia e um primo. O senhor Francisco José, 63 anos de idade, pai das vítimas foi entrevistado. Em (QA/Q1) – “O que você acha que provocou o ato praticado contra os seus familiares?”:

Tem várias coisas que leva, pra começar, primeiro de tudo, não tinha sinalização adequada no local, e meus filhos estavam dirigindo a noite inteira, vindo de São Paulo. Acho que estavam revezando na direção, mas não sei se foi cansaço, sabe? O carro era novo, não tinha nem seis meses de uso, mas agora eles estão mortos, né. Nada disso vai devolver a vida os meus meninos, tô certo?!

Em (QA/Q11) “Em sua opinião, por que coisas ruins acontecem com as pessoas?”, o entrevistado responde “*Culpa do próprio ser humano, o livre arbítrio*”. *Eu disse para eles não viajarem durante a noite!*” Não quero psicologizar as falas do pai e de outros entrevistados. Mas em muitas ocasiões foi possível notar uma alternância das emoções. Em alguns momentos a melancolia tomava conta do ambiente e por vezes um tom de raiva e revolta, não sendo incomum a responsabilização da morte pela própria vítima.

Mas frente a todos esses relatos de dores infindáveis questões devem ser colocadas: é possível ser feliz em uma sociedade tão desigual e violenta? É possível restabelecer a vida depois da morte violenta de um ser amado? É possível concretar, em bases sólidas o mundo dissolvido em fluidez líquida? A religião é, verdadeiramente, uma possibilidade de segurança concreta, em meio à instabilidade de uma sociedade violenta, da morte e do sofrer? Sobre a possibilidade da felicidade, Zygmunt Bauman (2009, p. 46) responde:

Haveria alguma coisa a dizer sobre a felicidade com confiança, sem esperar oposição? Há: que a felicidade é uma coisa boa - a ser desejada e acalentada. Ou que é melhor ser feliz do que infeliz. Mas esses dois pleonasmos são quase tudo que pode ser dito sobre a felicidade com uma segurança bem fundamentada. Todas as outras frases envolvendo a palavra "felicidade" certamente provocarão controvérsia. Para um observador de fora, a felicidade de uma pessoa pode ser bem difícil de distinguir do horror de uma outra.

Muitas pessoas que se deparam com a morte de seu ente querido ficam “*de mal com Deus*”. Não foi o que ocorreu, nem de longe, em nenhuma das entrevistas. Deus sempre apareceu como Pai, Amor, Justiça, Poder e a religião como meio para o equilíbrio seguro frente ao impacto desestabilizador das mortes violentas. Como valor terapêutico, se Deus e a religião não existissem, deveriam ser criados, pois são meios fundamentais para o enfrentamento curativo do sofrimento e o alívio medicamentoso das dores imensuráveis. No intuito de sedimentar mais eficientemente os argumentos sobre o papel da religião no enfrentamento das mortes violentas segue o terceiro e último capítulo.

## CAPÍTULO III – A MAIOR DOR DO MUNDO E A RELIGIÃO

### 3.1 A VISÃO SAGRADA DA MORTE

“Crê que se não se salvarem agora, mais tarde se salvarão. E se nem mais tarde se salvarem, seus filhos se salvarão, porquanto tua luz não morrerá ainda que tu já tenhas morrido. O justo se vai, mas fica sua luz” (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 436).

Uma verdade seriamente filosófica é a de que todo ser vivo tente à morte e de que todo ser humano nasce, sente dor, sofre e – irremediavelmente, morre. O não morrer seria uma contradição tão grande que certamente traria o fim da própria Vida. Deste modo é bom que os vivos, naturalmente, morram. Mas quando e por meio de quais mecanismos a espécie humana começou a conjecturar sobre essas questões profundamente existenciais? Por quais razões o homem atribuiu à morte elementos além de seus mecanismos biológicos? A partir de quais estruturas a dor e o sofrimento se elevaram acima de qualquer reação meramente física? Como estes seres deixaram de ser apenas *homo faber* para se tornarem *homo religiosus*? Nas palavras de Bento XVI<sup>67</sup>: “O homem religioso por sua natureza traz em si uma sede de infinito”. Para compreender a maior dor do mundo – a dor da morte e a esperança pelo infinito, para os familiares, é preciso assimilar o caminho mais profundo e dramaticamente existencial percorrido pela espécie humana – o caminho da edificação do *homo religiosus*.

A história pode contribuir para a compressão dessa complexidade. Ao longo do processo de hominização, de forma muito lenta, porém progressiva, a espécie humana adquiriu uma peculiar capacidade de pensar de forma abstrata. No transcorrer do largo Período Paleolítico<sup>68</sup>, as inúmeras etapas de evolução transformaram seres frágeis, física e intelectualmente, em seres com maiores vantagens na dura necessidade de sobrevivência e adaptação às mudanças impostas pela natura. (JOBILING, 2013).

---

<sup>67</sup> Palavras do então Papa Bento XVI na Cidade do Vaticano (Quarta-feira, 11-05-2010, Gaudium Press). Disponível em: <https://www.gaudiumpress.org/content/22237-Artigo--O-homem-e--por-natureza-e-por-vocacao--um-ser-religioso>.

<sup>68</sup> Período que se estabelece a cerca de 2,5 milhões a.C., em que os primeiros hominídeos começaram a realizar os primeiros artefatos em pedra lascada (ou pedra velha), destacando-se de todos os outros animais, até cerca de 10 mil a.C., em que houve a chamada Revolução Neolítica (Idade da Pedra Nova). (JOBILING, 2013).

É válido ressaltar que esta vantagem não está ligada à força muscular, sendo que um chimpanzé possui a força, em média, de seis homens adultos. A vantagem consistiu no aumento gradativo da massa cefálica e, por conseguinte, de uma maior *intellegere*<sup>69</sup>. Segundo o antropólogo William R. Leonard (1994), as mudanças nos hábitos alimentares, destes primitivos ancestrais da espécie humana, provocaram qualitativas transformações em seus cérebros. Não apenas em um maior volume, mas em uma maior complexidade (desenvolvimento e comunicações sinápticas).

Como teria evoluído esse cérebro tão energeticamente dispendioso? Uma teoria, desenvolvida por *Dean Falk, da State University of New York, Albany*, sustenta que o bipedalismo permitiu aos hominídeos resfriar o sangue cranial e, conseqüentemente, liberar o cérebro – sensível do calor de temperaturas agressivas que haviam colocado em cheque o seu tamanho. Suspeito, juntamente com especialistas deste campo, que vários fatores estiveram em jogo, mas a expansão do cérebro quase que certamente não teria ocorrido se os hominídeos não tivessem adotado uma dieta suficientemente rica em calorias e nutrientes proteicos, para suportar os custos associados.

Estudos comparativos em animais vivos sustentam essa afirmação. Além de todos os primatas, espécies com cérebros maiores ingerem alimentos mais ricos; os humanos são um exemplo extremo dessa correlação, ostentando o maior tamanho relativo de cérebro e a dieta mais variada. Conforme as análises de Loren Cordain (2002), da *Colorado State University*, os caçadores-coletores do paleolítico obteriam, em média, 40% a 60% de energia da carne, do leite e de outros produtos de origem animal. Faz sentido, então, que, para o antigo homo, adquirir mais matéria cinzenta significou procurar alimentos energeticamente mais variados e ricamente nutritivos.

De acordo com Richard Wrangham (2010) o domínio do fogo e a possibilidade de ingerir alimentos cozidos permitiu aos ancestrais humanos um grandioso salto qualitativo em relação ao processo evolutivo. Discordando de Darwin (1974), o primatologista britânico e professor de Antropologia Física na Universidade de Harvard defende a tese de que os ancestrais da espécie humana passaram a cozinhar antes de se tornarem humanos, fato que própria humanidade só foi possível porque os hominídeos passaram a cozinhar.

---

<sup>69</sup> A maioria dos pesquisadores, deste campo, atribui à ingestão de carne na dieta desses hominídeos, como fator determinante na sua evolução neurocognitiva. (Grifo meu).

A energia extra deu vantagens biológicas aos primeiros cozinheiros. Eles sobreviveram e se reproduziram melhor do que antes. Seus genes se espalharam. Seus corpos responderam, adaptando-se biologicamente a alimentos cozidos, moldados que estavam por seleção natural para extrair o máximo proveito da nova dieta. Houve mudanças na anatomia, na fisiologia, na ecologia, na história de vida, na psicologia e na sociedade. Evidências fósseis indicam que essa dependência surgiu não apenas há algumas dezenas de milhares de anos, ou mesmo há algumas centenas de milhares de anos, mas remonta ao início de nosso tempo na Terra, aos primórdios da evolução humana, pelo habilino que se tornou *Homo erectus*. Brillat-Savarin e Symons estavam certos ao dizer que domamos a natureza com o fogo. Deveríamos realmente atribuir nossa humanidade aos cozinheiros. (WRANGHAM, 2010, p. 17)

Em sua magistral obra *O cru e o cozido*, Lévi-Strauss (2004) argumenta que o processo de cozimento através do “fogo de cozinha” estabelece a diferenciação que separa o animal (natureza) do humano (cultura). Porém não é somente o cozimento dos alimentos que determina a passagem da natureza para a cultura, mas também pelo seu intermédio, a condição humana se expressa em sua máxima arquitetura. Cozinhar um elemento da natureza, seja ele vegetal ou animal, é atribuir, ao mesmo, aspectos simbólicos, ritualísticos, míticos e culturais. Cozinhar é fabricar culturas!

Além de todas as capacidades motoras e cognitivas permitidas pelo processo evolutivo dos homínídeos, as primeiras expressões artísticas foram realizadas no final do Paleolítico, entre elas a pequena escultura da *Vênus de Willendorf*, datada entre 24000 e 22000 a.C.. As formas corpóreas da *Vênus* expressam uma rica e instigante silueta feminina que remete, para muitos especialistas, a uma exaltação da fertilidade e da vida. Esculpir uma figura que representava as formas femininas de maneira exacerbada é, guardando as devidas proporções, demonstrar uma afirmação identitária de grupos humanos que inauguraram e aproximaram duas realidades até então desconexas na perspectiva da evolução.

Em primeiro lugar, a realidade da natureza, vista como temerosa, secreta e assustadoramente poderosa. Uma realidade brutal que deveria ser superada, revelada, adaptada e readaptada constantemente. O frio, o calor, o excesso de chuva, a seca prolongada, a falta de alimento, os predadores implacáveis, os limites impostos pela vida em estado puro. Durante milhões de anos os distantes primos do homem atual tiveram que sobreviver, com seu poucos recursos, aos turbilhões inexoráveis da existência selvagem.

Em segundo lugar, a realidade de um novo ser capaz de abstrair outras realidades da realidade material: o *sapiens-sapiens* e sua visão sobre ele próprio e

sua correlação com o *mysterium tremendum*. Um novo olhar foi construído, olhar que Rudolf Otto (1985) chamou de relação com o *mysterium tremendum*, o sagrado.

Houve, em algum momento, no processo de hominização, uma luz que – evidentemente – levou milênios para ficar pronta e outros tantos para acender sua fagulha incendiária que transformou e ilustrou a visão de mundo dos *humanus* (fogo que formou a consciência ancestral). A intersecção destes lugares distintos, a percepções de si, do mundo – agora mágico – e do sagrado que é, também, transcendente (visão animista), forjou um cordão umbilical tensionando duas realidades até então separadas. No campo das interações transrelacionais<sup>70</sup> houve o contato do ser humano com uma realidade, até então, desconexa da materialidade imanente. Eclodiram da crisálida um ser além do ser e um mundo além do mundo. Desse novo terreno, profano e sagrado, nascem novas identidades: a identidade do homem caçador-coletor e pescador, do homem artista, do homem religioso.

A identidade da pedra sagrada, do lugar sagrado, do totem que é a representação sagrada do grupo. A pedra é sagrada mais não deixa de ser pedra (Eliade, 1982), todavia ganha um aspecto que transcende seu ser imamente. O homem caçador não é apenas um animal que caça para nutrir suas necessidades biológicas, a caça ganha aspectos sagrados, se torna um rito, uma celebração diante das forças abstratas. O peixe e o pescador, a madeira que serve para a construção da canoa, as plantas medicinais, as águas que precipitam das nuvens e enchem os rios de vida, os pássaros que cantam e encantam o imaginário. Os grandes e pequenos animais que circundam a vida do homem são elevados para regiões além da materialidade em si, ganham status repletos de sacralidade.

Todas as espécies se relacionam com o seus ambientes, se reproduzem, nascem, crescem, lutam pela sobrevivência e perpetuação; se alimentam, bebem, adoecem e morrem. Mas a espécie humana é a única que vai além das relações físicas. O ser humano tornou-se humano justamente porque se deslocou do ponto comum às outras espécies. Formou-se humano devido a capacidade de abstrair sua própria imagem, representá-la, integrá-la, transrelacioná-la com um mundo encantado. Criando uma ponte simbólica entre duas realidades distintas (mundo imante e mundo transcendente), que se tocam e se comunicam. A partir deste longo

---

<sup>70</sup> Transrelacional pressupõe a relação com as representações metafísicas. (grifo meu).

percurso *bio-neuro-histórico*<sup>71</sup> os hominídeos alcançam a transcendência e passam a dialogar com um mundo metafísico.

Uma forte evidência da visão transcendental do mundo são as pinturas rupestres. Estes registros históricos são como espelhos d'água refletindo de forma ondular o que havia de mais íntimo em nossos ancestrais. Não há exatidão, porém são fortes os indícios de que as pinturas rupestres sejam parte de rituais mágicos que representavam a natureza circunscrita. Estas pinturas produzidas em grutas, cavernas e rochas podem ter começado como uma simples forma de retratação de animais integrados à vivência de inúmeros grupos hominídeos, em locais e tempos distintos.

No transcorrer de milênios os fios das teias cognitivas se tornaram mais e mais diversos e complexos, constituindo um arcabouço metanatural. As provas destes “milagres” produzidos por mãos primitivas se encontram perpetuados nos genes da humanidade e nas mensagens deixadas para as gerações vindouras pela via dos patrimônios pré-históricos<sup>72</sup>. A arte é uma bela expressão da íntima profusão que é a espécie humana.

Estas manifestações do imaginário são conexões entre dois mundos, o mundo que emanava no cotidiano e o mundo transcendente que compunha o simbolismo dos nossos ancestrais. Sobre o poder e a influência do imaginário, afirma Swain, (1993, p. 48):

O imaginário trabalha um horizonte psíquico habitado por representações e imagens canalizadas de afetos, desejos, emoções, esperanças, emulações; o próprio tecido social é urdido pelo imaginário – suas cores, matizes, desenhos reproduzem a trama do fio que os engendrou. O imaginário seria condição de possibilidade de realidade instituída, solo sobre o qual se instaura o instrumento de sua transformação.

Essas manifestações são fortes indícios da interação dos hominídeos como a *physis* que se expressava como força contingente e transcendente. As esculturas, as pinturas forjadas por mãos hábeis e por ricos imaginários foram decisivos nos primeiros passos dados pelos grupos humanos na edificação de um mundo

<sup>71</sup> Alterações e desenvolvimentos do corpo biológico, em especial na neurologia, ocorridos durante um largo período histórico. (Grifo meu).

<sup>72</sup> Publicado em 2012 no periódico científico Science, um importante estudo analisou 50 pinturas em 11 cavernas no norte da Espanha, em especial das cavernas de Altamira, El Castillo e Tito Bustillo, consideradas patrimônios da humanidade pela UNESCO. Estas pinturas são mais antigas do que se pensava, datam de mais de 40 mil anos e podem ser expressões dos Neandertal.

encantado. A evolução atribuiu aos humanos uma peculiar característica, como diz Eliade:

Se o Mundo lhe fala através de suas estrelas, suas plantas e seus animais, seus rios e suas pedras, suas estações e suas noites, o homem lhe responde por meio de seus sonhos e de sua vida imaginativa. (ELIADE, 2002, p.126).

O processo de hominização não foi apenas uma interação movida por instintos, programação determinada pelo código genético em evolução, mas por um alcance muito maior: a capacidade de deliberação, de autonomia frente aos comandos dados pelo determinismo biológico. É certo que desvincular o avanço neurológico dos ganhos psíquico-cognitivos e transrelacional é um erro.

Pois na medida em que a massa cefálica crescia não apenas em volume, mas em complexidade (novas conexões sinápticas), a espécie humana prosseguia na direção da luz, fora da caverna obscura de Platão (1990), distante do Jardim do Éden, afinal, as criaturas já haviam provado do fruto da ciência (Gênesis, 3,7). Este passo mítico e histórico foi fundamental para a construção da identidade dos ancestrais do homem moderno, ela se fez única em meio à complexa teia perene da vida. Fez nascer o *homo religiosus*.

Pelo fato de o ser humano estar centrado como indivíduo em uma pessoa determinada (como centro espiritual existencial), e somente por isso, o ser humano é um ser integrado: somente a pessoa espiritual estabelece a unidade e totalidade do ente humano. Ela forma esta totalidade como sendo bio-psico-espiritual. Não será demais enfatizar que somente esta totalidade tripla torna o homem completo (FRANKL, 1997, p.21).

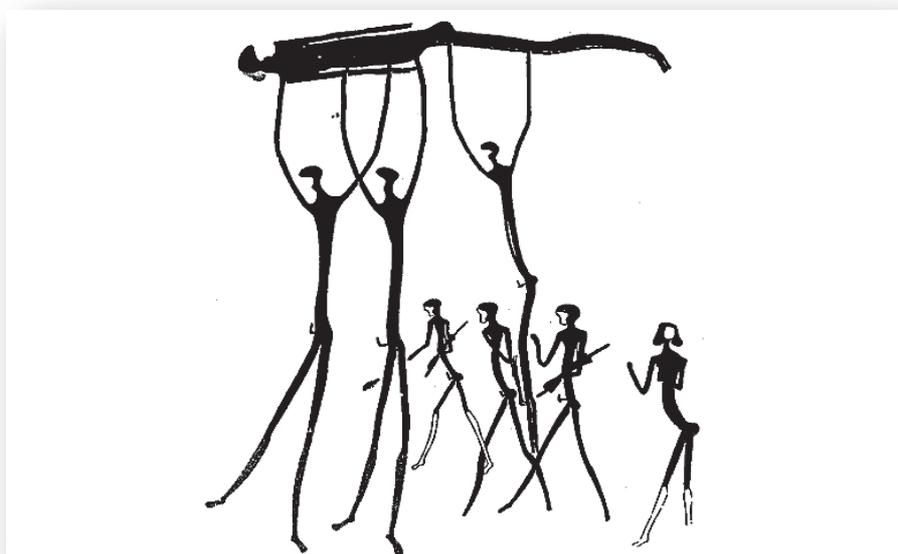
Em uma dinâmica livre do conceito de “*espiritualidade*” de Viktor Frankl, intercalada com os argumentos anteriores, é possível compreender o processo evolutivo do ser humano, sendo que o mesmo, nas fases iniciais de sua evolução era mais corpo (bio), ganhando com o processo evolutivo, descrito acima, cada vez mais capacidade psicomotora e cognitiva (psico). Porém, sua estrutura mais aprimorada, seu atributo mais elevado é justamente quando o mesmo atinge seu terceiro estágio evolutivo, o ser espiritual.

Para o psiquiatra todas as dimensões são fundamentais para compor o ser (unidade trinária: bio-psico-espiritual), em sua completude, mas a dimensão espiritual é determinante para a manutenção do equilíbrio e da ordem emocional,

principalmente em situações de extrema crise, dor, sofrimento, desespero e desesperança. A experiência desumana de Frankl, em vários campos de concentração, na condição de prisioneiro judeu – a morte trágica de sua mulher, de seus pais e de seu irmão – vítimas do holocausto nazista – de certa forma contribuíram para que ele desenvolvesse seus estudos acadêmicos. Inspirado nas leituras de Viktor Frankl e nas falas dos familiares posso dizer que, “o sentido da vida não pode ser inventado, mas descoberto” (Frankl) a cada experiência, pelo próprio ser que enfrenta “as dores e as delícias de ser o que é (Caetano Veloso)”.

Deixar marcas, permanecer mesmo estando ausente, rasgar o seio da terra, inserir sulcos profundos em rochas sólidas, tatuar cenas de caça, danças ritualísticas fixadas em pares naturais, não seriam formas simbólicas de imortalidade, de espiritualidade? As esculturas, as pinturas primitivas, as primeiras urnas fúnebres, o modo como o corpo era disposto em sua última morada. Os objetos pessoais, o personalismo em que cada indivíduo era sepultado, indica fortemente que a vida deveria ser muito mais e muito além do que o fim da matéria.

#### ILUSTRAÇÃO 10 – Culto aos Mortos



Cena de Culto aos mortos. Pintura rupestre do Sítio de Zisab Gorge, Namíbia.  
Fonte: ANATI, Emmanuel, La religion des origines. Paris: Bayard Éditions, 1999, p. 178.

A morte passou a ser temida, não como um animal a teme, não como uma reação instintiva de sobrevivência, mas como força metafísica. A conscientização da

morte presenteou o ser humano com uma visão singular sobre a vida. O saber sobre a finitude estimulou a criação de mecanismos de defesa, mas como vencer o invencível? Como derrotar um fenômeno capaz de suplantar qualquer forma de vida? Era preciso olhar além das aparências físicas, além do mundo das sombras.

Outras realidades deveriam existir, outros mundos, talvez lugares perfeitos como o Mundo das Ideias de Platão, o paraíso prometido pelos messias, o Nirvana, quem sabe, o Valhalla dos guerreiros vikings. Cada grupo, cada povo, tribos, clãs, civilizações, cada qual diante do medo da morte se inspirou para vencê-la, mesmo depois da sua suposta vitória sobre a vida.

### 3.2 O SAGRADO E A BUSCA DA SOLIDEZ

Não tentes reconciliar-me com a morte, ó glorioso Ulisses. Eu preferiria estar na Terra, como servo de outro, [...] do que reinar aqui sobre todos os mortos. (HOMERO, 2011, p. 313).

De que maneira a maior dor do mundo pode obter respostas nas representações do sagrado? Como a religião pode atribuir sentido, estabilidade, fortaleza, segurança e solidez em um contexto de caos, desordem, dor, sofrimento, desespero, desmoronamento da vida? Navegar em águas plácidas, mansas consiste em tarefa corriqueira, em que qualquer marujo tem chances de sucesso. Porém, em águas colossais, em que ondas gigantescas quebram no casco carcomido da existência, o risco de naufrágio é enorme. Como manter o leme? Como resistir quando tudo insiste em desistir? Qual é o sentido da fé para quem fica?

Os questionamentos, direcionados aos familiares das vítimas de mortes violentas, trabalhados ao largo dos dois primeiros capítulos serão retomados nesse momento para outras abordagens e aprofundamentos teóricos. Os primeiros passos consistem em observar seis questões fechadas, conectadas integralmente: (QF/Q1) Você crê em Deus? (QF/Q2) Quando você pensa em Deus, qual dessas quatro frases é mais forte para você (Deus é: Pai, Amor, Poder ou Justiça)? (QF/Q3) Você acredita que o demônio ou algum espírito maligno pode fazer ou levar alguém a praticar o mal? (QF/Q9) Você crê na justiça de Deus? (QF/Q10) Você crê na justiça dos homens?

Você crê em Deus? Um grandioso sim foi expresso pelos vinte e cinco entrevistados! Não houve nenhuma surpresa pela obtenção dessas respostas afirmativas. Seria inesperado se as representações sobre a fé em Deus, obtidas pelo questionamento, se revelassem opostas. Afinal, como foi descrito no Primeiro Capítulo, o Brasil é um país majoritariamente cristão.

O foco não é o sim, mas a razão do sim! Por que ele foi expresso pelos familiares de forma tão enfática? Por qual razão não há espaço para dúvidas, questionamentos acerca da existência de Deus? Qual é o sentido da fé para aqueles que ficam e precisam encarar a finitude violenta e repentina do outro que vivia intimamente integrado aos que ainda não foram? Qual é a representação do sagrado, materializado em um Deus, para esses familiares?

Antes de iniciar a pesquisa havia, da minha parte, uma conjectural, acerca do comportamento de alguns familiares, considerados cristões, que supostamente se revoltariam com Deus (crise de fé) ao questionarem o porquê essa tragédia abateria justamente na família destes? A famosa pergunta: Por que comigo? É evidente que nenhuma pesquisa é capaz de esgotar o campo ou expor por completo a verdade, mas as fotográficas e os filmes que foram produzidos no transcorrer da pesquisa de campo revelaram certezas, mais que dúvidas, na existência de um Deus terapêutico, reparador das dores. Não de um Deus punitivo, provocador do mal. A relevância da religião desaguada neste Deus atribuidor de sentido e edificador de vidas, perigosamente instáveis, é expressa por Simmel (2010, p. 01):

Assim, Deus: a realidade suprema, fonte e estuário de todos os fluxos da existência individual, vivendo ao mesmo tempo acima de todas as coisas e dentro delas, aquilo que é o mais comum a elas, mas é também o bem mais íntimo e pessoal de toda alma.

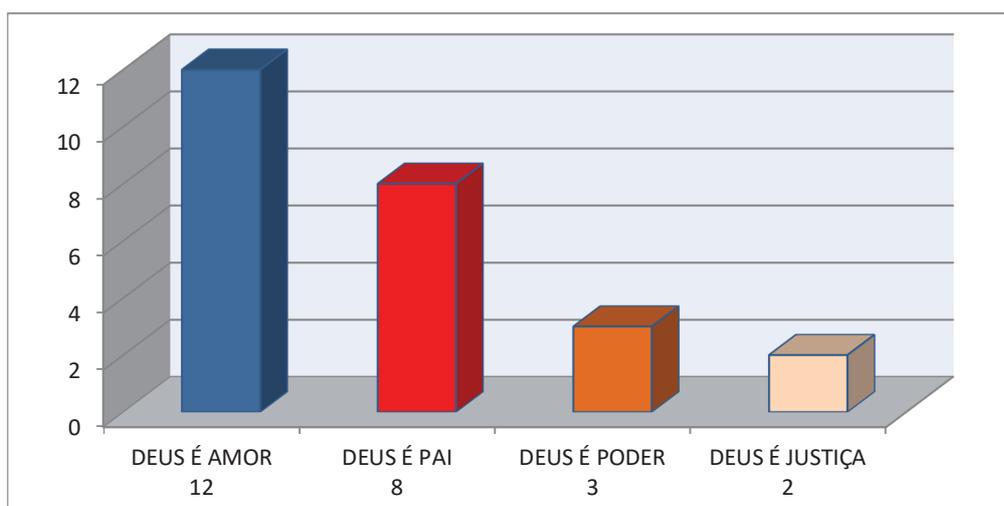
Georg Simmel descreve claramente a eficácia da religião em estabelecer, no cotidiano de cada indivíduo, o que ele necessita, de capital simbólico para permanecer íntegro, principalmente em situações de grandes crises existenciais. De modo consequente o sentido da fé se encontra nessa *“fonte e estuário de todos os fluxos da existência individual”*. A crença na existência de Deus pressupõe a solidez, contraponto a modernidade líquida de Zigmunt Bauman, que diz: *“A modernidade não foi um processo de “liquefação” desde o começo? Não foi o “derretimento dos*

*sólidos” seu maior passatempo e principal realização? Em outras palavras, a modernidade não foi “fluida” desde sua concepção?” (2001, p. 06).*

É preciso deixar claro que não tomo nem a modernidade líquida, nem os processos sólidos (tradições), que anteciparam deste dinamismo fluido, como contextos negativos ou positivos. Não cabe julgar, mas analisar de que maneira a modernidade líquida atinge os familiares, suas dores e sofreres diante das mortes violentas de seus entes; e como se estabelece a fé para aqueles que ficam no âmbito da modernidade líquida?

Responder afirmativamente ao questionamento: “Você crê em Deus?” demonstrou um consenso interessante entre os vinte e cinco familiares, pois se todos fossem gregos e vivessem no século V a.C., certamente a resposta seria “*sim creio em Zeus!*” Essa simples constatação revela que a fé religiosa de quem diz possuí-la é uma construção histórico-cultural. Mas apesar de não existir nenhuma concepção religiosa despossuída de “*mecanismos de controle*”, é notório que “*os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o ethos de um povo – o tom, o caráter e a qualidade de sua vida*” (GEERZT, 1989, p. 66). Responder afirmativamente é uma garantia de que a vida imanente, com suas inseguranças (in)administráveis, pode encontrar um lugar suficientemente seguro na transcendência de um Deus que é (Amor, Pai, Poder, Justiça).

GRÁFICO 17(QF/Q2) Quando você pensa em Deus, qual dessas três frases é mais forte para você?



No gráfico exposto acima, em relação à (QF\Q2) Quando você pensa em Deus, qual dessas quatro frases é mais forte para você? Doze familiares responderam que Deus é amor, oito afirmaram que Deus é pai, três indicaram Deus como poder e dois que Deus é Justiça. Interessante notar que a maioria dos familiares apontou Deus como simbologia do amor, justamente em situações em que grande parcela das mortes violentas foi provocada pela via do homicídio. Chacinas, confrontos com a polícia, acerto de contas<sup>73</sup>, feminicídio, entre outras formas brutais de homicídios.

Apesar dessa expressão (Deus é Amor) ser muito utilizada, em variados meios populares é imperativo destacar, na minha análise, uma reafirmação de um amor sublime, sólido, verdadeiro, fiel, que não pode ser encontrado, com facilidade na modernidade líquida, como afirma Zygmunt Bauman no prefácio do seu livro Amor Líquido:

A misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos, é o que este livro busca esclarecer, registrar e apreender. (BAUMAN, 2004, p. 07).

No mar de inseguranças, instabilidades, desejos conflitantes, em que os vínculos humanos se encontram cada vez mais fragilizados, o Amor de/em Deus é um cais seguro para onde o familiar possa se refugiar em meio às monções tropicais, como argumenta a senhora Maria Madalena, mãe: “*Só Deus, nessa hora, meu filho, só Deus pra fortalecer a gente*”. (Maria Madalena, Mãe). O argumento de Madalena reforça a solidez do *religionis locum*, a figura de um Deus Pai que se insere em arcabouços de cultura religiosa milenar (visão judaico-cristã) que contribuiu majoritariamente com a formação religiosa do povo brasileiro.

A representação do patriarca, do bom pastor que cuida de suas ovelhas, do grandioso pai de amor que abraça seus filhos nas noites mais escuras. De um Deus que diz aos seus: “*ele te esconde com suas penas, sob suas asas encontras abrigo. Sua fidelidade é escudo e couraça*”. (Salmo 91, 4) e (...) *quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha recolhe seus pintinhos debaixo das asas (...)*”. (Mateus, 23, 37). A representação desse Deus nutre e capacita o ser religioso a se manter

---

<sup>73</sup> É um jargão geralmente utilizado no meio jornalístico para descrever homicídios motivados por “dívidas” contraídas e não pagas. (Grifo meu).

equilibrado logo após o golpe que levaria qualquer um à lona das vicissitudes. A fé religiosa, nesse Deus Pai impede que o caos seja instalado na vida do familiar, como descreve a senhora Francisca Pereira Chaves, mãe:

Eu acho que é uma coisa, uma coisa que na vida da gente, a gente tem que passar né, a gente é feliz e sofre também, do jeito que a gente tem a felicidade, a gente pode sentir o sofrimento, a dor também...faz parte. Deus sabe o que faz com a vida da gente. Deus não quer o nosso mal, ele é nosso pai de amor, mas o homem tem a liberdade para fazer os dois, né?!. Respondendo a (QA/Q8) Como a sua religião explica a dor e o sofrimento?

“*Sua fidelidade é escudo e couraça*”. Esse trecho do Salmo 91 pode ser problematizado com a descrição do amor líquido (Bauman, 2004), e ajudar a compreender de maneira pragmática as razões e a eficácia simbólica da fé para aqueles que ficaram. Este Deus de Amor, Pai protetor é também Fiel! Seu amor é incondicional, basta estender as mãos, pois “*Deus não abandona a gente, nunca*” (Maria Aparecida de Jesus, mãe). Diferentemente desse amor sólido, incondicional e fiel é o amor líquido:

Em todo amor há pelo menos dois seres, cada qual a grande incógnita na equação do outro. É isso que faz o amor parecer um capricho do destino – aquele futuro estranho e misterioso, impossível de ser descrito antecipadamente, que deve ser realizado ou protelado, acelerado ou interrompido. Amar significa abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir a liberdade no ser: aquela liberdade que se incorpora no Outro, o companheiro no amor. (BAUMAN, 2004, p. 21).

Certamente esse Deus Pai, Amor, Justiça e Poder não pode ser uma incógnita, uma incerteza. A representação de Deus, para os familiares é tudo aquilo de concreto que carece no amor líquido, descrito por Bauman. A representação de Deus é, em si, a solidez da confiança, do amparo, da certeza sólida que permite assimilar o golpe e enfrentar as dores desencadeadas pela morte violenta de um familiar.

No entanto se faz necessário destacar outro aspecto. As respostas dos familiares em relação a algum espírito maligno na prática do mal! É possível observar no gráfico acima e no gráfico abaixo que a grande maioria crê que Deus é amor e pai de proteção, mas que há uma intervenção muito séria do mal espiritual sobre a vida e as decisões das vítimas. Respondendo a (QA/Q9) Você acha que

Deus ou algum espírito maligno teve algo a ver com a morte de seu familiar? Justifique. É possível observar e analisar a fala de três familiares:

Oh, pela forma que fizeram com os quatro, que eram quatro, eu acredito que sim, porque só uma pessoa com um espírito muito ruim pra chegar e ter coragem de acabar com a vida de um, eram quatro crianças, eram todos menores, então tem que ser alguém que não tem um pingão de sentimento, tem um coração escuro, fechado, guiado pelo demônio. (Cláudio Assunção, tio).

Olha, Deus não, não gosto de falar em Deus, Deus não, não põe morte na vida da gente, espírito maligno pode ser sim, pode ser que não, mas quando a pessoa, falando religiosamente a questões assim, quando a pessoa acredita em Deus, ela também acredita no maligno também, e o maligno não tá no meio de uma igreja, ele tá no meio de pessoas que fazem bagunça, então pode ser que malignos levaram ele a cometer os erros que ele cometeu, colocar na cabeça da pessoa, a pessoa já tem a índole, já é fraca, não tem, não tem uma religião, não busca um, porque a religião é simplesmente um grupo de pessoas que vai te apoiar, te conversar, te explicar, conversar com você, você falar com Deus, e da mesma forma tem a parte do maligno lá que tem pessoas que tão colocando na sua cabeça que você tem que roubar, que você tem que matar, que você tem que traficar, que você tem que fazer isso, que você tem que fazer aquilo, então acaba que, eu creio que sim, creio que sim, tem o bom, tem o mal, não tem outra explicação. (Osório dos Reis, tio).

Eu acho, eu acho que uma morte assim sempre é um trem, um mal, um espírito do mal, porque um espírito do bem não vem fazer um tipo de coisa assim, seja a pessoa errada, seja a pessoa, faça o que ela fizer, eu acho que é um espírito mal que causa isso. Uma pessoa que tira a vida da outra, eu acho que... (Maria Clementina, mãe).

O dualismo bem e mal fica evidenciado nas falas dos familiares, afinal a presença do mal demoníaco influenciando os caminhos de seus entes amados, contribui na compreensão e na justificativa de suas mortes violentas. Apesar de todas as explicações históricas, filosóficas, sociológicas, antropológicas sobre a violência, a morte e as mortes violentas no Mundo, no Brasil, em Goiânia e entorno, se faz bastante plausível, para estes familiares, creditar ao mal espiritual um papel de destaque na sina brutal de seus parentes mortos pelo caminho da violência. A representação do mal espiritual e o papel que ele ocupa para o familiar é também um meio de compreensão da dor que possibilita encaixá-la em um lugar mais sólido e minimamente aceitável.

Responsabilizar a figura do diabo possui dois mecanismos eficientes: reduzir as complexidades do mundo e da vida, ou seja, compreender as possíveis ações do demônio pode ser mais simples do que assimilar as macropolíticas econômicas, os inúmeros fatores que provocaram o desemprego de milhões, observar a fome que

afeta mais de 800 milhões<sup>74</sup> de seres humanos no mundo, ou vivenciar as crises humanitárias internacionais, que colocam em confronto ricos contra pobres, migrantes contra “legítimos donos da terra”. Até mesmo problemas subjetivos como a sexualidade do filho, traição conjugal, ou parar de fumar. Essas conjunturas podem ser muito intrincadas para a maioria das pessoas, portanto afirmar “*a culpa é do demônio*” configura uma excelente maneira de reduzir as complexidades do mundo.

Parece bastante paradoxal pensar no Diabo como “bem de salvação”. Um posicionamento um tanto grotesco e de mau gosto, para muitos, porém eficiente. Esse problema se intensifica na medida em que representa um antagonismo transcendental que se derrama na vida do fiel. De um lado, temos um ser demoníaco que tudo destrói, que tudo prejudica. De outro, um “Ser Supremo de Luz” que tudo restabelece, que tudo salva. No centro dessa ‘guerra de titãs’ temos o indivíduo humano que busca desesperadamente por um sentido para a vida (CÁCERES, 2006, p. 118).

O segundo mecanismo sobre a atribuição de culpa ao diabo se constitui justamente na redução de culpa e de responsabilidade daquele que pratica a ação. “*O diabo existe, estou salvo!*” Há nessa frase um significativo conteúdo existencial, pois a crença na existência do diabo garante uma existência do ser humano mais leve e fluida, pois a transferência da responsabilidade das ações transforma o demônio no culpado e o homem na vítima.

#### O Diabo no Divã

Estou cansado de assistir a essas crianças mimadas,  
essa gentilinha sem coragem de assumir suas escolhas,

Estou farto de levar a culpa por tudo o que fazem de errado,  
Chega de ser bode expiatório,  
reductor de complexidades,  
aliviador de culpas!

Estou cansado de deitar no divã-divino,  
De confessar a Deus os pecados que não cometi.

É chegado o momento de assumirem seus erros,  
de pagarem por todos os males,  
de sofrerem as consequências  
e as dores do mundo.

O diabo também é filho de Deus  
nem melhor, nem pior,  
só foi – até agora –  
o esgoisto de todos os pecados de seus  
irmãozinhos covardes.

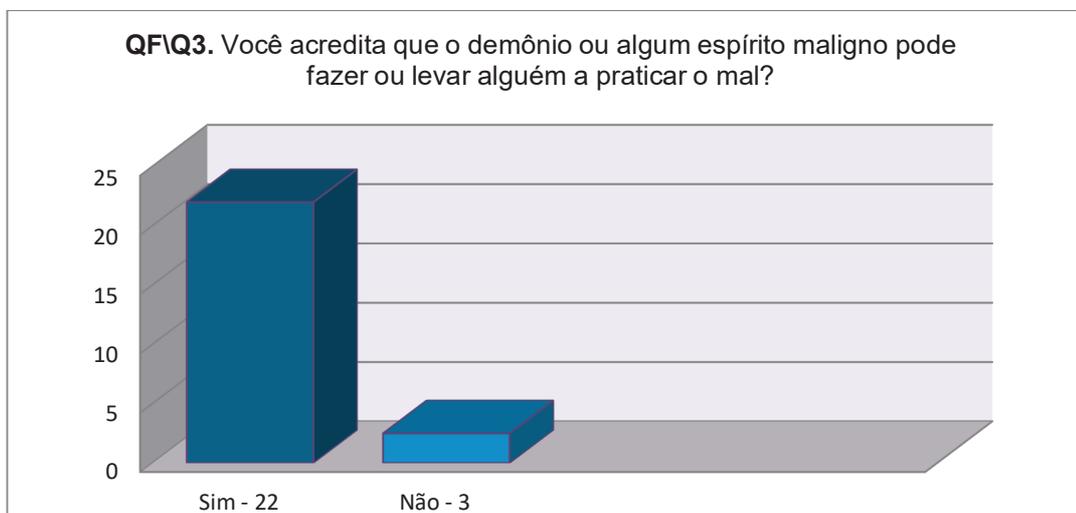
Basta...  
Amanhã estarei livre  
para curtir sozinho,  
apenas meus pecadinhos.

Que cada qual assuma o seu,  
para todo o sempre.  
Amém!

(CÁCERES, 2013, p. 22)

<sup>74</sup> “Pelo terceiro ano consecutivo, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) registrou um aumento no número de pessoas passando fome no mundo, que subiu de 815 milhões de indivíduos, em 2016, para quase 821 milhões em 2017”. Fonte: Pelo terceiro ano consecutivo, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) registrou um aumento no número de pessoas passando fome no mundo, que subiu de 815 milhões de indivíduos, em 2016, para quase 821 milhões em 2017. Disponibilizado em: <https://nacoesunidas.org/fao-fome-aumenta-no-mundo-e-afeta-821-milhoes-de-pessoas/>, Consultado em 02 de Janeiro de 2018.

GRÁFICO 18



As respostas sobre a justiça de Deus e a justiça do homem foram marcadas por opostos. Em Deus a confiança foi expressa de forma absoluta, pelos familiares. Porém a confiança na justiça dos homens, como era de se esperar, ficou bem baixa. Dezesete familiares afirmaram que não confiam na justiça dos homens e apenas oito responderam afirmativamente ao questionamento, como demonstrado nos gráficos abaixo.

GRÁFICO 19

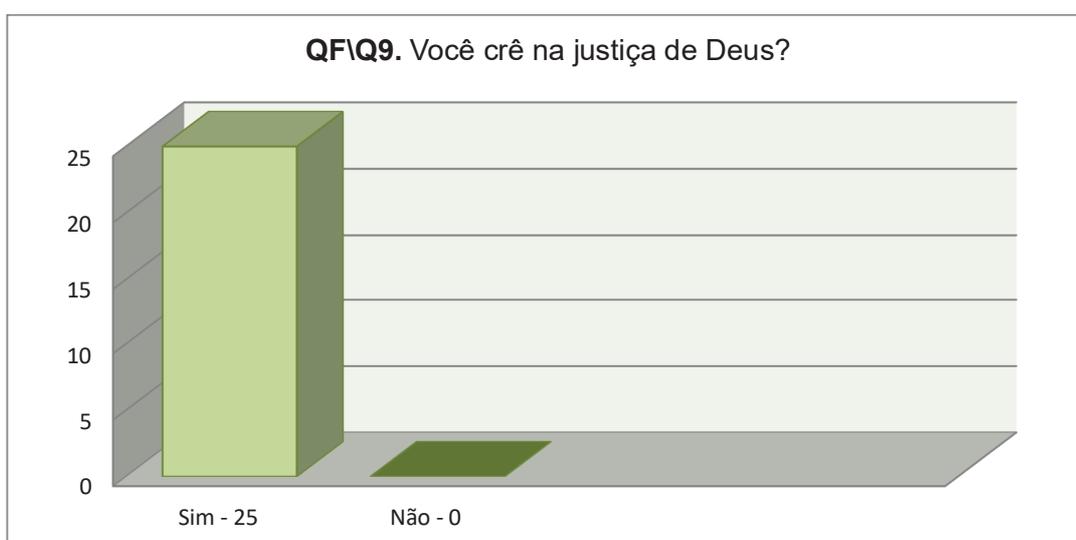
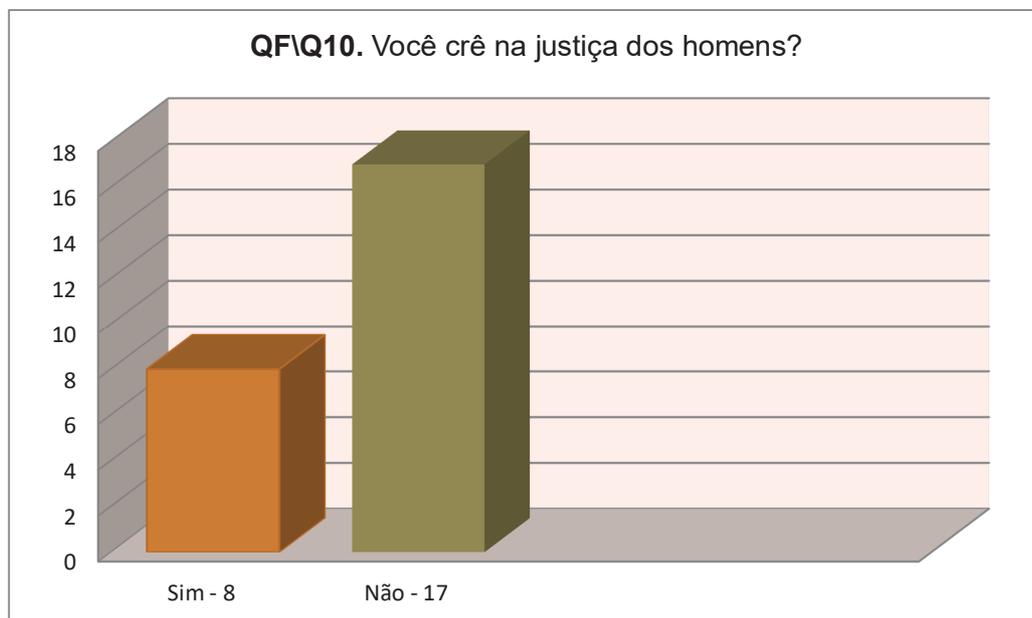


GRÁFICO 20



De acordo com a pesquisa realizada pela Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas, o ICJBrasil (Índice de Confiança na Justiça)<sup>75</sup>, a confiança da população brasileira, em suas instituições cai significativamente, nos últimos anos. As instituições que tiveram maiores quedas foram: o Governo Federal, que caiu de 29% para 6%, o Ministério Público, de 50% para 28% e as grandes empresas, cuja confiança passou de 43% para 29%. Em relação à última pesquisa realizada no ano de 2016, as instituições demonstraram baixas grandiosas: Ministério Público Federal (-22%), Poder Judiciário (-17%), para citar alguns exemplos.

As conjecturas dos familiares expressam a falta de confiança e a grande insegurança que as instituições passam para a população. Em (QF/Q12) Você se sente seguro vivendo na sua cidade? Vinte e três familiares responderam negativamente. Em (QF/Q13) Você considera o Brasil um país violento? Apenas um familiar disse considerar o Brasil um país não violento.

O horizonte é um grande descaminho, um lugar de medo e desconfiança, inclusive acerca das instituições que deveriam oferecer luz no fim do túnel, mas a luz é um trem medonho vindo em sentido contrário. Segundo José do Nascimento, pai de uma vítima de homicídio a única segurança plausível é Deus: *“A gente não tem*

<sup>75</sup> <https://portal.fgv.br/noticias/icjbrasil-2017-confianca-populacao-instituicoes-cai>

*apoio de ninguém! A gente tá sozinho nesse mundo, viu! Só Deus pra salva a gente”.*

A fala desesperada desse pai é corroborada com a análise criteriosa de Zygmunt Bauman (2009, p. 9):

Poderíamos dizer que a insegurança moderna, em suas várias manifestações, é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos. Suspeitamos dos outros e de suas intenções, nos recusamos a confiar (ou não conseguimos fazê-lo) na constância e na regularidade da solidariedade humana. Castel atribui a culpa por esse estado de coisas ao individualismo moderno. Segundo ele, a sociedade moderna – substituindo as comunidades solidamente unidas e as corporações (que outrora definiam as regras de proteção e controlavam a aplicação dessas regras) pelo dever individual de cuidar de si próprio e de fazer por si mesmo – foi construída sobre a areia movediça da contingência: a insegurança e a ideia de que o perigo está em toda parte são inerentes a essa sociedade.

Há uma naturalização do medo, da violência, da insegurança e da desconfiança do outro que é também representado pelas instituições. Envoltos não pela sensação de insegurança, mas por sua realidade assustadora, o familiar busca refúgio no amor, na paternidade, na justiça e no poder do sagrado, aclamado pela fé naquele que as gentes entrevistadas nomeiam de Deus.

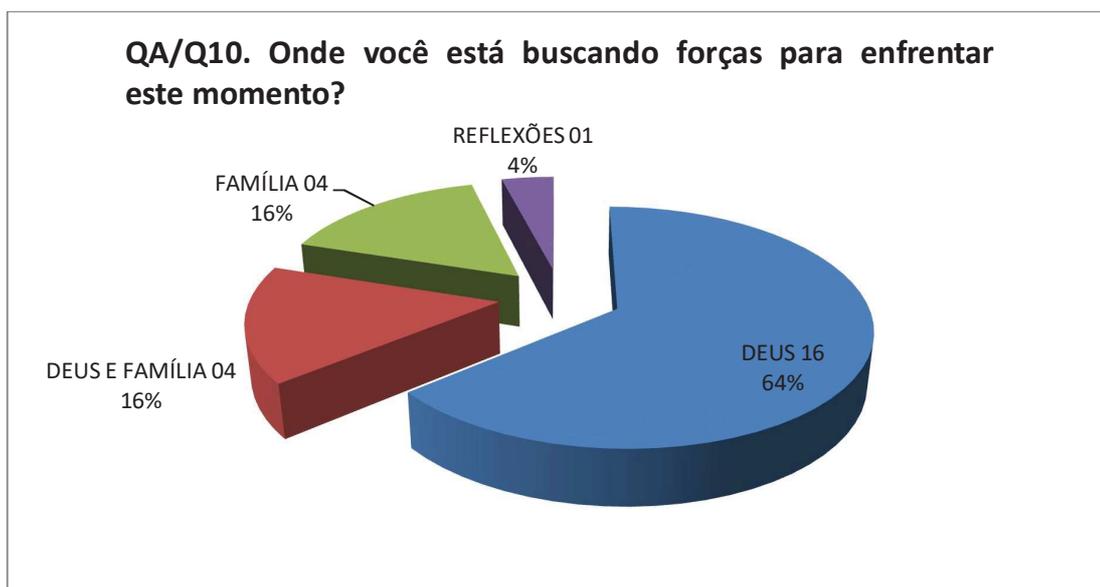
### 3.3 A FÉ PARA QUE FICA: DEUS, FAMÍLIA E FORTALEZA

Um dos maiores paradoxos do cristianismo é o de retirar da morte esta significação apriorística, colocando a vida sob o ângulo da sua própria eternidade. E isto não só porque promete uma continuidade após o último instante de vida na terra; mas também porque coloca o destino eterno da alma sob os conteúdos da vida: cada um mantém ao infinito a sua significação ética como causa determinante do nosso futuro transcendente, quebrando assim a sua própria limitação intrínseca. Nestes termos, a morte parece suplantada: primeiro porque a vida, esta linha que se estende no tempo, ultrapassa o limite formal do seu fim; mas também porque ela nega a morte, que opera através de todos os momentos da vida e os limita do interior; ela a nega precisamente em virtude das conseqüências eternas desses momentos singulares. (Simmel, 1998, p. 3).

Na questão aberta (QA/Q10), em que foi questionado aos familiares: onde você está buscando forças para enfrentar este momento? Evidenciaram-se dois vocábulos, isto é, palavras evocadas: Deus e Família. As evocações chamaram atenção por dois motivos principais. Em primeiro lugar se destacou a fragilidade natural das pessoas diante do enfrentamento da morte violenta de um parente, ou

seja, a debilidade, a impotência, a incapacidade de negociação com a *morte*. Em segundo lugar a busca por um porto seguro, um norte físico e simbólico que se faz determinante para a tomada de sentido e ancoragem em meio ao turbilhão. Nestes casos específicos os portos são: Deus e Família.

GRÁFICO 21



No gráfico a palavra Deus foi evocada 64%, família 16% e a dupla Deus e Família foram evocada 16%. Somente em um caso isolado a palavra reflexão apareceu. É importante destacar que esse entrevistado foi o mais racional e pragmático de todos os familiares.

Mas há um questionamento que precisa ser feito: como é possível um Deus que foi brutalizado, humilhado, torturado, sua dignidade e humanidade desprezadas, pregado e morto na cruz<sup>76</sup> corresponder justamente no que esses familiares procuraram como suporte, esperança e salvação. Um caminho certo, um porto seguro, uma luz para guiar a vida desses familiares que buscam força e concretude.

<sup>76</sup> O conhecimento da cruz é o conhecimento de Deus em seu sofrimento na mão do "ser desumano", i.e., no oposto de tudo o que o "ser desumano" busca e tenta alcançar como divino. Por isso, esse conhecimento não o aprova, mas o destrói. Ele destrói o deus infeliz e orgulhoso que queremos ser e nos devolve nossa humanidade desprezada e abandonada. O conhecimento da cruz gera um conflito de interesse entre Deus que se fez homem e o homem que quer ser deus. Esse conhecimento destrói a destruição do homem. Aliena ou alienado. Assim leva o "ser desumano" à humanidade (MOLTMANN, 2011, p. 101).

Ou seja, como é plausível um deus que se fez homem, assumindo toda fragilidade humana se tornar um grandioso símbolo de poder e superação da dor? Vencendo a morte em sua totalidade? Foi justamente essa vivência dolorosa, enfrentada por Jesus, que chamou atenção na fala de uma mãe:

Onde você está buscando forças para enfrentar este momento? Meu filho, Jesus sofreu muito, sentiu muita dô na cruz. Tudo para salvar a gente, viu! Do mesmo jeito que Deus sofreu pela gente, a gente tem que sofrer, né, faz parte da vida. Da forma que Jesus penou, todo mundo tem que pena para paga os pecado. Deus pagô os pecado nosso, a gente pega o da gente (Senhora Maria do Perpétuo Socorro, 60 anos, mãe de um jovem de 22 anos, morto em conflito com a polícia).

De acordo com a senhora Maria do Perpétuo Socorro é justamente a crença em um Deus que amou de forma incondicional os seus filhos, um Deus que deu seu fruto em holocausto para o perdão dos pecados humanos, um Deus que se fez homem, viveu, sofreu e morreu. Um “Deus fraco” que tem em sua “fraqueza” a sua maior fortaleza. Para essa mãe a cruz está vazia, Deus venceu a dor, o sofrer e a morte, como seu filho morto pelas mãos da força policial. Ambos estão salvos, ambos passaram pelo calvário e estão salvos – a religião cumpriu seu papel atribuidor de sentido, estabilizador da fluidez da vida.

Em QA/Q5. Você acredita em algum Plano de Deus para as nossas vidas? Essa mãe corajosa respondeu:

Meu filho, Deus não dá pra gente o que a gente não dá conta de enfrentá. Deus é sábio, Deus é pai. Ele não qué o mal da gente, ele só qué o bem, o amó. A gente que faz bobagem, coisa errada. Mas se acontece coisa ruim não é castigo de Deus, agente que procura, né. Deus mostra o caminho do bem e a gente teima em i pro caminho errado. Mas o plano de Deus só é coisa boa. Misericórdia, né?!

Um deus humanamente débil é de tão grandiosa loucura que surpreenderia qualquer roteirista, por mais criativo que fosse. Um deus que nasce entre os fracos, os vis, os degredados filhos de Eva, gemendo e chorando nesse vale de lágrimas. Um deus boçal que fragilmente caminha entre tantos outros desprezados, sujos, escravos, leprosos. Um deus que em momento algum clama pelo auxílio do Pai. Que solicita ajuda, mesmo nos momentos mais desesperadores. É apenas um deus que se fez homem e que esteve e foi um entre os pequeninos desse mundo de dores.

Jesus na cruz, sujeito à zombaria e ultrajes – O povo permanecia lá, olhando. Os chefes, porém, zombavam, e diziam: “A outros salvou, que salve a si mesmo, se é o Cristo de Deus, o Eleito!” Os soldados também caçoavam dele; aproximando-se, traziam-lhes vinagre, e diziam: “Se és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo”. E havia uma inscrição acima dele: “Este é o Rei dos judeus”. (LUCAS, 23, 35-38).

No escopo pragmático punitivo, o castigo é uma forma de pena muito bem justificada, que direciona o castigado a compreender que seu suplício corresponde proporcionalmente ao seu ato corruptor da virtude<sup>77</sup>. Isto é, o castigo é a pena que deve ser paga pelo pecado praticado, pois o mesmo levou a degenerescência da vida, conseqüentemente à morte. Como afirma a senhora Maria Aparecida de Jesus, 41 anos, mãe:

Eu acho que...eu não sei...eu acho que foi da cabeça dele mesmo, porque eu ensinei muita coisa boa pra ele, mas ele não quis seguir. Da cabeça dele mesmo que ele teve essa má intuição de fazer coisa ruim..Vontade de dinheiro fácil, ele já envolveu com drogas, acho que a morte dele foi por isso...alguma coisa sobre isso, acho que é isso aí. Eu vivia dizendo pra ele: ‘o salário do pecado é a morte’, mas ele não me ouviu.

Por essa razão a figura o bode expiatório é fundamental para a compreensão do papel messiânico do Deus que é sacrificado para purgar os pecados de outrem, isto é, da humanidade. A construção desse personagem anti-heroico, fraco, demasiadamente humano é uma inversão que, a princípio, não é fácil de ser assimilada, pois corrompe os paradigmas convencionais de toda e qualquer divindade, como já foi aventado anteriormente. Um deus-Jesus que rompe os paradigmas, não monta em um cavalo branco, não brandi a espada, não lidera exércitos contra os opressores, aliás, carrega o amor, a compaixão, a misericórdia, o perdão, o acolhimento, em cada centímetro de seus gestos.

O sacrifício, que do meu ponto de vista é a primeira instituição humana, consiste, para uma comunidade que tem experienciado este fenômeno e se tem reconciliado, procurar a repetição da morte de uma vítima, como da primeira vez em que essa vítima que juntos matámos, em nome da comunidade, nos salvou. Se recomeçarmos, talvez sejamos salvos novamente. (Girard, 2008, p. 8).

Dessa forma o sacrifício possui um caráter utilitarista, pois há uma finalidade moral e ética que visa o benefício de todos. Essa é a função primeira do bode

<sup>77</sup> “Para completar a mortificação da alma e livrá-la de cair em pecado é necessário combater a origem do mal que está em nós”. (TANQUEREY, 2018, p. 345).

expiatório: morrer para que os outros vivam. Porém o sacrifício do *debilis-deus* não possui apenas essa função. O linchamento de Jesus, a passagem pelo calvário, a degenerescência de toda dignidade e, por fim, a morte são necessários para a formação dos pilares do cristianismo e principalmente servem de explicação da dor e do sofrimento para os familiares, como é o caso da senhora Maria Clementina, 47 anos – mãe de um jovem de 22 anos, vítima de homicídio: “*Jesus sofreu como a gente*”.

Direcionado a este raciocínio, não há glória sem a purificação, ou seja, não é possível alcançar o triunfo da vida eterna sem transitar pela existência munida de sofrimentos<sup>78</sup>. Não haveria cristianismo se não fosse a morte de Jesus, o Messias não teria cumprido sua trajetória que o fez Cristo.

Não pela via de uma morte comum, corriqueira, banal, cercada de cuidados, mas uma morte paradoxalmente precária e triunfalista, repleta de dores, sofrimentos, humilhações, degradação de toda e qualquer humanidade, e por fim um grandioso romper de tambores, Cristo vive, vence as dores, os sofrimentos, a indesejada das gentes. A vida vence a morte – o triunfo é a grande vitória sobre as trevas, sobre o medo e a solidão que encerram os olhos dos mortos. A fala da senhora Maria Clementina é ao mesmo tempo reveladora, surpreendente e esclarecedora para a compreensão do simbolismo desse Deus (Pai, Amor, Poder e Justiça):

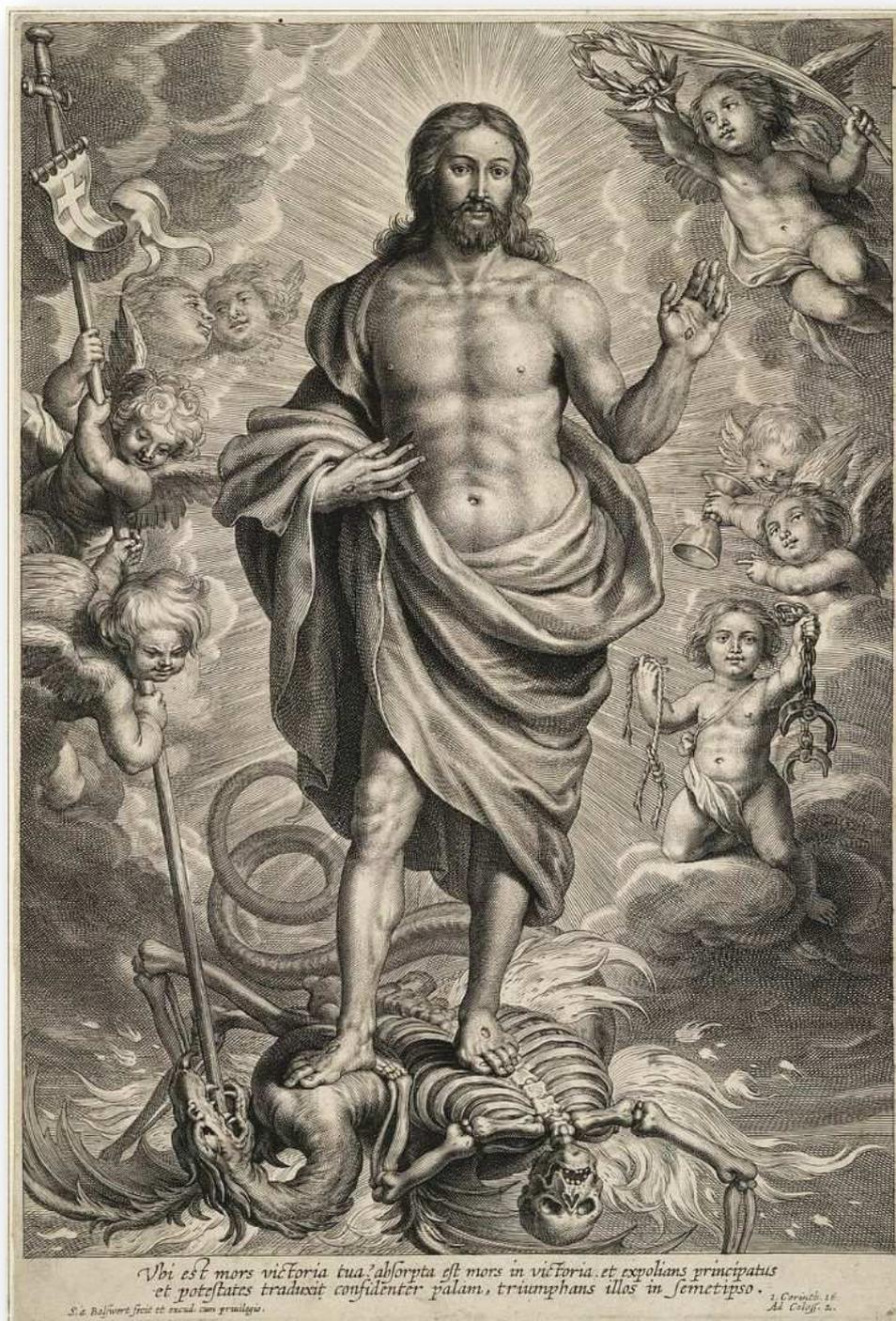
(QA/Q9) Você acha que Deus ou algum espírito maligno teve algo a ver com a morte de seu familiar? Justifique. Eu acho que Deus sempre esteve presente na vida dele, mas ele vivia se afastando de Deus. Eu levada ele pra igreja, ele melhorava um tempão, ficava bem, trabalhava e até tava querendo estudar de novo, queria fazer engenharia. Mas de repente aparecia essas amizades lá em casa e botava tudo perdido de novo. Até que Deus deu um jeito de leva ele pra junto dele. Deus levou meu filho pra ele não dá mais trabalho aqui na terra. (QA/Q7) Você acredita que, de alguma forma, seu familiar continuará sua vida em outro lugar? Onde é esse lugar? Sim, eu acredito! Agora e pra sempre meu filho não vai senti mais dó. Ele fez coisa errada, sofreu e Deus deu o perdão pra ele. Ele tá salvo pra sempre. (Senhora Maria Clementina, 47 anos – Mãe).

A eficácia simbólica do Deus que se veste de todas as fraquezas humanas, sofre e morrer de forma humilhante, é fundamental para o processo terapêutico daqueles que creem. O *debilis-homine* se espelha no exemplo máximo do *debilis-deus*. Essa eficácia é reforçada pelo fato desse deus débil ser também filho. Um filho

<sup>78</sup> “Nosso Senhor recomendou aos seus discípulos a prática moderada do jejum e da abstinência, a mortificação da visão e do tato. São Paulo entendia ser tão necessária a mortificação do corpo que o castigava duramente para livrar-se do pecado e da condenação eterna”. (TANQUEREY, 2018, p.329).

enviado ao mundo para ser sacrificado. “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”. (João 1, 29).

ILUSTRAÇÃO 11 – Imagem de Cristo Ressuscitado



A imagem<sup>79</sup> exposta acima expressa claramente o significado religioso e a fé dos familiares, reconfortados pela vitória deste Deus vencedor do mal e de seu mais forte atributo, a morte. É possível ver nitidamente Jesus, o Cristo ressuscitado, mostrando suas chagas – comprovando sua vitória sobre a imposição da dor e do sofrimento. Cristo, como figura máxima da ilustração, está no centro da imagem – seus pés sufocam suavemente as duas representações maléficas expressas em um dragão e em um esqueleto humano<sup>80</sup>. De forma simétrica oito anjos reafirmam a vitória de Cristo. À direita de Jesus, de cima para baixo, dois anjos estão jubilosos, os outros dois estão comprovando a morte do mal – penetrando uma lança na escuridão de sua garganta. À esquerda de Cristo mais quatro anjos se destacam. Acima – em posição gloriosa, um anjo carrega, na mão direita, uma coroa de louros e na mão esquerda uma provável rama de parreira. No centro mais dois anjos estão demonstrando, animadamente, o cálice sagrado – o anjo de baixo exhibe uma corda arrebatada, em sua mão direita, na sua mão esquerda estão grilhões abertos.

Todos dos símbolos da ilustração concorrem para uma finalidade: demonstrar que o mal – imposto de inúmeras formas e a morte – colocada em destaque, não são males eternos, nem tampouco insuperáveis. Em Cristo e com Cristo<sup>81</sup> é possível vencer a dor, o sofrimento e a morte. Como afirmou um familiar: “*Para Deus nada é impossível, meu filho*”.

Na questão aberta (QA/Q8): Como a sua religião explica a dor e o sofrimento? O grau de maturidade das respostas foi muito interessante. Primeiramente as respostas corresponderam a um caráter mais pessoal, deixando de lado qualquer

<sup>79</sup> A imagem é provavelmente do século XVI, mas o outro não foi identificado. (Grifo meu).

Imagem de Cristo Disponível em:

[https://br.pinterest.com/search/pins/?q=Cristo%20pintura%20cl%C3%A1ssica&rs=typed&term\\_meta\[\]=Cristo%7Ctyped&term\\_meta\[\]=pintura%7Ctyped&term\\_meta\[\]=cl%C3%A1ssica%7Ctyped](https://br.pinterest.com/search/pins/?q=Cristo%20pintura%20cl%C3%A1ssica&rs=typed&term_meta[]=Cristo%7Ctyped&term_meta[]=pintura%7Ctyped&term_meta[]=cl%C3%A1ssica%7Ctyped), acesso em 15 de Dezembro de 2018.

<sup>80</sup> Fica evidenciado que essa condição não é a sina daquele que crê. O fim não é a sepultura, aliás, não há fim, não há putrefação, a corrupção da carne não é o futuro da humanidade. O destino do fiel é a salvação eterna – é a vida eterna. (Grifo meu).

<sup>81</sup> Pode-se dizer que com a paixão de Cristo todo o sofrimento humano veio a encontrar-se numa nova situação. Parece mesmo que Jó a tinha pressentido, quando dizia: ‘Eu sei que o meu Redentor está vivo...’, e que para ela tivesse orientado o seu próprio sofrimento que, sem a Redenção, não teria podido revelar-lhe a plenitude do seu significado. Na Cruz de Cristo, não só se realizou a Redenção através do sofrimento, mas também o próprio sofrimento humano foi redimido. Redenção, que se realizou mediante o sofrimento de Cristo. O Redentor sofreu em lugar do homem e em favor do homem. Todo o homem tem uma sua participação na Redenção. E cada um dos homens é também chamado a participar naquele sofrimento, por meio do qual se realizou a Redenção; é chamado a participar naquele sofrimento, por meio do qual foi redimido também todo o sofrimento humano. Realizando a Redenção mediante o sofrimento, Cristo elevou ao mesmo tempo o sofrimento humano ao nível de Redenção. Por isso, todos os homens, com o seu sofrimento, se podem tornar também participantes do sofrimento redentor de Cristo. (Grifo meu).

teologia, e/ou ensinamento catequético, apesar de que não é possível ser totalmente influenciável. Esse comportamento revelou uma prática muito comum que reafirma que o praticante de qualquer denominação religiosa faz seu filtro pessoal, age e responde em conformidade com as suas idiossincrasias. Todos, sem nenhuma exceção, afirmaram que a dor é positiva, na medida em que é um processo pedagógico, uma forma de aproximação de Deus, que é preciso passar pela dor para alcançar a salvação ou elevação.

A fala dos entrevistados demonstrou que a simbologia do deus débil ensina ao homem débil que a dor e o sofrer são condições da natureza humana, mas a lição última consiste em demonstrar que a cruz não é o fim, mas o começo da superação. O resultado final do sofrimento não é a morte, mas a vida eterna, o renascer no Deus (Pai, Amor, Poder e Justiça). Como reforça Maria Madalena, 46 anos, tia: “*Cada um tem a cruz que precisa carregar na vida*”.

A precariedade humana é escancarada pela brutalidade das mortes violentas, dessas vítimas dos acidentes de trânsito, dos homicídios e dos suicídios. A delicadeza da vida se expõe no sofrimento de cada parente que recolhe, em pedaços, os corpos de seus entes amados, mas que a religião ressemantiza no triunfo da vida sobre a morte. Talvez uma das maiores eficácias simbólicas que a prática cristã pode realizar reside profundamente na trilogia: *debilis-deus – debilis-homine – vincere-mortem*.

A morte eu acho que é um, um, é um, como eu vou te dizer...eu acho que Deus te dá várias chances, entendeu, porém você tem que aproveitá-las de uma forma que Deus te dê mais oportunidades. Vou te dar um exemplo: Deus livrou meu filho várias vezes da morte, mas chega uma hora que, eu acho que, né...eu te dei várias oportunidades, mas você não quis mudar, agora não tem jeito mais, eu vou te levar”. Resposta a (QA/Q4) Defina, em poucas palavras, o que é a morte para você?<sup>82</sup> (Maria da Silva, mãe).

Esta mãe, que procura compreender a morte violenta de seu filho, encaixa seu precoce falecimento em um arcabouço justificado por sua visão transcendental do existir. Maria da Silva enxerga a morte do seu filho como uma espécie de *game over*, em que a vida – isto é, Deus oportuniza, livra seu rebento do corte que romperia o cordão que prende o ser na permanência do existir como ser vivente. Em

---

<sup>82</sup> Apesar de o pesquisador ter destacado a solicitação: “defina em poucas palavras”, muitos fizeram questão de falar muitas palavras. Esse aspecto revela uma característica da pesquisa: todos os familiares fizeram questão de falar sobre suas dores. (Grifo meu).

sua concepção de fé, a mãe deixa claro, há um limite de chances, de oportunidades, de recomeços, pois quando findados a vida é derramada ao chão.

No entanto, é preciso compreender algumas das características que estão nas origens, nas bases conceituais que fundaram as concepções sobre a morte e a edificação da fé para familiares das vítimas de mortes violentas. É plausível pensar a vida sem a existência da espécie humana! No transcorrer de milhões de anos a vida se manteve, mediada pelo equilíbrio da natureza, de forma plena e saudável – nascendo e morrendo em fluxos contínuos (Heráclito). Inúmeras espécies habitavam o Planeta Azul em processos cíclicos, conectados entre a concepção, o nascimento, o desenvolvimento, a procriação e a morte. Territórios eram disputados, as cadeias alimentares e os determinismos biológicos, geográficos e climáticos se impunham aos seres vivos. Muitas espécies eram extintas, outras se adaptavam, mas acima de tudo, a vida se mantinha em seu esplendor. Logo, a vida, ela mesma, não faz conta da existência ou da inexistência humana. Nem tampouco da dor e do sofrimento de qualquer ser.

Partindo de qualquer teoria explicativa sobre o surgimento e expansão do Universo ou dos multiversos, é possível refletir sobre o lugar ou o não-lugar da humanidade mediante a complexidade do existir. É crível pensar em um existir fora de qualquer preexistência hominídea. Desta maneira por bilhões de anos a existência não necessitou da presença humana para existir. Por essa afirmação é necessário discordar terminantemente de Descartes (2001), pois a existência não pressupõe o cogito cartesiano (*cogito, ergo sum*), nem mesmo a existência daquele que pensa, mesmo antes de ele pensar.

Portanto as hermenêuticas sobre a morte e o morrer, a dor e o sofrer são processos desenvolvidos pelos humanos – de diversas formas, pelas inúmeras culturas, eras e civilizações – sendo as mesmas ressemantizadas – reinterpretadas em movimentos eternos. Contudo há na fala de Leonardo Boff uma imensa contribuição para um singelo desvelar dos sentimentos expressos pelos familiares:

Na sinfonia da vida, talvez, coube a mim tocar os instrumentos de percussão, aqueles que, tomados em si, destoam. Mas a verdade é sinfônica. Tomados em seu conjunto, até os sons distônicos compõem a sinfonia. Nesta sinfonia global, onde todos tocamos sob a regência de Deus, me inspiro com jovialidade. Estou mais atento ao todo que à parte, mas ao regente que a mim mesmo. E eu mesmo serei sinfônico, na medida em que escutar e amar todos os demais instrumentos e sons. Assim o queira e me valha Deus. (BOFF, 1989, p. 29).

Contudo a edificação da fé é uma particularidade dos seres humanos, ao qual faz parte Maria da Silva. Essa mãe que chora a morte do filho, mas que também elabora uma estrutura simbólica que permite compreender o próprio destino, a sina de seu ente e da própria humanidade que esta propensa aos designíos que anunciam a vontade de seu Deus.

Realmente a vida e a morte não dependem da existência humana para existirem, mas esse indivíduo que se desenvolveu por meio de um processo bio-neuro-histórico, descrito no primeiro capítulo da tese, foi capaz de desenvolver abstrações do mundo imanente, criando possibilidades de transcender suas relações com vida e com a morte. O desenvolvimento da religiosidade, da fé e de suas compreensões sobre a dor, o sofrimento, e a morte são ricamente elaborados pelas diversas culturas e épocas, sendo que os familiares respondem às demandas dos seus próprios contextos sociais.

Ajudando a compreender a fé dos familiares, Maria das Dores, filha de uma senhora de 65 anos, morta pela via da violência autoinfligida, descreve sua percepção sobre a morte.

A morte é algo que dói, machuca né, mas dependendo da pessoa, ela tem um descanso, parar de sofrer, se tiver sofrendo, mas se não tiver, acho que um escape da dor, do sofrimento. Às vezes a vida é insuportável, não dá para aguentar o peso do mundo, ainda pra esse mundo que tá muito violento, a pessoa pode perder a fé, mas Deus nunca perde a fé em nós. Minha tia tá nos braços do Pai! Finalmente tá em Paz.

A descrição da sobrinha, sobre a dor, o sofre e a morte é muito enriquecedora, pois associa os sentimentos que, segundo ela, levaram ao suicídio da tia, pela suposta falta de fé da mesma. Mas, sobretudo, é importante destacar o sentido da fé para essa familiar, que significou a morte da tia, não como um fim trágico, mas como uma saída salvadora para uma situação de dor e sofrimento. Não é possível morrer inteiramente com o outro, mas como descreve Heidegger: "*Wir ergahen nicht im genuinen Sinne das Strben der Anderen, sondern sind höchstens immer ner 'dabei'*"<sup>83</sup>. (HEIDEGGER, 2012, p. 239).

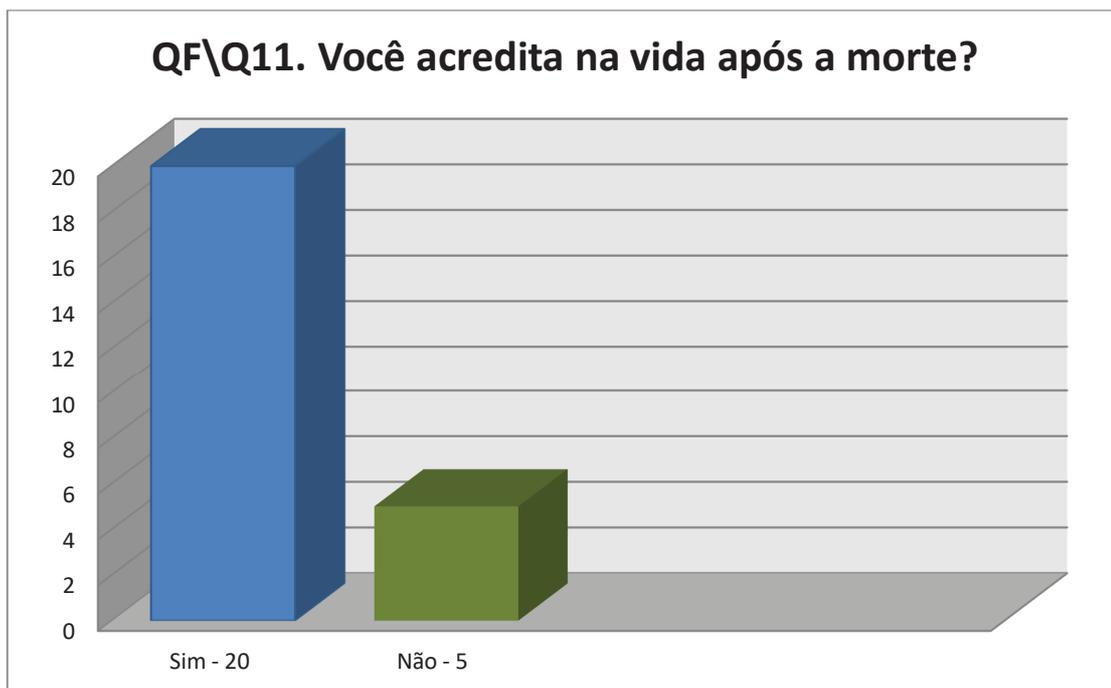
Reforçando a tese de que a fé contribui com o fortalecimento do sentido da morte, como podemos observar nos gráficos abaixo. É possível vislumbrar, a

---

<sup>83</sup> "Não experimentamos em sentido genuíno o morrer dos outros, mas no máximo só estamos sempre "presentes a" ele". (HEIDEGGER, 2012, P. 661).

quantidade de familiares que responderam afirmativamente e negativamente para (QF/Q11) Você acredita na vida após a morte?

GRÁFICO 22



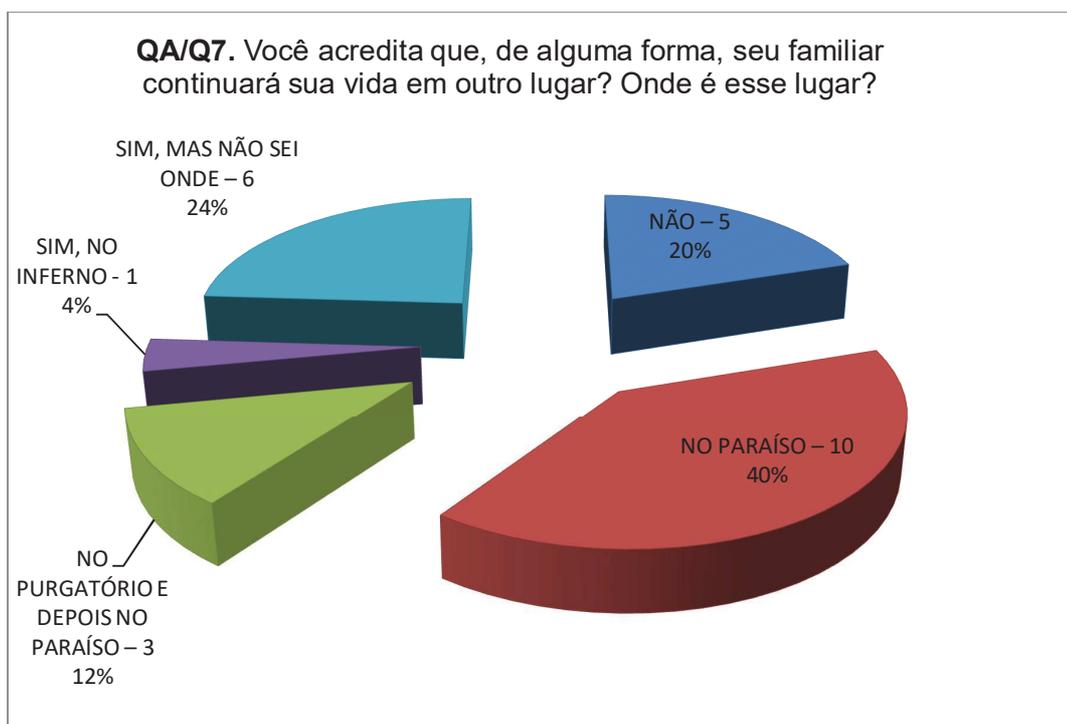
Como indicado, essa questão – exposta acima, fez parte do questionário fechado, mas houve uma contraprova no questionário aberto, tornando mais clara e legítima essa pergunta direta. Em (QA/Q7) Você acredita que, de alguma forma, seu familiar continuará sua vida em outro lugar? Onde é esse lugar? Diante dessa questão o parente pôde indicar, descrever e justificar a sua crença, ou sua descrença na vida após a morte. Vinte parentes responderam afirmativamente à primeira parte da questão, a segunda parte da questão foi variada, como descrevo abaixo. Cinco parentes responderam negativamente e por essa razão não houve continuidade da segunda parte da questão.

Dez familiares foram categóricos ao afirmarem que seus entes estavam no paraíso. Seis disseram que os mortos continuariam vivendo em outro lugar, mas não souberam especificá-lo. Outros três parentes afirmaram que os espíritos, dos seus, passariam pelo purgatório e depois seguiriam para o paraíso. Uma mãe descreveu que seu filho, certamente, está no inferno.

Algumas particularidades das falas devem ser apresentadas para uma análise mais apurada das expressões daqueles que sofrem as perdas. “*Acredito. Não sei, um paraíso junto a Deus. Eu tenho que crer nisso pra me fortalecer e dar força às pessoas que tão do meu lado, se a gente não acreditar?*” (Francisco, pai); “*Depois de pagar os pecados a alma dele vai para o Céu.*” (Maria, mãe); “*Não sei, talvez no céu, talvez no inverno! Só Deus para salvar.*” (Cláudio, pai); “*Ele fez muita coisa errada. Tá no inverno.*” (Maria, mãe); “*Meu filho tá aqui do nosso lado! Mas logo ele vai ser levado para o céu.*” Nesse momento eu perguntei, por quem? “*Pelos anjos do Senhô!*” Respondeu a mãe.

Mesmo os familiares que expressaram um lugar considerado negativo, como o inferno, indicaram um caminho – uma continuidade para a existência do ser. Neste sentido transcende o que Heidegger (2012, p. 661) descreve como o ser do morto vivendo nos seres dos vivos através das memórias, das lembranças. Os mortos, nas representações dos parentes, vivem independentemente das vontades, das memórias e das lembranças dos vivos. Os mortos vivem, de acordo com a maioria dos familiares, pelo simples fato da existência não possuir finitude.

GRÁFICO 23



A consciência humana sobre o existir no mundo e além dele é por vezes muito complicada de ser compreendida, sendo a fé, para estes familiares o caminho seguro para a compreensão e a resistência em meio aos males do mundo. Bauman argumenta que a fé, em particular a fé na continuidade da vida, após a morte, atribui no existir dos indivíduos uma segurança carregada de sentido. Um “virar de ponta-cabeça” na realidade da morte que a transforma de um fato assustador em um caminho de esperança na eternidade.

Transformar a queda mais repugnante na mais jubilosa ascensão – foi realmente um movimento virtuoso. Não apenas conseguiu conciliar os mortais com sua mortalidade, mas também dotava a vida de um sentimento, um propósito e um valor que seriam enfaticamente negados ao veredicto da morte se este fosse deixado em sua direta e rígida simplicidade. Essa mudança transformou o poder destrutivo da morte num formidável poder de engrandecer a vida: ela atrelou a morte à carruagem da vida. Colocou a eternidade ao alcance do transitório, e pôs os autoconfessos mortais no controle da imortalidade. (BAUMAN, 2008, p. 48).

O tomar consciência do existir e de todas as suas implicações não foi tarefa fácil para o ser humano, mas as possíveis ameaças foram devidamente rebatidas frontalmente com medidas protetivas. A referida conciliação dos mortais com a inevitável mortalidade é sem sombra de dúvida uma das maiores elaborações produzida pelo gênio humano. De acordo com Norman Cohn (1996) o fato da vida após a morte ser concebida de esperança e felicidade, dependia de como cada sociedade era constituída.

A vida após a morte era uma versão bastante aperfeiçoada da existência cotidiana no Egito – assim como o mundo inferior era uma imagem espelhada do vale do Nilo. (p. 47). Contudo para os mesopotâmios a vida após a morte não era tão fácil: Mesmo para os mais afortunados dentre os mortos a vida após a morte não oferecia nenhuma consolação pelos sofrimentos passados na terra (...). A perspectiva de uma vida bem-aventurada após a morte, tão presente para os egípcios, não existia para os mesopotâmicos. (p. 82, 83). Em profundas distinções de castas a Índia Védica descreve distintamente a vida após a morte: os mortos comuns eram lançados em uma desesperança e melancólica existência nas trevas eternas do mundo subterrâneo (...). Para os privilegiados (o Rig Veda), ele oferece uma perspectiva das mais agradáveis. Contanto que tivessem honrado os deuses e feito as apropriadas oferendas rituais. (COHN, 1996, p. 107).

Jürgen Moltmann argumenta que a prioridade, na vida cristã, pertence à fé, todavia o seu maior primado é a esperança. O teólogo expõe que a esperança possui seu princípio na fé e atribui sentido a ela. Portanto a fé em Cristo sem a

esperança produz um conhecimento estéreo, enquanto que a esperança sem a fé é um devaneio. Para exemplificar de forma histórica é possível pensar no extremo da violência perpetrada contra milhões de inocentes. Como compreender Auschwitz com e ou sem a presença de Deus? Isto é, como é possível imaginar Deus diante dos horrores ocorridos em Auschwitz, em outros campos de concentração e extermínio, em qualquer outro lugar onde mortes evitáveis são produzidas desumanamente e como imaginar esses lugares-de-horrores sem a presença de Deus? Era uma questão que eu fazia a mim mesmo, sempre que me deparava com o sofrimento daquelas pessoas diante da morte brutal de suas filhas, filhos, pais e mães. Como conceber ou como não conceber Deus diante de tamanha dor?

Desde modo fé e esperança estão intimamente conectadas, pois sem a fé não há vida cristã e sem esperança a fé não é possível. Moltmann descreve o sofrimento de Cristo na Cruz e seu grito de desespero, para comprovar que Deus não abandona seus filhos – na hora mais tenebrosa, mas reforça sua presença esperançosa na dor e no sofre dos seus.

Quando li o grito de Jesus ao morrer: “Meu Deus, por que me abandonaste?”, soube com certeza: está ali o único que me compreende. Comecei a compreender o Cristo atribulado, porque sentia que era compreendido por ele: o irmão divino na aflição, que leva consigo os cativos em seu caminho para a ressurreição. Recobrei o ânimo de viver. Fui tomado de uma grande esperança. (MOLTMANN, 2002, p. 12-13).

Em conformidade com o que foi descrito acima, é justamente no exemplo de Cristo que a fé e a esperança na vida, na dor, no sofrimento e na morte se renovam a cada dia. Sendo a fé na eternidade é um mecanismo de defesa simbólico muito eficiente, mas a morte – em si – continua causando grande temor, dor e sofrimento, inclusive naqueles que creem na eternidade da existência. É possível constatar as inseguranças e os medos sobre a morte nas falas que seguem: “A morte é uma dor sem cura”. “A morte é pra todos, não tem como evitar”. “A morte é uma força incontrolável”. “Uma dor, uma dor, não sei”. “A morte é ir para a vida eterna”. “Ela tira da gente nosso maior amor”. “A morte é um caminho sem volta”. “A morte é escuridão”. Alguns definiram a morte como uma força inegociável, outros disseram que a morte é um processo natural e democrático, como uma necessidade do próprio existir. Muitos associaram a morte a um sofrimento terrível. Apesar das diferentes conjecturas acerca da morte podemos observar um sentimento comum a

todos familiares: o sentimento de perda! De algo/alguém que fazia parte de suas vidas e após o episódio morte, não faz mais, pelo menos não da mesma forma, como descreve Maria Pereira Chaves, mãe:

A morte pra mim é uma separação da vida, uma despedida daqueles que ficaram aqui. A morte pra mim é um lugar de descanso, onde você vai ficar até o dia do julgamento final. Se você fez o bem, vai ter um bom julgamento, se você fez o mal, vai ter um julgamento justo, mas que não será bom para você. Se você praticou o bem, seu espírito vai subir prum lugar bom, o paraíso. Mas se você fez o mal, o inimigo vai levar você para o inferno.

Maria Pereira descreve a morte inicialmente como uma separação, uma cisão com aqueles que ficaram, mas a morte também é descanso, um lugar de repouso do ser. A morte para Maria é esse lugar de espera para o julgamento das ações humanas, de suas escolhas e deliberações. Tornando a vida algo muito sério e determinante. Georg Simmel ao debater sobre a salvação da alma descreve um aspecto muito importante que se aproxima da fala de um familiar que diz: *“meu filho tá junto de Deus, na casa do Pai”*.

Há lugar para todos na casa de Deus, pois o máximo que o ser humano pode alcançar é também o mínimo que dele se espera e por isso, em princípio, não pode ser negado a ninguém. Mas se a salvação nada mais é do que o fato de toda alma expressar por completo seu ser mais íntimo e nele realizar-se, sendo a imagem pura de si própria cujos contornos atravessam sua incompletude terrena. (SIMMEL, 2010, p. 5).

A mãe expressa a importância da sua fé para a reafirmação do sentido da morte. Pois *“a fé, assim compreendida, evidentemente exerce um papel muito importante na nossa santificação, pois, ao fazer-nos participantes do pensamento divino torna-se a base da vida sobrenatural”* (TANQUEREY, 2018, p. 471). Não há espaço para a dúvida, a morte não é um final vazio, tomado pela falta de caminho. Pelo contrário, a morte possui um propósito, uma razão de existir, uma lógica física e metafísica.

Ter a morte como um total vácuo é dar espaço para o mundo líquido, para a ameaça da insegurança, da instabilidade. Portanto a morte e o depois da morte, para grande parte dos familiares, possui um sentido, uma via concreta, como *“a casa de Deus”* descrita pela mãe. Essa e outras formas de compreensão da morte fortalecem o familiar, pois *“sem a fé a sociedade desmoronaria”* (SIMMEL, 2011, p. 8).

Além de Deus, a família é outro *locus* fundamental para a atribuição de sentido e fortalecimento no enfrentamento das mortes violentas. Sobre (QA/Q10) Onde você busca forças para enfrentar este momento? Oito familiares evocaram a palavra família, sendo que quatro responderam apenas “*na família*”, e outros quatro responderam “*em Deus e na Família*”. Mas não foi apenas a evocação da família, motivada por essa questão, que demonstrou a importância desta “instituição” como fornecedora de estabilidade multidimensional para aqueles que enfrentam a dor da morte. Em variados momentos, das entrevistas, os parentes destacavam o relevante papel da família no momento de combate às torrentes da morte.

De onde provém essa força familiar, ou mesmo as razões e as necessidades do animal homem de se agrupar? Quais são as origens desse poderoso cordão que une os indivíduos através do sangue e de algo ainda mais poderoso: a convivência envolta de intimidades? Não é o foco de a tese descrever os intrincados aspectos de família. Hermenêuticas filosóficas antropológicas, etnológicas, psicológicas, entre outras, mas estruturar um pequeno terreno firme para direcionar e compreender as razões da família ser tão fundamental para aqueles que ficaram.

Para Rousseau, o homem no estado de natureza não tinha necessidade de viver em grupo, em associação – nem mesmo havia desenvolvido qualquer movimento na direção do que conhecemos por família. Neste contexto os indivíduos viviam completamente isolados, somente a necessidade de procriação possuía o poder de romper essa característica típica da espécie humana. Segundo Rousseau, os homens no estado de natureza não possuíam

a menor necessidade um do outro; (...) não tendo nem casa, nem cabanas, nem propriedade de nenhuma espécie, cada qual se abrigava a esmo e em geral por uma única noite; os machos e as fêmeas uniam-se fortuitamente conforme o caso, a ocasião e o desejo (...). Logo que tinham forças para procurar seu alimento, [os filhos] não tardavam em deixar a própria mãe e, como quase não havia outro meio de encontrar-se senão o de não se perder de vista, logo chegavam ao ponto de nem sequer se reconhecerem uns aos outros. (ROUSSEAU, 1993, pp. 160, 161, 162).

Talvez por inúmeras necessidades, já que o corpo humano não é dotado de muitos talentos físicos (Epimeteu e Prometeu), esses indivíduos tiveram que constituir grupos para prover alimento, abrigo e proteção. A família se constitui culturalmente como um lugar seguro, um abrigo para onde cada qual pode retornar

no final de um dia dolorido. Em que os sentimentos são compartilhados, as afeições são dimensionadas e os laços afetivos se estreitam, como descreve Rousseau:

À medida que as ideias e os sentimentos se sucedem, que o espírito e o coração se exercitam, o gênero humano continua a domesticar-se, as ligações se estendem e os laços se apertam. Acostumam-se a reunir-se defronte das cabanas ou à volta de uma grande árvore; o canto e a dança, verdadeiros filhos do amor e do lazer, tornaram-se a diversão, ou melhor, a ocupação dos homens e das mulheres ociosos e agrupados. (ROUSSEAU, 1993, p. 187-188, 190.).

Apesar de Rousseau considerar negativo o processo de agrupamento humano, devido aos processos de degenerescência e corrupção, a segurança afetiva certamente é a força maior que capacita a família ser esse lugar de refúgio. Irmanados os parentes das vítimas concebem o seio do grupo familiar com uma rede de proteção na dinâmica das ameaças da vida.

No entanto, para se aproximar mais do universo dos familiares é preciso fazer duas perguntas: como a família se estrutura na contemporaneidade brasileira? Estaria o modelo tradicional de família em uma avançada crise? Adianto que a resposta da primeira questão carrega o desfecho da segunda, mas como essa dinâmica se desenrola? Se mantendo em um período mais recente da história é possível vislumbrar alguns importantes acontecimentos que contribuíram com mudanças estruturais, não só na família, mas em toda dinâmica contemporânea.

Os variados e contínuos processos tecnológicos e científicos ocasionados após as várias fases da Revolução Industrial, o conseqüente desenvolvimento da vida urbana, as mudanças socioeconômicas ocorridas com o fim da escravidão e as novas formas de organização social, política e econômica provocaram mudanças nas estruturas familiares. O processo industrial deslocou a produção, antes artesanal, para o chão das fábricas. As demandas por novos produtos atçaram cada vez mais a necessidade por novas mercadorias e serviços, aspectos próprios do capitalismo industrial (Indústria Cultural e Cultura de Massa – Adorno e Horkheimer - 1985). As guerras mundiais arrastaram milhões de homens para o front de batalha, deslocando milhões de mulheres para as vagas deixadas por seus maridos e filhos.

O mundo antes circunscrito, localizado perifericamente, em que as tradições eram mantidas preservadas pelo isolamento geográfico, foi rompido pela

globalização<sup>84</sup>. Visando uma abordagem prática, uma das definições de globalização que é relevante destacar é a de Held (1997, p.42-44), que define globalização como:

“a expansão e o aprofundamento de relações sociais e de instituições através do espaço e do tempo, de forma que as atividades quotidianas se encontram cada vez mais influenciadas por ações e acontecimentos que têm lugar no outro lado do globo, e por outro lado, as práticas e decisões dos grupos e comunidades locais podem ter importantes repercussões globais”.

O autor destaca a capacidade em que as sociedades micro ou macro, em caráter global exercem – em maior ou menor grau, influências e também são influenciadas. O fenômeno provoca o enraizamento de conjunturas sociais heterogêneas em escala temporal e espacial, onde a família sofre o desfecho final dessas influências dinamicamente globais. Como descreve Lemos (2018, p. 89):

Estão em curso novas formas de organização da família. O casamento tornou-se menos central na conformação da vida das pessoas, diferentemente do que ocorria em um passado recente, por vezes caracterizado pelo preconceito em relação às pessoas que não se casavam.

É possível perceber que as mudanças chegaram efetivamente nos núcleos familiares, em que os indivíduos ganharam mais flexibilidade e autonomia diante dos possíveis caminhos, anteriormente padronizados, como afirma Gilles Lipovetsky (2004, p. 8-9; 23): *“A pós-modernidade representa o momento histórico preciso em que todos os freios institucionais que se opunham à emancipação individual desaparecem, dando lugar à manifestações dos desejos subjetivos, à realização individual, ao amor-próprio”*.

Mas apesar das profundas transformações que desconfiguraram, em certa medida, o modelo de família tradicional, algo se manteve – pelo menos nas falas dos familiares, a importância fundamental da família como referência de apoio, proteção e abrigo. Como exclamam estes parentes: *“Meu filho, nessas horas somente Deus e a família, par gente encontrar proteção”*. Afirma a senhora Maria das Graças (mãe). *“Sem a minha família eu não tenho e não sou nada nessa vida”*, reforça o senhor Joaquim Alves (pai).

---

<sup>84</sup> “A globalização é muitas vezes tida como fenômeno econômico, embora este ponto de vista seja demasiadamente simplista. A globalização resulta da conjunção de fatores sociais, políticos, econômicos e culturais. É conduzida sobre tudo, pelos avanços nas tecnologias de informação e comunicação, que intensificam a velocidade e a amplitude da interação entre as pessoas em todo o mundo”. (GIDDENS, 2004, p.75).

O signo familiar possui uma estrutura importante na dinâmica da crise existencial. Compartilhar a dor é uma forma de suportar o peso da massa crítica provocada pela morte repentina e colossal do ente amado. Tocar, olhar, conversar, ficar do lado, mesmo que calado, neste momento de sofreguidão, contribui efetivamente para reconstruir o quebra-cabeça da existência, abalado pela perda. O simples saber da existência do outro que faz parte do interior da corda que envolve a todos. A presença do outro que também enfrenta a dor da morte, estreita o cordão que enlaça a família, sendo o veneno da morte experimentado na corrente sanguínea de todos, pois a dor da morte é compartilhada na intimidade dos laços familiares.

Bauman questionando a crise de confiança na Modernidade Líquida expressa a necessidade de os humanos terem em quem confiar. É bastante assustador se proteger sob uma laje de concreto que ameaça cair a qualquer momento. Desta feita, segundo Zygmunt Bauman (2004, pp. 117, 118):

As 'expressões' imediatas da vida' são disparadas pela proximidade, ou pela presença imediata de outro ser humano – fraco e vulnerável, sofrendo e precisando de auxílio. Somos desafiados pelo que vemos. E desafiados a agir – a ajudar, defender, trazer alívio, curar ou salvar.

Eis um dos principais papéis atribuídos à família: estabelecer sentido ao caos, promover, irmanamente, o alívio das dores, a cura e a salvação daqueles que ficaram, sem poder fazer nada por aqueles que se foram, além de preservar as suas memórias e suas vidas eternas<sup>85</sup>. As estruturas capazes de direcionar firmemente o leme do barco para águas seguras estão a serviço dessas pessoas que não se encontram perdidas, pois alcançam nestes referenciais (Fé, Deus e Família), os principais instrumentos de navegação. Diante da morte, a fé na vida, em Deus e na família, consiste em uma *“fonte de consolação, não somente no meio das tribulações e humilhações, mas também na dor da perda de pais e amigos”* (TANQUEREY, 2018, p. 473).

---

<sup>85</sup> “Não somos daqueles que se entristecem sem esperança; sabemos que a morte é apenas um sono, logo seguida pela ressurreição, e que trocamos uma residência temporária por um morada eterna. (TANQUEREY, 2018, p. 473-474).

### 3.4 O PORQUÊ DA MORTE E A FUNÇÃO DA MEMÓRIA

Ficou um tanto impressionada com o fato dele ter adormecido tão depressa e que conseguisse dormir daquele jeito, sentado tão reto e imóvel; quase não dava para ouvir a sua respiração. O rosto estava pálido e severo, mas como que inteiramente congelado, imóvel; tinha o sobrolho um pouco levantado e o cenho franzido; terminantemente, parecia uma figura de cera, sem alma. Ficou uns três minutos a observá-lo respirando com dificuldade, e de repente o medo a assaltou; saiu na ponta dos pés, parou à porta, benzeu-o às pressas e afastou-se sem ser notada, com uma nova sensação pesada e uma nova angústia (DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 231).

Antes de adentrar as profundezas da temática morte, sempre faço uma solicitação bastante natural e inegociável aos meus estudantes: “*morram, morram, pois se não morrerem ficarei deverás preocupado*”. Morrer é tão natural como nascer, afinal o ciclo e o equilíbrio da vida devem ser realizados para que o conjunto sistêmico se mantenha em ordem. O não morrer físico seria uma espécie de anomalia, de um câncer metastático que promoveria a ruína sistêmica da Vida. Portanto a morte é um fenômeno muito bem vindo, na perspectiva da manutenção saudável do existir. Reforçando o que já foi dito anteriormente.

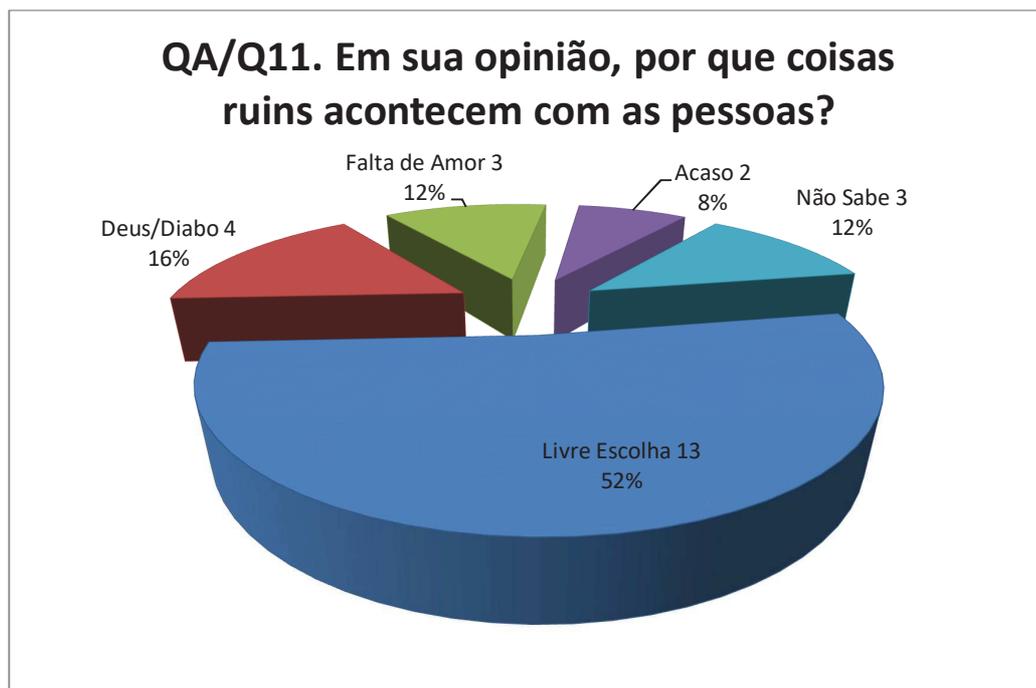
Todavia o problema não é a morte natural<sup>86</sup>, ou causada por algum tsunami, terremoto ou mesmo qualquer forma de patologia ou infortúnio imprevisível que ocorre sem a intenção ou ação humana. A grande questão se vincula às mortes que poderiam ser evitadas, mas que não são. O imensurável problema consiste no morrer que contraria a ordem natural, a morte que retira qualquer chance de a vida manter seu saudável equilíbrio. O magnânimo mal, gerador da desordem, da dor e do sofrimento é a morte não evitada.

Em (QA/Q11) Em sua opinião, por que coisas ruins acontecem com as pessoas? Os familiares responderam de maneira diversa, permitindo um enriquecedor espaço para as reflexões sobre o porquê das mortes de seus parentes.

<sup>86</sup> Conceito Médico-Jurídico de Morte: "Tratando-se de processo evolutivo, pode-se distinguir a morte do morrer. Enquanto ela é o final da vida, este é a sua progressão no organismo. Tal período é conhecido como agonia e temido pelo sofrimento que geralmente o acompanha. A essência da morte está na ativação da catepsina, ocorrida pela ausência de oxigênio, ou seja, pela anóxia. A diminuição de oxigênio determina autólise, ou seja, sua autodigestão e, assim, a morte. Inicialmente, morre a célula, depois o tecido e, a seguir, o órgão; trata-se de um fenômeno em cascata. Estabelecido o processo, ele pode atingir os órgãos, dos quais depende a vida do indivíduo, os chamados órgãos vitais. Desta forma, desencadeia-se a parada da respiração, do coração, da circulação e do cérebro". (Jornal da USP, 3 a 9 de março de 1997, p.2). Fonte: <https://www.passeidireto.com/arquivo/34113419/artigo-conceito-medico-forense-de-morte>. Disponível em 20 de setembro de 2018.

No gráfico abaixo é possível ter uma visualização percentual do que disse cada entrevistado.

GRÁFICO 24



De todos os entrevistados, treze afirmaram que coisas ruins acontecem com as pessoas devido a livre escolha das mesmas; quatro indicaram as deliberações de Deus ou do Diabo; três apontaram a falta de amor; outras três disseram não saber responder e duas pontuaram o acaso como causador do mau caminho. Esses indicadores podem ser esclarecidos devido ao perfil da maioria das mortes, neste caso homicídios (dezenove no total). De acordo com os depoimentos dos parentes, os jovens tinham sido alertados inúmeras vezes sobre o caminho que haviam tomado. Alguns tinham sido presos e cumprindo alguma forma de privação da liberdade, como menores ou maiores de idade. As famílias sabendo do perigo, já estavam cientes dos riscos enfrentados pelas vítimas da violência. Essas expressões podem ser notadas nos argumentos da senhora Maria de Fátima, mãe, respondendo a (QA/Q11):

Muita das vezes a própria pessoa procura as coisas ruins, um caminho perigoso, cheio de armadilhas. Se a gente puder evitar ao máximo né, muitas coisas são evitáveis. Você só é atacado pelo leão se você chegar perto dele, não é mesmo? Eu acredito que muita das vezes as companhias que a gente escolhe. Ninguém é obrigado a escolher uma companhia perigosa para andar junto pelas ruas, né. A escolha é da gente, sabe! Filho que não olha pros conselhos dos familiares, do pai e da mãe acaba sofrendo, inclusive com a morte.

Contudo quando o familiar enfrenta a morte violenta de uma filha, vítima de feminicídio, seu olhar difere do anterior, pois a morte de seu amado rebento foi provocada por quem deveria cuidar e defender, por aquele que trocou o amor pela violência assassina. Como desabava o senhor Florisvaldo da Silva: *“O mundo tá tão destruído pelas pessoas ruins que as pessoas boas não têm chances de sobreviver. É o que vemos, né. As pessoas boas estão sufocadas pela maldade do mundo”*. *“Falta de amor, falta de amor! Sem Deus só sobra ódio”*. Complementa Maria da Silva, mãe de outra vítima de feminicídio.

Outros creem que forças metafísicas são capazes de provocar direta e indiretamente a morte de seus familiares. Como dito acima, quatro familiares afirmaram que coisas ruins podem ser geradas por forças transcendentais. De acordo com José Maria: *“Tudo que acontece, acontece pela vontade de Deus. Se alguma coisa ruim acontece, até mesmo a morte é porque Deus quis. Ele sabe o que faz”*. A relevância demoníaca não fica atrás, no que diz respeito às causas de mortes. *“Tem uma guerra entre o bem e o mal, se ocê se aproximá do mal, os espírito entra em sua vida, aí ocê tá perdido. O mal só faz ocê fazê coisa ruim, até fazê ocê matá e morré”*. São as palavras de Maria Sebastiana, tia de uma vítima de homicídio. *“O demônio ronda a gente toda hora, pra vê se a gente cai na armadilha dele. Se a gente não seguiu o caminho de Deus, já viu”*. Reforça Maria Aparecida, mãe.

Como todos entrevistados confessaram a fé cristã, não foi de se estranhar o pecado ser uma figura importante nas respostas. A culpa esteve presente de forma explícita e nas entrelinhas. O sentimento de culpa dos que ficaram, por não terem feito mais do que fizeram. O sentimento de culpa colocado sobre as vítimas, por terem flertado com a morte, de alguma forma. Contudo devo alertar que flertamos com a morte, todos os dias, mesmo tomando todas as precauções para evitá-la. A culpabilização, segundo Delumeau (2003) é uma característica do mundo ocidental,

principalmente entre os séculos XIII e XVIII, mas devo dizer que esse sentimento ainda sobrevive fortemente no século XXI.

Meu livro não deve, portanto, ser compreendido como uma recusa da culpabilidade e da necessária consciência do pecado. Em compensação, eu creio que ele fará sobressair a presença de uma pesada “superculpabilização” na história ocidental. Entendo por “superculpabilização” todo discurso que maximiza as dimensões do pecado em relação ao perdão. É essa desproporção – e somente ele – que fornece a matéria da presente pesquisa. (DELUMEAU, 2003, p. 15).

Atualmente o processo de culpabilização ganha espaço no discurso mais combativo das igrejas renovadas. “*Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor*” (ROMANOS, 6, 23). Essa é uma das frases mais pronunciadas nas homilias das igrejas neopentecostais, principalmente a primeira parte (*o salário do pecado é a morte*). A mesma não ficou distante das respostas dos familiares. Como disse Henrique de Souza, pai: “*Viver no pecado leva a pessoa para a morte*”. Importante notar a segunda parte da frase: “*o dom gratuito de Deus é a vida eterna*”. Essa também pode ser vislumbrada, em muitas exclamações dos parentes, como a expressa pela mãe de uma vítima: “*Só em Deus podemos encontrar a salvação nessa terra e depois da morte*”.

Ademais quais são os mecanismos utilizados pelos familiares para manter viva a memória dos mortos? A memória é sem refutação um tradicional meio para que se possa preservar a identidade do que somos, tanto como indivíduos, tanto como grupo sociocultural. As marcas primitivas dispostas em sítios arqueológicos, a transmissão oral que preservava as memórias ancestrais, os primeiros registros escritos (escrita cuneiforme), entre tantos outros meios que a humanidade desenvolveu para que o passado não fosse dissolvido pelo aspirar do tempo. Sobre a relevância desse fundamental instrumento, destaca Le Goff:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (LE GOFF, 2013, p.435, destaque do autor).

Atualmente, devido ao acelerado avanço tecnológico, é possível produzir centenas de imagens dos amigos, parentes, colegas, bicho de estimação, uma pitoresca características da sociedade do “ver e ser visto”. Os smartphones trazem câmeras cada vez mais avançadas, contribuindo com a dinâmica sociedade digital. Mas nem sempre essa facilidade esteve nas mãos dos indivíduos. No século XIX era muito raro possuir uma fotografia<sup>87</sup> de um ente amado, muitas pessoas morriam sem ao menos terem sido registradas por meio da pintura e/ou fotografia, esses processos eram muito caros para a maioria da população.

Na Inglaterra Vitoriana (1837 – 1901), um hábito que para muitos pode parecer bizarro, mas que na época foi muito importante para a preservação da memória dos parentes mortos. Fotografar filhas, filhos, irmãos, famílias inteiras que haviam morrido repentinamente se tornou a única forma de ter um registro do ente falecido. Abaixo é possível vislumbrar duas irmãs que certamente não tinham sido fotografadas juntas, ainda em vida. Uma das irmãs faleceu subitamente e a única maneira de preservar a sua imagem, aparentemente viva, foi produzir mecanismos para que a mesma parecesse viva, mesmo estando morta. As duas irmãs (a viva e a morta) foram colocadas lado a lado, sendo a imagem<sup>88</sup> registrada para a preservação da memória.

---

<sup>87</sup> A fotografia foi recebida como o grande método de reprodução da realidade exterior, e sua importância e abrangência, bem como o interesse despertado, podem ser evidenciados com os diversos aparelhos e instalações anteriormente desenvolvidos na busca desse objetivo. Para apresentar e explicar as descobertas e inovações técnicas no campo da ótica entre 1800 e 1860, Buddemeier traça uma linha evolutiva dos principais inventos relativos à fixação de imagens do século XIX (1970), entre eles o panorama (figuras de grandes dimensões, obtidas com ajuda de *camaras obscuras*, que pretendiam oferecer ao público uma visão de 360° a partir de um mesmo ponto de observação) e o diorama (método muito mais complicado que o panorama e que tinha como característica e objetivo básicos a busca pela inserção do movimento nas obras através de efeitos de iluminação direcionadas a figuras estáticas). Diversas publicações da época acerca desses e outros meios de expressão registraram as polêmicas sobre a inserção de processos técnicos de cópia e reprodução na arte, questionando muitos aspectos da arte em geral, desde seu conceito clássico de *imitatio naturae*, passando pela revisão de conceitos como estética, cópia e semelhança, até a obra de arte no sentido tradicional de trabalho realizado por um artista que expressava nele sua individualidade. (BUDDEMEIER, Heinz. *Panorama, Diorama, Photographie: Entstehung und Wirkung neuer Medien im 19. Jahrhundert: Untersuchungen und Dokumente*. München: Fink, 1970. p. 52-64).

<sup>88</sup> Fotografar parentes e amigos depois de mortos pode parecer algo mórbido nos dias de hoje. Mas na Era Vitoriana britânica (1837-1901), fazer imagens dos falecidos - e até mesmo juntar-se a eles no registro - era uma maneira de homenageá-los e de tentar arrefecer a dor da perda. (BBC News).

ILUSTRAÇÃO 12 – Retrato dos Mortos<sup>89</sup>

No fechar das cortinas da segunda década do século XXI, as imagens de si e dos outros estão substituindo “perigosamente” a presença física e calorosa dos seres amados. *“A qualidade dos encontros humanos pode sofrer bastante se a realidade virtual vivida for buscada unilateralmente pelo gozo, pelo esquecimento que pode proporcionar”*. (MOREIRA, 2012, p. 121). Alberto Moreira alerta não somente para o afastamento, o isolamento e o esquecimento gradual das e entre as

---

<sup>89</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/geral-36461785>

pessoas, mas também para as manipulações invisíveis do mercado que utiliza tão bem os meios digitais.

Contudo a necessidade de preservar a memória do morto se concentra também das mídias sociais. Os chamados “cemitérios virtuais” estão há cada dia sendo mais e mais utilizados. O próprio *facebook*<sup>90</sup> possui um encaminhamento que dependendo da solicitação dos familiares, pode transformar a conta do falecido ente amado em uma *conta memorial*, uma forma de manter o morto no mundo virtual dos vivos. Diz Delumeau (2003, p. 490): “À *esperança de uma perfeita comunicação entre os habitantes da cidade celeste acrescenta-se hoje, entre os que recusam o niilismo escatológico, a convicção – ou o desejo? – de que aqueles que amamos permanecem próximos de nós depois da morte*”.

Frente a tantas tecnologias digitais, ainda insiste em viver, de forma latente, o olhar encantado dos familiares que acolhem a morte violenta dos seus, em arcabouços de culpa, medo, pecado e redenção. Dizendo com outras palavras o que foi afirmado acima. A religião é para o familiar o encontro com um discurso coerente, seguro – esclarecedor. Uma forma eficiente de compreender muito do que não é tão fácil de ser assimilado.

Compreender e encaixar a morte, no fluxo da existência, são importantes mecanismos de defesa, mas não são os únicos. No ambiente do IML, poucas horas ou minutos depois, da comunicação da morte ao familiar, não é possível processar adequadamente as dores que dilaceraram as carnes que salgadas secam ao sol. Muitos ainda estão em uma espécie de suspensão, perplexos, incrédulos diante do ocorrido. Uma mãe que não pude entrevistar, devido ao seu alterado estado emocional, gritava desesperadamente pelo salão do instituto: “*Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Meu menino não, não é meu filho, não é meu filho! Meu garoto não tá morto! Meu garoto não tá morto! Meu garoto não tá morto!*”. A voz da mãe timbrava em som metálico, cortando o ar denso e frio, como uma navalha. Confesso que esse estribilho fez tremer meus ossos em uma torrente de calafrios.

Apesar e diante dos soluços, o familiar começa o processo, paulatino, de preservação da memória daquele que morreu. O verbo que outrora era conjugado

---

<sup>90</sup> Quando uma pessoa falecer, transformaremos a conta dela em memorial se um familiar ou amigo nos enviar uma solicitação. Lembre-se de que a transformação em memorial é uma decisão importante. Se você não é um parente ou amigo próximo da pessoa que faleceu, recomendamos entrar em contato com a família da pessoa antes de solicitar a transformação em memorial. (FACEBOOK, 2019). Disponível em 10 de Dezembro de 2018.

no presente, agora precisa ser conjugado no passado. A trajetória do parente, seu nascimento – seus projetos e sonhos já não são mais possíveis. A história de vida chegou ao fim, portanto é preciso reescrevê-la – a partir de um novo capítulo inaugurado com a morte.

Paul Ricoeur em uma conferência proferida em março de 2003, na cidade de Budapeste sob o título *“Memory, history, oblivion”* no âmbito de uma conferência internacional intitulada *“Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism”* nos alerta:

Confrontada com tal enigma, a memória não deixa de ter recursos. Desde Platão e Aristóteles, falamos da memória não só em termos de presença/ausência, mas também em termos de lembrança, de rememoração, aquilo que chamavam *anamnesis*. E quando essa busca termina, falamos de reconhecimento. É a Bergson que devemos o ter recolocado o reconhecimento no centro de toda a problemática da memória. Em relação ao difícil conceito da sobrevivência das imagens do passado, seja qual for a conjunção feita entre as noções de reconhecimento e de sobrevivência do passado, o reconhecimento, tomado como um dado fenomenológico, permanece, como gosto de dizer, uma espécie de “pequeno milagre”. Nenhuma outra experiência dá a este ponto a certeza da presença real da ausência do passado. Ainda que não estando mais lá, o passado é reconhecido como tendo estado.

Talvez seja um dos maiores desafios enfrentados pelos familiares. O de se defrontar com a ausência daquele que a pouco se fazia presente. A transposição do presente para o passado. A preservação do ser, da escrita histórica do ente amado nas memórias dos que ficaram. A voz corajosa da mãe de uma vítima de suicídio expõe a fortaleza triste e bela que a morte pode propiciar: *“Nunca vou esquecer o sorriso da minha filha”*.

Ricoeur (2012, p. 8) faz vários questionamentos sobre como proceder mediante a morte. Como compreender a morte do outro e de que maneira é possível estabelecer um lugar, na vida dos vivos, para que o morto continue existindo. *“Há primeiro o encontro da morte de outro ser querido, de outros desconhecidos. Alguém desapareceu. Uma questão surge e ressurgue obstinadamente: ele ainda existe? Onde? Em que outro lugar?”* Certamente a memória é um lugar sagrado para preservar a identidade dos mortos que, respondendo à Ricoeur, vivem por inteiro nas lembranças dos vivos.

### 3.5 PLANOS DE DEUS, DESTINO E AUTONOMIA

Noite pariu hediondo Lote, Sorte negra e Morte, pariu Sono e pariu a grei de Sonhos. A seguir Escárnio e Miséria cheia de dor. Com nenhum conúbio divina pariu-os Noite trevosa. As Hespérides que vigiam além do ínclito Oceano belas maçãs de ouro e as árvores frutíferas pariu e as Partes e as Sortes que punem sem dó: Fiandeira, Distributriz e Inflexível que aos mortais tão logo nascidos dão os haveres de bem e de mal, elas perseguem transgressões de homens e Deuses e jamais repousam as Deusas da terrível cólera até que deem com o olho maligno naquele que erra. (HESÍODO, 1991, p. 94).

Em sua obra Teogonia – a origem dos deuses, Hesíodo descreve o nascimento, o poder, o local e a função de cada divindade grega, suas relações, conflitos, filhos, desdobramentos. Em “Os filhos da noite” é possível observar o quão os gregos temem a noite e a comparam à morte. Augusto Comte nomeia essa fase, do processo de evolução humana, de Fase Teológico-Militar. Neste contexto o ser humano crê que sua existência, sua boa ou má sorte, sua linha da vida, seu destino dependem absolutamente da vontade dos deuses. Em exemplo caro desse comportamento é o Deus Moro (Destino). Trata-se de uma divindade tão poderosa e misteriosa que até os deuses mais poderosos, como Zeus, estão submetidos aos seus desígnios.

É relevante observar que apesar dos gregos acreditarem em uma religião politeísta, em que os deuses se assemelhavam muito com os humanos em seus comportamentos. Apesar do transcorrer de mais de dois milênios separarem os gregos do passado desse contexto da modernidade líquida, o familiar brasileiro, em sua maioria goiano, possui comportamentos que se aproximam dos velhos gregos.

Em (QA/Q5) Você acredita em algum Plano de Deus para as nossas vidas? Apenas um familiar afirmou negativamente, dizendo: “*Cada um faz o seu caminho. O plano é feito por cada pessoa, certo?! Deus é bom! Ele não manda ninguém ir para o perigo, mas tem gente que acaba escolhendo o errado*” (Francisco Oliveira, tio). Os demais vinte e quatro entrevistados seguiram o caminho inverso do senhor Francisco. Pelo menos no que diz respeito a essa questão.

É comum, nas sociedades tradicionais, a figura do pai (patriarcalismo) ter as rédeas dos destinos dos filhos, desde a profissão ao casamento. Cabendo aos filhos obediência plena diante desse poder. É evidente que a sociedade reflete o céu e o céu reflete a sociedade. A simbologia do pai cuidador dos destinos faz parte do conjunto milenar dos arquétipos que regem as crenças e comportamentos humanos.

O poder dessa simbologia sistemática, reguladora, dotada de criteriosa organização pode ser observada na descrição do senhor Augusto Gomes, pai: “Ah, claro, claro que sim, acho que Deus<sup>91</sup> coloca na Terra as pessoas já com seu mapa de vida criado, acho que nada chega na Terra sem já ter sua definição de quando vai começar e quando vai terminar”.

Mas qual é a resposta majoritária, dos familiares, que atribui sentido a existência, as alegrias, as dores e aos sofreres de cada ser humano? É possível destilar de todas as respostas essa sentença: Os planos de Deus são perfeitos, para os seus filhos, mas o livre arbítrio pode contrariar a vontade desse deus e prejudicar a criatura desobediente. Como argumenta Maria Francisca:

*Então, todo mundo tem um plano perfeito feito por Deus, é claro que quando Deus coloca a gente na Terra, Ele te dá livre arbítrio, daí cada um escolhe o que você vai criar, infelizmente muita gente escolhe errado. Se todo mundo seguisse os planos de Deus, não havia sofrimento na terra, você entende?*

Nesse momento já é possível problematizar os processos de autonomia do ser humano, mas é preciso observar, primeiramente, os familiares que atribuíram sentido ao destino, como força determinante em suas vidas e nas vidas daqueles que acabaram de falecer. Respondendo a (QA/Q6) Você acredita no Destino? Justifique. Dezenove parentes afirmaram acreditar que o destino possui determinações sobre a vida de qualquer pessoa, atribuindo forças metafísicas ao “Deus Moro”, tal quais os gregos antigos. “Sim, eu acredito no destino. Cada pessoa tem o seu. Uns nasce para sofrer, ser pobre, ter uma doença e uma morte, sabe, complicada. Mas outras pessoas nascem e são felizes, têm uma vida boa”. (Cláudio Assunção Figueiredo, tio).

Cândido, ou O Otimismo (2012), obra de Voltaire, de 1759, retrata o olhar otimista do personagem central (Cândido). Sua forma colorida, ingênua e plácida de ver o mundo. Mas a acidez de Voltaire não permitiria que esse herói, embriagado pela filosofia de Leibniz, permanecesse feliz em seu castelo de delícias, pois a vida de cada gente não é o “melhor dos mundos possíveis”.

---

<sup>91</sup> Quase sempre nos perguntamos pelo por quê. É assim nas culturas tradicionais, é assim também nesta obra através da representatividade dos chamados ‘amigos de Jó’. Para estes, discutem-se as causas, as motivações, donde vem e quem está na origem do sofrimento de Jó. Jó, ao contrário, questiona-se sobre o sentido, o fim do processo e não sobre a sua gênese. Para onde nos conduz o sofrimento? Quais as possibilidades de olhar a Deus, esperar e crer n’Ele para além da experiência da dor e da angústia? (LOURENÇO, 2006, p. 84).

Criticando o filósofo Leibniz, na figura do mentor (Pangloss) de Cândido, a novela de Voltaire tem como pano de fundo, tragédias reais como o terremoto de Lisboa e a Guerra dos Sete Anos. Os sabores enfrentados por Cândido é uma forma acida, porém realista que o iluminista francês encontrou para dizer a todos, que a existência é repleta de momentos tristes, com algumas alegrias dispersas, como as cerejas de um bolo. Contudo, reforçando o princípio de autonomia, destacado pela maioria dos entrevistados, alerta Voltaire, no final de sua obra: “(...) *il faut cultiver notre jardin.*”

“*Devemos cultivar nosso jardim.*” Eis a resposta de Cândido ao seu mentor Pangloss. A mensagem de Voltaire é clara, pois não é possível esperar que uma terra floresça em jardins se o indivíduo não se ocupa em plantá-los, cuidando de suas flores e combatendo as ervas nocivas que nascem e crescem sem qualquer olhar cuidadoso desses agricultores de vidas. Esse olhar ativo que responsabiliza os indivíduos, atribuindo aos mesmos a tomada das diretrizes da existência, das posturas e das determinações dos destinos se destacou nas falas dos entrevistados, como é possível observar no comentário do senhor Augusto, sobre as características do destino e do poder da autonomia humana.

O Destino é relativo, depende da janela de visão que a pessoa quer olhar. Se a pessoa olhar por uma janela estreita, o destino é, digamos infalível, porque a pessoa só vê somente uma pequena parte, tá? Agora se você ampliar a sua visão, se você enxergar o todo, a história é outra. Daí você pode controlar o seu destino, ele não é mais infalível. Mas se você olhar pequeno, você vai ver pequeno aí o destino vai dominar a sua vida. (Augusto José, tio).

Contudo, para o familiar, da mesma forma que Deus ou o destino dão – ao ser humano, um plano pronto, perfeito ou imperfeito, cabe ao indivíduo através da sua livre escolha, acabar traçando outro plano para a sua vida. Acertado ou não, correto ou errado, positivo ou negativo, o homem é livre para escolher, sendo que, às vezes, certas escolhas são fatores determinantes para sua morte violenta, como argumenta Maria Clementina, mãe:

Sim, mas eu acredito que tem dois caminho, um que leva para um lugar certo e bom e outro que leva para um lugar errado e que causa o mal. Mas quem escolhe é você, entende? Por isso você colhe o que planta. Meu filho tá aqui hoje por causa disso, do caminho que ele seguiu.

Quando a prole ainda executa seus primeiros passos na face da terra, as atenções e cuidados dos responsáveis possuem certo controle sobre os pequenos. As crianças estão sob o guarda-chuva protetor dos pais, mas, ainda assim, qualquer descuido pode custar caro. Muitos acidentes ocorrem com crianças, demonstrando que a vida é cercada de perigos que se revelam na panela quente, no balde cheio de água, na piscina descoberta, no medicamento deixado sobre o balcão, na arma guardada com descuido. Apesar de todo amparo e atenção, os filhos crescem e começam a escolher seus caminhos, amizades, lugares, alimentos, relacionamentos, enfim, desenhar com seus próprios traços as suas vidas. Longe dos olhares parentais cada qual é lançado à própria sorte, aos desígnios divinos, ao destino ou aos resultados de suas próprias escolhas? *“Quando ele era criança eu dizia e ele obedecia, depois de grande ele nunca mais me ouviu”* (Maria Pereira, mãe).

Nas entrevistas se apresentou muito fortemente o princípio de autonomia em relação às escolhas humanas, em âmbito geral. Mesmo destacando os planos de Deus, a força do destino ou mesmo as influências de algum espírito maligno, os parentes reafirmaram que a escolha final cabe aos seres humanos. Essa afirmação pode ser observada no gráfico abaixo:

GRÁFICO 25



Contudo as deliberações da existência não parecem tão simples. As escolhas diárias que marcam as trajetórias? Ir para a esquerda ou para a direita? Fazer ou

não fazer, estudar ou abandonar a escola, determinar as amizades, ou escolher os amores ou os desamores que poderão por fim a tudo? Será o livre arbítrio um domínio verdadeiramente humano? O indivíduo está realmente no comando da sua vida? Apesar da maioria dos familiares responderem afirmativamente a (QA/Q8), em outras respostas, o familiar também descreveu o poder das influências sociais, das péssimas estruturas dos bairros, da falta de emprego, escola e moradia, da insegurança vivenciada no município, da violência no trânsito, da cultura da violência contra a mulher, entre outros fatores que somam e determinam o agir humano.

De origem grega o termo autonomia (*αὐτόνομος*) é integrado, etimologicamente, por um adjetivo pronominal “*αὐτο* – *de si mesmo*” (que significa dizer: “*o mesmo, ele mesmo e por si mesmo*”) e pelo substantivo “*nomos* – νόμος - lei” (que quer dizer: “*instituição, convenção, lei*”). Deste modo, autonomia pressupõe a capacidade do ser humano de executar suas próprias leis (autonomia – fazer suas próprias leis). Capacidade de pensar livremente, tomar decisões e agir em conformidade com o pensamento próprio, independente. Portanto o ser autônomo é aquele que possui a capacidade de tomar suas próprias decisões e escolhas, isto é, se autolegislar.

Contrariamente a heteronomia (termo cunhado por Kant em sua obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” no ano de 1785), significa dependência, submissão, obediência a outrem. Sejam a outros indivíduos, instituições, regras, normas, leis que são exteriores ao próprio sujeito que se submete a elas. Kant considera a heteronomia necessária para a garantia e manutenção do Estado de Direito. Os contratualistas são unânimes em afirmarem que a adoção do Estado Civil (regulamentado por leis coletivas), necessitou que cada indivíduo abandonasse suas leis individuais, em nome de uma vontade conjunta, isto é, a submissão de todos à lei geral (princípio de heteronomia).

Não obstante, Kant alerta que a heteronomia não deve ser cega, ou seja, cumprir regras, obedecer a leis sem pensar, sem posicionamento crítico, sem reflexão e problematização. A essa atitude o filósofo chama de menoridade.

Seria muito prejudicial se um oficial, a quem seu superior deu uma ordem, quisesse pôr-se a raciocinar em voz alta no serviço a respeito da conveniência ou da utilidade dessa ordem. Deve obedecer. Mas razoavelmente, não se lhe pode impedir, enquanto homem versado no assunto, fazer observações sobre os erros do serviço militar, e expor essas observações ao seu público para que as julgue (...). Do mesmo modo

também o sacerdote está obrigado a fazer seu sermão aos discípulos do catecismo ou à comunidade, de conformidade com o credo da Igreja a que serve, pois foi admitido com essa condição. Mas, enquanto sábio, tem completa liberdade, e até mesmo o dever, de dar conhecimento ao público de todas as suas ideias cuidadosamente examinadas e bem-intencionadas, sobre o que há de errôneo naquele credo, e expor suas propostas no sentido da melhor instituição da essência da religião e da Igreja (KANT, 2010, p.66-67).

Mas é bastante temeroso exigir de um familiar, vítima da violência, que ele tivesse alcançado a maioridade, que ele tivesse dito discernimento de suas escolhas. Que ele, antes de sua morte brutal, tivesse tomado providências para ter evitado o pior. Não é o caso responsabilizar e/ou culpabilizar a vítima. Uma morte violenta ocorrer por um conjunto de fatores, muito complexos para serem compreendidos facilmente. Principalmente se a vítima não teve oportunidades adequadas em sua curta trajetória. Como é o caso da maioria das ocorrências assistidas pelo Instituto Medico Legal. Falo das estatísticas de guerra que perfazem os casos de homicídio na Grande Goiânia e no Brasil. Os familiares que ficaram enfrentam uma situação caótica, repleta de instabilidades, inseguranças e ameaças. Como relata Maria do Perpétuo Socorro, mãe: *“Meu Deus! É o meu segundo filho que morre assassinado. O outro morreu faz, exatamente, dez anos.”* Como essa mulher é capaz de assimilar dois golpes no intervalo de dez anos? Como essa mãe pode se manter segura, olhar para seus outros dois filhos e ter confiança que eles não terão a mesma sina cruel dos irmãos.

Os familiares, cada qual com sua dor, contribuíram com a revelação de algumas importantes imagens sobre a própria dinamicidade da vida. Os planos de Deus rementem a segurança, a estabilidade, a proteção – a consciência da existência de um abrigo seguro para que a criatura se resguarde das chamas. A imagem do destino, que mesmo poderoso e aparentemente inexorável é capaz de aceitar negociações, mudanças nas trajetórias de cada existir. As fotografias da autonomia e da heteronomia – dois termos característicos da espécie humana, a única que é verdadeiramente livre para poder escolher suas próprias prisões (Sartre), mas que nem sempre se encontrar capacitada para esse fim.

Condenados a própria liberdade – geradora de angustias e incertezas – caminham os familiares, tentando compreender o porquê dessa situação. Encontrar respostas plausíveis e continuar existindo e persistindo em seus viveres banhados de dores, cada idiosincrasia tateia os limites dos sentimentos aflorados. Para

compreender esse quase obscuro caminho é preciso refletir e problematizar sobre a religião e o sentido da dor e da morte para essas pessoas que dialogam com a indesejada das gentes tão intimamente.

### 3.6 O SENTIDO DA DOR E DA MORTE

Minha vida morrer junto com a vida do meu filho! (Maria de Jesus).

Colapso total quando a morte atinge alguém a quem amamos – um pai, mãe ou parceiro de matrimônio, um irmão ou irmã, um filho ou parente próximo. Nossas esperanças, desejos e prazeres jazem na tumba com ele, não nos consolaremos, não preencheremos o lugar daquele que perdemos. (FREUD, 2010).

Em seu texto “Considerações atuais sobre a guerra e a morte”, Freud aborda as decepções provocadas pelas guerras, em particular a Grande Guerra, conhecida posteriormente por Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918). Freud publicou o texto no ano de 1915, um ano após o início da mesma. Os horrores dos campos de batalha, as trincheiras, o ódio do inimigo e o colapso causado pelos milhares de mortos que assolaram, em especial, a Europa. O vazio dos não-seres que jazem nos campos da morte destruiu os desejos de um continente unificado e de uma paz duradora. A morte da ilusão sepultou em dor a realização concreta de um sonho em que as flores das primaveras pudessem gerar crisálidas de asas azuis no Jardim de Epicuro.

A crise sofrida pelos familiares daqueles jovens soldados que findaram seus planos de vida nas fétidas trincheiras da Primeira Guerra, não é diferente das dores colossais dos familiares entrevistados nesta pesquisa, pois mais do que a morte é a morte violenta de tudo que poderia ter sido, mas que foi impedido, abruptamente, de sê-lo.

É preciso concordar com Freud sobre o grande vácuo que resta quando alguém que ama precisa aceitar a perda do ser amado que acabara de partir, definitivamente, dessa vida, sem ao menos se despedir. Verdadeiramente uma parcela significativa da vida daqueles que ficaram é sepultada em união com o corpo do morto. Repousa na mesa fria do IML, junto ao corpo sem vida um pedaço das existências de cada familiar que não pode mais querer que sua vida seja a mesma,

pois se perde com a morte não apenas a presença dos que se foram, mas uma dimensão significativa de cada vida que preenche os espaços vazios das tumbas. Reconhecer o corpo, participar do velório, enterrar o ser amado é ter que sepultar a si próprio. Ninguém que é amado é enterrado sozinho, jazem com ele as vidas de todos os seus amores.

A última questão abordada na entrevista foi talvez a mais complexa e difícil de ser feita. Ela carrega em si uma factualidade densa, uma presença da dor, do sofrimento, da morte em si que é trazida das áreas abissais à superfície das peles. O incomodo da morte, que já estava ali, como o maior dos incômodos é preciso ser encarado de olhos abertos<sup>92</sup>. Porém o questionamento força um enfrentamento sem rodeios, sem qualquer subterfúgio, sem negociações. A maior dor do mundo precisa ser despida em sua total crueza por meio dessa pergunta direta: Defina em uma palavra: O que você está sentindo agora?

A dor foi a palavra mais evocada, no total correspondeu a 40% dos familiares. Em muitas oportunidades, após o término da entrevista, tive a oportunidade de conversar abertamente com os parentes. Falávamos sobre generalidades que provocaram a morte de seus entes, das circunstâncias que antecederam suas mortes violentas. Em três oportunidades questionei se eles poderiam dizer onde estava doendo, todos afirmaram que não sabiam indicar o local, alguns disseram “*doí na alma*”, mas a grande maioria disse se tratar de “*uma dor insuportável*”. Uma mãe, em especial, relatou: “*É a maior dor do mundo*”.

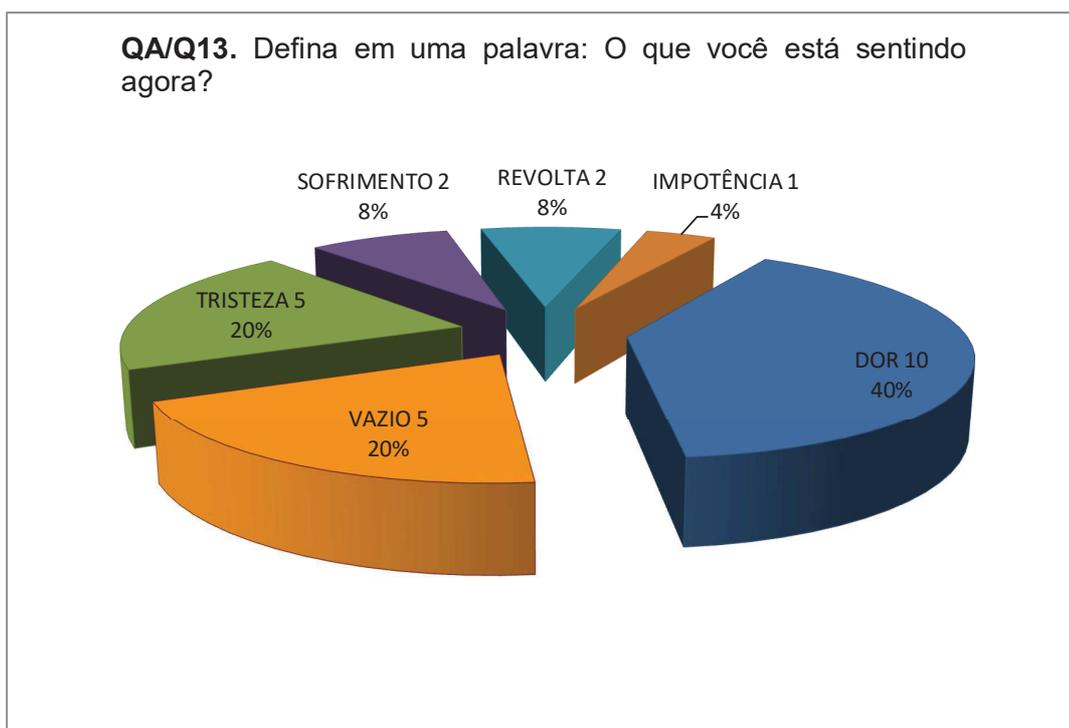
A palavra “vazio” correspondeu a 20% de todos os entrevistados. Essa palavra é muito importante no que diz respeito ao sentimento do familiar, pois responde justamente ao que foi expresso anteriormente: sentimento de perda, de “*um buraco no peito*”, de ter que enfrentar a presença incômoda da ausente do morto (presença-do-ausente). O vazio é tudo que representa o nada, a negativa definitiva, sem revogação, a impossibilidade do talvez e a certeza do nunca mais. A morte é o fim de tudo que era único, singular, insubstituível. A morte é o fim do mundo, com diz Derrida:

---

<sup>92</sup> Não devemos esquecer nunca que também podemos encontrar sentido na vida quando nos confrontamos com uma situação sem esperança, quando enfrentamos uma fatalidade que não pode ser mudada. Porque, o que importa, então, é dar testemunho do potencial especificamente humano no que ele tem de mais elevado e que consiste em transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento numa conquista humana. Quando já não somos capazes de mudar uma situação – podemos pensar numa doença incurável, como um câncer que não se pode mais operar –, somos desafiados a mudar a nós próprios. (FRANKL, 2007, p. 137).

E, diria eu, sem a facilidade de uma hipérbole, o mundo do outro. O mundo depois do fim do mundo. Porque de cada vez, e de cada vez singularmente, de cada vez insubstituivelmente, de cada vez infinitamente, a morte não é nada menos que um fim do mundo. Não somente um fim entre outros, o fim de alguém ou de alguma coisa no mundo, o fim de uma vida ou de um vivente. A morte não põe um termo a alguém no mundo, nem a um mundo entre outros, ela marca de cada vez, de cada vez no desafio da aritmética, o fim absoluto do único e mesmo mundo, do que cada um abre como um só e mesmo mundo, o fim do único mundo, o fim da totalidade do que é ou pode apresentar-se como a origem do mundo para um determinado e único vivente – seja ele humano ou não. O sobrevivente fica então sozinho. Para além do mundo do outro, ele está de certo modo para além ou aquém do próprio mundo. No mundo fora do mundo e privado de mundo. E sente-se pelo menos o único responsável, obrigado a portar o outro e o seu mundo, o outro e o mundo desaparecidos, responsável sem mundo, sem o solo de nenhum mundo, como sem terra para além do fim do mundo (DERRIDA, 2008, p. 16-17).

GRÁFICO 26



A tristeza se expressa sem palavras, a linguagem dos corpos de cada familiar revelava, ao adentrarem a sala do IML, o sentimento, o olhar cabisbaixo, a voz embargada, o constrangimento e a vergonha – uma quase culpa por ter perdido seu parente. Sim, para muitos a morte é uma derrota – um sinal de fracasso – sendo a

tristeza a expressão que mais se opõe ao riso imagético da sociedade do espetáculo<sup>93</sup>.

A morte para aqueles que ficaram faz dos sobreviventes a resistência, a coragem necessária para enfrentar a tristeza de quem “*fica só [...], responsável sem mundo (Weltos), sem solo de nenhum mundo, daí em diante, num mundo sem mundo, como sem terra para além do fim do mundo*” (DERRIDA, 2003:1, p. 23). Não há mais aquele mundo de onde provinha a vida daqueles que jazem nas mesas frias do instituto. As necropsias, as doações de córneas, as burocracias para a liberação dos corpos são os primeiros ritos que dizem que aquele mundo não existe mais (fim-do-ser-amado). E preciso reconstruir um novo mundo, em que o ser-do-morto possa ocupar seu lugar nas lembranças dos vivos, mitigando o sofrimento (morto-porém-vivo)

Dois parentes expressaram a palavra “sofrimento”, outros dois a palavra “revolta” e um a palavra “impotência”. “*O problema do sofrimento recai facilmente no problema do mal, pois se o sofrimento é normalmente muito cruel, embora nem sempre, ele é também considerado moralmente imerecido, pelo menos para o sofredor*”. (GEERTZ, 1989, p. 77). O sofrimento é um fator inerente a qualquer ser – independentemente de sua condição, estado, ser e estar animado ou inanimado. Qualquer coisa ou ser podem sofrer alterações, abalos em suas estruturas físicas, orgânicos, emocionais, mas o único ser que é capaz de dimensionar o sofrimento para uma estrutura da linguagem, comunicar, simbolizar, transcender o sentimento é o ser humano. “*Falar é impossível, mas se calar o seria também, ou se ausentar ou recusar partilhar sua tristeza*” (DERRIDA, 2003:2, p. 101). O sofrimento só não é suportável se não é compartilhado. Eis a importância fundamental, para esses familiares, da fé em Deus, da crença na presença acolhedora da família, da oportunidade terapêutica de falar sobre seus sofreres.

Falar sobre a morte não é apenas um processo de alívio do sofrimento emocional. É uma reintegração, uma retomada da vida sem a vida quem morrera. O diálogo sobre a trajetória, a vida, as relações efetivas mantidas com a vítima. O processo do luto principia com a notícia de morte do ente. O choque, a revolta, a negação da morte, o falar sobre e com o morto são formas de estabelecimento e reordenamento da vida que precisa continuar. Por essa razão

---

<sup>93</sup> Guy Debord – Sociedade do Espetáculo.

é preciso falar do fantasma, até mesmo ao fantasma e com ele, uma vez que nenhuma ética, nenhuma política, revolucionária ou não, parece possível, pensável e justa sem reconhecer em seu princípio o respeito por esses outros que não estão mais ou por esses outros que não estão aí, presentemente vivos, quer já estejam mortos, quer ainda não tenham nascido (DERRIDA, 1994, p. 11).

Viver é dor (Schopenhauer) e a dor aumenta progressivamente quanto maior tenha sido o grau de envolvimento que o familiar mantinha com o morto. Quanto mais as questões que deveriam ser resolvidas foram deixadas para depois, causando remorso nos que ficaram. A vida é dor pelo singelo fato das expectativas, dos projetos e planos a curto, médio e longo prazo serem enterrados pela morte. A vida é dor pelo incomensurável desejo – sofremos por que desejamos, desejamos e por este fator sofremos, dizia o filósofo alemão. Um filho que não poderá ir ao almoço de domingo, uma filha que não vai realizar o sonho da formatura, o irmão que não vai participar da empresa familiar, o pai que não verá o filho crescer. Desejos findados na morte dos que foram e na frustração dos que ficaram. Viver é dor porque nem todos os desejos são possíveis de serem realizados, às vezes, as mortes os interrompem. Viver é dor, pois se não há desejo – se não há projetos, envolvimento, laços afetivos – não haverá lugar para a dor. Como afirma um filho diante do atropelamento e da morte de sua mãe: *“Dói só de pensar que minha mãe não estará com a gente no próximo domingo. Será meu primeiro dia das mães sem a presença dela. Difícil, muito difícil”*. Essa entrevista ocorreu em um domingo, faltando, exatamente, uma semana para o dia das mães.

Sobre as relações afetivas é fácil perceber a liquidez das mesmas, indicadas por Zygmund Bauman, mas a generalização desse comportamento é um fator bastante temeroso. Os apertados laços afetivos ainda persistem em se manterem saudáveis. As fragilidades das relações existem, mas é preciso falar da existência das relações duradouras, profundas e complexas. É preciso dizer que a morte é também um importante meio para o fortalecimento desses vínculos humanos mais frouxos. A morte e o medo que ela desencadeia é o veículo necessário para manter a razoabilidade da vida.

Porém é preciso ouvir Bauman sobre a fragilidade e a morte dos laços humanos:

A fragilidade dos vínculos humanos é um atributo proeminente, talvez definidor da vida líquido-moderno. A enorme fissiparidade desses vínculos e a frequência com que são rompidos servem como lembrete constante da mortalidade que caracteriza a existência humana. Não há muito sentido em questionar a validade de se igualar a perda de um parceiro pela separação com a perda “verdadeiramente final” causada pela morte física – o que conta é que, em ambos os casos, “um mundo”, sempre “singular”, desaparece – e que tanto a vontade quando a esperança caem frente ao desafio do fim, quíça podem revertê-lo. Bauman, 2008, p. 64).

Bauman denuncia uma situação nevrálgica, pois o indivíduo, inserido na modernidade-líquida, presencia várias perdas/mortes – entre elas os falecimentos de suas inúmeras relações frágeis que são – apesar da natureza especificamente “descartável” uma situação de derrota. Ou seja, qualquer perda equivale ao confronto com a morte, isto é, com a ausência, em processos fordistas, de existências singulares. Os vínculos humanos fragmentados e mortos pelo fim de um relacionamento e nos casos específicos dos familiares que tiveram perdas físicas são – em si, vivências dolorosas que remetem a dois sentimentos indicados pelos familiares: revolta e impotência.

Um aperto grande no coração! Já tô com muita saudade do meu irmão. Não poderia ter acontecido isso, dá raiva, mas Deus sabe o que faz. Ele é dono de todas as coisas, eu busco força nele pra poder aguentar essa situação mais facilmente.

Eu sinto um vazio muito grande! Tô meio fora da realidade, me sentindo aleijado – impotente, sabe. É muito complicado perder alguém que amamos! Só tô de pé pela graça divina e amparo da família<sup>94</sup>.

O primeiro familiar descreve a angústia no coração, esse aperto no peito como um “*caroço de abacate*” parado no meio da garganta. Uma sensação extremamente desagradável, mas que a religião, no momento da dor, realiza o seu processo de restauração da ordem existencial. Não obstante “*na religião as energias dos indivíduos podem desenvolver-se plenamente sem concorrer umas com as outras, pois, segundo as belas palavras de Jesus, há lugar para todos na casa de Deus*”. (SIMMEL, 2010, p. 57). O mesmo ocorre com o segundo familiar! Ele descreve a presença incomoda de “um vazio”, uma impossibilidade de equilíbrio – uma instabilidade da realidade – uma incapacidade natural de querer fazer o que não é possível de ser feito, isto é, voltar no tempo, ressuscitar o morto, restabelecer

<sup>94</sup> Os dois comentários são complementos do questionamento (QA/Q13) Defina em uma palavra: O que você está sentindo agora? Alguns familiares sentiram a necessidade de falar mais de uma palavra. A dor da morte transborda o ínfimo lugar dos vocábulos solitários.

a vida. Querer que toda dor desapareça, ou que a dor seja transformada em júbilo. Essa sensação de ingerência é um sentimento bastante comum naqueles que sofrem a dor da perda, seja ela emocional ou física. Sendo a morte, no “*drama da vida líquido-moderna, um dos personagens principal do elenco*” (Bauman, 2008, p. 64).

Esse personagem “morte” que se banaliza na medida em que os laços das relações se fazem mais frouxos, encontra nas representações dos familiares um aporte mais consistente, pois a morte não é apenas uma figurinha repetida, uma personagem figurativa, vulgarizada nos cotidianos. A morte é para o indivíduo religioso algo de muito sério. Nitidamente a morte tomada pela lente da religião é para os parentes das vítimas de mortes violentas um lugar sólido que permite superar a inconstante fluidez da modernidade líquida.

A perspectiva religiosa difere da perspectiva do senso comum, como já dissemos, porque se move além das realidades da vida cotidiana em direção a outras mais amplas, que as corrigem em completam, e sua preocupação definidora não é a ação sobre fato de questionar as realidades da vida cotidiana não a partir de um ceticismo institucionalizado que dissolve o “dado” do mundo numa espiral de hipóteses probabilísticas, mas em termos do que é necessário para torná-las verdades mais amplas, não-hipotéticas. Em vez de desligamento, sua palavra de ordem é compromisso, em vez de análise, o encontro. Ela difere da arte, ainda, porque em vez de afastar-se de toda a questão da futilidade, manufaturando deliberadamente um ar de aparência e de ilusão, ela aprofunda a preocupação com o fato e procura criar uma aura de atualidade real. A perspectiva religiosa repousa justamente nesse sentido do “verdadeiramente real” e as atividades simbólicas da religião como sistema cultural se devotam a produzi-lo, intensifica-lo e, tanto quanto possível, torna-lo inviolável pelas revelações discordantes da experiência secular. Mais uma vez, a essência da ação religiosa constitui, de um ponto de vista analítico, imbuir um certo complexo específico de símbolos – da metafísica que formulam e do estilo de vida que recomendam – de uma autoridade persuasiva. (GEERTZ, 1989, p. 82).

Qual é o sentido da fé para quem fica? Qual é o papel da religião para aqueles que precisam enfrentar o fim trágico de seus parentes que foram vítimas de mortes violentas (homicídios, mortes no trânsito e suicídios)? A religião é uma resposta segura. O cotidiano com seus aspectos borrados de incertezas não dá conta de responder as razões da dor e da morte. Tampouco a arte com seus inumeráveis estilos, tons, valores estéticos. A arte é sim uma expressão dos sentimentos, mas concordo com Magritte (1898 – 1967), a pintura de uma maçã não é uma maçã – retratar a morte em uma tela não faz dela a morte ou a dor daquele

que sente o amargo do fel. A poesia de Florbela Espanca denunciava seu suicídio iminente, mas não foi a sua morte.

Enquanto a modernidade líquida proporciona o desligamento, as desconexões – a religião fortalece os compromissos com a imanência dos desejos de sentir os sabores variados de cada vida, com a transcendência íntima das experiências sagradas, nas imagens de cada deus enxergado por cada familiar – com os laços afetivos que proporcionam a factualidade humana dos seres. A religião permite que a realidade do existir se mantenha estável, garantindo a perpetuação do esplendor da vida, mesmo diante das mortes inauguradas pelas múltiplas violências.

A morte física encerra os diálogos provocados pelas cordas vocais, pelos gestos de cada corpo que fala com gestos, tateando afetivamente as geografias dos seres. Os sons peculiares, as particularidades das ondas de cada voz captadas pelos aparelhos auditivos se calam. Os toques, as carícias, os doces e azedos olhares de cada manhã são submergidos no mítico Rio Aqueronte. Resta a dor, a infinita dor da perda, do lamento de cada fim de tarde, em que o sol se apaga nas águas frias do mar. Os vivos são arremessados contra o inexorável muro da finitude, do medo, do vazio, da perda absoluta de todos os sentidos do existir. Mas a fé na transcendência, no existir eterno, na perpetuação da vida é como um elixir curativo, em que as vozes dos mortos, seus sentimentos, suas vidas permanecem preservadas nos recantos sagrados dos que ficam.

## CONCLUSÃO

No transcorrer do desenvolvimento da tese e principalmente na edificação inicial dos dois primeiros capítulos, me nutri de uma forte sensação de ter desenvolvido um grandioso trabalho de erudição que é, em si, muito perigoso, pois teria me tornado um especialista de variedades.

Entretanto, a estrutura da pesquisa nasceu primeiramente de um processo teórico, em que inúmeros autores que trabalharam direta ou indiretamente com o tema da tese foram levantados para a compreensão mais aprofundada da mesma. A pesquisa empírica se deu no segundo momento em que as disciplinas, as leituras e estudos tinham contribuído para arar a terra onde seriam colocadas as sementes da porvindoura colheita.

A quantidade de autores empregados para a construção de uma tese não é determinante, nem mesmo as suas teorias, conceitos e sistemas teóricos. Mas o uso adequado e a forma com que os mesmo emprestam as suas sábias palavras que desempenham a função de chaves matriciais para que as salas deste complexo castelo sejam abertas adequadamente.

O edifício teórico de uma tese não é erigido somente pelos referenciais teóricos dispostos aleatoriamente, ou mesmo rigorosamente organizados. Eles são ferramentas fundamentais para a construção, mas uma tese só pode ser considerada um edifício teórico plausível se suas fundações, vigas, colunas e paredes tiverem sido genuinamente erguidas pelo pesquisador. Deste modo, o trabalho não foi realizado mediante erudições ou utilização desnecessária de autores, mas tentei indicar cada elemento rigorosamente em seu devido lugar.

No entanto, o que seria de uma pesquisa de campo sem as vozes dos entrevistados. Das pessoas que – afetivamente – se dispuseram a falar no momento em que todos querem se calar. O pesquisador contraiu uma dívida que nunca conseguirá pagar para estes seres humanos, que em meio as suas monções pessoais presentearam essa tese com o maior valor que a academia pode merecer: suas dores!

Quando recebi, pela primeira vez, a autorização para adentrar na sala de necropsia do Instituto Médico Legal, fui deixado sozinho – por cerca de dez minutos,

junto com o corpo de um jovem que tinha sido morto brutalmente há poucas horas, com vários golpes na cabeça e perfurações no tórax e abdômen. Seu crânio estava totalmente desfigurado – não podendo ser facilmente reconhecido. Fiquei ali observando cuidadosamente aquele local onde todas as vítimas de mortes violentas obrigatoriamente precisam passar.

O frio e o silêncio eram simetricamente idênticos e intensos. Comecei a questionar sobre o destino daquele rapaz. Era domingo e ele tinha sido morto naquela madrugada. Em um rápido, porém intenso raciocínio, imaginei como teria sido seus dias anteriores, seus meses e anos precedentes, seus sonhos, seus amores, suas relações afetivas. Quais teriam sido as razões ou as insanidades que promoveram a sua morte?

Aquele mancebo tinha muitos horizontes para se deleitar, muitas alegrias, realizações – vida em plenitude para ser contemplada intensamente. Pois bem, o que houve de errado já que o imponderável não golpeia intencionalmente a face de ninguém?! Eis a resposta que se fez espectro ao transpor meu corpo naquela sala gelada: o homem, eis a razão de todos os medos causados deliberadamente.

Apesar dessa lastimosa conclusão, a morte, ela mesma, não foi enfrentada – em nenhum momento, de maneira covarde – pelo pesquisador. Pelo contrário, eu e a morte caminhamos por variados espaços e tempos que, junto a ela, tenho procurado compreender o ser humano frente aos seus desígnios inegociáveis. Devo confessar que meu diálogo com a morte se realiza há um bom tempo, mas essa tese me propiciou um grandioso conhecimento sobre o homem, pois da morte eu já sabia – todo ser humano sabe, ela sempre foi a mesma companheira de todos os vivos. Mas precisei compreender, em águas desconhecidas, o homem e suas cambiantes hermenêuticas sobre a morte e o morrer.

É preciso fazer uma ressalva sobre a fala anterior. Todo ser consciente sabe da morte, mas a grande maioria – na contemporaneidade brasileira não quer saber, muito menos dialogar com a “indesejada das gentes” (Manuel Bandeira). Dura ou coroável a morte se tornou tema malogro, coisa que acontece com quem não tem sorte, ou com quem cometera muitos pecados. Talvez pelo seu caráter iniludível, por não se deixar corromper (na sociedade do controle), a morte é um tema considerado desprezível.

A exaltação da beleza dos corpos “sarados”, da alegria de plástico expressa nas redes sociais, da cultura do eternamente jovem, são fatores sociais pós-

modernos que não permitem que a dor, o sofrimento, o luto sejam processados no devido tempo. A indústria farmacêutica fatura bilhões de dólares, por ano, com a venda de analgésicos, antidepressivos, estimulantes, entre outras drogas. As redes de drogarias, na Grande Goiânia, concorrem em número e importância com alguns templos religiosos e bares de cada esquina. Sabemos que cada qual oferece, para o mercado consumidor, os desejados “bens de salvação instantânea”.

O não dialogar com a morte cria, no mínimo, um processo de empobrecimento existencial, pois a morte é uma dádiva. Talvez, por essa razão, os deuses imortais tenham inveja da humanidade, fatidicamente e belamente, mortal. A mortalidade atribui e participa da transitoriedade da vida carnal, na direção do fim. Portanto, a vida é muito valiosa, cada segundo é precioso e raro. Por conseguinte, a morte é uma grandiosa mestra da existência. Ensinando a cada ser humano o valor e o significado da vida e a importância de, intensamente, vivê-la.

Nenhum familiar questionou a arquitetura divina, as estruturas da natureza criada por Deus, na concepção daqueles que creem na graça do Deus-Pai. A morte não foi condenada por nenhum entrevistado, mas compreendida como processo natural e realizador da vontade sagrada. A sabedoria dessas pessoas demonstrou que o olhar simples para o significado da existência carrega em si as respostas para o sentido da vida.

Contudo, a forma como se deram as mortes de seus entes amados foi duramente reprovada por seus parentes que, novamente – de modo sábio, atribuíram a responsabilidade principalmente ao fator humano. As escolhas, deliberações, caminhos, irresponsabilidade dos governantes, políticas públicas ineficientes e, como não poderia ficar de fora, as ações do diabo como estimulador do mal. Mas a decisão final foi, nas palavras da maioria dos familiares, delegada aos agressores (diretos e indiretos) ou às próprias vítimas que sofreram mortes violentas.

Manter um diálogo intenso e constante com as mortes violentas no Brasil e na Grande Goiânia, por mais de quarenta e três meses, se demonstrou uma tarefa reveladora quanto à gravidade do problema que – pelo menos – em médio ou longo prazo não possui – a meu ver – projeto ou solução mitigadora adequada, nem ao menos vontade política para o enfrentamento deste cenário tão aterrorizante para mais de duzentos milhões de brasileiros.

Contudo, temer a morte é tão absurdo quanto temer a respiração. Ambos são processos naturais que precisam ocorrer, mas quando a respiração deixa de se

realizar, a morte se realiza em sua totalidade. As várias páginas dessa pesquisa nos deu essa sabedoria: a morte não é alimento para o medo, mas os descompassos humanos me dão calafrios.

No desenvolvimento das ideias que nortearam as elaborações piloto, que dariam forma ao texto final, deparei-me com muitos caminhos movediços que tive que conhecer através dos textos produzidos, porém deixados para trás, pois se mostraram dispersos em relação ao tema. Não que os tenha perdido, em definitivo, mas a ação de descartá-los foi necessária para o natural exercício da escrita científica. Mas um texto abortado pelo processo de aprimoramento não se compara a uma vida perdida por uma ação violenta, propagada por meio do homicídio, do acidente de transporte terrestre ou do suicídio. Um texto pode ser reescrito inúmeras vezes, por maior que seja o trabalho. Uma vida perdida, como já assinalado acima, é o definitivo silenciar-do-mundo.

Não é possível permanecer inerte mediante a epidemia permanente e crescente relacionada às mortes violentas ocorridas diuturnamente no país. Devo reconhecer que muito se tem feito, nas últimas décadas para desacelerar esse crescimento, mas os caminhos tomados, em âmbito estadual e federal, salvo raríssimas e isoladas ações, se demonstraram além de inócuos, extremamente nocivos.

A ausência do Estado, de forma propositada, cria um terreno muito fértil para o desenvolvimento do chamado “estado paralelo”, em que muitas crianças e jovens se encontram em situação de vulnerabilidade constante. Inicialmente são pequenos delitos, que progressivamente se tornam mais graves. Os grupos criminosos se organizam, fazem cooptação de menores de idade, apresentando um mundo repleto de “delícias mercadológicas”.

Neste contexto excludente, as crianças são as maiores vítimas. O céu brasileiro é turvo para os pequenos. Eles são vítimas do abandono familiar e social, das chacinas, da criminalidade que às abraça com suas mãos descarnadas, da corrupção que mata, rouba e destrói seus presentes e futuros. Não devemos esquecer que o criminoso, o marginal e o marginalizado, de hoje, foi uma criança deixada à margem do rio fétido dos esquecimentos, de uma sociedade cruel, injusta e indolor (CÁCERES, 2016, p. 186).

Os corpos dos inúmeros jovens que adentram os institutos de medicina legal do Brasil são, em sua maioria, de jovens perdidos para a criminalidade. Em uma

visita recente ao Complexo Prisional de Aparecida de Goiânia, fiquei impressionado com a quantidade de jovens presos<sup>95</sup>. A expressão “*criminoso não fica velho*”, não é apenas uma figura de linguagem. De acordo com o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), 58,9% da população carcerária brasileira possui entre 18 a 29 anos, apenas 7% têm entre 46 a 60 anos de idade.

A educação brasileira também é um fator importante para compreender as altas taxas de violência. Segundo dados do IBGE (2017), 11,5 milhões de brasileiros são analfabetos, 11,2 milhões de jovens entre 15 e 29 anos não trabalham, nem estudam ou se qualificam. A desmotivação e a desconexão foram indicadas, pelo instituto, como fatores relevantes para a evasão escolar<sup>96</sup>.

Os indicadores da violência não são provocados por fatores desconexos, aleatórios, mas por determinações claras de uma política de estado. Quando o então presidente Michel Temer assinou uma portaria reduzindo o poder de vigilância da Divisão de Fiscalização para Erradicação do Trabalho Escravo<sup>97</sup> e limitando a divulgação das chamadas empresas da “lista suja”, o chefe máximo do poder executivo apresentou provas inquestionáveis aos argumentos expostos pelo sociólogo Jessé Souza, em sua obra “A elite do atraso – da escravidão à lava jato” (SOUZA, 2017).

Evidencia-se que a nomeada, pelo sociólogo, “elite brasileira” possui declaradamente uma política de governo que procura manter os privilégios dos mais ricos, em prejuízo dos mais pobres. “*O Brasil, governado pelos lacaios do sistema financeiro, precarizou sua saúde, sua educação, sua capacidade de produção de tecnologia e de pesquisa*”. Todo esse esforço “*para engordar uma ínfima elite do dinheiro, esta sim, verdadeiramente, predadora e corrupta*” (SOUZA, 2017, p. 231).

---

<sup>95</sup> “O balanço parcial do BNMP 2.0 já indica qual tipo de crime mais leva pessoas à prisão no Brasil. O roubo representa 27% dos crimes cometidos pela população carcerária. O tráfico de drogas corresponde a 24% do total de tipos penais atribuídos aos presos brasileiros. O terceiro artigo do Código Penal que mais motivou prisões – o homicídio – vem atrás, com 11%. Em comparação, a Lei Maria da Penha representa 0,96% dos crimes que levaram pessoas à prisão”. (Fonte: CNJ). Disponível em 13 de Dezembro de 2018.

<sup>96</sup> [A taxa de evasão escolar no Brasil é a terceira maior do mundo](https://www.somospar.com.br/evasao-escolar-no-brasil/): em média, **24% dos alunos não concluem o Ensino Fundamental até os 16 anos**. Em uma lista com os 100 países com melhor IDH no mundo, o resultado só não é pior que o da Bósnia e o das ilhas São Cristóvão e Névis, no Caribe. (Fonte: <https://www.somospar.com.br/evasao-escolar-no-brasil/>).

<sup>97</sup> No dia 16 de outubro de 2017, o Ministério do Trabalho publicou portaria limitando os critérios para divulgação da “lista suja” que inclui as empresas onde são constatados trabalhos similares à escravidão. A medida foi tomada atendendo à reivindicação da bancada ruralista do Congresso Nacional como moeda de troca para a absolvição de Michel Temer em processo de corrupção a ser aberto pelo Supremo Tribunal Federal. Ver Folha de S. Paulo, disponível em <http://m.folha.uol.com.br/mercado/2017/10/1927436-governo-cria-regras-que-dificultam-acesso-a-lista-suja-do-trabalho-escravo.shtml> Acesso em 18 de dezembro de 2018.

Os descaminhos da política brasileira determinam muito mais do que foi relatado acima. Grande parte dos prejuízos humanos e sociais é escamoteada pelo cotidiano, além do próprio discurso liberal responsabilizar os indivíduos isoladamente pelo fracasso escolar, pelo desemprego, pela falta de perspectiva presente e futura, pelo sentimento de inexistência.

Os índices de Violência Autoinfligida (VA) crescem entre crianças, jovens, pobres e aposentados, sem falar da população indígena, que entre todos os grupos sociais é a mais duramente atingida. O suicídio é tratado como tema tabu, inclusive pelas instituições religiosas que evitam tratar diretamente do assunto. Os órgãos governamentais acreditam que campanhas midiáticas tímidas e isoladas obterão sucesso, mas não é bem isso o que se constata.

Têm-se a impressão clara que o país caminha a passos largos para um retrocesso ainda maior. Não é o caso de ter realizado abordagens niilistas passivas, sobre os temas levantados pela pesquisa de campo, mas de ter trazido à tona reflexões ancoradas na realidade fria dos números e nos estudos científicos e acadêmicos apresentados.

As Mortalidades por Transportes Terrestres (MTT) são causadas por inúmeros fatores, mas uma das maiores taxas de mortes são de pedestres. Desde os anos 1960, os veículos motores ganharam a preferência nos espaços urbanos, em que quanto maior e mais poderoso for o veículo, mais poder, força e status é garantido. É certo que as taxas de MTT têm diminuído nos últimos anos. Ações assertivas, campanhas educativas, acirramento nas fiscalizações e elevação monetária das multas de trânsito têm surtido efeito, mas muito há de ser promovido para que o país atinja a meta esperada para 2028, isto é, diminuir pela metade o número de MTT.

A matriz religiosa abordada, majoritariamente, na tese foi o cristianismo, pelo simples fato de todos os entrevistados se denominarem cristãos. É inegável que o Brasil se constitui de uma nação multifacetada culturalmente. Inúmeras religiões de variadas denominações ajudaram a construir este país, formando sua gente diversificada. Mas para não perder o foco e tentar, da melhor forma possível, compreender o sentido da fé para os vinte e cinco entrevistados, considere tratar mais detidamente o que o campo legitimamente ofereceu.

Na vida cotidiana, a morte, em especial a morte violenta, é uma ameaça constante, o fim dessa vida e de tudo que lhe garante sentido, mesmo que a

precariedade social seja constante, o indivíduo naturalmente deseja viver. Deste modo, a morte é um desafio supremo para a religião que precisa encontrar formas de compreendê-la e – evidentemente, negociar com essa força considerada tenebrosa.

Na arena da vida concreta, a religião desempenha um papel fundamental na atribuição de sentido, na constituição do *nomos*, no equilíbrio perante o caos provocado pela morte, ou pelo sentimento humano frente à morte. Nos cenários sociais descritos pela tese, a urgência da religião se faz ainda mais necessária, em razão da intensidade dos problemas descritos.

A religião, tomada em seu sentido mais amplo e livre das amarras institucionais, comungada – na medida do possível, em cada indivíduo que se utiliza de seu arcabouço simbólico para se fortalecer nos momentos de desespero. Deste modo, a religião cumpre seu papel atribuidor de sentido, visto que a morte representa o fim último dessa existência. Portanto, a fé, em cada membro da família e em Deus, cria uma espécie de força aglutinadora determinante para manter a vida em salutar e concreto equilíbrio.

A espécie humana é dotada de uma força digna de debruçares complexos. Nos momentos em que as energias vitais parecem desaparecer em que o sentido da vida se dissolve nas águas turvas das mortes violentas, o homem questiona: “Deus, onde estás?” E é justamente na fé desta pergunta que ele encontra forças capazes de erguê-lo.

O desejo de paraíso se realiza no churrasco sobre a laje, no sorriso do netinho, na esperança de ser um eterno aprendiz. *“Ah meu Deus! Eu sei, eu sei que a vida devia ser bem melhor e será, mas isso não impede que eu repita. É bonita, é bonita e é bonita”* (GONZAGUINHA). *“À pergunta: ‘O que sobrou do paraíso?’ a fé cristã continua a responder: graças à ressurreição do Salvador, um dia todos nós daremos as mãos e nossos olhos verão a felicidade”* (DELUMEAU, 2003, p. 508).

Por fim, como resposta conclusiva de todos os elementos apresentados, o autor da tese espera ter – de alguma forma – honrado as memórias dos mortos abordados na pesquisa, além de todos os outros que somam uma melancólica e cruel realidade do Brasil. São eles ex-moradores deste planeta, deste país, desta Grande Goiânia que fora chamada de *“fazenda asfaltada”*, mas que carrega em sua gente o medo de aqui viver. Espero, também, que a violência transvestida de abordagem acadêmica, possa ser relevada pelos familiares que contribuíram

ricamente com os fatores determinantes deste trabalho. E finalmente desejo que o aporte teórico, e a possível originalidade dessas linhas possam – verdadeiramente contribuir – singelamente – com futuros estudos. Por mais que as mortes violentas insistam em ceifar a vida – a fé sempre dará em dobro o sentido necessário para que os vivos encontrem motivos sólidos para fincar suas raízes em rochas sagradas.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. Dialética do esclarecimento. Tradução de Guido Antonio de Almeida . Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. Dialética negativa. Tradução de M. A. Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

AGOSTINHO, Santo. Confissões; De magistro. 2.ed. — São Paulo : Abril Cultural, 1980.

ALVES, Castro. Os escravos. São Paulo: Martins, 1972.

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987. Alguma poesia/ Carlos Drummond de Andrade; posfácio Eucanaã Ferraz — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ANDERS, G. “O Mundo Fantasmático da TV”. In: ROSENBERG, B. & WHITE, D. M. Cultura de Massa. São Paulo: Cultrix, 1973.

\_\_\_\_\_. L’Obsolence de l’homme. Paris: Ivrea, 2002.

ANATI, Emmanuel, La religion des origines. Paris: Bayard Éditions, 1999.

ARIES, P. A história da morte no ocidente. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

\_\_\_\_\_. O homem diante da morte. Trad. Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, v.1, 1989b.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômacos. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1985.

BANDEIRA, Manuel. Estrela da vida inteira (poesias reunidas). 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

BAUDELAIRE, Charles. “O pintor da vida moderna.” Sobre a modernidade. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

BARNADAS, J.M. A Igreja Católica na América Espanhola Colonial, In: BETHELL, L. (Org.). América Latina Colonial. 2. ed. p. 521-551. vol. I. São Paulo: Edusp, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. A Arte da Vida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

\_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Capitalismo Parasitário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Vida para consumo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. HARVEY, D. *Condição Pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

\_\_\_\_\_. *Confiança e medo na cidade / Zygmunt Bauman; tradução Eliana Aguiar*. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.

\_\_\_\_\_. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960b.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. 3a . ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Org. Luiz Benedetti; trad. José Barcelos. São Paulo: Paulus, 1985.

BERGER, P. L. & LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BETTO, F. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. São Paulo: Brasiliense, 4ª ed., 1981.

\_\_\_\_\_. *Batismo de Sangue: guerrilha e Morte de Carlos Marighella*. Rio de Janeiro: Rocco, 14ª ed. rev. e ampliada, 2006. BOFF, L. *Igreja, carisma e poder*. Petrópolis: Vozes, 3ª ed., 1982.

\_\_\_\_\_. *Quarenta anos da Teologia da Libertação*. 2011. Disponível em: . Acesso em: 12 de dezembro de 2016.

BÍBLIA DE ESTUDOS TEB. Tradução ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.

BITTENCOURT, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

BITTENCOURT, José. *Remédio Amargo*. In: *Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. ANTONIAZZI, Alberto et alli. Rio de Janeiro: CERIS, Petrópolis: Vozes, 1996.

BOFF, Leonardo. "Um balanço de corpo e alma", In BOFF, Leonardo (et.al.). O que Ficou: balanço aos 50. Petrópolis, Vozes, 1989.

BOFF, Leonardo. Igreja: carisma e poder. Ensaios de eclesiologia militante. Vozes, Petrópolis, 1994.

BONFATTI, Paulo. A expressão popular do sagrado: uma análise psicoantropológica da Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo: Paulinas, 2000.

BAUDRILLARD, Jean. Power Inferno. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.

\_\_\_\_\_. Tela Total. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

\_\_\_\_\_. Simulacros e simulação. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BETHENCOURT, Francisco. História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália – séculos XV-XIX. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

BOURDIEU, Pierre. Economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BUBER, M. Reden über Erziehung. Verlag Lambert Schneider – Heidelberg, 1969.

\_\_\_\_\_. Eu e Tu. Trad. N. Aquiles von Zuben. 2ª ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

BUCCI, Eugênio. Brasil em tempo de TV. 3 ed. São Paulo: Boitempo, 2000.

CABASSA, L. J., Measuring Acculturation: Where We Are and Where We Need to Go. Hispanic Journal of Behavioral Sciences, vol. 25, no. 2. Maio, pp. 127-146, 2003.

CÁCERES, Pedro A. Chagas. Infinitas faces – filosofia poética. Goiânia: Kelps, 2011.

\_\_\_\_\_. Autópsia. Goiânia: Ed. Améria, 2013.

\_\_\_\_\_. A construção da injustiça: os fracos, os vis e os desprezados em primeira coríntios e no contexto brasileiro. In: A opção de Paulo pelos marginalizados de Corinto. (Org.) Joel A. Ferreira e Cristiano S. Araújo. Goiânia, Espaço Acadêmico, 2016.

\_\_\_\_\_. As representações do diabo no imaginário dos fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. Dissertação de Mestrado, PUC-GO, 2006. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/944/1/Pedro%20Antonio%20Chagas%20Caceres.pdf>

CAMUS, Albert. O Estrangeiro. Rio de Janeiro: Record, 2006.

\_\_\_\_\_. O mito de Sísifo. Rio de Janeiro: Guanabara, 1942.

\_\_\_\_\_. O homem revoltado. Lisboa: Livros do Brasil, 2001.

CAMPOS, Pedro; LOUREIRO, Marcos (orgs). Representações sociais e práticas educativas. Série Didática 8, Goiânia, UCG, 2003.

CAIRNS, Earle E. O cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja cristã. São Paulo: ed. Vida Nova, 1995.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. *Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas*. Relume Dumará, 2002.

CARVALHO, V. A. A vida que há na morte. In.: BROMBERG, M. H. P. et al. Vida e morte: laços da existência. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. Comunicación y poder. Madri: Alianza Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. A Sociedade em Rede. Paz e Terra. 1999.

\_\_\_\_\_. Redes de indignação e esperança – Movimentos sociais na era da internet. <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/05/1630173-internet-so-evidencia-violencia-social-brasileira-afirma-sociologo-espanhol.shtml?cmpid=compfb>. Última consulta: 3 de junho de 2016.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: as artes do fazer. 2..ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHEVALIER, Jean. Dicionário de símbolos: (mito, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 2000.

COHN, Norman. Cosmos, caos e o mundo que virá: as origens das crenças no Apocalipse. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

CORDAIN, Loren. The Paleo Diet – Lose Weight and Get Healthy by Eating the Food You Were Designed to Eat. Editor John Wiley & Sons, inc., Hoboken, New Jersey, 2002.

COSTA, Marcos. Maniqueísmo: história, filosofia e religião. Petrópolis: Vozes, 2003.

DARWIN, C. A origem do homem e a seleção sexual. Tradução de Atílio Cancian e Eduardo Nunes Fonseca. Hemus Livraria Editora, São Paulo, 1974

DELUMEAU, Jean. O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente (século 13-18). Vol. I e II. Trad. Álvaro Lorencini. Bauru, São Paulo: Educ, 2003.

DELUMEAU, J. História do medo no ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DERRIDA, Jacques. Béliers. Paris: Galilée, 2003.

\_\_\_\_\_. Chaque fois unique, la fin du monde. Paris: Galilée, 2003.

\_\_\_\_\_. Mémoires. Pour Paul de Man. Paris : Galilée, 1988

\_\_\_\_\_. Politiques de l'Amitié. Paris: Galilée, 2003.

\_\_\_\_\_. Voyous. Paris: Galilée, 2003.

\_\_\_\_\_. Schibboleth – pour Paul Celan. Paris: Galilée, 1986b.

DESCARTES, R. Discurso do método. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. Discurso do método, meditações, objeções e respostas, as paixões da Alma e Cartas. Introdução de Gilles-Gaston Granger; prefácio e notas de Gérard Lebrun. Trad. Guinsburg e Bento Prado Júnior. (Col. Os Pensadores, vol. XV). Editor Victor Civita. Abril Cultural. S. Paulo: 1973.

\_\_\_\_\_. Meditações Metafísicas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DOPAMU, Ade. Exu – O inimigo invisível do homem. São Paulo: ed. Oduduwa, 1990. DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DORO, N. M. Recife: morada de hereges. In: GORENSTEIN, Lina; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Ensaios sobre a intolerância: inquisição, marranismo e anti-semitismo. (p. 177-202. 2). Ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

DOSTOEVSKY, Fyodor. The Adolescent. New York: Vintage, 2004.

\_\_\_\_\_. Bobók. São Paulo: editora 34, 2005.

\_\_\_\_\_. Bóbok. São Paulo: editora 34, 2012.

\_\_\_\_\_. Crime e castigo. São Paulo: editora 34, 2001.

\_\_\_\_\_. Duas narrativas fantásticas: A dócil e O sonho de um homem ridículo. São Paulo: editora 34, 2003a.

\_\_\_\_\_. Gente pobre. São Paulo: editora 34, 2009.

\_\_\_\_\_. Memórias do subsolo. São Paulo: editora 34, 2000.

\_\_\_\_\_. O eterno marido. São Paulo: editora 34, 2003b.

\_\_\_\_\_. O idiota. São Paulo: editora 34, 2002.

- \_\_\_\_\_. Os demônios. São Paulo: editora 34, 2004.
- \_\_\_\_\_. Os irmãos Karamázov. São Paulo: editora 34, 2008.
- \_\_\_\_\_. Um jogador. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: editora 34, 2004b.
- DURKHEIM, Émile. A divisão do trabalho social. Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- \_\_\_\_\_. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. O suicídio. Estudo sociológico. Trad. de Luz Cary, Margarida Garrido e J.Vasconcelos Esteves. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1977.
- ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano – A essência das Religiões. Lisboa: ed. L.B, 1982.
- \_\_\_\_\_. O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- \_\_\_\_\_. Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. Mito e Realidade. Trad. Póla Civelli. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- \_\_\_\_\_. Tratado de história das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FALEIROS, Vicente de Paula. Cidadania: os idosos e a garantia de seus direitos. In: NERI, AL. (Org.). Idosos no Brasil: vivências e desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: FSP/SESC, 2007.
- FAUSTO, Boris. História do Brasil. 14. Ed, atual e ampl. São Paulo, Ed. USP, 2012.
- FINKELSTEIN, Norman G. A indústria do holocausto; reflexões sobre a exploração do sofrimento dos judeus / Norman G. Finkelstein; tradução de Vera Gertel. - 3ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2001.
- FREUD, Sigmund. Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In S. Freud Obras Completas (P. C. Souza, trad., Vol. 12, pp.209-246). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREIRE, Paulo Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Nascimento da Prisão. Trad. Lídia M. Pondé Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.
- \_\_\_\_\_. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. Arqueologia do saber. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. Conversa com Werner Schroeter. In: Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina. Trad. Vera Lúcia. p.102-112. (Ditos & Escritos V). A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

\_\_\_\_\_. A Ordem do Discurso. São Paulo: Loyola, 2011.

FILHO, José Bittencourt. Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes, 2003.

FRANKL, V. A presença ignorada de Deus. 4. Ed. São Leopoldo. Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Em busca de sentido. 25ª edição, São Paulo: Sinodal e Vozes, 2007.

Geertz, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. São Paulo: Unesp, 1991.

\_\_\_\_\_. Sociologia, 4ª edição da revista da atualidade. ISBN 972-31-1075-X. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

GIGANTÈS, Philippe. Poder e ambição, uma breve história da dominação: de Moisés ao mundo globalizado. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

\_\_\_\_\_. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

GIRARD, René. A violência e o sagrado. São Paulo: Paz e Terra. 1998.

\_\_\_\_\_. O bode expiatório e Deus. Trad. Márcio Meruje. Covilhã, 2008. Disponível em: <http://>. Acesso em: 05 de Jan. de 2015.

GOMES, Wilson. Nem anjos nem demônios. In: Antoniazzi ... (et al.). Nem anjos nem demônios – Interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

GOODE, William. Métodos em pesquisa social. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

GOFF, Le Jacques. O imaginário medieval. São Paulo: Ed. Estampa, 1994.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Trad. De Maria Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOZZELINO, Giorgio. Angeli e demoni: L'invisibile creato e la vicenda umana. Milano: San Paolo, 2000.

GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (org.). Textos em representações sociais. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HESÍODO. Teogonia. A origem dos deuses. Trad. J.A.A. Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1991.

\_\_\_\_\_. Modernidade e ambivalência. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999b.

HEIDEGGER, M. Ser e tempo. Tradução e organização de Faustino Castilho. Campinas, São Paulo, Vozes, 2012.

HELD, David - La democracia y El orden global. Del estado moderno al gobierno cosmopolita, Buenos Aires: Paidós, 1997.

HOBBS, Thomas. Leviatã. Matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil. (Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva). Col. Os Pensadores.3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HOBBSAWM, E. J. A era das revoluções. 22ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

HOMERO. Odisseia. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e notas de Bernard Knox. — São Paulo : Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

HUGHES, P.J.A. Periferia: um estudo sobre a segregação socioespacial na cidade de São Paulo. 2003. Dissertação (Doutorado) – PUC, São Paulo, dez. 2003.

HUSSERL, E. A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental. Trad: Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

JAEGER, WERNER. Paidéia: A Formação do Homem Grego. Trad. Artur M. Parreira. Martins Fontes, São Paulo. 1998.

JOBLING, M. et al. Human Evolutionary Genetics. Ed. Garland Science, New York, EUA, 2013.

JOHNSON, Paul. História do cristianismo. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

JOÃO PAULO II, Salvifici Doloris, sobre o sentido cristão do sofrimento. São Paulo: Paulinas, 1984.

JOVCHELOVITCH, S. Representações sociais: saberes sociais e polifasia cognitiva. Cultura e Pesquisa. Blumenau. EDUCadernos Série Estudos e Pesquisas, 2001.

KANT, Immanuel. *A religião nos limites da simples razão*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992.

\_\_\_\_\_. O que é o esclarecimento? In: \_\_\_\_\_. **Textos Seletos**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LABURTHE-TOIRA, Philippe. *Etnologia – Antropologia*. Trad. De Anna Hartmann Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1997.

LAS CASAS, Bartolomeu de. *Brevíssima relação da destruição das Índias: o paraíso destruído*. Tradução de Heraldo Barbuy. Porto Alegre: L&PM, 1984.

\_\_\_\_\_. Bartolomeu de. *Liberdade e Justiça para os Povos da América — Oito Tratados Impressos em Sevilha em 1552*. Coleção: Frei Bartolomeu de Las Casas – Obras Completas, São Paulo: Paulus, 2010.

\_\_\_\_\_. *Historia de las Indias*. México: 3 v, F.C.E., 1986.

\_\_\_\_\_. *Tratados de 1552*. Madri: Alianza Editorial, 1992, v. 10.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1994.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Ensaio de Teodiceia – sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a origem do mal*. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

\_\_\_\_\_. *Ensaio de Teodiceia – sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a origem do mal*. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

LE MOS, Carolina Teles. *A família como religião: o caso da juventude universitária*. In: *Juventude e religiosidade: o caso de jovens universitários*. Carolina Teles Lemos, Ivone Félix de Sousa e José Reinaldo (Organizadores). Fonte Editorial. São Paulo, 2018.

LEVI-STRAUSS, C. *O cru e o cozido*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. *A era do vazio - Ensaio sobre o individualismo Contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'Água Editores Lda, 1989.

\_\_\_\_\_. Gilles. *O Império do efêmero – a moda e seus destinos na sociedade moderna*. São Paulo: Companhia das letras, 1989b.

\_\_\_\_\_. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

- LOCKE, J. Segundo Tratado Sobre o Governo Civil. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- Lopes, Fábio Henrique Lopes. Suicídio & Saber Médico. Estratégias históricas de domínio, controle e intervenção no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.
- \_\_\_\_\_. Suicídio: teia discursiva e relações de poder na imprensa campineira, final do século XIX. Campinas, SP: UNICAMP, CMU, 2006.
- LOURENÇO, João Duarte. O sofrimento no pensamento bíblico. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2006.
- LÖWY, M. A guerra dos deuses: religião e política na América Latina. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. As esquerdas na ditadura militar: o cristianismo da libertação. In: FERREIRA, J.; REIS, D. A. Revolução e democracia (1964 - ...). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- \_\_\_\_\_. A contribuição da Teologia da Libertação. 2013. Disponível em: . Acesso em: 25 de novembro de 2016.
- \_\_\_\_\_. Marxismo e Teologia da Libertação. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.
- \_\_\_\_\_. Marxismo e Cristianismo na América Latina. São Paulo: Lua Nova, n. 19, nov/1989.
- \_\_\_\_\_. Teologia da Libertação: luta de classes dentro da Igreja. 2008. Disponível em: . Acesso em: 25 de novembro de 2016.
- KASTENBAUM, R. & AISENBERG, R. Psicologia da morte. São Paulo: Pioneira/Universidade de São Paulo, 1983.
- MADURO, Renato. Nossa batalha. Rio de Janeiro: ed. Universal, 2004.
- MAINWARING, Scott. A Igreja Católica e a política no Brasil: 1916-1985. Editora Brasiliense, São Paulo, 1989.
- MAQUIAVEL. O príncipe. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- MARANHÃO, J. L. S. O que é morte. 2 ed. São Paulo/; Brasiliense, 1986.
- MARCUSE, H. A Ideologia da Sociedade Industrial. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- \_\_\_\_\_. Razão e Revolução. Rio de Janeiro: Saga, 1969.
- MARIZ, Cecília. A sociologia da religião em Max Weber. In: TEIXEIRA, Faustino (org.) Sociologia da Religião: Enfoques teóricos. Petrópolis: Vozes, 2003.

MARQUETTI, Flávia R. Da Sedução e Outros Perigos: O mito da Deusa-Mãe. 2000. 290 f. Tese (Doutoramento em Estudos Literários) - Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista Dr. Júlio de Mesquita Filho. Araraquara.

MARTINS, Gilberto de Andrade. Theóphilo, Carlos Renato. Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas. 2. ed. São Paulo, Atlas, 2009.

MATOS, Keila. A arte e a técnica da produção científica. Goiânia: Ed. UCG, 2004.

MAZZOTTI, Alda; GEWANDSZNAJDER, Fernando. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 2002.

MAUSS, Marcel. Ensaios de sociologia. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MEIER, John P. Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico, volume 2, livro 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MOLTMANN, Jürgen. A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. O Deus crucificado: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Trad. Juliano B. de Melo. Santo André: Academia Cristã, 2011.

\_\_\_\_\_. O caminho de Jesus Cristo. Cristologia em dimensões messiânicas. Trad. Ilson Kayser. Petrópolis: Vozes, 1993.

MONTAIGNE, Michel Eyquem de. Ensaios. Tradução de Sergio Milliet, 2ª ed. Brasília: UnB; Hucitec, 1987.

MOREIRA, Alberto; ZICMAN, Renée (orgs). Misticismo e novas religiões. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOREIRA, Alberto da Silva. O homem perante o novo milênio. O projeto de humano da modernidade In. Cadernos do IFAN, no. 1, Bragança Paulista: EDUSF, 1992.

\_\_\_\_\_. O sagrado nos mundos virtuais. In: Religião na Mídia e a Mídia na Religião. Alberto da Silva Moreira, Carolina Lemos, Eduardo Quadros, organizadores. Goiânia, Ed. América, 2012.

\_\_\_\_\_. (org.). Sociedade global: cultura e religião. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. O sagrado nos mundos virtuais. In: Religião na Mídia e a Mídia na Religião. Alberto da Silva Moreira, Carolina Lemos, Eduardo Quadros, organizadores. Goiânia, Ed. América, 2012.

MOSCOVICI, S. Representações sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

\_\_\_\_\_. La psychanalyse, son image et son public. Paris: Presses Universitaires de France, 1976.

\_\_\_\_\_. Notes towards a description of Social Representations. European Journal of Social Psychology, n. 18, P. 211-250, 1988.

NASCIMENTO, A. M. Religião, morte e pós-modernidade: as relações entre os discursos religioso e científico na construção da representação da morte em profissionais de saúde. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES/111 SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTORIA DAS RELIGIÕES: INSURGÊNCIAS E RESSURGÊNCIAS NO CAMPO RELIGIOSO, Anais Eletrônicos, Recife, 2001.

NIETZSCHE, F. W. O. Crepúsculo dos Ídolos, ou, como filosofar com o martelo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

NOVAIS, Adauto (org). A descoberta do homem e do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

O'DEA, Thomas F. Sociologia da Religião. São Paulo: Pioneira Editora, 1992. ORO, Ari Pedro. Avanço pentecostal e reação católica. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. O outro é o demônio – uma análise sociológica do fundamentalismo. São Paulo: Paulus, 1996.

OLÍMPIO, Marise Magalhães; MAIA, Jorge Henrique. Estados Unidos e o Destino Manifesto. Disponível em <http://meuartigo.brasilecola.com/historiageral/estados-unidosdestino-manifesto.htm> - Última vez acessado em 26/01/2011.

OLIVEIRA, Irene Dias de. Religião, violência e suas interfaces; Clóvis Ecco. Goiânia: Kelps, 2012.

ORO, Ari Pedro, E STEIL e Carlos A. (Orgs). Globalização e religião. Petrópolis: Vozes, 1997.

ORO, Ari Pedro e E. SÉMAN, Pablo. Os pentecostalismos nos países do Cone-Sul: panorama e estudos. Religião e sociedade, ISER, v. 18, n2, ISER, dez. De 1997b.

ORO, Ari Pedro, CORTEN, André e DOZON, Jean-Pierre. Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003.

OTTO, Rudolf. O sagrado: Um estudo do elemento não-racional na idéia do divino e sua relação com o racional. São Bernardo do Campo: Ed. Metodista, 1985.

PAZ O. Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PIERONI, Geraldo. Banidos: a inquisição e a lista dos cristãos-novos condenados a viver no Brasil. Rio de Janeiro: Bertand, 2003.

PLATÃO, República. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbbenkian, 1990.

PODEUR, L. Imagem moderna do mundo e fé cristã. Sao Paulo: Edições Paulinas, 1977.

RABUSKE, Irineu. Jesus exorcista: estudo exegético e hermenêutico de Mc 3,20-30. São Paulo: Paulinas, 2001.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz (org), Metrôpoles: Entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito. São Paulo e Rio de Janeiro. Fundação Perseu Abramo/ Fase/Observatório das Metrôpoles, 2004.

RICOEUR, Paul. Vivo até a morte: seguido de fragmentos. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ROSSINI, A. (2010). Discussão conceitual de minoria. Revista Hórus. v. 4, n. 2. OutDez, 2010. Disponível em: . p. 29. Acesso em: 20 nov. 2013.

ROUANET, Sérgio Paulo. Mal-estar na modernidade: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. - Revista USP – nº 15 – 28/09/04-  
<http://www.usp.br/revistausp/n15/fbertexto.html>. Acesso: 22 jul. 2005.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Do contrato social [1762]; Ensaio sobre a origem das línguas. 2a . ed.. (Col. Os Pensadores), São Paulo: Abril Cultural, 1978.

\_\_\_\_\_ Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens [1755]; Discurso sobre as ciências e as artes [1750]. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

RUSSEL, Jeffrey. O diabo: as percepções do mal da Antigüidade ao cristianismo primitivo. Ed. Campus: Rio de Janeiro, 1991.

SÁ, Celso Pereira de. A construção do objeto de pesquisa em representações sociais. Rio de Janeiro: ed. UERJ, 1998.

\_\_\_\_\_. Sobre o núcleo central das representações sociais. Petrópolis: Vozes, 1996.

SÊNECA. As relações humanas: a amizade, os livros, a filosofia, o sábio e a atitude perante a morte. Trat. Renata Maria Parreira Cordeiro. São Paulo: Landy, 2007.

SANCHIS, Pierre. Fiéis & cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

\_\_\_\_\_. A contribuição de Émile Durkheim. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). *Sociologia da Religião – Enfoques teológicos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

SANFORD, John A. *Mal: O lado sombrio da realidade*. São Paulo: Paulus, 1988.

SCHIAVO, Luigi. O simbólico e o diabólico: a vida ameaçada. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v.11, n.6, p. 139-44, nov.dez. 2001.

\_\_\_\_\_. As três Redes de Satanás. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v.11, n.5, p. 849-859, set.out. 2001.

\_\_\_\_\_. A tradição do opositor Escatológico e suas imagens no Novo Testamento. *Caminhos*, Goiânia, v1, n.2, p. 119-143, jul.dez. 2003.

\_\_\_\_\_. O mal e suas representações simbólicas: O universo mítico e social das figuras de Satanás na Bíblia. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, SP: Umesp, no. 19, dezembro de 2000.

\_\_\_\_\_. A batalha escatológica na fonte dos ditos de Jesus. A derrota de Satanás na narrativa da tentação (Q 4,1-13). Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2003.

SCHIAVO, Luigi; SILVA, Valmor. *Jesus, milagreiro e exorcista*. São Paulo: Paulinas, 2000.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do Amor, Metafísica da Morte*. Tradução Jair Barboza. São Paulo (SP): Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *O mundo como vontade e como representação*. Trad. M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contrapontos, 2001.

\_\_\_\_\_. *O mundo como vontade e representação - 1º Tomo*. Tradução Apresentação, Notas e Índices de Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2005.

\_\_\_\_\_. *O mundo como vontade e representação, Parte III; Crítica a filosofia kantiana; Parerga e Paralipomena (Coleção Os Pensadores)*. São Paulo: Abril Cultura, 1980.

\_\_\_\_\_. *Metafísica do amor & Metafísica da morte*. Trad. Jair Barbosa. São Paulo: Martins Editora, 2004.

SIMMEL, Georg. *Religião: ensaios volume 1/2*. São Paulo: Olha D'Água, 2010.

\_\_\_\_\_. “*Zur Soziologie der Religion*” in *Neue Deutsche Rundschau*, fevereiro de 1898; reimpresso em Georg Simmel *Sesamtausgabe*. Frankfurt/M, Suhrkamp, 1992.

\_\_\_\_\_. *Religião: ensaios volume 2/2*. São Paulo: Olha D'Água, 2011

\_\_\_\_\_. *Essays on Religion*. Yale: Yale University Press - Durham, 1997.

\_\_\_\_\_. A metafísica da morte, Paraíba, UFPE, 1998.

SEVERINO, Antônio. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2002.

SOBRINO, J. Cristologia a partir da América Latina: esboço a partir do seguimento do Jesus histórico. Petrópolis: Vozes, 1983.

SOUZA, J.A. de C.R.; BARBOSA, J. M. O Reino de Deus e o Reino dos Homens. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

SOUZA, Jessé. A elite do atraso: da escravidão à lava jato. Rio de Janeiro, Leya, 2017.

SOUZA, Laura de Mello e. O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. A feitiçaria na Europa Moderna. São Paulo: Ática, 1987.

SPINELLI, Miguel. Filósofos pré-socráticos: primeiros mestres da filosofia e da ciência grega. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

SPINK, Mary (org.). O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SUNG, Jung. In: Violência e Religião: abordagem teológica. ARAGÃO, G., CABRAL, N., VALLE, Edênio (Organizadores). Para onde vão os estudos da religião no Brasil? São Paulo: ANPTECRE, 2014.

SWAIN, Tânia Navarro (org.). Você disse imaginário? Brasília: UnB, 1993.

SCZPACENKOPF, Maria Izabel. O Olhar do poder: a montagem branca e a violência no espetáculo telejornal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

TANQUEREY, A. Compêndio de teologia ascética e mística. ed. Ecclesiae. São Paulo, 2018.

TEIXEIRA, Faustino (org). Sociologia da Religião – Enfoques teóricos. Petrópolis: Vozes, 2003.

TORRES, W. C. A redescoberta da morte. In: GUEDES, W. G; TORRES, R. C;

\_\_\_\_\_ (Orgs). A Psicologia e a morte. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1983.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TURATO. E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. Rev Saúde Pública 2005.

VIGOTSKI, L. S. Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico. São Paulo: Ática, 2011.

WASELFISZ, Jacob. Mapa da violência dos municípios brasileiros. Brasília, Ritle, 2008.

WEBER, Max. Economia e sociedade. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Vol. 1, 2. Brasília: Ed. Brasília, UnB, 1999.

\_\_\_\_\_. A ética protestante e o "espírito" do capitalismo. Ed. De Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WRANGHAM, R. Pegando fogo: por que cozinhar nos tornou humanos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010.

William R. Leonard e Marcia L. Robertson in American Journal of Human Biology, Vol. 6, páginas 77- 88; Janeiro de 1994.

VATTEL, Emer de. O direito das gentes. Brasília: UnB/Instituto de Pesquisas das Relações Internacionais, 2004.

ZIEGLER, J. Os vivos e os mortos. Rio de Janeiro: Zahar. 1977.

## **APÊNDICE – Questionário aplicado**

### **Bloco 1: Valores e crenças do familiar**

Prezado(a) Familiar, agradecemos sua colaboração para nossa pesquisa. Pretendemos conhecer seus valores espirituais, sua fé, sua religiosidade e o sentido que a religião pode ou não atribuir à sua existência, no momento de dor e sofrimento, diante do comunicado da morte violenta de seu parente. Sua opinião nos interessa, não importando se você é crente ou ateu, se tem religião ou não. Vale a sua opinião, ou seja, não existem respostas certas ou erradas. Esta pesquisa passou pelo comitê de Ética da PUC Goiás.

### **BLOCO 1 – QUESTÕES FECHADAS**

#### **Questionário Socioeconômico**

**Q1.** Grau de parentesco:

**Q2.** Minha idade (em anos completos):

**Q3.** Sexo: ( ) masculino ( ) feminino

**Q4.** Quanto à sexualidade, me defino como ( ) heterossexual; ( ) homossexual ( ) assexual ( ) transexual; ( ) bissexual; ( ) outro, qual?

**Q5.** Cor/Etnia ( ) negra; ( ) parda; ( ) branca ( ) indígena; ( ) Oriental

**Q6.** Minha Profissão: Dona de casa

**Q7.** Grau de Escolaridade:

**Q8.** Minha Nacionalidade:

**Q9.** Cidade e Estado de Origem:

**Q10.** Cidade e Bairro onde moro:

### **BLOCO 02 – QUESTÕES FECHADAS (QF)**

#### **Questionário Sociorreligioso**

**Q1.** Você crê em Deus?

( ) Sim

( ) Não

**Q2.** Quando você pensa em Deus, qual dessas três frases é mais forte para você?

( ) Deus é Pai!

( ) Deus é Amor!

Deus é Poder!

Deus é Justiça!

**Q3.** Você acredita que o demônio ou algum espírito maligno pode fazer ou levar alguém a praticar o mal?

Sim

Não

**Q4.** Qual é a sua religião?

Protestante

**Q5.** Você é contra ou a favor do porte de armas?

Contra

A favor

**Q6.** Você é a favor da pena de morte?

Sim

Não

**Q7.** Você acredita que o mal faz parte da natureza humana?

Sim

Não

**Q8.** Você crê que o ser humano é livre para escolher fazer o bem ou fazer o mal?

Sim

Não

**Q9.** Você crê na justiça de Deus?

Sim

Não

**Q10.** Você crê na justiça dos homens?

Sim

Não

**Q11.** Você acredita na vida após a morte?

Sim

Não

**Q12.** Você se sente seguro vivendo na sua cidade?

Sim

Não

**Q13.** Você considera o Brasil um país violento?

( ) Sim

( ) Não

**Q14.** Você considera o trânsito violento?

( ) Sim

( ) Não

### **BLOCO 3 – QUESTÕES ABERTAS (QA)**

**Observação:** As questões abaixo (Q1 e Q2) se referem a cada situação específica, de acordo com a morte de cada vítima.

**(H/T)Q1.** O que você acha que provocou o ato praticado contra o seu familiar?

**(S)Q2.** O que você acha que levou seu familiar a tentar contra a própria vida?

**Q3.** Você acha que a religião atribui sentido à sua vida? Explique.

**Q4.** Defina, em poucas palavras, o que é a morte para você?

**Q5.** Você acredita em algum Plano de Deus para as nossas vidas?

**Q6.** Você acredita no Destino? Justifique.

**Q7.** Você acredita que, de alguma forma, seu familiar continuará sua vida em outro lugar? Onde é esse lugar?

**Q8.** Como a sua religião explica a dor e o sofrimento?

**Q9.** Você acha que Deus ou algum espírito maligno teve algo a ver com a morte de seu familiar? Justifique.

**Q10.** Onde você está buscando forças para enfrentar este momento?

**Q11.** Em sua opinião, por que coisas ruins acontecem com as pessoas...

**Essas questões devem ser aplicadas de acordo com a situação da morte.**

**(H)Q12.1.** Faça seu comentário sobre essa questão: matar alguém tem algo a ver com a falta de Deus?

**(T)Q12.2.** Faça seu comentário sobre essa questão: ser imprudente no trânsito – levando a morte de alguém, tem algo a ver com a falta de Deus?

**(S)Q12.3.** Faça seu comentário sobre essa questão: se matar tem algo a ver com a falta de Deus?

**Q13.** Defina em uma palavra: O que você está sentindo agora?